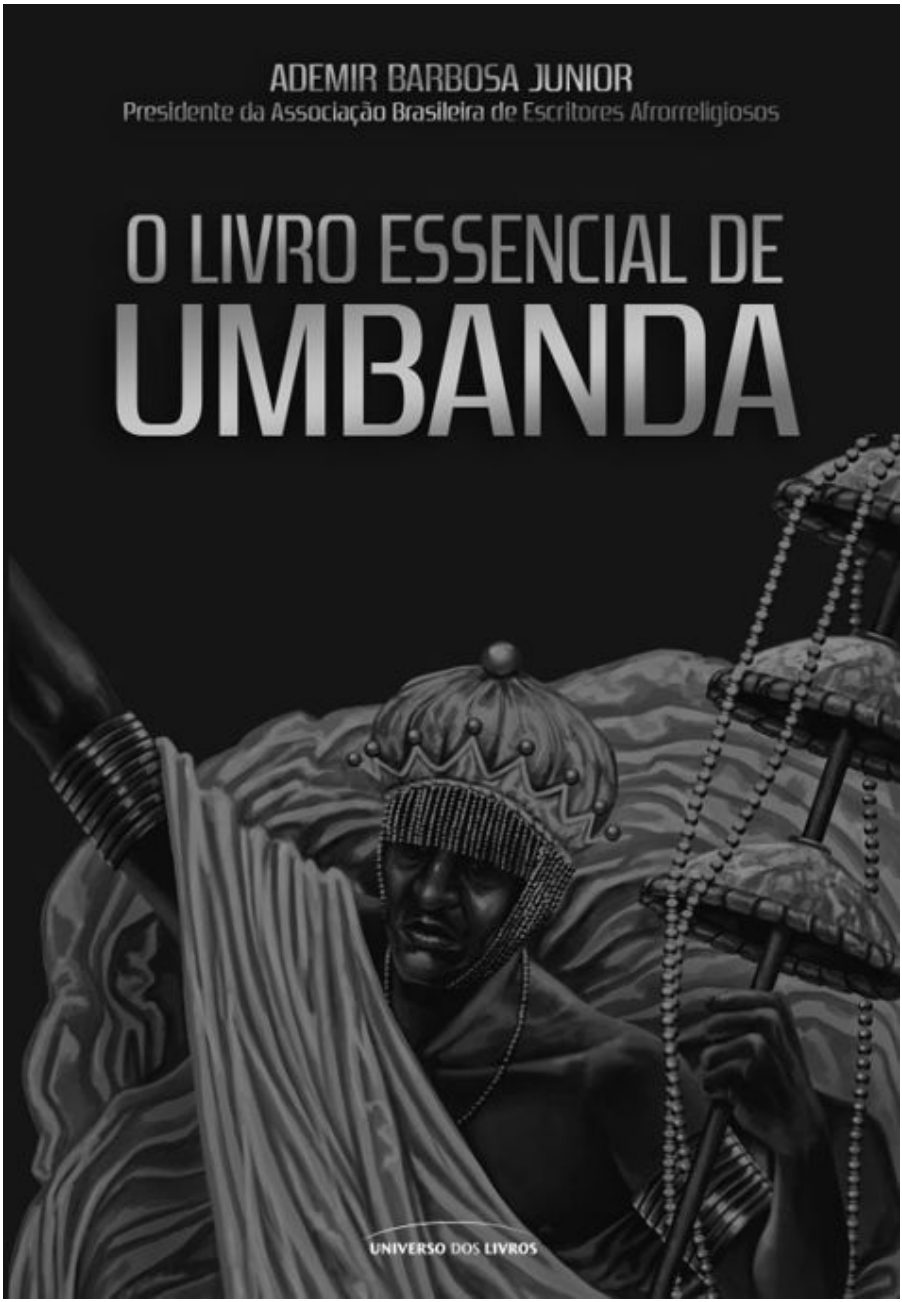
# O Livro Essencial De Umbanda

Ademir Barbosa Júnior




leLivros

**DADOS DE COPYRIG HT**

**Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o obj etivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêm icos, bem com o o sim ples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de com pra futura.

É expressam ente proibida e totalm ente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso com ercial do presente conteúdo

**Sobre nós:**

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dom inio publico e propriedade intelectual de form a totalm ente gratuita, por acreditar que o conhecim ento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar m ais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando***

***por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo***

***nível."***

**O LIV R O ESSEN C IA L D E U M B A N D A**

**Universo dos Livros Editora Ltda.**

Rua do Bosque, 1589 - Bloco 2 - Conj . 603/606

Barra Funda - São Paulo/SP - CEP 01136-001

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com .br

e-m ail: editor@universodoslivros.com .br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

*A D E M I R B A R B O SA J Ú NI O R*

Presidente da Associação Brasileira de Escritores Afrorreligiosos

São Paulo
2014

UNIVERSO DOS LIVROS

**O LIV R O ESSEN C IA L D E U M B A N D A**

**© 2014 by Universo dos Livros**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhum a parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transm itida sej am quais forem os m eios em pregados: eletrônicos, m ecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial

**Luis Matos**

Editora-chefe

**Marcia Batista**

Assistentes editoriais

**Aline G raça**

**Nathalia Fernandes**

**Rafael Duarte**

**Rodolfo Santana**

Revisão

**Thiago Dias**

**Carolina Zuppo**

Arte e capa

**Francine C. Silva**

**Valdinei G omes**

Ilustração de capa

**Caio Cacau**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057

B195Ld

Barbosa Júnior, Adem ir

O livro essencial de Um banda / Adem ir Barbosa Júnior. – São

Paulo:

Universo dos Livros, 2014.

336 p.

Bibliografia

ISBN: 978-85-7930-744-7

1. Um banda 2. Religião I. Título

14-0563

CDD 299.67

Índices para catálogo sistem ático:

1. Um banda

**Sumár io**

**AG RADECIMENTOS**

**INTRODUÇÃO**

**UMBANDA**

SIGNIFICADO

FORMAÇÃO

HISTÓRICO

MATRIZES

MOMENTOS

Congressos

Prim ado de Um banda

Santuário Nacional de Um banda

Vale dos Orixás

Faculdade de Teologia de Um banda

Guerreiros do Axé

Dia Nacional da Um banda

Outros m arcos legais

Movim ento Político Um bandista

Associação Brasileira de Escritores Afrorreligiosos

Hino da Um banda

Bandeira da Um banda

SEGMENTOS UMBANDISTAS

ASPECTOS DA TEOLOGIA DE UMBANDA

Monoteísm o

Crença nos Orixás

Crença nos Anj os

Crença em Jesus Cristo

Crença na ação dos espíritos

Crença nos Guias e Guardiões

Crença na reencarnação

Crença na Lei de Ação e Reação

Crença na m ediunidade

Sincretism o

Registros

ORIXÁS NA UMBANDA

CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO DOS ORIXÁS

Oxalá

Ogum

Oxóssi

Xangô

Oxum

Iansã

Nanã

Iem anj á

Obaluaê

OUTROS ORIXÁS CULTUADOS NA UMBANDA

Exu

Oxum aré

Obá

Ibej is

Tem po

Ossaim

Euá

Orunm ilá

AS LINHAS DA UMBANDA

As Sete Linhas

Oxalá

Iem anj á

Xangô

Ogum

Oxóssi

Yori

Yorim á

OUTRAS LINHAS DA UMBANDA

Baianos

Cangaço

Boiadeiros

Marinheiros

Ciganos

Santa Sara

Oriente

Mentores de cura (Linha de Cura)

A ESQUERDA

Exu Mirim

Pom bogira

Linha dos Exus

GUIAS DA UMBANDA – O TRIPÉ

Caboclo

Pretos-Velhos

Crianças

Elem entais

ORGANIZAÇÃO E LITURGIA

Hierarquia

O terreiro

Pontos vibracionais

Assentam ento

Firm eza

Tronqueira

Assentam ento de Ogum de Ronda

Casa dos Exus

Casa de Obaluaê

Cruzeiro das Alm as

Quartinha de Oxalá

Casa do Caboclo

Cozinha

Centro do terreiro

Ariaxé

Congá

Casa dos Orixás

Para-raio

Atabaque e coro

Assistência

LITURGIA

Giras

Defum ações

Sacudim entos

Sacram entos

Obrigações

Toques

Pontos cantados

Pontos riscados

Ervas

Banhos

Bebidas

Fum o

Uniform e

Guias

Velas

Saudações

Orações

A UMBANDA E OUTRAS RELIGIÕES: DIÁLOGOS

Candom blé

Candom blé de Caboclo

Macum ba

Cabula

Catim bó

Tam bor de Mina

Babaçuê

Vale do Am anhecer

Catolicism o

Espiritism o

Universalism o crístico

Reglas

Culto aos Orixás

Culto a Ifá

Culto aos Egunguns

A UMBANDA E O MEIO AMBIENTE

Com postagem orgânica

Sistem a de incineração

A UMBANDA E A ESPIRITUALIDADE NO TERCEIRO MILÊNIO

Holism o

Ecum enism o e Diálogo Inter-religioso

Valorização da vivência/experiência pessoal

Fé e cotidiano: a concretude da fé

Fé e Ciência: um a parceria inteligente

Sim plicidade

Leitura e com preensão do sim bólico

Cooperativism o

Liderança: autoridade não rim a com autoritarism o

O exercício do livre-arbítrio

VOCABULÁRIO COMPLEMENTAR

ANEXOS

Com o nascem os deuses

Os nom es que não nom eiam

Qualidades

O corte

Um banda e Candom blé: religiões irm ãs

Por que tem er a Um banda?

Sincretism o

Natal na Um banda

Meditações da Galera Um bandista

BIBLIOGRAFIA

## A gr ade c ime nt os

Agradeço a Zâm bi, aos Sagrados Orixás, a todos os Guias, Guardiões e a tantos am igos do Plano Espiritual e deste planeta pela oportunidade de, m ais um a vez, partilhar o am or pela Espiritualidade e pela querida Um banda.

Dedico este livro ao Caboclo Pena Branca, que m e m ostra o cam inho. À Babá Paula e à Mãe Pequena (e m inha *Madlinha*) Vânia, que m e aj udam a trilhá-lo. À

Babá e tam bém m inha Madrinha Marissol Nascim ento, presidente da Federação de Um banda e Candom blé Mãe Senhora Aparecida, pela confiança e pelo am or.

A todos os irm ãos da Tenda de Um banda Caboclo Pena Branca e Mãe Nossa Senhora Aparecida, casa da qual sou filho. À Iy a Senzaruban, dirigente do Ilê Iy a Tunde, casa de onde saí com o Ogã. A Sávio Gonçalves, irm ão de Mucuiú, irm ão de Saravá. À Mara Tozatto e Rogério Xoroqqe, radialistas. Aos irm ãos de tantas casas de Um banda e Candom blé visitadas ao longo de tantos anos. Aos m eus pais Adem ir e Laís, à m inha irm ã Arianna e à querida Tia Nair Barbosa, dirigente espiritual do antigo Terreiro Caboclo Sete Flechas (na rua Alm irante Barroso), de Piracicaba, onde eu ia pequenininho. A prim eira vez que vi o m ar foi num a festa de Iem anj á, com o povo dessa

casa.

A Banda que habita em m im saúda a Banda que habita em você!

Saravá!

Axé!

**Ademir Barbosa Júnior** (Derm es)

*Umbandista, escritor, pesquisador da Cultura Afro-brasileira e presidente da Associação Brasileira de Escritores Afrorreligiosos (Abeafro).*

*Orixá é amor verdadeiro, e amor verdadeiro nunca faz mal.*

*Orixás, Guias e Guardiões caminham conosco na*

*expectativa de que nós também caminhemos com eles.*

## Int r oduç ão

Este livro tem com o obj etivo apresentar um m osaico sobre a Um banda, respeitando sua pluralidade e diversidade. Não se trata de um m anual ou de um livro sobre Teologia. Tam bém não pretende chancelar os fundam entos desta ou daquela casa. Na Um banda, há variações de ordem teológica, quanto à liturgia, fundam entos específicos, m odos de organização, vestuários, cores, etc.

Conform e ensina o Caboclo Pena Branca, "ser espiritualizado é aprender a conviver com as diferenças". Particularm ente, creio que diferenças não precisam ser divergências.

Conhecida nos m eios esotéricos com o a "Senhora da Luz Velada", a Um banda se revela à com preensão hum ana pouco a pouco, de m odo a acolher e agregar todos aqueles que desej em abrigar-se e/ou trabalhar sob sua bandeira sincrética.

Na Um banda não se faz nada que fira o livre-arbítrio, assim com o na Espiritualidade nada acontece que fira as Leis Divinas, cuj os pressupostos conhecem os apenas palidam ente. Conform e um lindo ponto cantado: *na minha aldeia/lá na Jurema/ninguém faz nada sem ordem suprema*.

A Um banda é um a religião inclusiva, acolhendo a todos, no plano astral e no plano físico, indistintam ente. Todos os que desej em engrossar suas fileiras de serviço ao próxim o, concom itante ao auto-aperfeiçoam ento, são bem -vindos.

Não há distinção de cor, classe social, gênero, orientação sexual, etc.

As portas estão sem pre abertas a todos que desej em frequentar as giras, os tratam entos espirituais, as festas. Contudo, a Um banda não faz proselitism o. A decisão de se tornar um bandista e filiar-se a determ inada casa é pessoal e atende, tam bém , à identificação ou não dos Orixás com a casa em questão.

Tanto para entrar com o para sair, as portas estão abertas. Se algum desequilíbrio ocorre com o m édium , em especial se ele resolve deixar a casa, certam ente não é "castigo" do Orixá, m as consequência de estar "com a coroa aberta". Im agine um rádio m al sintonizado, captando sons confusos; às vezes até m esm o incom preensíveis. Quando se trabalha responsavelm ente com energias, o que se abre, se fecha. Dessa form a, se alguém decide encerrar suas atividades com o m édium de qualquer categoria, é necessário (e certam ente m ais prudente) não desaparecer do terreiro, m as pedir que o dirigente espiritual "retire a m ão", com o se diz com um ente.

Cuidar do *Ori* (cabeça) de alguém é um a grande responsabilidade. A fim de não haver choques energéticos, o m édium deve ser disciplinado, não "pular de casa em casa".Tam bém deve, em caso de falecim ento do/da dirigente espiritual,

buscar auxílio seguro com quem possa assum ir os cuidados de seu *Ori*.

Por vários m étodos seguros, que se com pletam , um m édium conhece seus Orixás, Guias e Guardiões. Em um a casa de Um banda, por exem plo1; pela orientação e supervisão seguras do Guia da casa; pelos pontos riscados pelas Entidades quando o m édium incorpora; pela terceira visão (acom panhada pelo Guia da casa) e, sobretudo, pelo j ogo de búzios feito pelo dirigente espiritual ou pelo próprio Guia da casa onde essa prática é com um .

Infelizm ente, a diversidade de fundam entos por vezes é confundida com irresponsabilidade. Prom essas de am arração e de se trazer o am or de volta (querendo ele ou não), m istificações diversas, anim ism o de m édiuns indisciplinados e outras situações gravíssim as acirram o desconhecim ento e o preconceito contra a Um banda e as religiões de m atriz africana com o um todo.

Com o um exem plo de com bate a esse tipo de situação problem ática, podem os citar um a cam panha extrem am ente saudável que circula nas redes sociais, cuj o slogan é "Respeite a Um banda que seu irm ão

cultua!”.

Pois há quem tenha m ediunidade ostensiva, m as talvez nunca chegue a um tem plo um bandista

Pelo fato de ter nascido no Brasil e ser intrinsecam ente sincrética, a Um banda é cham ada de religião genuinam ente brasileira. Evidentem ente, não é a única religião a nascer no Brasil. O próprio Candom blé não existia em África tal qual o conhecem os, um a vez que, naquele continente, o culto aos Orixás era segm entado por regiões (cada região e, portanto, cada grupo de fam ílias/clãs cultuavam determ inado Orixá ou apenas alguns). No Brasil, os Orixás tiveram seus cultos reunidos em terreiros, com variações, evidentem ente, assim com o com interpenetrações teológicas e litúrgicas das diversas nações. Há outras religiões que nasceram em solo brasileiro, com o por exem plo, m ais recentem ente, o Vale do Am anhecer, que tam bém cultua, à sua m aneira, Orixás, Pretos-Velhos e Caboclos.

## U M B A N D A

## SIG N IF IC A D O

Em linhas gerais, etim ologicam ente, Um banda é um vocábulo que decorre do um bundo e do quim bundo, duas línguas africanas, com o significado de “arte de curandeiro”, “ciência m édica”, “m edicina”. O term o passou a designar, genericam ente, o sistem a religioso que, dentre outros aspectos, assim ilou elem entos religiosos afro-brasileiros ao espiritism o urbano (kardecism o)2.

Quanto ao sentido espiritual e esotérico, Um banda significa “luz divina” ou

“conj unto das leis divinas”. A m agia branca praticada pela Um banda rem ontaria, assim , a outras eras do planeta, sendo denom inada pela palavra sagrada

“Aum piram ”, transform ada em “Aum pram ” e, finalm ente, “Um banda”.

De qualquer m aneira, teria havido alguém que anotou, durante a incorporação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, anunciando o nom e da nova religião, o nom e

“Allabanda”, substituído por “Aum banda”, em sânscrito, “Deus ao nosso lado”

ou “ao lado de Deus”.

Em bora não sej a consenso o uso do term o “Kardecism o” com o sinônim o de

“Espiritism o”, ele é aqui em pregado por ser m ais facilm ente com preendido.

## F OR M A Ç Ã O

A Um banda é um a religião constituída com fundam entos, teologia própria, hierarquia, sacerdotes e sacram entos. Não é um a “seita”, portanto, pois este term o geralm ente refere-se pej orativam ente a grupos de pessoas com práticas espirituais que destoem das ortodoxas. Suas sessões são gratuitas, voltadas ao atendim ento holístico (corpo, m ente, espírito), à prática da caridade (fraterna, espiritual, m aterial), sem proselitism o. Em sua liturgia e em seus trabalhos espirituais, vale-se do uso dos quatro elem entos básicos: fogo, terra, ar e água.

É m uito interessante fazer o estudo com parativo da utilização dos elem entos, tanto por encarnados com o pela Espiritualidade, na Um banda, no Candom blé, no Xam anism o, na Wicca, no Espiritism o (vide obra de André Luiz), na Liturgia Católica (leia-se o trabalho de Geoffrey Hodson, sacerdote católico liberal), etc.

## HISTÓR IC O

Este é um breve histórico do nascim ento oficial da Um banda, em bora, antes da m anifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas e do trabalho de Zélio Fernandino, houvesse atividades religiosas sem elhantes ou próxim as, no que se convencionou cham ar de “m acum ba” 3. No Astral, a Um banda antecipa-se em m uito ao ano de 1908 e diversos segm entos localizam sua origem terrena em civilizações e continentes que j á desapareceram .

Zélio Fernandino de Moraes, um rapaz de 17 anos que se preparava para ingressar na Marinha, com eçou, em 1908, a ter aquilo que a fam ília, residente em Neves, no Rio de Janeiro, considerava “ataques”. Os supostos ataques colocavam o rapaz na postura de um velho, que parecia ter vivido em outra época e dizia coisas incom preensíveis para os fam iliares; noutros m om entos, Zélio parecia um a espécie de felino que dem onstrava conhecer bem a natureza.

Após m inucioso exam e, o m édico da fam ília aconselhou que ele fosse atendido por um padre, um a vez que considerava o rapaz possuído. Um fam iliar achou m elhor levá-lo a um centro espírita, o

que realm ente aconteceu: no dia 15

de novem bro, Zélio foi convidado a tom ar assento à m esa da sessão da Federação Espírita de Niterói, presidida à época por José de Souza.

O term o aqui, evidentem ente, não possui conotação negativa.

Tom ado por força alheia à sua vontade e infringindo o regulam ento que proibia qualquer m em bro de ausentar-se da m esa, Zélio levantou-se e declarou: “Aqui está faltando um a flor”. Deixou a sala, foi até o j ardim e voltou com um a flor, que colocou no centro da m esa, o que provocou alvoroço. Na sequência dos trabalhos, m anifestaram -se no m édium espíritos apresentando-se com o negros escravos e índios. O diretor dos trabalhos, então, alertou os espíritos sobre seu atraso espiritual, com o se pensava com um ente à época, e os convidou a se retirarem . Novam ente um a força tom ou Zélio e advertiu:

“Por que repelem a presença desses espíritos, se nem sequer se dignaram a ouvir suas m ensagens? Será por causa de suas origens sociais e da cor?”.

Durante o debate que se seguiu, procurou-se doutrinar o espírito, que dem onstrava argum entação segura e sobriedade. Um m édium vidente, então, lhe perguntou:

“Por que o irm ão fala nestes term os, pretendendo que a direção aceite a m anifestação de espíritos que, pelo grau de cultura que tiveram , quando encarnados, são claram ente atrasados? Por que fala deste m odo, se estou vendo que m e dirij o neste m om ento a um j esuíta e a sua veste branca reflete um a aura

de luz? E qual o seu nom e, irm ão?”

Ao que o interpelado respondeu:

“Se querem um nom e, que sej a este: sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque para m im não haverá cam inhos fechados. O que você vê em m im são restos de um a existência anterior. Fui padre e o m eu nom e era Gabriel Malagrida. Acusado de bruxaria, fui sacrificado na fogueira da Inquisição em Lisboa, no ano de 1761. Mas em m inha últim a existência física, Deus concedeu-m e o privilégio de nascer com o Caboclo brasileiro.”

A respeito da m issão que trazia da Espiritualidade, anunciou:

“Se j ulgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que am anhã estarei na casa de m eu aparelho, às 20 horas, para dar início a um culto em que estes irm ãos poderão dar suas m ensagens e, assim , cum prir m issão que o Plano Espiritual lhes confiou. Será um a religião que falará aos hum ildes, sim bolizando a igualdade que deve existir entre todos os irm ãos, encarnados e desencarnados.”

Com ironia, o m édium vidente perguntou-lhe:

“Julga o irm ão que alguém irá assistir a seu culto?” O Caboclo das Sete Encruzilhadas lhe respondeu:

“Cada colina de Niterói atuará com o porta-voz, anunciando o culto que am anhã iniciarei.” E concluiu:

“Deus, em sua infinita bondade, estabeleceu na m orte o grande nivelador universal; rico ou pobre, poderoso ou hum ilde, todos se tornariam iguais na m orte, m as vocês, hom ens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas m esm as diferenças até m esm o além da barreira da m orte. Por que não podem nos visitar esses hum ildes trabalhadores do espaço, se, apesar de não haverem sido pessoas socialm ente im portantes na Terra, tam bém trazem im portantes m ensagens do além ?”

No dia seguinte, 16 de novem bro, na casa da fam ília de Zélio, à rua Floriano Peixoto, 30, perto das 20h, estavam os parentes m ais próxim os, am igos, vizinhos, m em bros da Federação Espírita e, fora da casa, um a m ultidão. Às 20h m anifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas e declarou o início do novo culto, no qual os espíritos de velhos escravos, que não encontravam cam po de atuação em outros cultos africanistas, bem com o de indígenas nativos do Brasil, trabalhariam em prol dos irm ãos encarnados, independentem ente de cor, raça, condição social e credo. No novo culto, encarnados e desencarnados atuariam m otivados por princípios evangélicos e pela prática da caridade.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas tam bém estabeleceu as norm as do novo culto: as sessões seriam das 20h às 22h, com atendim ento gratuito e os participantes uniform izados de branco. Quanto ao nom e, seria *Umbanda: Manifestação do Espírito para a Caridade.* A casa que se fundava teria o nom e de Nossa Senhora da Piedade, inspirada em Maria, que recebeu os filhos nos braços.

Assim , a casa receberia todo aquele que necessitasse de aj uda e conforto. Após

ditar as norm as, o Caboclo respondeu a perguntas em latim e alem ão form uladas por sacerdotes ali presentes. Iniciaram -se, assim , os atendim entos, com diversas curas, inclusive a de um paralítico.

No m esm o dia, m anifestou-se em Zélio um Preto-Velho cham ado Pai Antônio, o m esm o que havia sido considerado efeito da suposta loucura do m édium . Com hum ildade e aparente tim idez, recusava-se a sentar-se à m esa, com os presentes, argum entando:

“Nego num senta não, m eu sinhô, nego fica aqui m esm o. Isso é coisa de sinhô branco e nego deve arrespeitá”. Após insistência dos presentes, respondeu:

“Num carece preocupá, não. Nego fica no toco, que é lugá de nego” 4.

Continuou com palavras de hum ildade, quando alguém lhe perguntou se sentia falta de algo que havia deixado na Terra, ao que ele respondeu:

“Minha cachim ba. Nego qué o pito que deixou no toco. Manda m ureque buscá”.

Solicitava, assim , pela prim eira vez, um dos instrum entos de trabalho da nova religião. Tam bém foi o prim eiro a solicitar um a *guia*, até hoj e usada pelos m em bros da Tenda, conhecida carinhosam ente com o “Guia de Pai Antônio”.

No dia seguinte houve verdadeira rom aria à casa da fam ília de Zélio.

Enferm os encontravam a cura, todos se sentiam confortados, m édiuns até então considerados loucos encontravam terreno para desenvolver os dons m ediúnicos.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas dedicou-se, então, a esclarecer e divulgar a Um banda, auxiliado diretam ente por Pai Antônio e pelo Caboclo Orixá Malê, experiente na anulação de trabalhos de baixa m agia. No ano de 1918, o Caboclo das Sete Encruzilhadas recebeu ordens da Espiritualidade para fundar sete tendas, assim denom inadas: Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia, Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, Tenda Espírita Santa Bárbara, Tenda Espírita São Pedro, Tenda Espírita Oxalá, Tenda Espírita São Jorge e Tenda Espírita São Jerônim o.

Durante a encarnação de Zélio, a partir dessas prim eiras tendas, foram fundadas outras 10.000.

Certam ente trata-se de um convite à hum ildade, e não de subm issão e dom inação racial.

Mesm o não seguindo a carreira m ilitar, pois o exercício da m ediunidade não lhe perm itiu, Zélio nunca fez da m issão espiritual um a profissão. Pelo contrário: chegava a contribuir financeiram ente, com parte do salário, para as tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, além de auxiliar os que se albergavam em sua casa. Tam bém pelo conselho do Caboclo, não aceitava cheques e presentes.

Por determ inação do Caboclo, a ritualística era sim ples: cânticos baixos e harm oniosos, sem palm as ou atabaques, sem adereços para a vestim enta branca e, sobretudo, sem *corte* (sacrifício de anim ais). A preparação do m édium pautava-se pelo conhecim ento da doutrina, com base no Evangelho, banhos de

ervas, am acis e concentração nos pontos da natureza.

Com o tem po e a diversidade ritualística, outros elem entos foram incorporados ao culto, no que tange ao toque, canto e palm as, às vestim entas e, m esm o, a casos de sacerdotes um bandistas que passaram a dedicar-se integralm ente ao culto, cobrando, por exem plo, pelo j ogo de búzios; porém , sem nunca deixar de atender àqueles que não podem pagar pelas consultas. As sessões perm anecem públicas e gratuitas, pautadas pela caridade, pela doação dos m édiuns. Algum as casas, por influência dos Cultos de Nação, tam bém praticam o corte, contudo essa é um a das m aiores diferenças entre a Um banda dita tradicional e as casas que se utilizam de tal prática.

Depois de 55 anos à frente da Tenda Nossa Senhora da Piedade, Zélio passou a direção para as filhas Zélia e Zilm éa, continuando, porém , a trabalhar j untam ente com sua esposa, Isabel (m édium do Caboclo Roxo), na Cabana de Pai Antônio, em Boca do Mato, em Cachoeira de Macacu, no Rio de Janeiro.

Zélio Fernandino de Moraes faleceu no dia 03 de outubro de 1975, após 66

anos dedicados à Um banda, que m uito lhe agradece.

## M ATR IZES

Em bora cham ada popularm ente de religião de m atriz africana, na realidade a Um banda é um sistem a religioso form ado de diversas m atrizes, com diversos elem entos cada:

| ELEMENTOS | MATRIZES MAIS CONHECIDOS |
| --- | --- |
| Culto aos Orixás, trazido pelos negros escravos, em sua complexidade | Africanismo cultural, espiritual, medicinal, ecológica, etc.; culto aos Pretos-Velhos. |
| Uso de imagens, orações e símbolos católicos (a despeito de existir uma | |

Teologia

Cristianismo

própria da

Umbanda,

algumas casas

vão além do

sincretismo,

utilizando-se

mesmo de

dogmas

católicos). 5

Pajelança;

emprego da

sabedoria

indígena

ancestral em

seus aspectos

culturais,

Indianismo

espirituais,

medicinais,

ecológicos,

etc.; culto aos

Caboclos

indígenas ou de pena.

Estudo dos livros da Doutrina Espírita, bem como de sua vasta bibliografia; manifestação de determinados espíritos e suas egrégoras, mais conhecidas no meio Espírita Kardecismo (como os médicos André Luiz e Bezerra de Menezes); utilização de imagens e bustos de Allan

Kardec,
Bezerra de
Menezes e
outros; estudo
sistemático da
mediunidade;
palestras
públicas.
Estudo,
compreensão e
aplicação de
conceitos como
prana, chacra e
outros; culto à
Linha Cigana
Orientalismo
(que em muitas
casas vem,
ainda, em linha
independente,
dissociada da
chamada Linha
do Oriente).

Por seu caráter ecum ênico, de flexibilidade doutrinária e ritualística, a

Um banda é capaz de reunir os elem entos m ais diversos, com o exem plificados acim a. Mais adiante, ao tratar das *Linhas da Umbanda*, verem os que esse m ovim ento agregador é incessante: com o a Um banda perm anece de portas abertas aos encarnados e aos espíritos das m ais diversas origens étnicas e evolutivas, irm ãos de várias religiões chegam aos tem plos em busca de saúde, paz e conforto espiritual, bem com o outras falanges espirituais j untam -se à sua organização.

Há, por exem plo, casas de Um banda com fundam entos teológicos próprios, enquanto outras rezam o terço com os m istérios baseados nos dogm as católicos e/ou se utilizam do Credo católico, em que se afirm a a fé na Igrej a Católica (conform e indicam Guias, Entidades e a própria etim ologia, leia-se "católica"

com o "universal", isto é, a grande fam ília hum ana), na Com unhão dos Santos, na ressurreição da carne, dentre outros tópicos da fé católica. Isso em nada invalida a fé, o trabalho dos Orixás, das Entidades, das Egrégoras de Luz form adas pelo espírito, e não pela letra da recitação am orosa e com fé do Credo católico.

## M OM EN TOS

São m uitos os m om entos m arcantes da história da Um banda. Abaixo estão elencados alguns deles, pelo significado nacional que tiveram e têm .

### *Congre ssos*

Im portantes para firm ar a Um banda no cenário nacional, discutir aspectos organizacionais (com o as federações), religiosos, ritualísticos e outros, ocorreram em 1941, 1961 e 1973 (Rio de Janeiro – RJ). Houve outros congressos nacionais, inclusive com a participação efetiva, tem ática, etc. de outras religiões de m atriz africana, com o as cinco edições do *Congresso Brasileiro de Umbanda do Século XXI* (2008, 2009, 2010, 2011, 2012), organizadas pela Faculdade de Teologia Um bandista (São Paulo – SP), que os agregou às duas edições do *Congresso Internacional de Religiões Afro-brasileiras* (2011 e 2012) - nom eado *Congresso Internacional das Religiões Afro-americanas* na edição de 2011. Em 2014 ocorreu em São Paulo o *Congresso Nacional de Umbanda pela Renovação.*

### *P rimado de U mbanda*

O *Primado de Umbanda* foi fundado no Rio de Janeiro, em 05 de outubro de 1952. Dentre seus obj etivos está a form ação sacerdotal e iniciática dos *Comandantes Chefes de Terreiro das Instituições Federadas*

*e Simpatizantes do Primado de Umbanda*. Idealizado pelo *Caboclo Mirim* e concretizado por m eio de seu *médium*, o C. C. T. ( *Comandante Chefe de Terreiro*) Sr. Benj am in Figueiredo, o Prim ado se vale da term inologia da língua nhengatu (língua geral dos indígenas brasileiros) para designar os graus de evolução espiritual, de m odo a resgatar os fundam entos esotéricos da *Grande Lei de Umbanda*. Conta com diversas tendas, m uitas j á na terceira geração de com ando.

### *Santuário N ac ional de U mbanda*

Fundado e adm inistrado por Pai Ronaldo Linares, o *Santuário Nacional de Umbanda* é um a reserva ecológica m antida pela *Federação Umbandista do Grande ABC*, com vistas a oferecer local apropriado para a prática dos rituais um bandistas.

Com 645.000 m 2 de m ata nativa recuperada, possui diversos lotes que podem ser utilizados por terreiros (alguns o fazem de m odo perm anente), loj a de artigos religiosos, espaço para oferendas de Um banda e Candom blé (não é perm itido o corte no *Santuário*), cantina, banheiros, cachoeira e outros.

### *Vale dos O rixás*

Local destinado a rituais um bandistas e de outras religiões de m atriz africana em Juquitiba, SP, num sítio de 21 alqueires m antido por Pai Jam il Rachid e fundado há m ais de duas décadas.

### *Fac uldade de Te ologia de U mbanda*

A Faculdade de Teologia de Um banda, localizada na capital de São Paulo, oferece o curso de Bacharelado em Teologia, com 3350 horas de atividades, com duração m ínim a de quatro e m áxim a de sete anos. Oferece tam bém cursos de extensão e coordena um a farta produção acadêm ica e cultural.

Dentre as várias disciplinas, destacam -se: Botânica Um bandista, Biologia Geral e Espiritual, Biologia Hum ana e Um bandista e Teologia VII ( *Umbanda* –

m eio e fim para a paz m undial; Restauração da Tradição do Saber; Convergência planetária; Diálogo interdisciplinar).

Não se deve, porém , confundir o Bacharelado em Teologia com a função de sacerdote. Nas palavras do fundador e prim eiro diretor da Faculdade de Teologia de Um banda, Pai Rivas Neto (Arhapiagha),

*"(…) Grassando que todas as Escolas umbandistas têm a mesma importância, tomamos para nós a tarefa de fundarmos uma instituição de Ensino Superior regulamentada pelo Ministério da Educação (MEC). Assim, fundamos em 2004 a primeira Faculdade de Teologia do mundo com ênfase nas Religiões afro-brasileiras ou Umbanda, cuja missão é formar teólogos umbandistas ou das religiões afro-brasileiras. O MEC permite que as faculdades de teologia formem sacerdotes, mas entendemos que, pela tradição, o sacerdote deve ser formado no templo, tendo uma vivência mínima que varia de sete a dezesseis anos, por isso não formamos sacerdotes na FTU, mas teólogos".*

### *G ue rre iros do Axé*

Com raízes na Um banda, no Candom blé e em outras religiões de m atriz africana, o m ovim ento *Guerreiros do Axé* busca reconhecim ento social legítim o para essas religiões, bem com o representatividade política. Fundado em 07 de setem bro de 2005, espalha-se por todo território nacional e, além da intensa m ovim entação religiosa e política, tem lançado candidatos próprios, por diversos partidos, a cada cam panha eleitoral. Seu principal líder é Pai Heraldo Guim arães.

### *D ia N ac ional da U mbanda*

No dia 16 de m aio de 2012 foi instituído pela presidenta Dilm a Rousseff o dia Nacional da Um banda (Lei 12.644). O proj eto original é do deputado federal Carlos Santana (PL 5.687/2005). A data celebra as com unicações do Caboclo das Sete Encruzilhadas, por m eio de Zélio Fernandino de Moraes, naquela sessão espírita em que o referido Caboclo anunciou sua m issão.

Mesm o antes da instituição da lei federal, diversas cidades brasileiras, am paradas por leis m unicipais, j á com em oravam oficialm ente a data.

### *O utros marc os le gais*

Trata-se de legislação de sum a im portância para as religiões de m atriz africana e, consequentem ente, para a Um banda.

– Constituição Federal de 1988 – artigos 3º., 4º., 5º., 215 e 216;

– Lei 9.459, de 13 de m aio de 1997 (inj úria racial);

– Lei 10.639, de 09 de j aneiro de 2003 (obrigatoriedade da inclusão da tem ática História e Cultura Afro-brasileira no currículo oficial da

rede de ensino);

– Lei 10.678, de 23 de m aio de 2003 (cria a Secretaria de Políticas de Prom oção da Igualdade Racial);

– Decreto 4.886, de 20 de novem bro de 2003 (instituição da Política Nacional de Prom oção da Igualdade Racial);

– Decreto 5.051, de 19 de abril de 2004 (prom ulgação da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho);

– Resolução núm ero 1, de 17 de j unho de 2004, do Conselho Nacional de Educação (diretrizes curriculares para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana);

– Decreto 6.040, de 07 de fevereiro de 2007 (instituição da Política Nacional de Desenvolvim ento Sustentável dos Povos e Com unidades Tradicionais);

– Decreto 6.177, de 1º. de agosto de 2007 (prom ulga a Convenção sobre a Proteção e Prom oção da Diversidade das Expressões Culturais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO);

– Portaria 992, de 13 de m aio de 2009 (instituição da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra);

– Decreto 6.872, de 04 de j unho de 2009 (instituição do Plano Nacional de Prom oção da Igualdade Racial);

– Lei 12.288, de 20 de j ulho de 2010 (Estatuo da Igualdade Racial);

– Decreto 7.271, de 25 de agosto de 2010 (diretrizes e obj etivos da Política Nacional de Segurança Alim entar e Nutricional).

### *Mov ime nto P olític o U mbandista*

O *Movimento Político Umbandista* (MPU) agrega um bandistas, candom blecistas e praticantes de outras religiões de m atriz africana, com o intuito de m elhorar a visibilidade dessas religiões e dá-las m aior representatividade político-eletiva. Para tanto, redigiu-se a *Carta Magna de Umbanda*, que, em 2013, foi bastante discutida em fóruns em diversos pontos do país e pelas redes sociais e outros m eios eletrônicos, com sugestões e aprim oram entos. O MPU lançou, ainda em 2013, as bases para o *Congresso Nacional de Umbanda pela*

*Renovação*, ocorrido em novem bro de 2014. Seu principal líder é Pai Ortiz Belo.

### *Assoc iaç ão Brasile ira de Esc ritore s Af rorre ligiosos*

Fundada em 24 de dezem bro de 2013, tem com o m em bros escritores, editores, blogueiros dirigentes espirituais, leitores e interessados em geral, um bandistas, candom blecistas e de outras religiões de m atriz africana. Um dos obj etivos da *Associação Brasileira dos Escritores Afrorreligiosos (Abeafro)* é dar m aior visibilidade do trabalho dos escritores na m ídia, nas feiras de livros, no contato com o público em eventos em livrarias, terreiros, centros com unitários, etc.

Seu prim eiro presidente é Adem ir Barbosa Júnior (Derm es).

### *Hino da U mbanda*

O *Hino da Umbanda*, cantado em quase todas as casas (no início ou no final das giras, bem com o em ocasiões especiais), foi com posto por José Manuel Alves, que, vindo de São Paulo em 1960, procurou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, em Niterói, vindo de São Paulo, desej oso de ser curado da cegueira (o que não aconteceu, em virtude de com prom issos cárm icos de José Manuel).

Tem pos depois, José Manuel tornou a procurar o Caboclo das Sete Encruzilhadas e lhe apresentou um a canção em hom enagem à Um banda, tom ada pelo Caboclo com o *Hino da Umbanda*. Em 1961, o *Hino* foi oficializado no *2º. Congresso de Umbanda*.

A letra:

*Refletiu a Luz Divina*

*Com todo seu esplendor*

*É do reino de Oxalá*

*Onde há paz e amor*

*Luz que refletiu na terra*

*Luz que refletiu no mar*

*Luz que veio de Aruanda*

*Para tudo iluminar*

*A Umbanda é paz e amor*

*É um mundo cheio de Luz*

*É a força que nos dá vida*

*E à grandeza que nos conduz.*

*Avante, filhos de fé*

*Como a nossa lei não há*

*Levando ao mundo inteiro*

*A bandeira de Oxalá.*

O Hino sintetiza as características gerais da Um banda, bem com o sua m issão.

A Um banda vem do plano espiritual para ilum inar e acolher; vem na linha de Oxalá, sob as bênçãos do Mestre Jesus, para fortalecer a todos e auxiliar cada um a desenvolver o Cristo interior.

No acolhim ento que faz a encarnados e desencarnados, a Um banda convida todos a encontrar paz individual e coletiva. O exercício do am or em todos os níveis, – a verdadeira caridade que não se reduz apenas ao assistencialism o –

vibra em consonância com os ensinam entos do Mestre Jesus.

A m ensagem de Um banda espalha-se pela terra e pelo m ar, abençoada e orientada pelos Orixás. Trilha espiritual e religião ecológica, valoriza a m agia e o poder dos elem entos em favor do equilíbrio e da evolução de cada um e do

planeta. A luz (fogo) vem de Aruanda (ar, dim ensões), reflete na terra, no m ar (água), disponibiliza-se a todos: a m esm a luz que brilha em Aruanda (plano espiritual elevado) brilha tam bém , guardadas as proporções e adequações a cada plano e a cada indivíduo, para todo espírito, encarnado ou desencarnado.

As portas dos tem plos estão sem pre abertas a todos, sem distinção. Há quem prefira participar de algum as giras, receber conselhos, sugestões, Axé e voltar agradecido para sua casa, sua religião, suas práticas espirituais. A lei da Um banda é o am or/a caridade e, de fato, com o essa lei (evidentem ente, não exclusiva à Um banda), não existe outra. Nesse sentido, levar ao m undo inteiro a bandeira de

Oxalá significa com partilhar no cotidiano, nas m ais diversas circunstâncias, o am or e a paz, e não forçar alguém /o m undo à conversão ou ao com parecim ento a giras (o que, aliás, nenhum um bandista consciente faz), nem tentar im por *a minha* Um banda com o *verdadeira*. A graça da Um banda está na diversidade. Se conj ugar *a minha* Um banda à *sua*, à *dele*, à *dela*, j untos, terem os Um banda.

Que a bandeira de Oxalá cubra a todos nós, auxiliando cada um a cultivar o Cristo interno! Que o *Hino da Umbanda* vibre sem pre em nossos corações!

### *Bande ira da U mbanda*

Saul de Medeiros (Saul de Ogum ), presidente da *Associação de Umbanda de Caxias do Sul*, idealizou um a bandeira que, no dia 1º. de j unho de 2008, teve seu lançam ento oficial no Teatro Municipal Dr. Paulo Machado de Carvalho. Nas palavras de Pai Saul, a im agem da bandeira representa “A im agem de um lindo sol radiante e, de seu núcleo, sai um a figura que, no prim eiro instante, parece a de um enorm e pom bo branco, m as, olhando com m ais atenção, a form a se m odifica, deixando transparecer um espectro hum ano angelical com enorm es asas, voando com o se se dirigisse a um destino, determ inado a realizar um a m issão”. Pretende-se que a bandeira sej a reconhecida por todos os um bandistas.

### SEG M EN TOS U M B A N D ISTA S

Na realidade, a Um banda é um a só. Contudo, há ram ificações diversas, nas quais cada sacerdote, filho e consulente se sentem m ais à vontade para trabalhar sua conexão com o divino e desenvolver a m ediunidade.

Em bora não haj a consenso ou m esm o reconhecim ento de alguns

segm entos, a lista abaixo apresenta alguns dos m ais conhecidos.

Em linhas
gerais, conjuga
a Umbanda
Umbanda de
Tradicional e
Almas e Angola
os ritos
africanistas do
Candomblé
Angola.
Geralmente,
não utilizam
elementos
africanos (em
algumas casas,
nem mesmo o
culto direto aos
Orixás), não
trabalham
diretamente
com Exus e
Umbanda
Pombogiras

Branca e/ou de
nem se utilizam
Mesa
de fumo,
álcool,
imagens e
atabaques. Por
outro lado,
trabalha com
Caboclos,
Pretos-Velhos
e Crianças,
bem como se
valem de
livros espíritas
como base
doutrinária.
Forma de
Umbanda na
qual o foco são
Umbanda de
os Caboclos,
Caboclo
prevalecendo a

influência das culturas indígenas. Seu maior representante e difusor foi W. W. Mata Pires

Umbanda (Mestre Esotérica Yacapany). A Umbanda vista como conjunto de leis divinas. Derivada da Umbanda Esotérica, foi fundamentada por Pai Rivas

Umbanda (Mestre Iniciática Arhapiagha), com grande

influência
oriental, como
uso de mantras
indianos e do
sânscrito.
Genericamente,
conjugação do
culto
Umbanda
africanista aos
Omolocô
Orixás ao culto
dos Guias e
das Linhas de
Umbanda.
Praticada antes
do trabalho de
Zélio
Fernandino,
conhecida
também como
macumba, de
forte
sincretismo

entre Orixás e
Umbanda
santos
Popular
católicos.
Alguns
consideram o
chamado
Candomblé de
Caboclo
também uma
forma de
Umbanda
Popular.
Forma de
Umbanda na
Umbanda de
qual o
Preto-Velho
comando cabe
aos Pretos-
Velhos.
O sacerdote
ora toca para

Umbanda, ora

Umbanda

para

Traçada

Candomblé, em

(Umbandomblé)

sessões com

dias e horários

diferenciados.

Genericamente,

refere-se à

Umbanda

Umbanda

Tradicional

organizada por

Zélio

Fernandino.

## A SP EC TOS D A TEOLOG IA D E U M B A N D A

Alguns dos elem entos da Teologia de Um banda que figuram com o consensuais nos diversos segm entos da religião:

### *Monote ísmo*

Crença num Deus único (Princípio Prim eiro, Energia Prim eira, etc.), conhecido principalm ente com o Olorum (influência iorubá) ou Zâm bi (influência de Angola).

Em linhas gerais, a Trindade representa nascim ento, vida (e/ou m orte) e renascim ento, estando presente nas m ais diversas culturas. A Trindade Católica é a m ais com um na Um banda (Pai, Filho, Espírito

Santo), em bora algum as casas se valham de Olorum , Oxalá e Ifá. Por sua vez, a Um banda de Alm as e Angola concebe a Trindade Divina dessa m aneira: Zâm bi (Deus, criador do universo), Orixás (divindades) e Guias ou Entidades Espirituais (espíritos de luz).

### *Cre nç a nos O rixás*

Divindades/m inistros de Deus, ligados a elem entos e pontos de força da natureza, orientadores dos Guias e dos Guardiões, bem com o dos encarnados.

### *Cre nç a nos Anjos*

Enquanto figuras sagradas (e não divinas), os anj os são vistos com o seres especiais criados por Deus (influência do Catolicism o) ou com o espíritos bastante evoluídos (influência do Espiritism o/Kardecism o).

### *Cre nç a e m Je sus Cristo*

Vindo na Linha de Oxalá e, por vezes, confundido com o próprio Orixá, Jesus é visto com o Filho Único e Salvador (influência do Catolicism o/do Cristianism o m ais tradicional) ou com o o m ais evoluído dos espíritos que encarnaram no planeta, do qual, aliás, é governador (influência do Espiritism o/Kardecism o).

### *Cre nç a na aç ão dos e spíritos*

Os espíritos, com as m ais diversas vibrações, agem no plano físico. A conexão com eles está atrelada à vibração de cada indivíduo, razão pela qual é necessário estar sem pre atento ao *Orai e vigiai* preconizado por Jesus.

### *Cre nç a nos G uias e G uardiõe s*

Responsáveis pela orientação dos m édiuns, dos terreiros, dos consulentes e outros. A atuação dos Guias e Guardiões é bastante am pla. Ao auxiliarem a evolução dos encarnados, colaboram com a própria evolução.

### *Cre nç a na re e nc arnaç ão*

Segundo essa crença, as sucessivas vidas contribuem para o aprendizado, o equilíbrio e a evolução de cada espírito.

### *Cre nç a na L e i de Aç ão e Re aç ão*

*Tudo o que se planta, se colhe*. A Lei de Ação e Reação é respaldada

pelo princípio do livre-arbítrio.

### *Cre nç a na me diunidade*

Segundo esta visão, todos som os m édiuns, com dons diversos (de incorporação, de firm eza, de intuição, de psicografia, etc.).

### *Sinc re tismo*

*“(…)*

*Quando os povos d’África chegaram aqui*

*Não tinham liberdade de religião*

*Adotaram o Senhor do Bonfim:*

*Tanto resistência, quanto rendição*

*Quando, hoje, alguns preferem condenar*

*O sincretismo e a miscigenação*

*Parece que o fazem por ignorar*

*Os modos caprichosos da paixão*

*Paixão que habita o coração da natureza-mãe*

*E que desloca a história em suas mutações*

*Que explica o fato de Branca de Neve amar*

*Não a um, mas a todos os Sete Anões*

*(…)”*

*(Gilberto Gil)*

A senzala foi um agregador do povo africano. Escravos m uitas vezes apartados de suas fam ílias e divididos propositadam ente em grupos culturais e linguisticam ente diferentes, por vezes antagônicos, para evitar rebeliões, organizaram -se de m odo a criar um a pequena África, o que posteriorm ente se refletiu nos terreiros de Candom blé, onde Orixás procedentes de regiões e clãs diversos passaram a ser cultuados num a m esm a casa religiosa.

Entretanto, o culto aos Orixás era velado, um a vez que a elite branca

católica considerava as expressões de espiritualidade e fé dos africanos e seus descendentes com o associada ao m al, ao Diabo cristão, caracterizando-a pej orativam ente com o prim itiva. Para m anter sua liberdade de culto, ainda que restrita ao am biente da senzala, ou, de m odo escondido, nos pontos de força da natureza ligados a cada Orixá, os escravos recorreram ao sincretism o religioso, associando cada Orixá a um santo católico. Tal associação tam bém apresenta caráter plural e continuou ao longo dos séculos, daí a diversidade de associações sincréticas.

Hoj e há um m ovim ento de "reafricanização" do Candom blé, dissociando os Orixás dos santos católicos; por outro lado, m uitas casas ainda m antêm o sincretism o e m uitos zeladores de santo se declaram católicos. No caso da Um banda, algum as casas não se utilizam de im agens de santos católicos, representando os Orixás em sua m aterialidade por m eio dos otás; entretanto, a m aioria ainda se vale de im agens católicas, entendendo o sincretism o com o

ponto de convergência de diversas m atrizes espirituais.

De certa form a, o sincretism o tam bém foi chancelado pelo fato de popularm ente Orixá passar a ser conhecido com o "Santo" (Orixá de energia m asculina/pai/aborô) ou "Santa" (Orixá de energia fem inina/m ãe/iabá), o que reforça a associação e correspondência com os santos católicos, seres hum anos que, conform e a doutrina e os dogm as católicos, teriam se destacado por sua fé ou seu com portam ento. A energia m asculina e a energia fem inina de cada Orixá não têm necessariam ente relação com gênero e sexualidade tal qual conhecem os e vivenciam os, tanto que, por exem plo, em Cuba, o Orixá Xangô é sincretizado com Santa Bárbara.

Ainda sobre o vocábulo "Santo" com o sinônim o de Orixá, as traduções m ais próxim as para os term os *babalóòrisá* e ìy álorìsa seriam Pai ou Mãe-**no**-Santo, contudo, o uso popular consagrou Pai ou Mãe-**de**-Santo. Para evitar equívocos conceituais e/ou teológicos, alguns sacerdotes utilizam -se do term o zelador ou zeladora de santo.

## *Re gistros*

### ITÃS

A oralidade é bastante privilegiada no Candom blé, tanto para a transm issão de conhecim entos e segredos (os *awós*) quanto para a aprendizagem de textos ritualísticos. Nesse contexto, entre cantigas e rezas (que recebem nom es diversos conform e a Nação), destacam -se

os *itãs* e os *orikis*. Nem todas as casas de Um banda trabalham com os *itãs*. Com os *orikis*, m uito poucas, certam ente com m aior ocorrência nas ditas cruzadas com os Cultos de Nação.

*Itãs* são relatos m íticos da tradição iorubá, notadam ente associados aos 256

Odus (16 Odus principais x 16).Conform e a tradição afro-brasileira, cada ser hum ano é ligado diretam ente a um Odu, que lhe indica seu Orixá individual, bem com o sua identidade m ais profunda. Variações à parte (Nações, casas etc.), os dezesseis Odus principais são assim distribuídos: CAÍDAS

ODUS

REGÊNCIAS

01 búzio

aberto e

Fala: Exu

15

Okanran

Acompanham:

búzios

Xangô e Ogum

fechados

02

búzios

Fala: Ibejis

abertos e

Eji-Okô

Acompanham:

14

Oxóssi e Exu

búzios

fechados

03

búzios

abertos e

Etá-

Fala: Ogum

13

Ogundá

búzios

fechados

04

búzios

Fala: Iemanjá

abertos e

Irosun

Acompanham:

12

Ibejis, Xangô e

búzios

Oxóssi

fechados

05

búzios

Fala: Oxum

abertos e

Oxé

Acompanha:

11

Exu

búzios

fechados

06

búzios

Fala: Oxóssi

abertos e

Acompanham:

Obará

10

Xangô, Oxum,

búzios

Exu

fechados

07

Fala:

búzios

Omolu/Obaluaê

abertos e

Odi

Acompanham:

09

Iemanjá, Ogum,

búzios

Exu e Oxum

fechados

08

búzios

abertos e

Eji-

Fala: Oxaguiã

08

Onilé

búzios

fechados

09

búzios

Fala: Iansã

abertos e

Acompanham:

Ossá

07

Iemanjá, Obá e

búzios

Ogum

fechados

10

búzios

Fala: Oxalufã

abertos e

Ofun

Acompanham:

06

Iansã e Oxum

búzios

fechados

11

búzios

Fala: Oxumaré

abertos e

Owanrin

Acompanham:

05

Xangô, Iansã e

búzios

Exu

fechados

12

búzios

abertos e

Eji-

Fala: Xangô

04

Laxeborá

búzios

fechados

13

búzios

Fala: Nanã

abertos e

Eji-

Buruquê

03

Ologbon

Acompanha:

búzios

Omolu/Obaluaê

fechados

14

búzios

Fala: Ossaim

abertos e

Acompanham:

Iká-Ori

02

Oxóssi, Ogum e

búzios

Exu

fechados

15

búzios

Ogbé-

abertos e

Fala: Obá

Ogundá

01 búzio

fechado

16

búzios

Alafiá

Fala: Orunmilá

abertos

O vocábulo *itã* quase não é em pregado na Um banda, contudo, os relatos m íticos/m itológicos se dissem inam , com variações, adaptações etc.

Um a das características da *Espiritualidade do Terceiro Milênio* é a (re)leitura e a com preensão do sim bólico. Muitos devem se perguntar com o os Orixás podem ser tão violentos, irresponsáveis e m esquinhos, com o nas histórias aqui apresentadas. Com todo respeito aos que crêem nesses relatos ao pé da letra, as narrativas são cam inhos sim bólicos riquíssim os encontrados para tratar das energias de cada Orixá e de valores pessoais e coletivos. Ao longo do tem po, puderam ser ouvidas e lidas com o índices religiosos, culturais, pistas psicanalíticas, oratura e literatura.

Para vivenciar a espiritualidade das religiões de m atriz africana de m aneira plena, é preciso distinguir a letra e o espírito, não apenas no tocante aos m itos e às lendas dos Orixás, m as tam bém aos pontos cantados, aos *orikis,* etc. Quando se desconsidera esse aspecto, existe a tendência de se desvalorizar o diálogo ecum ênico e inter-religioso, assim com o a vivência pessoal da fé. O sim bólico é um grande instrum ento para a reform a íntim a, o auto-aperfeiçoam ento, a evolução.

Ressignificar esses sím bolos, sej a à luz da fé ou da cultura, é valorizá-los ainda m ais, em sua profundidade e tam bém em sua superfície, ou sej a, em relação ao espírito e ao corpo, à transcendência e ao cotidiano, um a vez que tais elem entos se com plem entam .

Um ouvinte/leitor m ais atento à interpretação arquetípica psicológica (ou psicanalítica) certam ente se encantará com as cam adas interpretativas da versão apresentada, por exem plo, para o relato do ciúm e que envolve Obá e Oxum em relação ao m arido, Xangô. Os elem entos falam por si: Oxum sim ula cortar as duas orelhas para agradar ao m arido; Obá, apenas um a (o ciúm e, com o form a de apego, é um a dem onstração de afeto distorcida e unilateral, em bora,

geralm ente, se reproduza no outro, sim bioticam ente, pela lei de atração dos sem elhantes - segundo a qual não há verdugo e vítim a, m as cúm plices, m uitas vezes inconscientes). A porção m utilada do ser é a orelha, a qual, na abordagem holística, associa-se ao órgão sexual fem inino, ao aspecto do côncavo, e não do convexo. Aliás, *auricula* ( *orelha*, em latim ) significa, literalm ente, *pequena vagina*. O fato de não haver relação direta entre latim e iorubá apenas reforça que o inconsciente coletivo e a sabedoria ancestral são com uns a todos e independem de tem po e espaço.

**ORIKIS**

Conform e j á m encionado, não é com um encontrar *orikis* na Um

banda, entretanto, por seu valor cultural e pela carga de significação/ ressignificação dos Orixás que representam , vale m encionar que, segundo a definição de Nei Lopes, *oriki* é “um a espécie de salm o, o cântico de louvor da tradição iorubá, usualm ente declam ado ao ritm o de um tam bor, com posto para ressaltar atributos e realizações de um orixá, um indivíduo, um a fam ília ou um a cidade”.

Enquanto gênero, o *oriki* é constantem ente trazido da oratura para a literatura, sofrendo diversas alterações.

**PONTOS CANTADOS**

Na Um banda, os pontos cantados são alguns dos responsáveis pela m anutenção da vibração das giras e de outros trabalhos. Verdadeiros m antras, m obilizam forças da natureza, atraem determ inadas vibrações, Orixás, Guias e Entidades.

Com diversas finalidades, o ponto cantado im pregna o am biente de determ inadas energias enquanto o libera de outras, representa im agens e traduz sentim entos ligados a cada vibração, variando de Orixá para Orixá, Linha para Linha, circunstância para circunstância, etc. Aliado ao toque e às palm as, o ponto cantado é um fundam ento bastante im portante na Um banda e em seus rituais.

Em linhas gerais, dividem -se os pontos cantados em pontos de raiz (trazidos pela Espiritualidade) e terrenos (elaborados por encarnados e apresentados à Espiritualidade, que os ratifica).

**MPB**

Há pontos cantados que m igraram para a Música Popular Brasileira (MPB) e canções de MPB que são utilizadas com o pontos cantados em m uitos tem plos.

**ORAÇÕES**

Na oração, m ais im portantes que as palavras são a fé e o sentim ento.

Entretanto, as palavras têm força e servem com o apoio para expressar devoção, alegria, angústias, etc.

Vale lem brar que, tanto na letra (palavras) quanto no espírito (m otivação,

sentim ento), JAMAIS um a prece deve ferir o livre-arbítrio de outrem . Adem ais, ao orar, deve-se tam bém abrir o coração para ouvir as

respostas e os cam inhos enviados pela Espiritualidade de várias m aneiras, durante a própria prece e ao longo de inúm eros m om entos e oportunidades no decorrer da cam inhada evolutiva de cada um .

Na apresentação de alguns Orixás, a título de exem plo, são acrescidas orações dedicadas a eles ou aos santos católicos com os quais são sincretizados.

## OR IXÁ S N A U M B A N D A

Etim ologicam ente e em tradução livre, Orixá significa “a divindade que habita a cabeça” (em iorubá, *ori* é cabeça, enquanto *xá* é rei, divindade), associado com um ente ao diversificado panteão africano, trazido à Am érica pelos negros escravos. A Um banda Esotérica, por sua vez, reconhece no vocábulo Orixá a corruptela de *Purushá*, significando “Luz do Senhor” ou “Mensageiro do Senhor”.

Cada Orixá relaciona-se a pontos específicos da natureza, os quais são tam bém pontos de força de sua atuação. O m esm o vale para os cham ados quatro elem entos: fogo, terra, ar e água. Portanto, os Orixás são agentes divinos, verdadeiros m inistros da Divindade Suprem a (Deus, Princípio Prim eiro, Causa Prim eira, etc.), presentes nas m ais diversas culturas e tradições espirituais/religiosas, com nom es e cultos diversos, com o os Devas indianos, por exem plo.Visto que o ser hum ano e seu corpo estão em estreita relação com o am biente (o corpo hum ano em funcionam ento contém em si água, ar, com ponentes associados à terra, além de calor, relacionado ao fogo), seu Orixá pessoal tratará de cuidar para que essa relação sej a a m ais equilibrada possível.

Tal Orixá, “Pai” ou “Mãe de Cabeça”, é conhecido com um ente com o *Eledá* e será responsável pelas características físicas, em ocionais, espirituais, dentre outras de seu filho, de m odo a espelhar nele os arquétipos de suas características, encontrados nos m ais diversos m itos e lendas dos outros Orixás. Estes auxiliarão o *Eledá* nessa tarefa conhecidos com o *Juntós*, ou *Adjuntós*, conform e a ordem de influência sobre o filho, e ainda outros.

Na cham ada *coroa* de um m édium de Um banda ainda aparecem os Guias e as Entidades, em tram a e enredo bastante diversificados (em bora, por exem plo, geralm ente se apresente para cada m édium um Preto-Velho, há outros que o auxiliam , e esse m esm o Preto-Velho poderá, por razões diversas, dentre elas m issão cum prida, deixar seu m édium e partir para outras m issões, inclusive em outros planos).

De m odo geral, a Um banda não considera os Orixás que descem ao terreiro energias e/ou forças suprem as desprovidas de inteligência e individualidade. Para os africanos (e tal conceito reverbera fortem ente no Candom blé), Orixás são ancestrais divinizados, que incorporam conform e a ancestralidade, as afinidades e a coroa de cada m édium . No Brasil, teriam sido confundidos com os cham ados *Imolês*, isto é, Divindades Criadoras, acim a das quais aparece um único Deus: Olorum ou Zâm bi. Na linguagem e na concepção um bandistas, portanto, quem incorpora num a gira de Um banda não são os Orixás propriam ente ditos, m as

seus falangeiros, em nom e dos próprios Orixás. Tal concepção está de acordo com o conceito de ancestral (espírito) divinizado (e/ou evoluído) vivenciado pelos africanos que para cá foram trazidos com o escravos. Mesm o que essa visão não sej a consensual (há quem defenda que tais Orixás j á encarnaram , enquanto outros segm entos um bandistas – a m aioria, diga-se de passagem – rej eitam esse conceito), ao m enos se adm ite no m eio um bandista que o Orixá que incorpora possui um grau adequado de adaptação à energia dos encarnados, o que seria incom patível para os Orixás hierarquicam ente superiores. Na pesquisa feita por Miriam de Oxalá a respeito da ancestralidade e da divinização de ancestrais, aparece, dentre outras fontes, a célebre pesquisadora Olga Guidolle Cacciatore, para quem :

*“os Orixás são intermediários entre Olorun, ou melhor, entre seu representante (e filho), Oxalá e os homens. Muitos deles são antigos reis, rainhas ou heróis divinizados, os quais representam as vibrações das forças elementares da Natureza*

*– raios, trovões, ventos, tempestades, água, fenômenos naturais como o arco-íris, atividades econômicas do homem primitivo – caça, agricultura – ou minerais, como o ferro que tanto serviu a essas atividades de sobrevivência, assim como às de extermínio na guerra”.*

Entretanto, com o o tem a está sem pre aberto ao diálogo, à pesquisa, ao registro de im pressões, há outros pontos de vista, com o o do m édium um bandista e escritor Norberto Peixoto, para quem é possível incorporar a form a-pensam ento de um Orixá, que seria plasm ada e m antida pelas m entes dos encarnados. Em um relato, diz:

*“Era dia de sessão de Preto(a)-Velho(a). Estávamos na abertura dos trabalhos, na hora da defumação. O congá ‘repentinamente’ ficou vibrado com o orixá Nanã, que é considerado a mãe maior dos orixás e o seu axé (força) é um dos sustentadores da egrégora da Casa desde a sua fundação, formando par com Oxóssi. Faltavam poucos dias para o amaci (ritual de*

*lavagem da cabeça com ervas maceradas), que tem a finalidade de fortalecer a ligação dos médiuns com os orixás regentes e guias espirituais. Pedi um ponto cantado de Nanã Buruquê, antes dos cânticos habituais. Fiquei envolvido com uma energia lenta, mas firme.*

*Fui transportado mentalmente para a beira de um lago lindíssimo e o orixá Nanã me 'ocupou', como se entrasse em meu corpo astral ou se interpenetrasse com ele, havendo uma incorporação total. (…) Vou explicar com sinceridade e sem nenhuma comparação, como tanto vemos por aí, como se a manifestação de um ou outro (dos espíritos na Umbanda versus dos Orixás em outros cultos) fosse mais ou menos superior, conforme o pertencimento de quem os compara a uma ou outra religião. A 'Entidade' parecia um 'robô', um autômato sem pensamento contínuo, levado pelo som e pelos gestos. Sem dúvida, houve uma intensa movimentação de energia benfeitora, mas durante a manifestação do Orixá minha cabeça ficou*

*mentalmente vazia, como se nenhuma outra mente ocupasse o corpo energético do Orixá que dançava, o que acabei sabendo depois tratar-se de uma forma-pensamento plasmada e mantida 'viva' pelas mentes dos encarnados".*

No cotidiano dos terreiros, por vezes o vocábulo Orixá é utilizado tam bém para Guias. Nessas casas, por exem plo, é com um ouvir alguém dizer antes de um a gira de Pretos-Velhos: "Precisam os preparar m ais banquinhos, pois hoj e tem os m uitos m édiuns e, portanto, aum entará o núm ero de Orixás em terra."

São diversas as classificações referentes aos Orixás na Um banda. A título de exem plo, observe-se a tabela abaixo:

Responsáveis

1. Orixás

pelo reino

Virginais

virginal.

2. Orixás

Aferem carma

Causais

causal.

Responsáveis

pela

3. Orixás coordenação

Refletores

da energia

(massa).

Recebem dos

três graus

4. Orixás anteriores as

Originais

vibrações

universais.

Supervisionam

5. Orixás as leis

Supervisores

universais.

Senhores dos

tribunais

6. Orixás solares do

Intermediários

Universo

Astral.

Senhores da

7. Orixás

hierarquia

Ancestrais

planetária.

Há tam bém diversas classificações sobre os graus de funções dos Orixás, com o a que segue abaixo:

Categoria

Grau

Denominação

Orixá

-

-

Maior

Orixá

Chefe de

1º.

Menor

Legião

Orixá

Chefe de

2º.

Menor

Falange

Orixá

Chefe de

3º.

Menor

Subfalange

Chefe de

Guia

4º.

Grupamento

Chefe

Protetor

5º.

Integrante de

Grupamento

Subchefe de

Protetor

6º.

Grupamento

Integrante de

Protetor

7º.

Grupamento

Os Orixás conhecidos na Um banda são os Ancestrais, subordinados a Jesus Cristo, governador do Planeta Terra. Os m ais com uns na Um banda são Oxalá, Ibej is, Obaluaê, Ogum , Oxóssi, Xangô, Iansã, Iem anj á, Nanã, Oxum (desses, apenas os Ibej is não assum em a cham ada *Tríade do Coronário* dos m édiuns, isto é, Eledá e Adj untós).

Orixás pessoais com põem a banda visível e/ou invisível de um m édium . São Orixás (bem com o Guias e Guardiões, na term inologia cotidiana dos terreiros) individualizados, que trabalharão com determ inado m édium , em fundam ento e/ou m anifestação explícita, em especial na incorporação, por m eio da intuição e outros tantos m eios.

## C A R A C TER ÍSTIC A S D O ESTU D O D OS OR IXÁ S

### Características

Após a apresentação de cada Orixá, especialm ente os que são cultuados na Um banda de m odo geral, seguem algum as inform ações básicas, conform e a lista abaixo, que perm item a identificação e o reconhecim ento do Orixá.

Evidentem ente, tais inform ações variam da Um banda para o Candom blé, de região para região, de tem plo para tem plo.

**Animais:** associados aos Orixás.

**Bebidas:** as m ais com uns na Um banda.

**Chacras:** centros de energia regidos pelo Orixá.

**Cor:** a m ais característica na Um banda (entre parênteses, as cores m ais com uns no Candom blé).

**Comemoração:** data m ais com um para a festa do Orixá.

**Comidas:** as m ais com uns na Um banda (lem brando que, m esm o quando a Um banda se utiliza de carne, não realiza sacrifícios). As com idas são oferecidas com o presentes, agradecim entos, reforço do Axé. Além disso, a Espiritualidade m anipula tais elem entos para o bem , a defesa, a proteção, o fortalecim ento dos indivíduos e da com unidade.

**Contas:** cores m ais características das guias na Um banda (entre parênteses, as cores m ais com uns no Candom blé)

**Corpo humano e saúde:** partes do corpo regidas pelo Orixá ou m ais

suscetíveis a doenças (som atização de desequilíbrios).

**Elemento:** o m ais característico dentre fogo, água, terra e ar.

**Elementos incompatíveis:** as cham adas quizilas (Angola), os euós (iorubá) ou contra-axé são energias que destoam das energias dos Orixás, sej a no tocante à alim entação, aos hábitos, às cores, etc. No caso da Um banda, as restrições alim entares, de bebidas, cores, etc. ocorrem nos dias de gira, em períodos e situações específicas. Fora isso, tudo pode ser consum ido, sem pre de m odo equilibrado. Contudo, com o no Candom blé, há elem entos incom patíveis em fundam entos, cores, banhos, etc.

**Ervas:** as m ais utilizadas (os nom es variam conform e as regiões).

**Essências:** associadas ao Orixá.

**Flores:** associadas ao Orixá.

**Metal:** associado ao Orixá (às vezes, m ais de um m etal).

**Pedras:** associadas ao Orixá.

**Planeta:** astro relacionado ao Orixá (neste item , nem todo astro, segundo a Astronom ia, é planeta, contudo, essa é a term inologia m ais com um nos estudos espiritualistas, esotéricos, etc.).

**Pontos da natureza:** pontos de força regidos pelo Orixá.

**Saudação:** fórm ula de invocação e cum prim ento ao Orixá.

**Símbolos:** ícones que rem etem ao Orixá e/ou a suas características.

**Sincretismo:** associação com santos católicos, por aproxim ação, conform e as diversas qualidades do Orixá.

## *O X A LÁ*

Orixá m aior, responsável pela criação do m undo e do hom em . Pai de todos os dem ais Orixás, Oxalá (Orinxalá ou Obatalá) foi quem deu ao hom em o livre-arbítrio para trilhar seu próprio cam inho.

Possui duas qualidades básicas: Oxalufã (o Oxalá velho) e Oxaguiã (o Oxalá novo). Enquanto o prim eiro é sincretizado com Deus Pai cristão, o segundo encontra correspondência com Jesus Cristo e, de m odo especial, com Nosso Senhor do Bonfim . Tam bém há um a correlação entre Oxalá e Jesus m enino, daí a im portância especial da

festa do Natal para algum as casas.

Oxalá representa sabedoria, serenidade, a pureza do branco (o funfun), o respeito.

Características

Anim ais: caram uj o, pom bo branco.

Bebidas: água, água de coco.

Chacra: coronário.

Cor: branco.

Com em oração: Festa do Senhor do Bonfim .

Com idas: canj ica (talvez sej a sua com ida m ais conhecida); arroz-doce.

Contas: brancas leitosas.

Corpo hum ano e saúde: todo o corpo, em especial o aspecto psíquico.

Dias da sem ana: sexta-feira e dom ingo.

Elem ento: ar.

Elem entos incom patíveis: bebida alcoólica, dendê, sal, verm elho.

Ervas: a m ais conhecida talvez sej a o tapete-de-oxalá (boldo).

Essências: aloés, laranj eira e lírio.

Flores: brancas, especialm ente o lírio.

Metal: ouro (para alguns, prata).

Pedras: brilhante, cristal de rocha, quartzo leitoso.

Planeta: Sol.

Pontos da natureza: praia deserta ou colina descam pada.

Saudação: *Epa Babá*!

Sím bolo: opaxorô (caj ado m etálico de Oxalufã, com discos prateados paralelos em cuj as bordas são colocados pequenos obj etos sim

bólicos).

Sincretism o: Deus Pai, Jesus Cristo (em especial, Senhor do Bonfim ).

**SINCRETISMO**

SENHOR DO BONFIM

(Lavagem do Bonfim : terceira quinta-feira de j aneiro).

* * *

* * *

A devoção ao Senhor do Bonfim , em Salvador, destaca-se no século XVIII por um a prom essa feita por um capitão de m ar e guerra que, cum prindo-a, fez trazer um a im agem de Setúbal (Portugal). A im agem ficou na Igrej a da Penha até 1754, quando foi transferida para a parte interna da Capela do Bonfim , que j á estava pronta.

A Festa da Lavagem do Bonfim é um ritual sincrético que rem onta às cham adas Águas de Oxalá, celebradas especialm ente no Candom blé com ritual próprio.

**REG ISTROS**

*Itãs*

Oxalá e Exu disputavam para ver quem era o Orixá m ais antigo. Então, foi-lhes proposta um a luta. Os dois foram até Ifá; contudo, apenas Oxalá realizou oferendas.

Num a praça em Ifé, no dia com binado, Oxalá derrubou Exu três vezes. Três vezes Exu se levantou.

Os que acom panhavam a luta diziam para Exu usar seus poderes m ágicos.

Então, Exu pegou um a pequena cabaça, abrindo-a na direção de Oxalá. Um a fum aça branca descoloriu a pele de Oxalá, que tentou voltar à cor original, m as não conseguiu.

O golpe da vitória foi de Oxalá, que obrigou Exu a lhe entregar a cabaça de onde saíra a fum aça branca. Exu assim o fez.

Assim , Oxalá foi aclam ado vencedor. Para sem pre ficou com a cabaça de Exu. Desde então, Oxalá passou a m arcar seus devotos com

o albinos.

Oxalá perguntou a Ifá, por m eio dos babalaôs, qual o m elhor cam inho para sua vida. Os babalaôs o aconselharam a fazer um a oferenda com um a cabaça de sal e um pano branco para não sofrer dificuldades. Oxalá desconsiderou o conselho.

Enquanto Oxalá dorm ia, Exu entrou em sua casa e am arrou um a cabaça de sal nas costas de Oxalá, que, quando acordou pela m anhã, estava corcunda.

Oxalá tornou-se protetor dos corcundas, dos aleij ados e dos albinos e nunca m ais consum iu sal.

Na África, sobretudo, afirm a-se que albinos, corcundas e outros são regidos por Oxalá.

Oxalá era rei de Ej igbô, estava sem pre guerreando e tinha um grande apetite.

Com ia pom bos, caracóis e canj ica; contudo, seu prato predileto era o inham e.

Com o era dem orado am assar o inham e, as refeições duravam um longo período.

* * *

* * *

Então, após consultar os babalôs e oferendar Exu, inventou o pilão. Pôde, assim , com er à vontade e dedicar-se à guerra. Ele, que j á era conhecido por m uitos nom es, tam bém passou a ser cham ado de Oxaguiã, ou sej a, “Orixá que com e inham e pilado”.

O pilão é associado ao Orixá e aparece com o elem ento sim bólico em rituais com o as celebrações das Águas de Oxalá.

Dois irm ãos disputavam o reino do pai. O príncipe m ais novo venceu a disputa e, conform e o costum e, deveria m atar o irm ão para evitar futuras vinganças. Por am ar dem ais o irm ão, não o m atou, m as cortou-lhe o pênis - evitando, assim , que tivesse descendentes. E, para que o príncipe derrotado não vivesse sozinho, deu-lhe um a esposa; porém , costurou-lhe a vagina, para que não tivesse relações sexuais com outros hom ens.

O casal foi viver em um lugar afastado, trabalhando para Oxaguiã. O hom em cultivava os inham es e a esposa os pilava para Oxaguiã, que percebia o quanto o casal vivia triste.

No reino do irm ão vencedor, a peste aniquilou a todos.

Oxaguiã, com pena do casal, abriu a vagina da m ulher e fez um pênis para o hom em com a m assa do inham e. O casal teve relações sexuais e teve m uitos filhos.

Em dias de preceito, hom em e m ulher não m antêm relações sexuais em lem brança ao tem po em que não podiam sentir os prazeres do corpo e ter filhos, situação revertida pelo Orixá, que deve ser honrado e reverenciado.

Oxalá, Pai da Vida e aquele que form ou o corpo hum ano, tam bém aparece aqui com o patrono da reprodução.

Antes, o m undo era cheio de água, um verdadeiro pântano sem terra firm e.

No Orum (em tradução livre: Plano Espiritual, Céu) viviam , além de Olorum , os Orixás, que vez ou outra vinham ao Aiê (em tradução livre: Terra) para brincar nos pântanos, descendo por teias de aranha. Até que, um dia, Olorum cham ou Oxalá, dizendo querer criar terra firm e no Aiê e encarregando dessa tarefa o grande Orixá - a quem deu um a concha, um a pom ba e um a galinha com cinco dedos em cada pé.

Oxalá desceu até o pântano e verteu a terra da concha, colocando sobre ela a pom ba e a galinha, que com eçaram a ciscar, espalhando a terra da concha até se form ar terra firm e por toda parte. Oxalá foi até Olorum e lhe com unicou o resultado da tarefa. Olorum enviou um cam aleão ao Aiê, o qual não pôde andar no solo pois ainda não era tão firm e. O cam aleão relatou a experiência a Olorum e tornou a voltar ao Aiê, onde encontrou terra realm ente firm e e am pla, podendo

a vida ali se desenvolver.

O lugar ficou conhecido com o Ifé (“am pla m orada”). Oxalá prosseguiu em sua tarefa de criar o m undo e tudo o que ele contém .

Relato cosm ogônico iorubá da criação do m undo. Obviam ente, há outras versões.

*Oriki*

O oriki abaixo é um a transcriação (processo m ais com plexo e profundo que a tradução) do iorubá feita por Antonio Risério.

Oriki de Oxalá

*Obatalá Obatarixá*

*Grande comedor de caracol*

*Faz o vivo virar vários*

*Verso e reverso do universo*

*Oleiro de crianças*

*Pedra no fundo da água*

*Oliuá ió xenxém*

*Cuida do ori de quem merece*

*Faz o estéril fértil*

*Cuida do ori de quem merece*

*Envolto no branco do branco*

*Dorme no branco do branco*

*De dentro do branco rebrilha*

*Ilumina o rumo do rumo.*

*Senhor completo*

*Senhor total*

*Pai*

**PONTOS CANTADOS**

*Pombinha branca*

*Pombinha que corta o ar*

*Meu Divino Espírito Santo*

*Mensageiro de Oxalá*

*Rezo esta prece*

*A Ti peço proteção*

*Para os filhos de Umbanda*

*Paz, Amor e União*

*Oxalá, meu Pai*

*Aceita esta romaria (2X)*

*Teus filhos que vêm de longe, meu Pai*

*Não podem vir todo dia (2X)*

Na Um banda, todos se reúnem sob as bênçãos de Oxalá, conform e registram os dois pontos cantados acim a.

**MPB**

Toda sexta-feira

(Adriana Calcanhoto)

*Toda sexta-feira, toda roupa é branca*

*Toda pele é preta*

*Todo mundo canta*

*Todo céu magenta*

*Toda sexta-feira, todo canto é santo*

*E toda conta*

*Toda gota*

*Toda onda*

*Toda moça*

*Toda renda*

*Toda sexta-feira*

*Todo o mundo é baiano junto*

Na sexta-feira, o Povo de Santo, sobretudo os candom blecistas, vestem -se de branco. A cidade de Salvador adotou essa tradição - a qual, aliás, vem dos antigos *haussás*[6] escravizados no Brasil.

Hino do Senhor do Bonfim

(Arthur de Salles e João Antônio Wanderley )

*Glória a ti neste dia de glória*

*Glória a ti, Redentor, que há cem anos*

*Nossos pais conduziste à vitória*

*Pelos mares e campos baianos*

*Refrão*

*Desta sagrada colina*

*Haussá: relativo aos haussás*, povo que vive no oeste do Sahel *Mansão da misericórdia*

*Dai-nos a graça divina*

*Da justiça e da concórdia*

*Glória a ti nessa altura sagrada*

*És o eterno farol, és o guia*

*És, senhor, sentinela avançada*

*És a guardo imortal da Bahia.*

*Aos teus pés que nos deste o direito*

*Aos teus pés que nos deste a verdade*

*Trata e exulta num férvido preito*

*A alma em festa da nossa cidade*

O hino foi com posto em 1923, e trata da relação sincrética entre Oxalá e o Senhor do Bonfim .

## *O G U M*

Filho de Iem anj á, irm ão de Exu e Oxóssi, deu a este últim o suas arm as de caçador. Orixá do sangue que sustenta o corpo, da espada, da forj a e do ferro, é padroeiro daqueles que m anej am ferram entas, tais com o barbeiros, ferreiros, m aquinistas de trem , m ecânicos, m otoristas de cam inhão, soldados e outros.

Patrono dos conhecim entos práticos e da tecnologia, sim boliza a ação criadora do hom em sobre a natureza, a inovação, a abertura de cam inhos em geral. Foi casado com Iansã e posteriorm ente com Oxum , entretanto, vive só, pelas estradas, lutando e abrindo cam inhos.

Senhor dos cam inhos (isto é, das ligações entre lugares, enquanto Exu é o dono das encruzilhadas, dos cam inhos em si) e das estradas de ferro, protege as portas de casas e tem plos. Sendo senhor da faca, no Candom blé, suas oferendas rituais vêm logo após as de Exu. Vale lem brar que, tradicionalm ente, o Ogã de faca, responsável pelo corte (sacrifício anim al), cham ado Axogum , deve ser filho de Ogum .

Responsável pela aplicação da Lei, é vigilante, m arcial, atento. Na Um banda, Ogum é o responsável m aior pela vitória contra dem andas (energias deletérias) enviadas contra alguém , um a casa religiosa etc. Sincretizado com São Jorge, assum e a form a m ais popular de devoção, por m eio de orações, preces, festas e m úsicas diversas a ele dedicadas.

Características

Anim ais: cachorro, galo verm elho.

Bebida: cervej a branca.

Chacra: um bilical.

Cor: verm elha (azul rei, verde).

Com em oração: 23 de abril.

Com idas: cará, feij ão m ulatinho com cam arão e dendê, m anga espada.

Contas: contas e firm as verm elhas leitosas.

Corpo hum ano e saúde: sistem a nervoso, m ãos, pulso, sangue.

Dia da sem ana: terça-feira.

Elem ento: fogo.

Elem ento incom patível: quiabo.

Ervas: peregum verde, são-gonçalinho, quitoco, m ariô, lança-de-Ogum , coroa-de-Ogum , espada-de-Ogum , canela-de-m acaco, erva-grossa, parietária, nutam ba, alfavaquinha, bredo, cipó-chum bo.

Essência: violeta.

Flores: cravos, crista de galo, palm as verm elhas.

Metais: ferro, aço e m anganês.

Pedras: granada, rubi, sardio, lápis-lazúli, topázio azul.

Planeta: Marte.

Pontos da natureza/de força: estradas e cam inhos, estradas de ferro, m eio da encruzilhada.

Saudação: *Ogum iê!* ; *Patacori!* – esta saudação a Ogum significa "Cabeça coroada!" ou "Aquele que corta cabeças!". A segunda acepção pode parecer violenta, m as, na Um banda, entende-se que Ogum corta o Ori dos pensam entos velhos, para que o Ori renovado cresça, se desenvolva.

Sím bolos: espada, ferram entas, ferradura, escudo, lança.

Sincretism o: São Jorge, Santo Antônio.

**SINCRETISMO**

SÃO JORGE

(23 de abril)

Mártir da fé cristã do século IV, cavaleiro da Capadócia que, segundo a lenda, teria vencido um dragão.

**REG ISTROS**

*Itãs*

Em Ifé, Orixás e seres hum anos conviviam , caçavam e plantavam

com instrum entos de m adeira, m etal m ole ou pedra.

A população cresceu de tal form a que com eçou a escassear alim ento. Os Orixás se reuniram para deliberar sobre o aum ento da lavoura.

Ossaim se dispôs a lim par o terreno; porém seu instrum ento de trabalho não tinha a firm eza suficiente, era de m etal m ole.

Assim aconteceu com os dem ais Orixás.

Ogum , que conhecia o segredo do ferro, m anteve-se calado.

Quando os dem ais Orixás j á haviam tentado lim par o terreno, Ogum conseguiu realizar a tarefa com seu facão de ferro.

Todos ficaram adm irados. Ogum revelou que havia recebido de Orunm ilá o segredo do ferro.

Ogum tornou-se rei e, em troca, ensinou aos Orixás e aos hom ens o segredo do ferro, im portante para a agricultura, a caça e a guerra. Mesm o rei, Ogum continuou um caçador a em brenhar-se na m ata.

Certa ocasião, voltou da floresta depois de m uitos dias, suj o, foi desprezado pelos Orixás, que resolveram não tê-lo m ais com o rei.

Ogum banhou-se e vestiu-se com m ariô (folhas de palm eiras desfiadas) depois partiu com suas arm as para Irê.

Os hum anos não o esqueceram e sem pre o celebram com o senhor do ferro.

Orixá da tecnologia e da cultura (tudo o que é criado pelo hom em ), Ogum é

* * *

* * *

patrono do progresso e do aprendizado hum ano.

Ogum havia partido para um a de tantas guerras das quais voltava vitorioso.

Chegou a Irê, sua cidade, fam into e com sede, m as ninguém parecia notar sua presença, não falavam com ele ou m esm o olhavam em seus olhos.

A cidade toda guardava silêncio em ritual, m as Ogum não se deu conta disso.

Sentindo-se ofendido, sacou sua espada e cortou a cabeça dos filhos de seu próprio povo.

Quando o período de silêncio em term inou, o filho de Ogum e os súditos que sobreviveram à m atança vieram prestar-lhe hom enagens. Ogum , então, se deu conta do engano e não se deu m ais sossego.

Achando que não podia m ais ser rei, cravou sua espada no chão, que se abriu e o engoliu. Com sua ira incontida, Ogum encontra sua som bra. Mas não se deixa paralisar pela dor e galga novo degrau evolutivo, tornando-se Orixá. Sacraliza-se e diviniza-se, assim , por m eio do aprendizado doloroso, integrando sua som bra e sua luz, para poder adentrar num novo reino. Ogum foi para o Orum e, assim , tornou-se Orixá.

Ogum vivia com seus irm ãos Exu e Oxóssi na casa de seu pai, Obatalá, e sua m ãe, Iem anj á. Sentindo-se atraído por sua m ãe, tentou violentá-la diversas vezes, sendo im pedido pelos irm ãos.

Um dia, o próprio pai o surpreendeu num a de suas tentativas. Antes que Obatalá o castigasse, Ogum pediu que deixasse que ele m esm o escolhesse seu castigo.

Assim , passou a viver solitário, inclusive sem os cães que tanto adorava, trabalhando. Apenas Oxóssi sabia de seu paradeiro. Ogum preparava pós especiais, e o m undo todo acabou por conhecer seu talento.

Um dia, Oxum chegou a sua casa e Ogum , tendo experim entado seus encantos, dela se enam orou.

Revogou-se, assim , seu castigo.

Este é outro relato que trata da integração de som bras e luz da personagem , por m eio de aprendizado doloroso e solitário. O tem a tabu do incesto e de tentativas (concretizadas ou não) de ultrapassá-lo aparece nos itãs de diversos Orixás.

*Oriki*

O oriki abaixo foi transcriado do iorubá por Antonio Risério: *Silêncio. Cale-se a fala.*

*Nada na casa em nada bata.*

*Inhame novo ninguém vai pilar.*

*Ninguém vai moer nada.*

*Não quero ouvir menino vagindo.*

*Cada mãe que amamente o seu filho.*

*Quando Ogum despontou*

*Vestido de fogo e sangue*

*O pênis de muitos queimou*

*Vagina de muitas queimou.*

*Senhor do ferro*

*Que enraivecido se morde*

*Que fere, ferroa e engole*

*Não me morda.*

*Ogum foi a Pongá - Pongá ruiu*

*Foi a Akô Irê - Irê ruiu*

*Chegou ao rio - e as águas dividiu.*

*Terror que golpeia a vizinhança.*

*Ogum Oboró, comedor de cães, toma teus cães.*

*Ogum Onirê sorve sangue.*

*Molamolá fareja farelos.*

*Dono da lâmina, cabelo come*

*Senhor da circuncisão, come caracol*

*Ogum entalhador, madeira come.*

*Suminiuá, Ajokeopô.*

*Não me torture, Ogum terror.*

*Mão comprida*

*Que livra teus filhos do abismo*

*Livra-me.*

Ogum é retratado em seus aspectos m ais terríveis e devastadores, com sua força geralm ente incontida.

**PONTOS CANTADOS**

*Querem destruir o meu reinado*

*Mas Ogum tá de frente*

*Mas Ogum tá de frente*

*Eu sou filho de Ogum*

*Tenho o meu corpo fechado*

*Eu sou filho de Ogum*

*Mal nenhum vai virar pro meu lado Quando Oxalá criou a Umbanda*

*Ogum tomou conta do congá (2X)*

*Olhe os espinhos da roseira, Ogum iê*

*Não deixe seus filhos sofrer, Ogum Megê (2X)*

Os dois pontos cantados acim a evidenciam Ogum com o cavaleiro protetor, tradicionalm ente “o que vence dem andas”, protegendo os filhos das energias deletérias.

**MPB**

Ogum

(Zeca Pagodinho)

*Eu sou descendente Zulu*

*Sou um soldado de Ogum*

*Um devoto dessa imensa legião de Jorge*

*Eu sincretizado na fé*

*Sou carregado de axé*

*E protegido por um cavaleiro nobre*

*Sim, vou à igreja festejar meu protetor*

*E agradecer por eu ser mais um vencedor*

*Nas lutas, nas batalhas*

*Sim, vou ao terreiro pra bater o meu tambor*

*Bato cabeça, firmo ponto sim senhor*

*Eu canto pra Ogum*

*Ogum*

*Um guerreiro valente que cuida da gente que sofre demais Ogum*

*Ele vem de aruanda ele vence demanda de gente que faz Ogum*

*Cavaleiro do céu, escudeiro fiel, mensageiro da paz Ogum*

*Ele nunca balança, ele pega na lança, ele mata o dragão Ogum*

*É quem dá confiança pra uma criança virar um leão Ogum*

*É um mar de esperança que traz abonança pro meu coração* Cowboy Jorge

(Jorge Benj or)

*Toca, Toca, Toca, Jorge*

*Toca, Toca, Toca, Jorge*

*Ogum [Ogum] Ogum [Ogum] Ogum [Ogum]*

*Dia 23 continua sendo*

*Dia de cowboy Jorge*

*Dia 23 continua sendo*

*Dia de cowboy Jorge*

*Na terra, no mar, na terra, no ar*

*Na terra, no mar, na terra, no ar*

*Jorge toca com 23 tambores*

*Jorge toca pra 23 amores*

*Jorge toca com 23 batuqueiros*

*Jorge toca para 23 terreiros*

*Na terra, no mar, na terra, no ar*

*Na terra, no mar, na terra, no ar*

*Jorge toca para Deus e para os Santos*

*Toca pra as crianças e para os anjos*

*Toca para seu amigo que sofre do coração*

*Toca para o bem geral da nação*

*Toca para alegria dominical*

*Toca para o homem e o animal*

*Toca para um gol de placa*

*Para a sensualidade da sua amada*

*Na terra, no mar, na terra, no ar*

*Na terra, no mar, na terra, no ar*

*Jorge toca para a lua e para o sol*

*Toca para a chuva e para o vento*

*Toca para o acontecimento do nascimento Dessa criança, dessa esperança*

*Dessa bonança, salve essa criança*

*Na terra, no mar, na terra, no ar*

*Na terra, no mar, na terra, no ar*

*Toca, Toca, Toca, Jorge*

*Toca, Toca, Toca, Jorge*

*Ogum [Ogum] Ogum [Ogum] Ogum [Ogum]*

Ogum de ronda

(Roque Ferreira e Paulo César Pinheiro)

*Na ronda de Ogum*

*Meu Santo protetor*

*Com o poder de sua espada*

*Eu defendo meu amor*

*É o guardião da Terra*

*O maior dos Orixás*

*Ogum é o deus da guerra*

*Mas guerreia pela paz*

*Onde eu for que o mal se esconda*

*E não saia de onde está*

*Porque eu tenho Ogum de Ronda*

*No clarão do meu olhar.*

Tem sam ba no m ar

(Roque Ferreira e Paulo César Pinheiro)

*O cavalo de São Jorge foi passear na areia*

*Vamos fazer samba que o santo guerreiro hoje está na aldeia Tem samba no mar, sereia*

*Tem samba no mar, sereia*

*Oi, tem samba no mar, sereia*

*Tem samba no mar, sereia*

*É que diz o povo*

*Que hoje a poliça não "contrareia"*

*Tem samba no mar, sereia*

*Tem samba no mar, sereia*

*Quando o cavalo de São Jorge "corcoveia"*

*O que é que cai de seu alforje, lua cheia Luz que "alumeia" quem samba na beira do mar, sereia Luz que clareia no samba só me faz lembrar candeia Vem sambar, que tem samba no mar*

*Vem sambar que tem samba no mar*

*Não "vadeia" "quelé" Clementina, não "vadeia"*

*Eu queria poder pegar na cintura dela*

*Eu queria poder pegar na cintura dela*

*Mas seu namorado está de olho nela*

*Mas seu namorado está de olho nela*

*O cavalo de São Jorge foi passear na areia*

*Vamos fazer samba enquanto o cavalo de Ogum passeia Tem samba no mar, sereia*

*Tem samba no mar, sereia*

*Oi, tem samba no mar, sereia*

*Tem samba no mar, sereia…*

Na Música Popular Brasileira, Ogum foi sincretizado com São Jorge, figura com o o grande cavaleiro protetor, defensor, força potente a isolar e proteger de energias negativas, abrindo os cam inhos de todos e auxiliando a cam inhar com m ais firm eza.

**ORAÇÕES**

Orações populares de devoção católica, um bandista e outros. Geralm ente, quando se fala em "Oração de São Jorge", pensa-se logo na prim eira parte da prim eira oração transcrita abaixo:

Oração de São Jorge

*Eu andarei vestido e armado com as armas de São Jorge. Para que meus inimigos, tendo pés, não me alcancem; tendo mãos, não me peguem; tendo olhos, não me enxerguem; que nem pensamentos eles possam ter para me fazerem mal. Armas de fogo o meu corpo não alcançarão; que faca e lanças se quebrem sem ao meu corpo chegar; cordas e correntes se quebrem sem ao meu corpo amarrar.*

*São Jorge, cavaleiro corajoso, intrépido e vencedor; abre os meus caminhos.*

*Ajuda-me a conseguir um bom emprego; fazei com que eu seja bem quisto por todos: superiores, colegas e subordinados. Que a paz, o amor e a harmonia estejam sempre presentes no meu coração, no meu lar e no meu serviço. Vela por*

*mim e pelos meus, protegendo-nos sempre, abrindo e iluminando os nossos caminhos, ajudando-nos também a transmitirmos paz, amor e harmonia a todos que nos cercam. Amém.*

(Após a oração, rezar um Pai Nosso, um a Ave Maria e um a Glória ao Pai) Oração da Espada-de-São Jorge

*Oh! Glorioso Guerreiro São Jorge! Eu te suplico, confiante de que serei atendido. Neste momento difícil da minha vida, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, com Vossa Espada de Luta, venha cortar todo o mal e, principalmente, (fazer o pedido).*

*Com a força do teu poder de defesa, eu me coloco na proteção do teu escudo, para o bom combate contra todo o mal ou influência negativa que estiver em meu caminho. Amém.*

*São Jorge Cavaleiro, guia-me. São Jorge Guerreiro, defende-me. São Jorge Mártir, protege-me.*

Todo devoto de São Jorge deve usar a espada sem pre que rezar esta oração.

Oração da vela de São Jorge

*Glorioso São Jorge! Pelos vossos merecimentos, pelas vossas virtudes, pela grandiosa fé em nosso Senhor Jesus Cristo; por Deus fostes constituído em protetor de todos que a Ti recorrem. Necessitando de vossa proteção, vinde em meu auxílio e levai à presença de Deus o apelo que agora vos faço. (Fazer aqui o pedido) São Jorge, ofereço esta vela e vos peço: protegei-me,*

*guardai-me e guiai-me por todos os meus caminhos com felicidade, paz e salvamento; para que eu consiga rapidamente, através de vossa proteção, a graça que estou suplicando. Amém.*

Oração a São Jorge

*Ó, Deus Onipotente, que nos protegeis pelos méritos e as bênçãos de São Jorge, fazei com que este grande mártir, com sua couraça, sua espada e seu escudo, que representam a fé, a esperança e a inteligência, ilumine os nossos caminhos, fortaleça o nosso ânimo nas lutas da vida, dê firmeza à nossa vontade contra as tramas do maligno; para que, vencendo na terra, como São Jorge venceu, possamos triunfar no céu convosco e participar das eternas alegrias. Amém.*

Oração poderosa da chave de São Jorge

*Com esta chave abençoada, eu peço a Deus pela intercessão de São Jorge. Que*

*me conceda a graça de abrir meu coração para o bem; meus caminhos para os bons negócios, as portas da prosperidade, da caridade e da paz para eu viver sempre feliz.*

*Com esta chave, em nome de Deus, eu fecho o meu corpo contra as maldades deste mundo; contra as perseguições e espíritos malignos. Que meu anjo da guarda sempre me ilumine e me guarde. Com o poder da fé, misericórdia de Deus e a ajuda de São Jorge. Amém.*

Oração do Manto de São Jorge

*São Jorge, Guerreiro vencedor do dragão, rogai por nós.*

*São Jorge, militar valoroso, que com a vossa lança abateste e venceste o dragão feroz, vinde em meu auxílio; nas tentações do demônio, nos perigos, nas dificuldades, nas aflições. Cobri-me com o vosso manto, ocultando-me dos meus inimigos, dos meus perseguidores. Protegido por vosso manto, andarei por todos os caminhos, viajarei por todos os mares, de noite e de dia, e os meus inimigos não me verão, não me ouvirão, não me acompanharão. Sob a vossa proteção, não cairei, não derramarei o meu sangue, não me perderei. Assim como o Salvador esteve nove meses no seio de Nossa Senhora, assim eu estarei bem guardado e protegido, sob o vosso manto, tendo sempre São Jorge à minha frente, armado de sua lança e do seu escudo. Amém.*

*O X Ó SSI*

Irm ão de Exu e Ogum , filho de Oxalá e Iem anj á (ou, em outras lendas, de Apaoka, a j aqueira), rei de Ketu e Orixá da caça e da fartura. Associado ao frio, à noite e à lua, suas plantas são refrescantes. É ligado à floresta, à árvore, aos antepassados.

Oxóssi, enquanto caçador, ensina o equilíbrio ecológico, ao contrário do aspecto predatório da relação do hom em com a natureza; a concentração, a determ inação e a paciência necessárias para a vida ao ar livre.

Rege a lavoura e a agricultura. Na Um banda, de m odo geral, am algam ou-se ao Orixá Ossaim quanto aos aspectos m edicinais, espirituais e ritualísticos das folhas e plantas. Com o a figura m ítica do indígena habitante da floresta é bastante forte no Brasil, a representação de Oxóssi pode aproxim ar-se m ais do índio do que do negro africano. Não à toa, Oxóssi rege a Linha dos Caboclos - o Candom blé, em m uitos Ilês, abriu-se para o culto aos Caboclos de m aneira explícita (ou m esm o cam uflada, para não desagradar aos m ais tradicionalistas).

No âm bito espiritual, Oxóssi caça os espíritos perdidos, buscando trazê-los para a Luz. Sábio m estre e professor, representa a sabedoria e o conhecim ento espiritual, com os quais alim enta os filhos, fortificando-os na fé.

Características

Anim ais: j avali, tatu, veado e qualquer tipo de caça.

Bebidas: água de coco, aluá, caldo de cana, vinho tinto.

Chacra: esplênico (segundo chacra)

Cores: verde (azul celeste claro).

Com em oração: 20 de j aneiro.

Com idas: axoxô, carne de caça, frutas.

Contas: verdes leitosas (azul turquesa, azul claro).

Corpo hum ano e saúde: aparelho respiratório.

Elem ento: terra.

Elem entos incom patíveis: cabeça de bicho (em cortes ou alim entos), m el, ovo.

Ervas: alecrim , guiné, vence-dem anda, abre-cam inho, peregum verde, taioba, espinheira-santa, j urem a, j urem inha, m angueira, desata-nó, erva-de-Oxóssi, erva-da-j urem a.

Essência: alecrim .

Flores: flores do cam po.

Metais: bronze, latão.

Pedras: am azonita, esm eralda, calcita verde, quartzo verde, turquesa.

Planeta: Vênus.

Pontos da natureza: m atas.

Saudação: *Okê Arô*! (“Salve o Rei, que fala m ais alto!”)

* * *

Sím bolos: arco e flecha (ofá), iruquerê.O iruquerê, sím bolo da realeza de Oxóssi, à m aneira de m ata-m oscas, é feito de pêlos de rabo de boi, em cabo de m adeira ou m etal. O vocábulo deriva do iorubá *ìrùkèrè*, que se refere à insígnia de poder real e sacerdotal.

Sincretism o: São Sebastião (predom ina na Um banda), São Jorge (predom ina no Candom blé).

**SINCRETISMO**

SÃO SEBASTIÃO

(20 de j aneiro)

Mártir da fé cristã, centurião que foi am arrado a um tronco e teve o corpo transpassado por flechas.

**REG ISTROS**

*Itãs*

Oxóssi e Ogum são irm ãos e Ogum nutre um carinho especial por Oxóssi.

Em um a ocasião em que Ogum voltava de um a batalha, encontrou Oxóssi cercado de inim igos que j á haviam destruído quase toda a aldeia. Oxóssi estava paralisado e com m edo. Em bora estivesse

cansado, Ogum lutou a favor do irm ão até o am anhecer.

Vencedor, tranquilizou Oxóssi, dizendo que sem pre ele poderia contar com o auxílio do irm ão.

Ensinou Oxóssi a caçar e a abrir cam inhos na m ata. Tam bém o ensinou a defender-se e a cuidar de si e dos seus.

Com o irm ão seguro, Ogum podia voltar a guerrear.

Fraternidade, irm andade e parceria são conceitos-chave para a com preensão profunda da hum anidade desse relato.

Na com em oração anual da colheita de inham es, um grande pássaro pousou no telhado do palácio, assustando a todos. O pássaro havia sido enviado pelas Mães Ancestrais, que não haviam sido convidadas.

Para abater a ave, o rei cham ou os m elhores caçadores do reino, dentre eles Oxotogum , o caçador das vinte flechas; Oxotogi, o caçador das quarenta flechas, e Oxotadotá, o caçador das cinquenta flechas. Todos erraram o alvo e foram aprisionados pelo rei.

Então Oxotocanxoxô, caçador de um a flecha só, auxiliado por um ebó votivo para as Mães Ancestrais/Feiticeiras, sugerido por um babalaô à m ãe do caçador, disparou sua flecha e m atou a ave.

* * *

Todos celebraram o feito. Honrarias foram concedidas ao caçador, que passou a ser conhecido com o Oxóssi, isto é, “o caçador Oxô é popular”.

Esta história é sobre escolhas. Um tiro certeiro vale m ais do que fam a, aparência. Além disso, observa-se a negação da ancestralidade, da *anima,* causando im pacto negativo. Com o observou Carl Gustav Jung, “aquilo a que resiste, persiste.”

Não se podia caçar naquele dia, dedicado às oferendas a Ifá. Contudo, Oxóssi não se im portou com isso e foi caçar.

Oxum , sua esposa, deixou o lar, pois não aguentava m ais ver as desobediências do m arido às interdições sagradas.

Na m ata, Oxóssi ouviu um canto: *Não sou passarinho para ser morta por você…* O canto era de um a serpente – na verdade, Oxum aré.

Oxóssi não se im portou e partiu a cobra com sua lança.

No cam inho para a casa, continuou a ouvir o m esm o canto.

Cozinhou a caça e se fartou de com ê-la.

No dia seguinte, pela m anhã, Oxum retornou para ver com o estava o m arido e o encontrou m orto. Ao seu lado, o rastro de um a serpente, que ia até a m ata.

Oxum , então, procurou Orunm ilá e lhe ofereceu sacrifícios.

Orunm ilá deixou Oxóssi viver e lhe deu a função de proteger os caçadores.

Oxóssi era agora um Orixá.

Os interditos transgredidos trazem consequências. Um a delas é o am adurecim ento por m eio de experiências dolorosas que franqueiam um a nova realidade.

*Oriki*

O oriki abaixo foi transcriado do iorubá para o português por Antonio Risério: Oriki de Oxóssi (fragm ento)

*Orixá, quando fecha, não abre caminho.*

*Caçador que come cabeça de bicho*

*Caçador que come coco e milho.*

*Mora em casa de barro*

*Mora em casa de folha*

*Orixá da pele fresca.*

*Quando entra na mata*

*O mato se agita.*

*Ofá – o seu fuzil.*

*Uma flecha contra o fogo*

*E o fogo apagou.*

*Uma flecha contra o sol*

*E o sol sumiu.*

O caçador de um a flecha só, conhecedor do verde das m atas, é aqui celebrado em algum as de suas principais características.

**PONTOS CANTADOS**

*Eu vi chover, eu vi relampear*

*Mas mesmo assim o céu estava azul (2X)*

*Afirma o ponto nas folhas da jurema*

*Oxóssi reina de norte a sul (2X)*

*Ele atirou*

*Ele atirou e ninguém viu (2X)*

*Senhor Oxóssi é quem sabe*

*Onde a flecha caiu (2X)*

Oxóssi é Orixá da fartura, do conhecim ento e da espiritualidade. Os pontos cantados acim a reforçam essas características.

**MPB**

Oxóssi

(Roque Ferreira)

*Oxóssi, filho de Iemanjá*

*Divindade do clã de Ogum*

*É Ibualama, é Inlé*

*Que Oxum levou no rio*

*E nasceu Logun-Edé!*

*Sua natureza é da lua*

*Na lua Oxóssi é Odé Odé-Odé, Odé-Odé*

*Rei de Ketu, Caboclo da mata Odé-Odé.*

*Quinta-feira é seu ossé*

*Axoxó, feijão preto, camarão e amendoim*

*Azul e verde, suas cores*

*Calça branca rendada*

*Saia curta estampada*

*Ojá e couraça prateada*

*Na mão ofá, iluquerê*

*Okê okê, okê arô, okê*

*A jurema é a árvore sagrada*

*Okê arô, Oxóssi, okê okê*

*Na Bahia é São Jorge*

*No Rio, São Sebastião*

*Oxóssi é quem manda*

*Na banda do meu coração*

Sincretizado com São Sebastião (sobretudo na Um banda) ou com São Jorge (no Candom blé), Oxóssi é guerreiro e um Orixá bastante popular no Brasil, com suas m atas, fauna e flora riquíssim as, e ancestralidade construída pelos indígenas, na Um banda am algam ados e/ou representados pelos Caboclos de Pena.

### *X A NG Ô*

Um dos Orixás m ais populares no Brasil, provavelm ente por ter sido a prim eira divindade iorubana a chegar às terras brasileiras, j untam ente com os escravos. Além disso, especialm ente em Pernam buco e Alagoas, o culto aos Orixás recebe o nom e genérico de Xangô, donde se deriva tam bém a expressão Xangô de Caboclo para designar o cham ado Candom blé de Caboclo.

Orixá da Justiça, o Xangô m ítico-histórico teria sido um grande rei (alafin) de Oy ó (Nigéria), após ter destronado seu irm ão Dadá-Aj aká. Na teogonia iorubana, é filho de Oxalá e Iem anj á. Representa a decisão, a concretização, a vontade, a iniciativa e, sobretudo, a j ustiça

(que não deve ser confundida com vingança). Xangô é o articulador político, presente na vida pública (lideranças, sindicatos, poder político, fóruns, delegacias, etc.). Tam bém é o Orixá que representa a vida, a sensualidade, a paixão, a virilidade. Seu m achado bipene, o oxê, é sím bolo da j ustiça, representando a ideia de que todo fato tem , ao m enos, dois lados, duas versões, que devem ser pesadas, avaliadas.

Teve com o esposas Obá, Oxum e Iansã.

Características

Anim ais: tartaruga, cágado, carneiro.

Bebida: cervej a preta.

Chacra: cardíaco.

Cores: m arrom (branco e verm elho)

Com em oração: 24 de j unho (São João Batista), 30 de setem bro (São Jerônim o) Com idas: agebô, am alá.

Contas: m arrom leitosas.

Corpo hum ano e saúde: fígado e vesícula.

Dia da sem ana: quarta-feira.

Elem ento: fogo.

Elem entos incom patíveis: caranguej o e doenças.

Ervas: erva-de-são-j oão, erva-de-santa-m aria, beti-cheiroso, nega-m ina, alevante, cordão-de-frade, j arrinha, erva-de-bicho, erva-tostão, caruru, pára-raio, um baúba.

Essência: cravo (a flor).

Flores: cravos brancos e verm elhos.

Metal: estanho.

Pedras: j aspe, m eteorito, pirita.

Planeta: Júpiter.

Ponto da natureza: pedreira.

Saudação: *Kaô Cabecilê!* ou *Kaô Cabecile!* (“Venham saudar o Rei!”)
Sím bolo: m achado.

Sincretism o: Moisés, Santo Antônio, São Jerônim o, São João Batista, São José, São Pedro.

**SINCRETISMO**

SÃO JERÔNIMO

Nascido em Estridão, na Dalm ácia, em aproxim adam ente 345 d.C., faleceu em Belém em 419 d.C.. Tradutor, foi responsável pela tradução da Bíblia para o latim (Vulgata). Erudito, estudioso e doutor da Igrej a, foi tam bém secretário do Papa Dâm aso. Após a m orte do pontífice, sofrendo críticas e calúnias, retirou-se para Belém . Geralm ente é representado com o um ancião de barbas e cabelos brancos, com um leão (um dos anim ais sím bolos de Xangô) e um livro (Bíblia).

Trata-se certam ente da form a m ais popular de sincretism o do Orixá Xangô na Um banda por m eio de representação de im agens em seus altares, em bora nos pontos cantados predom ine a figura de São João Batista. Reza a lenda que, com senso de j ustiça, São Jerônim o defendeu um leão da acusação (sem provas e apressada por observações sobre a aparência dos fatos) de haver m atado e com ido um seu am igo j um ento – o que depois se verificou não ser verdade. Sua festa é celebrada no dia 30 de setem bro, Dia da Bíblia para a Igrej a Católica.

Sincretizado principalm ente com Xangô Agodô.

SÃO JOÃO BATISTA

Nascido na Judeia, por volta do ano 02 a.C., foi m orto aproxim adam ente em 27 d.C.. Prim o de Jesus, foi o precursor de sua m ensagem e acabou por batizar o próprio Jesus, de quem se declarava indigno de desatar as sandálias. Célebre por dizer o que pensava, não tem ia acusar o rei Herodes Antipas por haver se casado com a viúva de seu irm ão, o que não era perm itido por lei. Contudo, segundo consta, Herodes tolerava João Batista e lhe adm irava o verbo. A astúcia de Herodíade, a esposa, colocou Salom é, filha de seu casam ento anterior, para dançar para o rei, e este lhe prom eteu o que desej asse, até m esm o a m etade de seu reino - ao que a enteada, por influência da m ãe, solicitou a cabeça de João Batista num a bandej a, tendo o

rei de cum prir sua prom essa. Sua festa é celebrada em 24 de j unho com as célebres fogueiras, em especial na noite/m adrugada do dia 23 para o dia 24.

SÃO PEDRO

Discípulo de João Batista e Apóstolo de Jesus Cristo, nasceu em Betsaida e m orreu em Rom a em 64 d. C., no reinado de Nero, crucificado de cabeça para baixo pelo fato de se sentir indigno de m orrer com o o Mestre. Seu nom e foi dado por Jesus e significa "pedra", "rocha" ("Cefas", em aram aico), sobre a qual se edificou a com unidade cristã (para a Igrej a Católica, Pedro foi o prim eiro Papa).

Fazendo parte do círculo íntim o de Jesus, Pedro foi o Apóstolo que prom eteu segui-lo, porém o negou três vezes, por m edo; im petuoso, cortou a orelha de um em pregado do Sum o Sacerdote que acom panhava o grupo que havia ido prender Jesus, tendo o ferim ento sido curado pelo Mestre. Distingue-se de João, o cham ado "Discípulo Am ado", que em tudo seria exem plar, e de Judas, que trairia o Mestre, sendo, assim , um dos Apóstolos cuj o arquétipo m ais se aproxim a das oscilações da alm a hum ana e bem representa o cam inho das pedras até o am adurecim ento, por m eio de erros e acertos. Não à toa, arquetipicam ente, Xangô Airá é associado a São Pedro. Em diversas im agens, além das chaves que ligam céu e terra, traz tam bém um livro, elem ento relacionado a diversas representações sincréticas de Xangô. Festa: 29 de j unho.

MOISÉS

Não se trata propriam ente de santo católico, m as de legislador, líder religioso e profeta do Antigo Testam ento, responsável pela libertação do povo hebreu da escravidão no Egito. A Moisés se associam as Tábuas da Lei com os Dez Mandam entos que, segundo a tradição, teria recebido do próprio Deus. Por sua liderança, pela sabedoria e experiência (a representação m ais conhecida de Moisés é a de um patriarca em idade m adura, com barbas e cabelos brancos), pelo texto da Lei im presso em pedra e recebido no Monte Sinai, com ele é sincretizado Xangô.

SÃO JOSÉ

Esposo de Nossa Senhora e pai (segundo a tradição católica, putativo) de Jesus, é representado com o hom em m aduro e grisalho, com barba. Trata-se de um patriarca que traz no colo o filho am ado, ainda

criança, e segura um lírio branco, flor de Xangô (tam bém flor de Oxalá; de Xangô é tam bém o cravo branco ou verm elho), o que favorece o sincretism o. Sua festa é celebrada em 19 de m arço.

SÃO JUDAS TADEU

Apóstolo de Jesus, viveu no século I, irm ão de São Tiago Menor. Conhecido com o "Tadeu", isto é, "aquele que tem peito largo". Pregou na Galileia, na Judeia, na Síria e na Mesopotâm ia. Em m uitas de suas representações, aparece com o um hom em m aduro de barba e com um instrum ento que lem bra m uito um m achado ou um a foice e um livro (Evangelho) na m ão. É invocado para casos im possíveis ou de desespero. Sua festa é celebrada em 28 de outubro.

Observa-se, não apenas no caso de Xangô Airá (sincretizado com São Pedro), a estreita ligação entre cada santo católico e Jesus Cristo (sincretizado com Oxalá), bem com o entre Moisés e Deus Pai (tam bém sincretizado com Oxalá).

* * *

**REG ISTROS**

*Itãs*

Xangô enfrentava um inim igo terrível e seus hom ens haviam sido capturados, o quadro era assustador. Subiu, então, até o alto de um a pedreira e pediu conselho e aj uda a Orunm ilá. Com seu oxê (m achado duplo), com eçou a bater nas pedras que soltavam faíscas e, no ar, form avam línguas de fogo que consum iam seus inim igos.

O vencedor da guerra foi Xangô, e os líderes inim igos que haviam m andado m assacrar os soldados de Xangô foram m ortos com um raio que ele havia m andado no ápice de fúria e descontentam ento. Contudo, os soldados das tropas inim igas foram poupados.

Com esse gesto, Xangô passou a ser adm irado e consultado com o o Senhor da Justiça para resolver e adm inistrar pendências, conflitos e discordâncias.

Os diversos relatos m itológicos sobre Xangô apresentam a j ustiça com o aprendizado constante que m uito contribuiu para o am adurecim ento da personalidade do alafin de Oy ó.

Um hom em havia aprendido, com Olorum e Exu, os segredos do bem e do m al, podendo decidir com o agir. Tornou-se, assim , m uito

poderoso.

Por esse m otivo, os Orixás governantes do m undo, Obatalá, Xangô e Ifá, decidiram que esse hom em deveria preparar um a grande festa, com um porém : a com ida não deveria ser nem crua nem fria, pois os Orixás andavam enj oados.

Deveria ser quente e cozida.

Os hum anos ainda não sabiam fazer fogo ou cozinhar. Assim , o hom em foi à encruzilhada e pediu aj uda a Exu. Aguardou três dias e três noites sem resposta até ouvir sons característicos de estalos: parecendo rir do hom em , as árvores esfregavam seus galhos um as nas outras.

Não gostando disso, o hom em pediu aj uda a Xangô, que enviou raios sobre as árvores. Galhos incendiados caíram no chão, onde queim aram até ficarem apenas brasas.

Então, o hom em pegou algum as brasas, cobrindo-as com galhos e, por cim a, adicionando terra. Tem pos depois, descobriu tudo e viu lascas pretas (ou sej a, carvão) que foram acesas com a brasa restante. O hom em soprou até o fogo crescer e, assim , pode cozinhar para os Orixás, para si e para os dem ais.

Todos ficaram satisfeitos.

O elem ento do Orixá Xangô, por excelência, é o fogo, com sua força criadora, transform adora e vital.

A m anipulação do fogo foi de sum a im portância para que os seres hum anos aprendessem a conviver com as som bras (haj a vista o m ito da caverna, segundo

* * *

Platão), a se proteger de ataques, a aperfeiçoar técnicas de alim entação (vide o célebre estudo de Claude Lévi-Strauss intitulado *O cru e o cozido*), de m odo a garantir a sobrevivência da espécie. O fogo tam bém é o elem ento transform ador da alquim ia e sím bolo da transcendência da energia do físico para o espiritual.

Nas sociedades tribais (e em rodas de am igos que revivem esse ritual em luaus, acam pam entos e outros), o fogo agrega, aproxim a, aquece por m eio da fogueira, sem pre no centro.

Com preende-se, portanto, o porquê de Xangô ser Orixá da vida

pulsante, da energia que precisa ser disciplinada para não ser destrutiva e, no lugar de vivificadora, tornar-se letal. É preciso saber lidar com o fogo: com o reza célebre provérbio popular, “Quem brinca com fogo pode se queim ar”.

Na tradição iorubá, Xangô, m enino atrevido, cai nas brasas e brinca com elas m as não se queim a. Xangô tam bém é aquele que ensina os hom ens a cozinhar.

Adulto, é tam bém aquele que incendeia sua cidade acidentalm ente por não ter aprendido ainda a m anipular seu elem ento com sabedoria e discernim ento -

pendendo, assim , para a autosabotagem , a autodestruição. Contudo, a experiência não foi em vão: segundo os relatos m itológicos, a Oy ó destruída acidentalm ente por Xangô foi, com o fênix renascida das cinzas, reconstruída.

Xangô, filho de Aganj u, foi abandonado pela m ãe e adotado por Iem anj á.

Casou-se com Obá, m uito devotada aos serviços dom ésticos, que perdeu os encantos.

Casou-se com Iansã, sua aliada contra Ogum .

Depois se encantou por Oxum , que vivia com Orunm ilá: deitaram - se, casaram e viveram um am or único.

Contudo, um dia Xangô se apaixonou por Iem anj á e lhe declarou seu am or.

Iem anj á o esbofeteou e o m andou em bora, sem dinheiro.

Tentou novam ente, e ela novam ente o repudiou.

Com a aj uda dos gêm eos que tivera com Oxum , os Ibej is, Xangô preparou um feitiço e Iem anj á o recebeu de volta em sua casa.

Xangô, então, possuiu Iem anj á.

Tem pestuoso e viril, o incesto, neste relato, é consum ado por m eio de artim anhas a que Xangô recorre, valendo-se da m agia de seus próprios filhos (os gêm eos aqui podem representar a duplicação do poder m ágico). O incesto, bem com o cada parceira, pode ainda representar a busca pela m ãe biológica que havia abandonado Xangô,

rum o à integração m asculino-fem inino por parte da personagem principal do itã.

A propósito, por vezes, Xangô, m arido de três esposas, é retratado com o tirano e insensível ao fem inino, a ele apenas se sobrepondo - com o quando tenta tom ar à força Euá (sím bolo da virgindade) ou seduzindo e/ou violentando sua m ãe

adotiva, Iem anj á, ou Nanã, a esposa m ais velha de Oxalá (sím bolos da m aternidade). Em outros m om entos, está intim am ente ligado ao fem inino ou a ele subm etido. Dos diversos relatos a respeito desse Orixá, existe um bastante significativo a respeito da integração entre o m asculino e o fem inino, recontado por Reginaldo Prandi[7]:

*Xangô estava fugindo dos inimigos. Os inimigos queriam acabar com ele a qualquer custo. Se caísse em suas mãos, cortariam-lhe a cabeça. Xangô foi se esconder na casa de Oiá. Os inimigos sitiaram a casa; não havia como escapar.*

*Oiá vestiu Xangô com as roupas dela. Cortou os cabelos e com eles cobriu a cabeça de Xangô. Ornou-o com apuro, com muitos colares, anéis e pulseiras.*

*Então Oiá anunciou que ia sair para um passeio. E Xangô saiu à rua com toda a elegância de Oiá. Era Oiá, todos acreditaram, formosa e deslumbrante em seus ricos trajes. Os inimigos de Xangô abriram respeitosamente o caminho para Oiá.*

*Quando, mais tarde, Oiá saiu à rua, todos se deram conta do engodo, mas era tarde demais. Xangô escapara e da morte se livrara.*

*A astúcia de Oiá livrou Xangô dos inimigos.*

O m asculino travestido de fem inino, no relato acim a, pode ser lido com o o ato de colocar-se no lugar do outro, com vista à com preensão de seu oposto com plem entar. Ao se vestir com o Iansã (a esposa com quem Xangô m ais apresenta com patibilidade de elem entos, pois com ela divide os dom ínios do fogo, do raio e do trovão; ao m esm o tem po em que a ela se opõe, pois Xangô é Orixá que pulsa tão intensam ente a vida que repulsa o m undo dos m ortos, reino em que Iansã se sente à vontade), Xangô, por m eio da representação do fem inino, reforça o seu m asculino de m odo equilibrado e m aduro. Assim , não perde sua cabeça (seu Ori, sua consciência)[8] e não se deixa vencer pelos inim igos (instintos, tem ores, inconsciência). Com o na im agem da balança da j ustiça, dom ínio de Xangô, os pratos assum em posições equânim es ou com oscilações com preensíveis rum o ao

equilíbrio.

A escolha pela transcrição literal se deve ao fato de Prandi, em seus textos literários, ser um verdadeiro griô (contador de histórias), m estre das palavras que busca honrar, na escrita, a oralidade africana.

A cabeça hum ana, na tradição iorubá, receptáculo do conhecim ento e do espírito, é tão im portante que cada Orixá tem seu Ori. É alim entado, com o no caso do Bori, a fim de m anter-se equilibrado.Trata-se, ainda, da consciência presente em toda a natureza e seus elem entos, guiada pelo Orixá (força específica).

*Orikis*

Os orikis abaixo são transcriações literárias de Antonio Risério a partir do iorubá:

Oriki de Xangô

*Lasca e racha paredes*

*Racha e crava pedras de raio*

*Encara feroz quem vai comer*

*Fala com o corpo todo*

*Faz o poderoso estremecer*

*Olho de brasa viva*

*Castiga sem ser castigado*

*Rei que briga e me abriga*

Outro oriki de Xangô (fragm entos)

*Afonjá, chefe de Kossô, a folha já fortalece*

*Aquele que dansa9 entre crianças Faz o fogo vingar sem que se veja*

*E só notamos o talo das folhas estalando*

*Derruba no barro quem é burro*

*Ninguém pode corromper o nosso ori*

*Senhor do saber, olho brilhante*

*Ele fende além o alto céu*

*Murro no muro da mentira*

*Mata varando o olho do mentiroso*

*Mata selando porta e porto*

*Mata quem não sabe pensar*

Risério opta pela grafia “dansa” por acreditar que a letra “s” estej a m ais de acordo para o vocábulo, interpenetrando, assim , form a e conteúdo, em feliz coreografia.

*Alaganju, destelha casa alheia e atelha a sua*

*Água ao lado do fogo no seio do céu*

*Alado escala rápido o alto céu*

*Faz o fogo cair do meio do céu*

Nesses orikis, Xangô aparece com o j usticeiro, por m eio das pedras e do fogo, num senso de j ustiça que se aproxim a da Lei de Talião (“olho por olho, dente por dente”), a qual precisa ser com preendida no contexto cultural em que os orikis foram concebidos. Por outro lado, Xangô é tam bém aquele que celebra a vida,

“dansa entre crianças” 10 e “fala com o corpo todo”, de m odo elegante, viril e eloquente.

**PONTOS CANTADOS**

*Pedra rolou, Pai Xangô, lá na pedreira*

*Afirma ponto, meu Pai, na cachoeira*

*Tenho meu corpo fechado*

*Xangô é meu protetor*

*Segura pemba, meu filho,*

*Pai de cabeça chegou*

Xangô aparece em seus pontos de força (pedras/cachoeira com pedras). O

ponto cantado sugere que o filho risque o ponto de Xangô (Pai) com pem ba, espécie de giz com um em rituais em religiões de m atriz africana, cuj a origem (calcário), em bora associada de m odo geral aos Orixás, Guias e Entidades, não deixa de ligar-se diretam ente aos elem entos de Xangô.

Conform e citado na nota anterior.

Muito m ais do que m eio de identificação de Orixás, Guias e Entidades, os pontos riscados constituem fundam ento de Um banda, sendo instrum entos de trabalhos m agísticos, riscados com pem ba, bordados em tecidos, etc. Funcionam com o chaves, m eios de com unicação entre os planos, proteção, tendo diversas outras funções tam bém tanto no plano dos encarnados quanto no da Espiritualidade.

*Estava olhando a pedreira*

*Uma pedra rolou*

*Ela veio rolando*

*Bateu em meu pés*

*E se fez uma flor*

*Quem foi que disse*

*Que eu não sou filho de Xangô?*

*Ele mostra a verdade*

*Se atira uma pedra*

*Ela vira uma flor*

*Toda verdade de justiça e proteção Filho de Pai Xangô ninguém joga no chão*

*Quantos lírios já plantei no meu jardim*

*Cada pedra atirada é um lírio pra mim*

Ponto cantado em que Xangô aparece a ensinar que as pedras (seu elem ento), geralm ente associadas às dificuldades, pela força do Orixá, transform am -se em lírio (flor que evoca Xangô). As lições trazidas pelas dificuldades fortalecem e são belas. Xangô, Orixá que m ostra a verdade (na África aparece em oposição à m entira), não perm

ite que seus filhos (leia-se “todos os filhos”) caiam no chão indevidam ente e/ou aí fiquem sem se levantarem m ais experientes e sábios.

*Lá em cima daquela pedreira*

*Tem um lírio de meu Pai Xangô*

*Kaô, Kaô*

*Kaô Cabecile, meu Pai!*

Há versões deste ponto em que, em vez de “lírio”, aparece “livro”. Já foi m encionada a im portância do livro com o elem ento sim bólico de Xangô, com o aparece em diversas das relações sincréticas do Orixá com santos católicos e Moisés.

**MPB**

Canto de Xangô

(Vinícius de Moraes e Baden Powell)

*Eu vim de bem longe, eu vim, nem sei mais de onde é que eu vim Sou filho de rei, muito lutei pra ser o que eu sou Eu sou negro de cor, mas tudo é só amor em mim Tudo é só amor, para mim*

*Xangô Agodô*

*Hoje é tempo de amor*

*Hoje é tempo de dor, em mim*

*Xangô Agodô*

*Salve, Xangô, meu Rei Senhor*

*Salve meu Orixá*

*Tem sete cores sua cor*

*Sete dias para a gente amar*

*Salve Xangô, meu Rei Senhor*

*Salve meu Orixá*

*Tem sete cores sua cor*

*Sete dias para a gente amar*

*Mas amar é sofrer*

*Mas amar é morrer de dor*

*Xangô, meu Senhor, saravá!*

*Me faça sofrer*

*Ah, me faça morrer*

*Mas me faça morrer de amar*

*Xangô, meu Senhor, saravá!*

*Xangô Agodô!*

Este é um dos m ais célebres afrosam bas de Vinícius de Moraes e Baden Powell, ( *Os Afrosambas,* 1966). Em diversos proj etos que coordenei, peço sem pre que o verso *Eu sou negro de cor, mas tudo é só amor em mim* sej a substituído por *Eu sou negro de cor e tudo é só amor em mim*, para que não haj a interpretações equivocadas a respeito da exaltação do negro – em cuj a cor, segundo o texto, haveria sete cores, o que pode ser lido e interpretado com o a síntese, o am álgam a da cultura popular, das religiões de m atriz africana, do povo negro e da Bahia, que tanto encantou Vinícius de Moraes.

Xangô te xinga

(Leandro Medina)

*Sim, você sabe*

*Por tudo que fiz*

*Basta você sentir saudades*

*Que eu tô na linha*

*Nesse caso dava pra dizer*

*Revigorou o fino frio*

*De longe, de onde o amor vinha*

*Aí fiz você pra ver e ouvir*

*Combinei melodias sutis*

*Maracatu correrás*

*Pro amor que eu vou dizer*

*Presente en toda mi vida*

*Segura o pranto quem chorou*

*Xangô te xinga*

*Segura o pranto, quem chorou fui eu*

*Virou no santo que baiou*

*Sambou neguinha*

*E, no entanto, quem dançou fui eu*

Sucesso do disco *Quando o céu clarear* (2007), de Fabiana Cozza, esta canção usa das aliterações (XANgô te XINga) para tratar de am or interrom pido de m odo divertido, posto que incisivo (xingam ento), cham ando à razão a voz poética, ou para não se perder na m ágoa e em lam entações, ou por haver, sim , perdido o am or, o suj eito de suas afeições.

Xangô

(Toni Costa, Lan Lan, Mart'nália)

*Baba nagô*

*Xangô mandou chamar*

*Baba nagô*

*Xangô mandou chamar*

*Obá yaô*

*No toque de orixá*

*Xangô! Xangô!*

*Vem ver o sol raiar*

*Vem madrugar*

*Pras águas de oxalá*

*Logun-Edé tá de lança*

*Oxóssi vai caçar*

*Baba nagô também trança*

*Palha pra enfeitar*

*Xangô! Xangô!*

*Xangô mandou chamar*

*Oxum já vem*

*Cantando seu ylá*

*Vem pro tempo*

*Abre o leque pras moças sambar*

*Ela vem pro terreiro formosa*

*Partideiro vai se apaixonar*

*Babanagô*

*Xangô mandou chamar*

*Obá yaô*

*No toque de orixá*

*Iluminada noite,*

*Lua cheia que chegou*

*A madrugada trouxe*

*O batuque de Xangô*

Faixa do disco *Hoje de noite* (2008) da Banda Moinho, Xangô é o grande agregador dos dem ais Orixás, todos cham ados por ele para o batuque, o xirê, o sam ba.

Três Coruna

(Tradição afro brasileira - adaptação de Tatá Monalê e Carlinhos Brown) *Xangô três coruna*

*Vem da Ilha de Nagô*

*Ninguém sabe de onde*

*Eu venho*

*Ninguém sabe de onde*

*Eu sou*

*Xangô três coruna*

*Vem da Ilha de Nagô*

Lindo registro/resgate no disco *Candombless* (2010), de Carlinhos Brown.

Observe o neologism o criado por Brown: Candom bless = Candom blé + *to bless* (benzer, em inglês). Nesse disco-bênção, não poderia faltar essa linda hom enagem a Xangô.

Babá Alapalá

(Gilberto Gil)

*Aganju, Xangô*

*Alapalá, Alapalá, Alapalá*

*Xangô, Aganju*

*O filho perguntou pro pai:*

*“Onde é que tá o meu avô*

*O meu avô, onde é que tá?”*

*O pai perguntou pro avô:*

*“Onde é que tá meu bisavô*

*Meu bisavô, onde é que tá?”*

*Avô perguntou bisavô:*

*“Onde é que tá tataravô*

*Tataravô, onde é que tá?”*

*Tataravô, bisavô, avô*

*Pai Xangô, Aganju*

*Viva Egum, babá Alapalá!*

*Aganju, Xangô*

*Alapalá, Alapalá, Alapalá*

*Xangô, Aganju*

*Alapalá, Egum, espírito elevado ao céu*

*Machado alado, asas do anjo Aganju*

*Alapalá, egum, espírito elevado ao céu*

*Machado astral, ancestral do metal*

*Do ferro natural*

*Do corpo preservado*

*Embalsamado em bálsamo sagrado*

*Corpo eterno e nobre de um rei nagô*

*Xangô*

Esta canção de Gilberto Gil, do disco *Gilberto Gil* (1971), gravada por diversos intérpretes, evoca o sentido de ancestralidade, por m eio do arquétipo de Xangô em seu aspecto m ítico-histórico.

**ORAÇÕES**

Orações recolhidas por Ernesto Santana e Eulina d’Iansã.

Prece a Xangô

*Senhor de Oyó,*

*Pai justiceiro e dos incautos,*

*Protetor da fé e da harmonia,*

*Kaô Cabecilê do Trovão.*

*Kaô Cabecilê da Justiça.*

*Kaô Cabecilê, meu Pai Xangô.*

*Morador no alto da pedreira,*

*Dono de nossos destinos.*

*Livrai-nos de todos os males,*

*De todos os inimigos visíveis e invisíveis,*

*Hoje e sempre, Kaô, meu Pai.*

Oração a Xangô

*Kaô, meu Pai, Kaô.*

*O senhor, que é o Rei da Justiça,*

*Faça valer por intermédio*

*De seus doze ministros a vontade divina.*

*Purifique minha alma na cachoeira.*

*Se errei, conceda-me a luz do perdão.*

*Faça de seu peito largo e forte*

*Meu escudo,*

*Para que os olhos de meus inimigos*

*Não me encontrem.*

*Empreste-me sua força de guerreiro*

*Para combater a injustiça e a cobiça.*

*Minha devoção ofereço.*

*Que seja feita a justiça para todo o sempre.*

*O senhor é meu Pai e meu defensor.*

*Conceda-me a graça de receber sua luz*

*E de merecer sua proteção.*

*Kaô, meu Pai Xangô, Kaô.*

Proteção de Xangô

*Senhor, meu Pai, o infinito é tua grande morada no espaço; teu ponto de energia é nas pedras das cachoeiras. Com tua justiça fizeste uma construção digna de grande rei. Meu Pai Xangô, tu que és defensor da justiça de Deus e dos homens, dos vivos e dos além-morte, tu, com tua machadinha de ouro, defende-me das injustiças, acobertando-me das mazelas, das dívidas, dos perseguidores mal-intencionados. Protegei-me, meu glorioso São Judas Tadeu, Pai Xangô na Umbanda. Sê sempre justiceiro nos caminhos em que eu venha a passar. Com a força desta prece, sempre contigo estarei, me livrando do desespero e da dor, dos inimigos e dos invejosos, dos indivíduos de mau caráter e dos falsos amigos. Axé.*

## *O X U M*

Orixá do fem inino, da fem inilidade, da fertilidade, ligada ao rio de m esm o nom e, em especial em Oxogbô, Ij exá (Nigéria). Senhora das águas doces, dos rios, das águas quase paradas das lagoas não-pantanosas, das cachoeiras e, em algum as qualidades e situações, tam bém da beira-m ar. Perfum es, j óias, colares, pulseiras e espelho alim entam sua graça e beleza.

Filha predileta de Oxalá e de Iem anj á, foi esposa de Oxóssi, de Ogum e, posteriorm ente, de Xangô (segunda esposa). Senhora do ouro (na África, cobre), das riquezas, do am or. Orixá da fertilidade, da m aternidade, do ventre fem inino, a ela se associam as crianças. Nas lendas em torno de Oxum , a m enstruação, a m aternidade, a fertilidade, enfim , tudo o que se relaciona ao universo fem inino é valorizado. Entre os iorubás, tem o título de Ialodê (senhora, *lady*), com andando as m ulheres, arbitrando litígios e responsabilizando-se pela ordem na feira.

No j ogo dos búzios, é ela quem form ula as perguntas, respondidas por Exu. Os filhos de Oxum costum am ter boa com unicação, inclusive no que tange a presságios. Oxum , Orixá do am or, favorece a riqueza espiritual e m aterial, além de estim ular sentim entos com o am or, fraternidade e união.

Características

Anim al: pom ba rola.

Bebida: cham panhe.

Chacra: um bilical.

Cor: azul (am arelo).

Com em oração: 08 de dezem bro.

Com idas: banana frita, ipeté, om olocum , m oqueca de peixe e pirão (com cabeça de peixe), quindim .

Contas: cristal azul (am arelo).

Corpo hum ano e saúde: coração e órgãos reprodutores fem ininos.

Dia da sem ana: sábado.

Elem ento: água.

Elem entos incom patíveis: abacaxi, barata.

Ervas: colônia, m acaçá, oriri, santa-luzia, oripepê, pingo-d´água, agrião, dinheiro-em -penca, m anj ericão branco, calêndula, narciso, vassourinha (m enos para banho), erva-de-santa-luzia (m enos para banho), j asm im (m enos para banho).

Essências: lírio, rosa.

Flores: lírio, rosa am arela.

Metal: ouro.

Pedra: topázio (azul e am arelo).

Planetas: Vênus, Lua.

Pontos da natureza: cachoeira e rios.

Saudação: *Ora ye ye o! A ie ie u!* (“Salve, Mãe das Águas!) Sím bolos: cachoeira, coração.

Sincretism o: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora das Cabeças, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátim a, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora de Nazaré.

**SINCRETISMO**

NOSSA SENHORA APARECIDA

(12 de outubro)

A aproxim ação de Oxum com Nossa Senhora Aparecida se dá por diversos fatores, sobretudo porque aquela que é hoj e a Padroeira do Brasil foi encontrada (im agem escurecida que foi associada à pele negra) no rio Paraíba, em 1717.

Além disso, Nossa Senhora Aparecida, rainha, tem um m anto salpicado de dourado, bem com o um a coroa de ouro, que lhe foram acrescidos ao longo do tem po.

**REG ISTROS**

*Itãs*

Oxalá tinha três m ulheres, sendo a principal um a filha de Oxum . As outras duas nutriam grande ciúm es da filha de Oxum , a qual cuidava dos param entos e das ferram entas de Oxalá.

Sem pre buscando prej udicar a filha de Oxum , um dia em que as ferram entas de Oxalá secavam ao sol enquanto a filha de Oxum cuidava de outros afazeres, as outras duas esposas os pegaram e j ogaram ao m ar. A filha de Oxum ficou inconsolável.

Um a m enina que era criada pela filha de Oxum tentou consolá-la, porém nada anim ava a principal esposa de Oxalá. Ouvindo um pescador passando pela rua apregoando seus peixes, a filha de Oxum pediu para a m enina com prar alguns para a festa que organizava. Quando os peixes foram abertos, ali estavam as ferram entas de Oxalá.

As outras duas esposas de Oxalá não desistiram de prej udicar a filha de Oxum e arm aram um novo esquem a.

No dia da festa, ao lado do trono de Oxalá, à sua direita, estava a cadeira da esposa principal. Em dado m om ento, quando ela se ausentou, as outras duas esposas colocaram na cadeira um preparado m ágico. Quando a esposa principal de Oxalá se sentou, percebeu que estava sangrando e saiu em disparada. Oxalá, indignado por ela haver quebrado um tabu, expulsou-a.

A filha de Oxum , então, foi à casa de sua m ãe, em busca de auxílio. Oxum

* * *

* * *

preparou-lhe um banho de folhas num a bacia. Depois do banho, envolveu a filha em panos lim pos e a pôs para descansar num a esteira. A água da bacia, verm elha, havia se transform ado nas penas ecodidé, raras e preciosas.

Oxalá gostava m uito dessas penas, porém tinha dificuldade em encontrá-las.

Ouviu dizer que Oxum tinha essas penas, pois a filha de Oxum andara aparecendo em algum as festas ornada com penas ecodidé. Foi então, à casa de Oxum , onde encontrou a própria esposa, que reabilitou.

Oxalá colocou um a pena verm elha em sua testa e decretou que, a partir daquele dia, os iniciados passariam a usar um a pena igual em suas testas, ornando as cabeças raspadas e pintadas, para que os Orixás m ais facilm ente os identificassem .

Um dos m ais lindos itãs a respeito do fem inino e da com preensão de seus ciclos por parte do m asculino. Note que Oxalá, para quem o verm elho é tabu, acaba por incorporar essa cor em respeito ao fem inino.

Um dia, Orunm ilá saiu para um passeio, acom panhado de seu séquito. Pelo cam inho, encontrou outro séquito no qual se destacava um a linda m ulher. Enviou então Exu, seu m ensageiro, para saber quem era ela. A m ulher se identificou com o Iem anj á, rainha das águas e esposa de Oxalá.

Exu repassou a inform ação a Orunm ilá, que solicitou que ela fosse convidada para seu palácio. Iem anj á não atendeu ao convite de pronto, m as um dia foi ao palácio de Orunm ilá, de onde voltou grávida e deu à luz um a linda m enina.

Iem anj á tinha outros filhos com seu m arido. Então, Orunm ilá enviou Exu para com provar se a m enina seria sua filha. O m ensageiro verificou se ela teria m ancha, m arca ou caroço na cabeça. Conform e as m arcas de nascença, a paternidade foi com provada e atribuída a Orunm ilá.

A m enina foi, então, levada para viver com o pai, que lhe satisfazia as vontades, os caprichos e a cobria de dengos.

Essa m enina é Oxum .

Desde o início do m undo os Orixás m asculinos decidiam tudo, e excluíam as m ulheres. Com o Oxum não se conform ava com essa atitude, deixou as m ulheres estéreis. Os hom ens foram consultar Olorum , que os aconselhou a convidar Oxum e as outras m ulheres para participarem das reuniões e decisões. Assim fizeram , e as m ulheres voltaram a gerar filhos.

O fem inino, com plem entar ao m asculino, form a a dualidade de onde brota e vicej a a síntese da criação.

*Orikis*

O oriki abaixo é um a transcriação do iorubá para o português feita por Antonio Risério.

*Oxum, mãe da clareza*

*Graça clara*

*Mãe da clareza*

*Enfeita filho com bronze*

*Fabrica fortuna na água*

*Cria crianças no rio*

*Brinca com seus braceletes*

*Colhe e acolhe segredos*

*Cava e encova cobres na areia*

*Fêmea força que não se afronta*

*Fêmea de quem macho foge*

*Na água funda se assenta profunda*

*Na fundura da água que corre*

*Oxum do seio cheio*

*Ora Ieiê, me proteja*

*És o que tenho –*

*Me receba.*

Delicadeza, sensualidade e m aternidade são alguns dos atributos elencados e cantados nesse oriki.

**PONTOS CANTADOS**

*Eu vi Mamãe Oxum chorando*

*Foi uma lágrima que eu fui Apará (2X)*

*Ora iê iê, oh minha Mãe Oxum*

*Oh deixa a nossa Umbanda melhorar (2X)*

*Eu vi Mamãe Oxum na cachoeira*

*Senta na beira do rio (2X)*

*Colhendo lírio lírio ê, colhendo lírio lírio ah Colhendo lírio pra enfeitar o seu congá (2X)*

Associada às águas doces, às cachoeiras, por vezes chorando (lágrim as: pequenas cachoeiras que brotam dos olhos, da alm a), Oxum é a m ãe am orosa.

No prim eiro ponto há um trocadilho entre o verbo “aparar” e a qualidade

“Apará” de Oxum , guerreira que, além do espelho, carrega um a espada e cam inha com Ogum e Iansã.

**MPB**

É d’Oxum

(Geronim o Santana/Vevé Calazans)

*Nessa cidade todo mundo é d’Oxum*

*Homem, menino, menina, mulher*

*Toda essa gente irradia a magia*

*Presente na água doce*

*Presente na água salgada e toda cidade brilha*

*Presente na água doce*

*Presente na água salgada e toda cidade brilha*

*Seja tenente ou filho de pescador*

*Ou importante desembargador*

*Se dar presente é tudo uma coisa só*

*A força que mora n'água*

*Não faz distinção de cor*

*E toda cidade é d'Oxum*

*A força que mora n'água*

*Não faz distinção de cor*

*E toda cidade é d'Oxum*

*É d'Oxum, é d'Oxum ô, é d'Oxum*

*Refrão*

*Eu vou navegar*

*Eu vou navegar nas ondas do mar eu vou*

*Navegar, eu vou navegar*

*Eu vou navegar nas ondas do mar eu vou*

*Navegar, eu vou navegar*

*Eu vou navegar nas ondas do mar eu vou*

*Navegar, eu vou navegar, é d'Oxum*

"É d'Oxum " tornou-se verdadeiro hino da cidade de Salvador, não havendo festa pública, apresentação m usical e outros em que não sej a tocada, cantada, coreografada e acom panhada por todos.

Oração de Mãe Menininha

(Dorival Cay m m i)

*Ai! Minha mãe*

*Minha mãe Menininha*

*Ai! Minha mãe*

*Menininha do gantoise*

*A estrela mais linda, hein*

*Tá no gantoise*

*E o sol mais brilhante, hein*

*Tá no gantoise*

*A beleza do mundo, hein*

*Tá no gantoise*

*E a mão da doçura, hein*

*Tá no gantoise*

*O consolo da gente, ai*

*Tá no gantoise*

*E a Oxum mais bonita hein*

*Tá no gantoise*

*Olorum quem mandou essa filha de Oxum*

*Tomar conta da gente e de tudo cuidar*

*Olorum quem mandou eô ora iê iê ô*

Ícone do Candom blé, conhecida por sua doçura, Menininha era filha de Oxum , da qualidade Merim .

Com o relato em m eu livro *Xirê: Orikais – Canto de amor aos Orixás*, em m inha infância, eu ouvia fascinado m inha m ãe cantar os versos de “Oração à Mãe Menininha”: *ai, minha mãe, minha mãe Menininha*, pois achava tão sensível ela cham ar a própria m ãe, idosa e j á desencarnada, de m enininha. Não im aginava haver um a ialorixá com esse nom e, esse apelido carinhoso. Tam bém m inha m ãe usava

em m inha infância perfum e de alfazem a, aquele m esm o cheiro bom das festas de largo de Salvador que eu frequentaria anos depois, o m esm o com que gosto de perfum ar m inha Mãe Oxum .

Minha prim eira ida ao Gantois se deu depois de várias estadas em Salvador, acom panhado por um a das idealizadoras do Mem orial de Mãe Menininha, a restauradora Norm a Cardins, a quem m uito agradeço e quem costum o cham ar de dona das ruas da Bahia, pelo acesso que m e franqueia a lugares históricos, reservas técnicas de m useus, festas e outros. De Norm a recebi, ainda, o exem plar de *Memorial Mãe Menininha do Gantois*, rico volum e com seleta do acervo do Mem orial, com a seguinte dedicatória: “Ele, esse exem plar, foi lançado no quarto dos santos antes do lançam ento oficial. Tem , sim , m uito Axé.”

O Canto de Oxum

(Vinícius de Moraes e Toquinho)

*Nhem-nhem-nhem*

*Nhem-nhem-nhem-xorodô*

*Nhem-nhem-nhem-xorodô*

*É o mar, é o mar*

*Fé-fé xorodô…*

*Xangô andava em guerra,*

*Vencia toda a terra,*

*Tinha, ao seu lado, Iansã*

*Pra lhe ajudar*

*Oxum era rainha,*

*Na mão direita tinha*

*O seu espelho, onde vivia*

*A se mirar*

*Quando Xangô voltou,*

*O povo celebrou*

*Teve uma festa que*

*Ninguém mais esqueceu*

*Tão linda Oxum entrou,*

*Que veio o rei Xangô*

*E a colocou no trono*

*Esquerdo ao lado seu.*

*Iansã, apaixonada,*

*Cravou a sua espada*

*No lugar vago que era*

*O trono da traição.*

*Chamou um temporal*

*E, no pavor geral,*

*Correu dali, gritando*

*A sua maldição:*

*“Eparrei, Iansã!”*

A canção recria a disputa entre Oxum e Iansã pelo am or de Xangô, retratada em tantos relatos m itológicos.

Quando o céu clarear

(Roque Ferreira)

*Quando o céu clarear por cima do meu congado*

*Oxum vai descer com Xangô num cortejo dourado*

*Flor que a noite adormeceu vai despertar, perfumar o Rio, a fonte, a lagoa e a beira do mar*

*Oxum vai se banhar nos braços de Xangô quando céu Clarear*

*Quando o céu clarear, quando o céu clarear, vou levar Meu amor pra lá quando o céu clarear [refrão 2x]*

*O meu amor vai se iluminar quando o povo das águas Chegar e a estrela de Oxum brilhar*

*Obá de Xangô vai batendo o tambor pra meu amor Dançar*

*Quando o céu clarear…*

O am or de Oxum por Xangô, a relação entre a água e o fogo, a síntese entre esses dois elem entos dão o tom dessa canção.

Oxum para crianças

Este texto eu escrevi para crianças, num ciclo de narrativas e relatos sobre Iabás:

Oxum é m enina que gosta de rios e cachoeiras, sem pre dengosa, bem -vestida, aprum ada. Adora arrum ar os cabelos ao som das águas e se olhar no espelho para ver com o está o penteado.

Por onde Oxum passa os peixes tam bém navegam , trazendo colorido para as águas. Oxum senta-se nas pedras e acaricia o dorso dos peixes com os pés.

Gosta de dançar na areia, à luz da lua. Pisa m ansinho, m iudinho, quase não se escutam seus passos.

Os pássaros com em em suas m ãos, pois sentem -se em casa. Sentem tam bém o am or e a doçura de Oxum . Ela gosta de alegria, m úsica, poesia, festa. Quer ver Oxum contente é convidá-la pra um a festa!

Oxum tam bém gosta m uito de flores, em especial as am arelas. Im agine sua alegria quanto vê um cam po de girassóis! Seus am igos costum am fazer a seguinte surpresa: preparam um balaio bem bonito com flores e vão devagarinho até a beira do rio, colocam o balaio nas águas, batem palm as e cantam . Quando Oxum se vira para ver de onde vem tanta festa, o balaio segue a correnteza em

sua direção, ela sorri e abre os braços para receber o presente. Todos ficam m uito contentes. Outros preferem colocar rosas perto da cachoeira, que ela recolhe. Há tam bém am igos que preferem plantar flores perto de um a cachoeira, para ela poder passear entre elas, até m esm o se sentar ali, aj eitar a roupa e, claro, aj eitar os cabelos.

Quando Oxum cam inha, na verdade ela dança! E não poderia ser diferente: o som de suas pulseiras convida o corpo a um a coreografia suave, ritm ada.

Seu sorriso é sincero, acolhedor. Porém , com o não existem apenas águas calm as, m as corredeiras fortes e rodam oinhos, Oxum tam bém se zanga, em especial com toda a suj eira, todo o lixo j ogados sem suas águas. Então seu olhar fica firm e, ela bota a m ão na cintura, bate o pezinho e aponta o dedo na direção dos suj ism undos, pedindo que tom em m ais cuidado com os rios, as nascentes, com todas as águas. Ensina as crianças a não escovarem os dentes com a torneira aberta, a beberem água enquanto brincam e estudam , a não entrarem em águas onde não dá pé e a correnteza é braba.

No geral, Oxum resolve tudo na m aior calm a. Um dia, alguém estava m uito nervoso e queria discutir com Oxum . Ela deixou a pessoa esperando um bocado de tem po enquanto arrum ava os cabelos, aj eitava as pulseiras, enfim . Quando term inou de se arrum ar, a pessoa j á havia ido em bora e nem estava m ais irritada.

Oxum adora com er com os am igos à beira d´água, curtindo a paisagem . Gosta m uito de banana frita e ipeté (feito à base de inham e), om olucum (prato preparado com feij ão fradinho), m oqueca e pirão de peixe. De sobrem esa, prefere quindim , aquele bem -feitinho, parecendo um sol.

Assim é Oxum , essa m enina.

## *I A NSÃ*

Orixá guerreira, senhora dos ventos, das tem pestades, dos trovões e tam bém dos espíritos desencarnados (eguns), conduzindo-os para outros planos, ao lado de Obaluaê. Divindade do rio Níger, ou Oy a, é sensual, representando o arrebatam ento, a paixão. De tem peram ento forte, foi esposa de Ogum , e depois a m ais im portante esposa de Xangô (am bos tendo o fogo com o elem ento afim ).

Irrequieta e im petuosa, é a senhora do m ovim ento e, em algum as casas, tam bém a dona do teto da própria casa.

Um a de suas funções espirituais é trabalhar a consciência dos desencarnados que estão à m argem da Lei, para, então, poder encam inhá-los a outra linha de evolução.

Características

Anim ais: borboleta (inseto), cabra am arela, coruj a raj ada.

Bebida: cham panhe.

Chacras: cardíaco e frontal.

Cor: am arela (coral).

Com em oração: 04 de dezem bro (Santa Bárbara).

Com idas: acaraj é, ipeté, bobó de inham e.

Contas: coral – am arelo, bordô, m arrom ou verm elho.

Dia da sem ana: quarta-feira.

Elem ento: fogo.

Elem entos incom patíveis: abóbora, rato.

Ervas: cana-do-brej o, erva-prata, espada-de-Iansã, folha-de-louro (m enos para banho), erva-de-santa-bárbara, folha-de-fogo, colônia, m itanlea, folha da canela, peregum am arelo, catinga-de-m ulata, parietária, pára-raio.

Essência: patchouli.

Flores: am arelas ou corais.

Metal: cobre.

Pedras: coral, cornalina, granada, rubi.

Planetas: Júpiter, Lua.

Ponto da natureza: bam buzal.

Saudação: *Eparrei!* (Salve!)

Sím bolos: iruquerê, raio.

Sincretism o: Santa Bárbara, Santa Joana dÁrc, Santa Catarina.

**SINCRETISMO**

SANTA BÁRBARA

(04 de dezem bro)

* * *

* * *

Segundo a tradição, Bárbara vivia encarcerada num a torre pelo próprio pai.

Convertida à fé cristã, fugiu e foi condenada à m orte. O pai, substituindo o algoz, cortou-lhe o pescoço com um a espada, sendo, então, atingido por um raio.

**REG ISTROS**

*Itãs*

Oiá não podia ter filhos e, então, consultou um babalaô, que lhe aconselhou a fazer um a oferenda com carneiro (agutã), búzios e roupas coloridas.

Iansã cum priu o com binado à risca e teve nove filhos. Quando ia ao m ercado vender azeite de dendê todos com entavam "Lá vai Iansã!", ou sej a, "Lá vai aquela que se tornou m ãe nove vezes!".

Em sinal de respeito e gratidão, Iansã não m ais com eu carneiros.

Iansã não podia ter filhos e por isso procurou um babalaô11. Ele lhe explicou que engravidaria som ente quando fosse possuída violentam ente por um hom em .

Xangô, um dia, possuiu Iansã com violência e ela deu à luz nove filhos. Dos nove, oito eram m udos, e Iansã procurou novam ente o babalaô, que lhe disse para fazer oferendas.

Algum tem po depois nasceu um filho que não era m udo, m as tinha a voz bem rouca, cavernosa. Esse filho era Egungum , ancestral de cada fam ília e cada cidade.

Quando Egungum vem dançar com seus descendentes, usando suas param entas específicas, a única m ulher diante da qual ele se curva é Iansã.

O sacerdote de Ifá é o Babalaô ("pai do segredo"; não confundir com o babalaô de Um banda, sinônim o de dirigente espiritual ou babá). O Alabá é o chefe dos Oluôs (o oluô é um grau entre os sacerdotes de Ifá), sendo alabá tam bém o sacerdote-chefe da sociedade secreta Egungum , bem com o título de honra de algum as autoridades do

Candom blé, o que não deve ser confundido. O iniciante é cham ado de Kekereaô-Ifá, tornando-se Om o-Ifá (filho de Ifá) após o cham ado pacto. O sistem a divinatório de Ifá, aliás, não se restringe apenas aos búzios, m as abarca outras técnicas, dentre elas os iquines (16 caroços de dendê) e o opelê (corrente fina, aberta em duas, contendo cada parte 04 caroços de dendê). O

Culto a Ifá, cuj o patrono é Orunm ilá (sím bolo: cam aleão), tem crescido no Brasil, havendo diversas casas a ele dedicadas. Tanto Orunm ilá quanto Exu têm perm issão para estarem próxim os a Olorum quando necessário, daí sua im portância. Senhor dos destinos, Orunm ilá rege o plano onírico; é aquele que

* * *

sabe tudo o que se passa sob a regência de Olorum , no presente, no passado e no futuro. Tendo acom panhado Odudua na fundação de Ilê Ifé, é conhecido com o

“Eleri Ipin” (“testem unho de Deus” - aliás, sua saudação), “Ibikej i Olodum aré”

(“vice de Deus”), “Gbaiy egborun” (“o que está na terra e no céu”) e “Opitan Ifé” (“o historiador de Ifé”). Por ordens de Olorum , além de ter participado da criação da terra e do hom em , Orunm ilá auxilia cada um a viver seu cotidiano e a vivenciar seu próprio cam inho, isto é, o destino para seu Ori (Cabeça). Seus porta-vozes são os cham ados babalaôs (pais do segredo), iniciados especificam ente no culto a Ifá. No caso dos búzios, entretanto, os babalaôs são cada vez m ais raros, sendo os m esm os lidos e interpretados por Babalorixás, ialorixás e outros devidam ente preparados (a preparação e as form as de leitura podem variar bastante do Candom blé para a Um banda e de acordo com a orientação espiritual de cada casa e cada ledor/ledora). Cada ser hum ano é ligado diretam ente a um Odu, que lhe indica seu Orixá individual, bem com o sua identidade m ais profunda.

Oiá recebeu o conselho de sem pre estar ao lado de seu m arido, Xangô, e de não retornar à sua terra natal, onde estava sua fam ília.

Com o coração dividido, desconsiderou o conselho e retornou a Irá. Porém , um dia, recebeu a notícia da m orte de Xangô e ficou tão triste que transform ou-se num rio, o Odô Oiá - tam bém conhecido com o rio Níger.

Iansã adorava suas j oias. Um dia quis sair de casa com elas, m as seus pais não perm itiram , argum entando que era perigoso.

Tem pestuosa, Iansã entregou suas j óias a Oxum e varou o teto da casa, voando, ventando.

A liberdade do vento é considerada superior à coqueteria e à vaidade, atributos de Oxum , em oposição à sensualidade eólica de Iansã.

*Orikis*

O oriki abaixo é um a transcriação feita por Antonio Risério.

Oriki de Oiá-Iansã

*Leopardo que come pimenta crua.*

*Mulher de vestes vistosas.*

*Cabaça rara, diante do marido.*

*Eparrei!*

*O que Xangô disser*

*Oiá logo saberá.*

*Ela entende o que Xangô*

*Nem chegou a falar.*

*E o que ele quiser dizer*

*Oiá dirá.*

*Ê Ê ê-par-rei!*

*Oiá, árvores desarvora.*

*Adeus, morte.*

*Minha mãe da roupa de fogo.*

*Nada de mentiras para ti.*

*Nada de mentiras para ti.*

*As marcas na tua pele que calam o alabé.*

*Oiá ô*

*Mulher neblina no ar.*

*Oiá, leopardo que come pimenta crua.*

Neste oriki, Iansã, m ãe e m ulher, m ais um a vez aparece em paralelism o com alguns atributos de Xangô.

**PONTOS CANTADOS**

*Iansã*

*Mulher divina do Axé*

*Eparrei, Oyá!*

*Santa Bárbara ela é (2X)*

*Já trovejou*

*Já relampeou*

*Sua espada luminosa*

*Ela segurou*

*Eram duas ventarolas, eram duas ventarolas*

*Que iam beirando o mar (2X)*

*Uma era Iansã, eparrei!*

*A outra era Iemanjá, Odociá! (2X)*

Na Um banda, ainda que pertencendo à cham ada Linha d´Água (Iabás), Iansã tam bém se associa ao vento, às tem pestades e ao tem po.

**MPB**

A Deusa dos Orixás

(Rom ildo S. Bastos e Toninho Nascim ento)

*Iansã, cadê Ogum? Foi pro mar (2X)*

*Mas Iansã, cadê Ogum? Foi pro mar (2X) Iansã penteia os seus cabelos macios*

*Quando a luz da lua cheia clareia as águas do rio Ogum sonhava com a filha de Nanã*

*E pensava que as estrelas eram os olhos de Iansã Mas Iansã, cadê Ogum? Foi pro mar (2X)*

*Iansã, cadê Ogum? Foi pro mar (2X)*

*Na terra dos orixás, o amor se dividia*

*Entre um deus que era de paz*

*E outro deus que combatia*

*Como a luta só termina quando existe um vencedor Iansã virou rainha da coroa de Xangô*

*Mas Iansã, cadê Ogum? Foi pro mar (2X)*

*Iansã, cadê Ogum? Foi pro mar (2X)*

Deixa a gira girar

(Mateus Aleluia, Dadinho e Heraldo)

*Meu Pai veio de Aruanda*

*E a nossa Mãe é a Iansã*

*Meu Pai veio de Aruanda*

*E a nossa Mãe é a Iansã*

*Oh gira deixa a gira girar*

*Oh gira deixa a gira girar*

*Deixa a gira girar, saravá Iansã!*

*É Xangô e Iemanjá*

*Deixa a gira girar*

*Oh gira deixa a gira girar*

*Oh gira deixa a gira girar*

Dois clássicos da MPB que consagraram Iansã e outros Orixás no im

aginário da cultura afro-brasileira, levando conceitos religiosos e espirituais, m itos e tradições para fora dos m uros dos terreiros.s

## *NA NÃ*

Associada às águas paradas e à lam a dos pântanos, Nanã é a decana dos Orixás. De origem daom eana, incorporada ao panteão iorubá, foi a prim eira esposa de Oxalá, tendo com ele três filhos: Iroko (ou Tem po), Obaluaê (ou Om olu) e Oxum aré.

Senhora da vida (lam a prim ordial) e da m orte (dissolução do corpo físico na terra), seu sím bolo é o ibiri, feixe de ram os de folha de palm eiras, com a ponta curvada e enfeitado com búzios. Segundo a m itologia dos Orixás, trata-se do único Orixá a não ter reconhecido a soberania de Ogum por ser o senhor dos m etais: porm etais. Por isso, nos Cultos de Nação, o corte (sacrifício de anim ais) feito a Nanã nunca é feito com faca de m etal. Presente na chuva e na garoa: banhar-se com as águas da chuva é banhar-se no e com o elem ento de Nanã.

No tocante à reencarnação, envolve o espírito num a irradiação única, diluindo os acúm ulos energéticos e adorm ecendo sua m em ória, de m odo a ingressar na nova vida sem se lem brar das anteriores. Representa, ainda, a m enopausa, enquanto Oxum estim ula a sexualidade fem inina e Iem anj á, a m aternidade.

Nanã rege a m aturidade, bem com o atua no racional dos seres.

Características

Anim ais: cabra, galinha e pata brancas.

Bebida: cham panhe.

Chacras: frontal e cervical (nishudda).

Cores: roxo ou lilás (branco e azul).

Com em oração: 26 de j ulho (SantÁna).

Com idas: aberum , feij ão preto com purê de batata doce, m ungunzá.

Contas: contas, firm as e m içangas de cristal lilás.

Corpo hum ano e saúde: dor de cabeça e problem as intestinais.

Dias da sem ana: sábado, segunda-feira.

Elem ento: água.

Elem entos incom patíveis: lâm inas, m ultidões.

Ervas: m anj ericão roxo, ipê roxo, colônia, folha-da-quaresm a, erva-de-passarinho, dam a-da-noite, canela-de-velho, salsa-da-praia, m anacá.

Essências: dália, lim ão, lírio, narciso, orquídea.

Flores: roxas.

Metais: latão, níquel.

Pedras: am etista, cacoxenita, tanzanita.

Planetas: Lua e Mercúrio.

Pontos da natureza/de firm eza: águas profundas, cem itérios, lam a, lagos, pântanos.

Saudação: *Saluba, Nanã!* (“Nós nos refugiam os em Nanã!”; ou “Salve a

* * *

* * *

Senhora da Lam a/do Poço!”, ou ainda “Salve a Senhora da Morte!”)
Sím bolos: chuva, ibiri.

Sincretism o: SantÁna.

**SINCRETISMO**

NOSSA SENHORA DE SANTÁNA

(26 de j ulho)

Segundo a tradição, m ãe de Maria e, portanto, avó de Jesus. Esposa de São Joaquim .

**REG ISTROS**

*Itãs*

Quando recebeu ordens de Olorum para criar o hom em , Oxalá se utilizou, sem sucesso, de várias m atérias-prim as.

Tentou o ar, m as o hom em se desfez rapidam ente. Experim entou a m adeira, m as o hom em ficou m uito duro. O m esm o, e com m ais intensidade, aconteceu com a pedra. Com o fogo, nada feito, pois o hom em se consum iu. Oxalá tentou outros elem entos, com o água e azeite.

Então Nanã, com seu ibiri, apontou para o fundo do lago e de lá retirou a lam a, que entregou a Oxalá para ele fazer o hom em . Deu certo: o hom em foi m odelado de barro e, com o sopro de Olorum , ganhou vida.

Quando m orre, o corpo físico do hom em retorna à terra de onde veio por em préstim o de Nanã.

Nanã, a força do fem inino com o co-participante da criação do hom em .

*Animus* e *anima* integrados.

Nanã teve dois filhos: Oxum aré e Om olu. Oxum aré era lindo, Om olu era feio.

Então Nanã cobriu Om olu com palhas para que não fosse visto e ninguém risse dele.

Quanto a Oxum aré, que tinha a beleza do hom em , da m ulher e das cores, Nanã o elevou até o céu e aí o pregou, onde pode ser adm irado em suas cores, quando o arco-íris vem com a chuva.

No fundo, os dois filhos passaram a viver solitariam ente e longe da m ãe. A partir do itã, pode-se refletir sobre a opção entre “criar os filhos para o m undo”

ou superprotegê-los.

Nanã e Ogum eram rivais.

Ogum é o senhor do ferro, do aço e dos m etais. Sem ele, não havia sacrifícios.

Por isso era sem pre louvado, lem brado antes dos sacrifícios rituais.

Irritada com o devotam ento a Ogum , Nanã afirm ou que não precisaria m ais dele. Ogum perguntou com o com eria sem faca. Nanã decretou que os sacrifícios a ela seriam feitos sem faca e, portanto, sem a necessidade de se pedir licença a Ogum .

Passado e presente degladiam . Tecnologia e m udanças. A m etalurgia se sobrepondo às eras em que o ferro não era de todo conhecido ou utilizado.

*Orikis*

O oriki abaixo (ou fragm ento) foi coletado e traduzido por Pierre Verger.

*Proprietária de um cajado.*

*Salpicada de vermelho, sua roupa parece coberta de sangue.*

*Orixá que obriga os fon a falar nagô.*

*Minha mãe era inicialmente da região bariba.*

*Água parada que mata de repente.*

*Ela mata uma cabra sem utilizar a faca.*

O oriki apresenta alguns aspectos da m igração histórica do culto a Naña, bem com o o respeito à particularidade da não-utilização da faca de m etal.

**PONTOS CANTADOS**

*São flores, Naña, são flores*

*São flores Naña Buruquê*

*São flores, Naña, são flores*

*De meu Pai Obaluaê (2X)*

*Na hora da agonia*

*É ele quem vem nos valer*

*É seu filho, Naña, é meu pai, Naña*

*Ele é Obaluaê (2X)*

*Oh Naña Adjaosi, olha eu*

*Oh Naña Adjaosi, olha eu*

*Oh Naña, o que pedir*

*Você me dá*

*Oh Nanã o que eu pedir*

*Você me dá*

Em am bos os pontos Nanã aparece associada a Obaluaê (Adj aosi é um a qualidade de Nanã que cam inha com Om olu).

**MPB**

Cordeiro de Nanã

(Mateus Aleluia)

*Fui chamado de cordeiro mas não sou cordeiro não Preferir ficar calado que falar e levar não*

*O meu silencio é uma singela oração a minha santa de fé Meu cantar vibra as forças que sustentam meu viver Meu cantar é um apelo que eu faço a Nanã ê*

*SOU DE NANÃ Ê UÁ Ê UÁ Ê UÁ Ê*

*SOU DE NANÃ Ê UÁ Ê UÁ Ê UÁ Ê*

*SOU DE NANÃ Ê UÁ Ê UÁ Ê UÁ Ê*

*O que peço no momento é silêncio e atenção*

*Quero contar sofrimento que passamos sem razão O meu lamento se criou na escravidão que forçado passei Eu chorei, sofri as duras dores da humilhação*

*Mas ganhei pois eu trazia Nanã ê no coração*

SOU DE NANÃ Ê UÁ Ê UÁ Ê UÁ Ê

SOU DE NANÃ Ê UÁ Ê UÁ Ê UÁ Ê

SOU DE NANÃ Ê UÁ Ê UÁ Ê UÁ Ê

A paciência e a sabedoria de Nanã orientam a voz poética, segundo seu relato.

**NANÃ PARA CRIANÇAS**

Este texto eu escrevi para crianças, num ciclo de narrativas e relatos

sobre Iabás.

Nanã é a avó de quem todos tom am a bênção. É a m atriarca doce e firm e que protege filhos e netos. Velhinha bastante anim ada, adora dançar com seus passos lentos. Com o seu ritm o é m ais suave, Nanã gosta de viver m ais recolhida, onde houver águas paradas, em águas profundas, nos lagos e nos pântanos, por exem plo. Tam bém pode ser vista passeando nos cem itérios, com o a lem brar a todos nós que nossos corpos um dia vão se j untar à terra, ao pó, à lam a.

Carrega sem pre consigo o ibiri, um a espécie de feixe de ram os de folhas de palm eiras, com a ponta recurvada e enfeitado com búzios. Com ele nos braços, com o a em balar um bebê, Nanã faz sua coreografia, em especial na chuva e na garoa: é um a avozinha radical!

Anda sem pre arrum adinha, alinhada, não gosta de suj eira ou bagunça. Sua cor preferida é o roxo, ou m esm o o lilás. Gosta m uito de receber flores com essas cores. Não dispensa um bom prato: aberum (m ilho torrado e pilado), feij ão preto com purê de batata doce e, de sobrem esa, m ungunzá (canj ica).

Os m ais velhos contam que, quando recebeu ordens de Olorum (Deus Suprem o) para criar o hom em , Oxalá (Pai Maior dos Orixás) se utilizou, sem sucesso, de várias m atérias-prim as. Tentou o ar, m as o hom em se desfez rapidam ente. Experim entou a m adeira, m as o hom em ficou m uito duro. O

m esm o, e com m ais intensidade, aconteceu com a pedra. Com o fogo, nada feito, pois o hom em se consum iu. Oxalá tentou outros elem entos, com o água e azeite. Nada funcionava. Então Nanã, com seu ibiri, apontou para o fundo do lago e de lá retirou a lam a que entregou a Oxalá para ele fazer o hom em . Deu certo: o hom em foi m odelado de barro e, com o sopro de Olorum , ganhou vida. Por isso, quando m orre, o corpo físico do ser hum ano retorna à terra de onde veio por em préstim o de Nanã, aquela que passeia pelos cem itérios.

Assim é Nanã, essa m atriarca.

### *I E M A NJ Á*

Considerada a m ãe dos Orixás, divindade dos Egbé, da Nação Iorubá, está ligada ao rio Yem oj á. No Brasil, é a rainha das águas e dos m ares. Protetora de pescadores e j angadeiros, suas festas são m uito populares no país, tanto no Candom blé quanto na Um banda, especialm ente no extenso litoral brasileiro.

Senhora dos m ares, das m arés, da onda, da ressaca, dos m arem otos, da pesca, da vida m arinha em geral.

Conhecida com o Deusa das Pérolas, é o Orixá que apara a cabeça dos bebês na hora do nascim ento. Rege os lares, as casas, as uniões, as festas de casam ento, as com em orações fam iliares. Responsável pela união e pelo sentido de fam ília, sej a por laços consanguíneos ou não.

Características

Anim ais: peixe, cabra branca, pata ou galinha branca.

Bebidas: água m ineral, cham panhe.

Chacra: frontal.

Cor: cristal (branco, azul claro, rosa claro, verde claro).

Com em orações: 02 de fevereiro, 08 de dezem bro, 15 de agosto.

Com idas: arroz, canj ica, cam arão, m am ão, m anj ar, peixe.

Contas: contas e m içangas de cristal, com firm as em cristal.

Corpo hum ano e saúde: psiquism o, sistem a nervoso.

Dia da sem ana: sábado.

Elem ento: água.

Elem entos incom patíveis: poeira, sapo.

Ervas: colônia, pata-de-vaca, em baúba, abebê, j arrinha, golfo, ram a-de-leite.

Essências: j asm im , rosa branca, crisântem o, orquídea.

Flores: rosas brancas, palm as brancas, angélicas, orquídeas e crisântem os brancos.

Metal: prata.

Pedras: água m arinha, calcedônia, lápis-lazúli, pérola, turquesa.

Planeta: Lua.

Ponto da natureza: m ar.

Saudações: *Odoya!* , *Odoyá!* ou *Odofiaba!* (“Mãe das Águas!”) Sím bolos: lua m inguante, ondas, peixes.

Sincretism o: N. sra. das Candeias, N. sra. da Glória, N. sra. dos Navegantes, N.

sra. da Im aculada Conceição.

**SINCRETISMO**

NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

(Festa: 02 de fevereiro)

Celebrada em diversas localidades do país, em rios e m ares. Principalm ente as casas de Candom blé festej am Iem anj á nessa data, em diversos pontos do litoral brasileiro.

NOSSA SENHORA DAS CANDEIAS

Tam bém celebrada em 02 de fevereiro, trata-se da festa de purificação de Nossa Senhora, conform e os preceitos j udaicos.

NOSSA SENHORA DA GLÓRIA

(Festa: 15 de agosto)

A data associava-se, ainda, à Assunção de Nossa Senhora, que passou a ser celebrada no dom ingo seguinte ao 15 de agosto, em alteração do calendário da Igrej a Católica para atender às particularidades do povo brasileiro.

NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

(Festa: 08 de dezem bro)

Enquanto no Candom blé geralm ente se celebra Oxum nessa data, na Um banda a m aioria das casas festej a Iem anj á, em vários pontos do litoral brasileiro. A Im aculada Conceição de Maria é um dogm a da Igrej a Católica, proclam ado solenem ente pelo Papa Pio em 1854, em bora houvesse antecedentes na história da Igrej a.

**REG ISTROS**

*Itãs*

Obatalá e Odudua12, Céu e Terra, geraram Aganj u e Iem anj á.

Aganj u e Iem anj á geraram Orungã, apaixonado pela própria m ãe.

Um dia, com o pai ausente, Orungã violentou Iem anj á, que, estarrecida, fugiu em disparada, perseguida por ele. Quando estava prestes a ser alcançada, Iem anj á caiu. Seu corpo cresceu e cresceu, com o vales e m ontanhas. Dos seios surgiram dois rios, que se j untaram num a lagoa, da qual se form ou o m ar.

De seu ventre, que tam bém havia crescido de m odo incom um , nasceram os Orixás.

Diversos m itos abordam questões de tabu, com o o incesto. Toda a fem inilidade de Iem anj á favorece a reprodução: dos seios túrgidos surgem as águas, fundam entais para a existência; do ventre, nascem os Orixás.

Iem anj á, com o seu com panheiro Aganj u, é fruto do Céu e da Terra: as polaridades horizontais (m asculino e fem inino) conj ugam -se a partir das polaridades verticais (Céu e Terra), corpo e espírito fundam entando a existência.

* * *

* * *

Iem anj á, m uito linda, um dia veio à praia e conheceu um pescador, levando-o para sua m orada no fundo do m ar. Am aram -se com ardor; porém , por ser hum ano, o pescador m orreu afogado. Iem anj á, então, devolveu seu corpo, sem vida.

Desej osa de am ar, a cada noite se enam ora de um pescador que saiu ao m ar, leva-o para as profundezas, am am -se, o hom em m orre afogado e o corpo é devolvido à praia.

Por esse m otivo, noivas e esposas pedem a Iem anj á que não leve seus hom ens e lhe ofertam presentes.

Odudua, aqui, assim com o em diversas fontes, aparece com o elem ento fem inino

- o que, segundo Verger, resulta da confusão feita com Yem owo por parte de autores que, ao longo do tem po, copiaram -se m utuam ente.

Narrativa em que o elem ento m asculino aparece m orto a cada ato sexual, sendo necessário que se encontre outro, à prim eira vista assem elha-se à narrativa-base de Scherazade, em que a cada m anhã a

esposa do príncipe Shariar era m orta, sendo necessária nova núpcia. Contudo, no itã, lido em profundidade, o elem ento am oroso não é anulado: antes é dissociado do físico, do corpóreo, do m aterial, para adentrar no plano dos m istérios. O corpo pertence à terra (praia), o espírito pertence ao infinito (profundeza dos oceanos) - que, certam ente, aqui pode ser lido com o sinônim o da eternidade. O corpo não é negado (pois ele, aliás, é im prescindível para a conj ugação carnal), m as com preendido com o fundam ental para esta existência, e não para viagens (m ergulhos) m ais profundos.

Desde o início da criação, os seres hum anos com eçaram a poluir o m ar. Por essa razão, Iem anj á e sua casa viviam suj as. Então Iem anj á foi reclam ar com Olorum , que lhe deu o poder de devolver à praia tudo o que suj asse as águas do m ar. Surgiram , assim , as ondas, que devolvem à terra o que não pertence ao m ar.

Itã de m atiz ecológica sobre a responsabilidade de cuidar do que é seu e de todos, antes que a natureza reaj a com veem ência.

Evoca a Lei de Ação e Reação, segundo a qual tudo o que se m obiliza energeticam ente produz um a força reativa na m esm a proporção - o que, popularm ente e por influência de diversos segm entos da Espiritualidade da Índia, se conhece com o karm a.

*Orikis*

O oriki abaixo é um a transcriação literária de Antonio Risério a partir do iorubá:

Oriki de Iem anj á

*Iemanjá que se estende na amplidão*

*Aiabá que vive na água funda*

*Faz a mata virar estrada*

*Bebe cachaça na cabaça*

*Permanece plena em presença do rei.*

*Iemanjá se revira quando vem a ventania*

*Gira e rodopia em volta da vila.*

*Iemanjá descontente destrói pontes.*

*Come na casa, come no rio.*

*Mãe senhora do seio que chora.*

*Pelo espesso na buceta*

*Buceta seca no sono*

*Como inhame ressequido.*

*Mar, dono do mundo, que sara qualquer pessoa.*

*Velha dona do mar.*

*Fêmea-flauta acorda em acordes na casa do rei.*

*Descansa qualquer um em qualquer terra.*

*Cá na terra, cala - à flor d'água, fala.*

A Rainha do Mar, em sua plenitude de fem inilidade, sensualidade erotism o, com características bastante hum anas.

O oriki abaixo foi recolhido por Pierre Verger:

*Rainha das águas que vem da casa de Olokum.*

*Ela usa, no mercado, um vestido de contas.*

*Ela espera orgulhosamente sentada, diante do rei.*

*Rainha que vive nas profundezas das águas.*

*Ela anda à volta da cidade.*

*Insatisfeita, derruba as pontes.*

*Ela é proprietária de um fuzil de cobre.*

*Nossa mãe de seios chorosos.*

Este oriki privilegia aspectos da m aternidade, da m ãe-nutriz altaneira, cuj as características são m arinhas (origem , vestim entas), dotada da força e do poder das águas.

**PONTOS CANTADOS**

*Eu vou levar*

*Vou levar flores no mar*

*Eu vou jogar!*

*Uma promessa eu fiz*

*Para a deusa do mar*

*O meu pedido atendeu*

*Eu prometi, vou pagar*

*Eu vou jogar!*

*Vou jogar flores no mar*

*Eu vou jogar!*

A fé, a confiança e a gratidão a Iem anj á dão a tônica deste ponto. Não se trata de um “tom a lá, dá cá” espiritual, e, sim , de um a troca energética que resulta num presente filial ofertado à m ãe, que protege, am para e sabe das reais necessidades de seus filhos.

*Iê Iemanjá*

*Iê Iemanjá*

*Rainha das ondas, sereia do mar*

*Rainha das ondas, sereia do mar*

*Como é lindo o canto de Iemanjá*

*Ele faz o pescador chorar*

*Quem escuta a mãe d’água cantar*

*Vai com ela pro fundo do mar*

*Iemanjá!*

*Iê Iemanjá*

*Iê Iemanjá*

*Rainha das ondas, sereias do mar*

*Rainha das ondas, sereias do mar*

O m ar, ponto de força por excelência de Iem anj á, é pleno de am or, que leva até um pescador (arquétipo do m asculino vivido e experim entado nas durezas do m ar, isto é, da vida) a se encantar e se em ocionar. Ir ao fundo do m ar ao ouvir o canto de Iem anj á não significa necessariam ente se afogar, e, sim , penetrar, ao m enos em parte, em seus m istérios, conectando-se com esse Orixá.

*Eu vou à Praia Grande*

*Eu vou pro mar*

*Levar botões de rosas*

*Pra Iemanjá*

*Eu vou à praia*

*Vou riscar ponto na areia*

*Vou pedir à Mãe Sereia*

*Todas as forças do mar*

*Que nos proteja*

*Com seu manto inteiro branco*

*E com todos os encantos*

*Que tem as ondas do mar*

Praia Grande é um dos grandes centros de peregrinação do litoral paulistano, em especial na festa de 08 de dezem bro - que, de tantos terreiros que afluem à cidade, teve de ser desm em brada em dois finais de sem ana. A cidade associa-se a Iem anj á de form a sim biótica, tanto no que tange às casas religiosas de m atriz africana, quanto no im aginário de turistas e curiosos em acom panhar os trabalhos.

**MPB**

Conto de areia

*(Letra e música: Romildo Bastos e Toninho Nascimento) É água no mar,*

*É água no mar é maré cheia ô, mareia ô, mareia, Contam que toda tristeza que tem na Bahia,*

*Nasceu de uns olhos morenos molhados de mar,*

*Não sei se é conto de areia ou se é fantasia,*

*Que a luz da candeia alumia pra gente contar,*

*Um dia a morena enfeitada de rosas e rendas,*

*Abriu seu sorriso de moça e pediu pra dançar,*

*A noite emprestou as estrelas bordadas de prata, E as águas de Amaralina eram gotas de luar,*

*Era um peito só cheio de promessa era só,*

*Era um peito só cheio de promessa era só,*

*Era um peito só cheio de promessa era só,*

*Era um peito só cheio de promessa era só,*

*Quem foi que mandou o seu amor se fazer de canoeiro, O vento que rola nas palmas arrasta o veleiro, E leva pro meio das águas de Iemanjá,*

*E o mestre valente vagueia olhando pra areia sem poder chegar, Adeus amor,*

*Adeus meu amor não me espera porque eu já vou-me embora, Pro reino que esconde os tesouros de minha senhora, Desfia colares de conchas pra vida passar,*

*E deixa de olhar pro veleiro,*

*Adeus meu amor eu não vou mais voltar,*

*Foi beira-mar, foi beira-mar quem chamou,*

*Foi beira-mar ê, foi beira-mar…*

*Foi beira-mar, foi beira-mar quem chamou,*

*Foi beira-mar ê, foi beira-mar…*

*É água no mar*

*É água no mar*

*É maré cheia ô*

*Mareia ô*

*Mareia*

*É água no mar*

*É água no mar*

*É maré cheia ô*

*É água no mar*

*Mareia ô*

Conform e o im aginário popular, a irresistível Iem anj á arrasta para seu reino os hom ens do m ar – voluntariam ente, com o reza a letra da canção, diante do fascínio da Rainha do Mar, de sua beleza e de seus m istérios.

A canção teve diversas gravações, contudo, foi eternizada pela voz de Clara Nunes.

Lenda das Sereias

(Vicente Mattos, Dinoel Sam paio, Arlindo Velloso) *Oguntê, Marabô*

*Caiala e Sobá*

*Oloxum, Ynaê*

*Janaina e Yemanjá*

*São rainhas do mar*

*Mar, misterioso mar*

*Que vem do horizonte*

*É o berço das sereias*

*Lendário e fascinante*

*Olha o canto da sereia*

*Ialaó, oquê, ialoá*

*Em noite de lua cheia*

*Ouço a sereia cantar*

*E o luar sorrindo*

*Então se encanta*

*Com as doces melodias*

*Os madrigais vão despertar*

*Ela mora no mar*

*Ela brinca na areia*

*No balanço das ondas*

*A paz ela semeia*

*Ela mora no mar*

*Ela brinca na areia*

*No balanço das ondas*

*A paz ela semeia*

*Toda a corte engalanada*

*Transformando o mar em flor*

*Vê o Império enamorado*

*Chegar à morada do amor*

*Oguntê, Marabô*

*Caiala e Sobá*

*Oloxum, Ynaê*

*Janaina e Yemanjá*

*São rainhas do mar*

Fonte inesgotável de m istérios, o m ar atrai a todos - em especial na lua cheia, associada ao rom antism o e à boa visão do que é noturno, m om ento especial para avistar e contem plar Iem anj á em seus dom ínios, brincando e espalhando seu Axé.

Tendo várias gravações, sendo a m ais conhecida a de Marisa Monte ( *MM*, de 1989), “Lenda das Sereias” foi sam ba enredo da Escola de Sam ba Im pério Serrano, em 1976 (“Lenda das Sereias, Rainhas do Mar”).

A canção evoca alguns nom es e qualidades de Iem anj á.

Unicam ente

(Deborah Blando)

*Vem sentir*

*A era das águas*

*O velho tempo terminou*

*Somos filhos*

*Da mãe natureza*

*Ventre do total amor*

*Segue-se a história*

*Herdada de Atlantis*

*Todo começo é o caos*

*A raça humana, eterna mutante*

*Nasce ao plano astral*

*Raiou o sol*

*Que haja luz no novo dia*

*A voz da fé*

*É a sombra que te guia*

*Eu vou buscar*

*No silêncio do teu mar*

*Linda sereia*

*Odoia Yemanjá*

*Nas ondas*

*Que lavam a terra*

*Vem tecendo um espiral*

*Tom sereno*

*Que pulsa no mantra*

*Do teu canto sideral*

*Deusa da fonte*

*Rede gigante*

*Espelho do eterno altar*

*Dom da visão, do vôo distante*

*O sonho pra nos lembrar*

*Raiou o sol*

*Olha o mar, que alegria*

*Sentir você*

*É viver em harmonia*

*Eu vou buscar*

*Pedras brancas pra te dar*

*Linda sereia*

*Odoia Yemanjá*

*Vem sentir*

*Somos divinos*

*Grão de areia da razão*

*Num só corpo*

*De única mente*

*Esse é o motivo*

*Incerto destino*

*Tempo é uma ilusão*

*Íris da noite*

*Ela revela*

*A próxima dimensão*

*Raiou o sol*

*Que haja luz no novo dia*

*A voz da fé*

*É a sombra que te guia*

*Eu vou buscar*

*No silêncio do teu mar*

*Linda sereia*

*Odoia Yemanjá*

*Raiou o sol*

*Olha o mar que alegria*

*Sentir você*

*É viver em harmonia*

*Eu vou buscar*

*Pedras brancas pra te dar*

*Linda sereia*

*Odoia Yemanjá*

A era das águas, em que os filhos do Sol se reúnem para dançar integrados à natureza, desenrola-se na canção sob as bênçãos de Iem anj á, que inauguram um novo tem po.

Sexy Iem anj á

*(Pepeu Gomes)*

*A noite vai ter lua cheia*

*Tudo pode acontecer*

*A noite vai ter lua cheia*

*Quem eu amo vem me ver*

*Tem a ver com o mar*

*Um luar solar*

*É o amor que me incendeia*

*Vou sair de mim*

*Leve como o ar*

*E agradar minha sereia*

*Se ela me chamar*

*E quiser me amar*

*Eu vou, vou vou, vou vou vou vou vou, vou*

*Sexy Yemanja*

*Tudo a ver com o mar*

*A noite vai ter lua cheia*

*A noite vai ter lua cheia*

*Tudo pode acontecer*

*A noite vai ter lua cheia*

*Quem eu amo vem me ver*

*Vou me preparar, num banho de mar*

*Pronto pra ser todo seu*

*Vou amar demais, quero estar em paz*

*Entre nós só sexo e Deus*

*Se ela me chamar*

*E quiser me amar*

*Eu vou, vou vou, vou vou, vou, vou, vou, vou..*

*Sexy Yemanja*

*Tudo a ver com o mar*

*A noite vai ter lua cheia*

*A noite vai ter lua cheia*

*Quem eu amo vem me ver*

*A noite vai ter lua cheia*

*Olha a lua!*

*E tudo pode acontecer*

*Ai, papá*

*Eu só quero lembrar*

*Que a luz da lua*

*Vem do sol..*

*Ai, papá*

*Eu só quero lembrar*

*Que a luz da lua*

*Vien del sol…*

A sedução dos m istérios de Iem anj á, personificada em m ulher e num clim a rom ântico de lua cheia, de lual, com a sensualidade dos trópicos da Am érica Latina por vezes estandardizada (o texto em português se m escla a palavras em espanhol), num ritm o próxim o da salsa, é a tônica desta canção.

**IEMANJÁ PARA CRIANÇAS**

Este texto eu escrevi para crianças, num ciclo de narrativas e relatos sobre Iabás.

Iem anj á adora um a praia. Pode ser vista no m ar, descansando nas pedras, cam inhando lentam ente pela areia, sem pre form osa, altiva, atenta a seus filhos e aos pescadores, j angadeiros, surfistas, a todos que elegem o m ar com o seu santuário. Conhece o ritm o das ondas, os segredos das ondas, a localização de tesouros perdidos, as qualidades dos peixes. Em suas m ãos, até os tubarões se am ansam . As baleias cantam para Iem anj á, à noite, para ela dorm ir. Os golfinhos fazem acrobacias quando ela acorda e se espreguiça enquanto o sol se

abre.

Mãe dos peixes até no nom e (Iem anj á significa "Mãe cuj os filhos são peixes"), adora dançar. Por isso coordena a coreografia de seus filhos peixes e hum anos, assim com o a dança das ondas, das m arés, das ressacas.

Festa de Iem anj á é sinônim o de alegria, pois a m ãe é m uito querida. Festa para m ãe tem sem pre m uita gente, não é? Com Iem anj á não seria diferente, basta olhar o tam anho do quintal dela: todo o litoral brasileiro! Por ser m ãe experiente, sabe orientar para que as fam ílias, as uniões todas, os lares sej am harm oniosos, abençoados pela água e pelo sal. E os filhos gostam de ver a m ãe sem pre bonita, por isso lhe dão flores e perfum es.

Agora, quem nunca viu um a m ãe irritada? Quando Iem anj á encontra suj eira na praia (no m ar, na areia, nas pedras), fica m uito braba, cham a atenção, dá serm ão, bota as m ãos na cintura, inclina o corpo, aponta o dedo, ai, ai. Faz as ondas trazerem a suj eira de volta para que os filhos recolham sozinhos, com o crianças que têm de aprender a guardar os brinquedos. É m ãe carinhosa, m as não m im a filho nenhum …

Sábia e experiente, Iem anj á não é m ulher de fugir de problem as. Os m ais velhos contam que o Sol andava m uito cansado de tanto brilhar. Além disso, tudo andava se queim ando na Terra. Então Iem anj á propôs ao Sol que descansasse.

Com alguns raios de Sol que havia guardado por debaixo da saia, ela fez um novo astro, m ais suave, m enos intenso, que passou a ilum inar e refrescar a Terra enquanto o Sol dorm ia: a Lua. Enquanto o Sol

dorm e, as estrelas velam seu sono e a Lua dá conta do recado. No dia seguinte, tudo recom eça. Iem anj á, do m ar e das pedras, contem pla satisfeita sua invenção.

Iem anj á gosta de rosas e palm as brancas, crisântem os tam bém brancos, orquídeas, angélicas. Mulher vaidosa, geralm ente se veste de azul, com o o m ar (e o m ar não parece um a extensão do vestido de Iem anj á?). Às vezes aparece com o sereia, e a coisa m ais linda é vê-la penteando os cabelos à luz da lua ou de algum farol.

Os filhos lhe fazem festa com seus pratos preferidos: arroz, canj ica, cam arão, peixe. De sobrem esa, gosta de m am ão, m as não dispensa um bom m anj ar; afinal, festa é festa!

Assim é Iem anj á, essa m ãe.

**ORAÇÕES**

(Recolhidas por Ernesto Santana e Eulina dÍansã)

Prece a Iem anj á

*Poderosa força das águas,*

*Inaê, Janaína, Sereia do Mar, Saravá, minha Mãe Iemanjá!*

*Leva para as profundezas do teu mar sagrado.*

*Odoiá… Todas as minhas desventuras e infortúnios.*

*Traz do teu mar todas as forças espirituais,*

*Para alento de nossas necessidades.*

*Paz, esperança, Odofiabá…*

*Saravá, minha Mãe Iemanjá!*

*Odofiabá…*

Oração a Iem anj á

*Vós que governais as águas, derramai sobre a humanidade a vossa proteção. Ó*

*Divina Mãe, que uma descarga de limpeza caia sobre os corpos materiais e auras da humana gente, incutindo nos corações de todos o respeito e a*

*veneração a essa força da natureza que simbolizais.*

*Fluidificai, Senhora, nossos espíritos, descarregai de nossa matéria as impurezas. Permiti que vossas falanges organizadas nos protejam e amparem.*

*Assim também fazendo com toda a humanidade, Senhora Iemanjá, guardai-nos para todo o sempre. Salve, Iemanjá, salve a Rainha do Mar.*

Proteção de Iem anj á

*Rainha das águas salgadas, protetora dos sete mares, dona da Calunga Maior, com todas estas forças, Senhora, protege-me para que eu não caia em ciladas armadas pelo destino. Eu, que ele desconheço, te rogo, Mãe Iemanjá, assim como a senhora guarda e protege os tesouros do fundo do mar, me guarda e me protege.*

*Purifica, minha sagrada Mãe, tudo à minha volta e ao redor de todos que vivem comigo. Não permites, Senhora, que eu tome qualquer iniciativa perversa contra qualquer pessoa que de alguma forma queira me atingir. Dá-me forças para que eu perdoe, que eles sejam meus irmãos e meus amigos, na força das tuas águas.*

*Assim seja e assim será. Axé!*

Reza à Mam ãe Sereia

*Ó, Puríssima Senhora, que o reflexo que a lua faz nas tuas águas possa também recair sobre minhas necessidades. Que não haja trevas em minha vida, que a fé que deposito em teu axé possa ser a bússola do meu futuro, e que, com o teu manto sagrado cravejado de estrelas, ampare teus filhos das maléficas marolas da vida material. Que marolas do bem, governadas pela tua força, possam levar para o infinito as maldades que perseguem minha vida. Axé.*

## *O B A LU A Ê*

Obaluaê, com as variações de Obaluaê e Abaluaiê, tem culto originário no Daom é. Filho de Nanã, irm ão de Iroko e Oxum aré, tem o corpo e o rosto cobertos por palha-da-costa, a fim de esconder as m arcas da varíola, ou, segundo outras lendas, por ter o brilho do próprio sol e não poder ser olhado de frente. Foi criado por Iem anj á, pois Nanã o rej eitara por ser feio, m anco e com o corpo coberto de feridas.

Orixá responsável pelas passagens, de plano para plano, de dim ensão para dim ensão, da carne para o espírito, do espírito para a carne.

Orixá responsável pela saúde e pelas doenças, possui estreita ligação com a m orte. Enquanto sua m ãe se responsabiliza pela decantação dos espíritos que reencarnarão, Obaluaê estabelece o cordão energético que une espírito e feto, que será recebido no útero m aterno assim que tiver o desenvolvim ento celular básico, vale dizer, o dos órgãos físicos. Em linhas gerais, Obaluaê é a form a m ais j ovem do Orixá, enquanto Om olu é sua versão m ais velha, em bora para a m aioria as figuras e os arquétipos sej am idênticos.

Conhecido com o m édico dos pobres, com seu xaxará (feixe de piaçavas ou m aço de palha-da-costa, enfeitado com búzios e m içangas) afasta as enferm idades, trazendo a cura. Tam bém é o guardião das alm as que ainda não se libertaram do corpo físico e senhor da calunga (cem itério). Os falangeiros do Orixá são os responsáveis por desligar o cham ado cordão de prata (fios de agregação astral-físicos), responsável pela ligação entre o perispírito e o corpo carnal. Atuam em locais de m anifestação do pré e do pós-m orte, tais com o hospitais, necrotérios e outros, com vistas a não perm itir que espíritos vam pirizadores se alim entem do duplo etérico dos desencarnados ou dos que estão próxim os do desencarne. Além disso, auxiliam os profissionais da área da saúde, de terapias holísticas e afins, bem com o aliviam as dores dos que padecem .

Características

Anim ais: cachorro, caranguej o, galinha-de-angola, peixes de couro.

Bebidas: água m ineral, vinho tinto.

Chacra: básico.

Cores: preto e branco.

Com em oração: 16 de agosto (São Roque), 17 de dezem bro (São Lázaro).

Com idas: feij ão preto, carne de porco, deburu, abado, latipá, iberém .

Contas: contas e m içangas brancas e pretas leitosas.

Corpo hum ano e saúde: todas as partes do corpo.

Dia da sem ana: segunda-feira.

Elem ento: terra.

Elem entos incom patíveis: claridade, sapo.

Ervas: canela-de-velho, erva-de-bicho, erva-de-passarinho, barba-de-m ilho, barba-de-velho, cinco-chagas, fortuna, hera.

Essências: cravo, m enta.

Flor: m onsenhor branco.

Metal: chum bo.

Pedras: obsidiana, olho-de-gato, ônix.

Planeta: Saturno.

Pontos da natureza/de força: cem itérios, grutas, praia.

Saudação: *Atotô*! (Significa “Silêncio!”, um a vez que Obaluaê pede silêncio, respeito, seriedade).

Sím bolos: cruz, cruzeiro.

Sincretism o: São Roque, São Lázaro.

**SINCRETISMO**

SÃO ROQUE

(17 de agosto)

Natural de Montpellier, França, no século XV, auxiliava vítim as da peste pela Itália. Quando contraiu a doença, peregrinou solitário. Representações iconográficas m ostram um cão que teria levado um pão para Roque não m orrer de fom e. Teria m orrido em Angera, Itália, num a prisão, confundido com um espião - ou em Montpellier, segundo outras fontes.

SÃO LÁZARO

(17 de dezem bro)

Segundo a tradição, irm ão de Marta e Maria que teria sido ressuscitado por Jesus e posteriorm ente sofrido m artírio em Marselha. A ele se associam a lepra e os cães que lhe lam bem as feridas, provavelm ente por associação a outro Lázaro, o da parábola sobre o rico e o pobre (Lc 16, 19-31).

**REG ISTROS**

*Itãs*

Obaluaê m enino desobedecia à sua m ãe. Ela lhe havia dito para não pisar nas flores brancas do j ardim onde o m enino brincava. Ele pisou de propósito e, quando se deu conta, seu corpo estava cheio de flores brancas que se transform aram em feridas.

O m enino, agora, estava com m edo e pedia socorro à m ãe, que lhe contou que a varíola havia lhe atacado por ser desobediente, m as ela o aj udaria.

Então a m ãe de Obaluaê j ogou pipocas em seu corpo e as feridas

* * *

* * *

desapareceram .

O m enino deixou o j ardim tão saudável quanto estava quando havia entrado nele.

Ao voltar à aldeia natal, Obaluaê viu um a grande festa, com todos os Orixás.

Porém , em razão da própria aparência, não ousava entrar na festa. Ogum tentou aj udá-lo, cobrindo-o com um a roupa de palha que escondia até sua cabeça.

Obaluaê entrou na festa, m as não se sentia à vontade. Iansã, que tudo acom panhava, teve m uita com paixão de Obaluaê.

Então a senhora dos ventos esperou que Obaluaê fosse para o centro do barracão onde ocorria a festa e os Orixás dançavam anim ados. Soprou as roupas de Obaluaê, as palhas se levantaram com o vento, as feridas de Obaluaê pularam , num a chuva de pipoca.

Obaluaê, agora um j ovem bastante atraente, tornou-se am igo de Iansã Igbale, am bos reinando sobre os espíritos (eguns).

Om olu foi abandonado por sua m ãe, Nanã, num a gruta perto da praia, e criado por Iem anj á, que lavou suas feridas com a água do m ar, o sal as secou. Para quem ninguém visse as cicatrizes, fez para ele um a roupa de ráfia.

Om olu seguia pelas aldeias, ora dando saúde, ora deitando doenças.

Iem anj á pensou que seu filho adotivo estava curado e vigoroso, m as não podia ser pobre. Então, bastante próspera, lhe deu pérolas.

Om olu tornou-se rico, trazendo sob a roupa de ráfia m uitos colares de pérolas.

Passou a ser conhecido com o Jeholu, isto é, o Senhor das Pérolas.

Os três itãs tratam das dores de Obaluaê (inclusive criança) e Om olu, de sua cura e redenção.

*Orikis*

O oriki abaixo é um a transcriação do iorubá para o português feita por Antonio Risério.

Oriki de Om olu

*Ele desperta e presto apanha o patuá.*

*Elefante que fere não conhece ferida.*

*Nos achamos no mato e puxamos machado.*

*Esta árvore é odã ou não é?*

*Mete o machado e verás.*

*Ele vai devagar e dá na cara da criança.*

*Escorpião tem ferrão arqueado*

*Cobra não conversa com malcriado.*

*Ente potente.*

*Ele cai e – feito espinho – fecha o caminho.*

*Com a testa de Oluô ele mói elegbá*

*Com Ojubonã dilacera Xugudu*

*Mata um ijebu que tinha axé e voz dentro da boca.*

Por ser Orixá m ais velho, sisudo m esm o, Om olu gosta de tudo certo, organizado e respeitoso.

**PONTOS CANTADOS**

*Meu padrinho Obaluaê*

*O que "vós quer" para comer?*

*Quero pipoca estourada no azeite de dendê*

*Também quero um copo d´água para meus filhos benzer Meu padrinho Obaluaê*

*O que "vós quer" para comer?*

*Quero farinha amarela no azeite de dendê*

*Também quero um copo d´água para meus filhos benzer Omolu ê, Omoluá*

*Omoluê, Omolu é Orixá*

*Cadê a chave do baú?*

*Tá com o velho Omolu*

Pai Curador, Om olu abençoa a todos, protege e prom ove a saúde em todos os níveis (físico, espiritual, psíquico, etc.).

## OU TR OS OR IXÁ S C U LTU A D OS N A U M B A N D A

Outros Orixás cultuados na Um banda, ao m enos em algum as casas: Exu, Obá, Euá, Logun-Edé, Iroco, Ossaim , Oxum aré, Tem po, Orunm ilá/Ifá (o prim eiro é representante do segundo na Terra).

### *Exu*

Conhecido pelos Fons com o Legba ou Legbara, o Exu iorubano é Orixá bastante controvertido e de difícil com preensão - o que certam ente o levou a ser identificado com o Diabo cristão. Responsável pelo transporte das oferendas aos Orixás e tam bém pela com unicação dos m esm os, é, portanto, seu interm ediário.

Com o reza antigo provérbio, *Sem Exu não se faz nada*.

Seu arquétipo é o daquele que questiona as regras, para quem nem sem pre o certo é certo ou o errado, errado. Assem elha-se bastante ao Trickster dos indígenas norte-am ericanos. Seus altares e sím bolos são fálicos, pois representa a energia criadora, o vigor da sexualidade.

Responsável pela vigia e guarda das passagens, é aquele que abre e fecha cam inhos, aj udando a encontrar m eios para o progresso além da segurança do lar e protegendo contra os m ais diversos perigos e inim igos.

De m odo geral, o Orixá Exu não é diretam ente cultuado na Um banda, m as sim os Guardiões (Exus) e Guardiãs (Pom bogiras).

Características

Anim ais: cachorro, galinha preta.

Bebida: cachaça.

Chacra: básico (sacro).

Cores: preto e verm elho.

Com em oração: 13 de j unho.

Com ida: padê.

Contas: pretas e verm elhas.

Corpo hum ano e saúde: dores de cabeça relacionadas a problem as no fígado.

Dia da sem ana: segunda-feira.

Elem ento: fogo.

Elem entos incom patíveis: com idas brancas, leite, sal.

Ervas: arruda, capim tiririca, hortelã, pim enta, salsa, urtiga.

Flores: cravos verm elhos.

Metal: ferro.

Pedras: granada, ônix, turm alina negra, rubi.

Planeta: Mercúrio.

Pontos da natureza/de força: encruzilhadas, passagens.

Saudação: *Laroiê, Exu, Exu Mojubá!* (“Salve, Mensageiro, eu saúdo Exu!”).

Fórm ula usada para os Guardiões e tam bém para Pom bogiras.

Sím bolos: bastão (ogó), tridente.

Sincretism o: Santo Antônio.

**SINCRETISMO**

* * *

* * *

SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA OU DE LISBOA

(13 de j unho)

Talvez a associação de Exu com o franciscano do século XIII sej a porque ele foi canonizado no dia de Pentecostes, ao qual se associam línguas de fogo descendo do céu - sendo o fogo o elem ento do Orixá Exu. Certam ente a associação se dá porque Antônio era m issionário, peregrino, cam inhando sem pre.

**REG ISTROS**

*Itãs*

Exu vagava pelo m undo, sem destino, sem se fixar em lugar nenhum ou exercer algum a profissão. Sim plesm ente ia de um canto a outro. Um dia com eçou a ir a casa de Oxalá, onde passava o tem po a observar o velho Orixá a fabricar seres hum anos.

Outros visitavam Oxalá, ficavam alguns dias, m as nada aprendiam , apenas adm iravam a obra de Oxalá, entregando-lhe oferendas. Por sua vez, Exu ficou dezesseis anos na casa de Oxalá, aj udando e aprendendo com o se fabricavam os hum anos, observando, atento, sem nada perguntar.

Com o o núm ero de hum anos para fazer só aum entava, Oxalá pediu a Exu para ficar na encruzilhada por onde passavam os visitantes, não perm itindo que passassem os que nada trouxessem ao velho Orixá. Exu, então, recolhia as oferendas e entregava a Oxalá, que resolveu recom pensá-lo, de m odo que todo visitante deveria tam bém deixar algo para Exu.

Exu se fixou de vez com o guardião de Oxalá, fez sua casa na encruzilhada e prosperou.

Certa vez, Aganj u, ao atravessar um rio, viu um a linda m ulher que se banhava nas águas.

Era Oxum . Fez-lhe a corte, m as Oxum o desprezou.

Então, Aganj u tentou violentá-la.

Das águas surgiu um pequeno ser, Eleguá, para defender Oxum , que, rindo, explicou a Aganj u que Eleguá a queria com o m ãe. De pronto, estabeleceu-se um a am izade entre todos.

Aganj u convidou os dois para irem à sua casa. Am bos aceitaram .

Lá chegando, porém , Eleguá recusou-se a entrar, ficando à porta.

Tornou-se guardião da casa.

E, assim , tornou-se tam bém o prim eiro a com er.

Certa vez m andaram Exu preparar um ebó (oferenda) para se conseguir fortuna rapidam ente. Depois de tê-lo preparado, Exu foi para Ij ebu. Contudo, não se hospedou na casa do governante local, segundo a tradição, m as na casa de um hom em m uito im portante.

Pela m adrugada, todos dorm indo, Exu se levantou e fingiu ir até o quintal para urinar. Então, pôs fogo nas palhas que cobria a casa e passou a gritar, dizendo que perdia um a fortuna im ensa que estava dentro de um a talha que entregara ao dono da casa para guardar.

Tudo foi consum ido pelo fogo.

Um a m ultidão acorria e ouvia a história de Exu. Até m esm o o governante local acorreu.

Para que um estrangeiro não fosse prej udicado, o chefe local resolveu pagar a Exu o valor que ele afirm ava ter perdido no incêndio. Contudo, na aldeia não havia dinheiro suficiente para tanto.

Para com pensar Exu, o rei decidiu, então, proclam á-lo rei de Ij ebu. E todos se tornaram seus súditos.

Até hoj e há grande dificuldade para o m undo industrializado com preender o controvertido e o contraditório em Exu, em cuj os relatos nem sem pre o bom é totalm ente bom e o m au é totalm ente m au, havendo um a busca pelo equilíbrio cósm ico. Certam ente por essa dificuldade e pelas representações e culto a Exu na África contribuíram para que, preconceituosam ente, o Orixá fosse associado

ao Diabo hebraico-cristão.

*Oriki*

O oriki abaixo é um a transcriação de Antonio Risério.

Oriki de Exu (fragm ento)

*Lagunã incita e incendeia a savana.*

*Cega o olho do sogro com uma pedrada.*

*Cheio de orgulho e de charme ele marcha.*

*Quente, quente é a morte do delinquente.*

*Exu não admite que o mercado se agite*

*Antes que anoiteça.*

*Exu não deixa a rainha cobrir o corpo nu.*

*Exu se faz mestre das caravanas do mercado.*

*Assoa — e todos acham*

*Que o barco vai partir.*

*Passageiros se preparam depressa.*

*Exu Melekê fica na frente.*

*O desordeiro está de volta.*

(…)

*Sua mãe o pariu na volta do mercado.*

*De longe ele seca a árvore do enxerto.*

*Ele passeia da colina até a casa.*

*Faz cabeça de cobra assoviar.*

*Anda pelos campos, anda entre os ebós.*

*Atirando uma pedra hoje,*

*Mata um pássaro ontem.*

Andarilho, livre, controvertido, senhor do m ercado, cuj as razões e m otivações conhece plenam ente, não estando preso ao tem po e ao espaço, com o dem onstram , sobretudo, os últim os dois versos.

### *O X U M A R É*

Filho m ais novo e preferido de Nanã, Oxum aré participou da criação do m undo, enrolando-se ao redor da terra, reunindo a m atéria, enfim , dando form a ao m undo. Desenhou vales e rios, rastej ando m undo afora. Responsável pela sustentação do m undo, controla o m ovim ento dos astros e oceanos. Representa o m ovim ento, a fertilidade, o continuum da vida: Oxum aré é a cobra que m orde a própria cauda, num ciclo constante.

Oxum aré carrega as águas dos m ares para o céu, para a form ação das chuvas. É o arco-íris, a grande cobra colorida. Tam bém é associado ao cordão um bilical, pois viabiliza a com unicação entre os hom ens, o m undo dito sobrenatural e os antepassados. Na com unicação entre céu e terra, entre hom em e espiritualidade/ ancestralidade, m ais um a vez se observa a ideia de ciclo contínuo representada pelo Orixá, a síntese dialética entre opostos com plem entares.

Nos seis m eses em que assum e a form a m asculina, tem -se a regulagem entre chuvas e estiagem , um a vez que, enquanto o arco-íris brilha, não chove. Por outro lado, o próprio arco-íris indica as chuvas em potencial, prova de que as águas estão sendo levadas para o céu para form arem novas nuvens. Já nos seis m eses em que assum e a porção fem inina, tem -se a cobra a rastej ar com agilidade, tanto na terra quanto na água.

Por evocar a renovação constante, pode, por exem plo, diluir a paixão e o ciúm e em situações onde o am or (irradiação de Oxum ) perdeu terreno. Nesse m esm o sentido, pode tam bém diluir a religiosidade fixada na m ente de alguém , conduzindo-o a outro cam inho religioso/espiritual que o auxiliará na senda evolutiva.

Em determ inados segm entos e casas de Um banda, Oxum aré aparece com o um a qualidade do Orixá Oxum .

Características

Anim al: cobra.

Bebida: água m ineral.

Chacra: laríngeo.

Cores: verde e am arelo, cores do arco-íris.

Com em oração: 24 de agosto.

Com idas: batata doce em form ato de cobra, bertalha com ovos.

Contas: verde e am arelas.

Corpo hum ano e saúde: pressão baixa, vertigens, problem as de nervos, problem as alérgicos.

Dia da sem ana: terça-feira.

Elem ento: água.

Elem entos incom patíveis: água salgada, sal.

Ervas: as m esm as de Oxum .

Flores: am arelas.

Metal: latão (ouro e prata m isturados).

Pedras: ágata, diam ante, esm eralda, topázio.

Pontos da natureza: próxim o de quedas de cachoeiras.

Saudação: *Arribobô!, Arroboboi!* (“Salve o arco-íris!” ou “Senhor das Águas Suprem as! dentre tantas possíveis acepções).

Sím bolos: arco-íris, cobra.

Sincretism o: São Bartolom eu.

**SINCRETISMO**

SÃO BARTOLOMEU

(24 de agosto)

Bartolom eu é citado nos Evangelhos nas quatro enum erações dos Apóstolos.

Bar Tholm ai é filho de Tholm ai (tholm ai é arado ou agricultor). O

Evangelho de João não traz o nom e Bartolom eu, contudo, o nom e Natanael, o conform e a tradição, trata-se da m esm a personagem .

“Filipe achou Natanael, e disse-lhe: Havem os achado aquele de quem Moisés escreveu na lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José.

Disse-lhe Natanael: Pode vir algum a coisa boa de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem , e vê.

Jesus viu Natanael vir ter com ele, e disse dele: Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo.

Disse-lhe Natanael: De onde m e conheces tu? Jesus respondeu, e disse-lhe: Antes que Filipe te cham asse, te vi eu, estando tu debaixo da figueira.

Natanael respondeu, e disse-lhe: Rabi, tu és o Filho de Deus; tu és o Rei de Israel.

Jesus respondeu, e disse-lhe: Porque te disse: Vi-te debaixo da figueira, crês?

Coisas m aiores do que estas verás.

E disse-lhe: Na verdade, na verdade vos digo que daqui em diante vereis o céu aberto, e os anj os de Deus subindo e descendo sobre o Filho do hom em ”. ( Jó 1: 45-51)

Segundo o breviário rom ano, conform e antiga tradição arm ênia,

*“o apóstolo Bartolomeu, que era da Galiléia, foi para a Índia. Pregou àquele povo a verdade do Senhor Jesus segundo o Evangelho de São Mateus. Depois que naquela região converteu muitos a Cristo, sustentando não poucas fadigas e superando muitas dificuldades, passou para a Armênia Maior, onde levou a fé*

* * *

*cristã ao rei Polímio, à sua esposa e a mais de 12 cidades. Essas conversões, no entanto, provocaram uma enorme inveja dos sacerdotes locais, que por meio do irmão do rei Polímio conseguiram a ordem de tirar a pele de Bartolomeu e depois decapitá-lo.”*

Santo patrono de diversas atividades ligadas à pele (curtum e, confecção, com ércio etc.), dentre outros elem entos, certam ente a ele é sincretizado Oxum aré pelo fato de sua pele ter sido retirada antes

da decapitação. Por associação, o cruel episódio produz paralelism o com a troca de pele pela qual passam as cobras.

Pierre Verger registra que

*"na Bahia, Oxumaré é sincretizado com São Bartolomeu. Festejam-no numa pequena cidade dos arredores que leva seu nome. Seus fieis aí se encontram, no dia 24 de agosto, a fim de se banharem numa cascata coberta por uma neblina úmida, onde o sol faz brilhar, permanentemente, o arco-íris de Oxumaré."*

**REG ISTROS**

*Itãs*

Oxum aré não gostava da chuva. Toda vez que chovia m uito, o Orixá apontava para o céu sua faca de bronze e espantava a chuva, fazendo brilhar o arco-íris.

Certa vez, Olorum ficou cego e pediu aj uda a Oxum aré, que o curou. Contudo, Olorum tem ia ficar novam ente cego e não deixou Oxum aré voltar à Terra, determ inando que deveria m orar com ele no Orum . Oxum aré só viria à Terra vez ou outra, a passeio.

Quando não é visto na Terra, é visto no Céu, com sua faca de bronze, com o arco-íris parando a chuva.

Relato que explica sim bolicam ente o arco-íris e seu brilho, bem com o sua relação com a chuva, elem ento que não agradava a Oxum aré e com o qual, por m eio do arco-íris, dialeticam ente se relaciona.

Oxum aré era babalaô do rei de Ifé. Contudo, não se via respeitado com o, aliás, acontecera com seu pai.

Então foi a um adivinho, que lhe ensinou um ritual de abundância. No ritual, deveria oferecer um a faca de bronze, quatro pom bos e m uitos búzios.

Enquanto fazia a oferenda, o rei m andou cham ar Oxum aré, que disse que iria assim que term inasse o ritual. O rei não gostou da resposta e não pagou algo que

* * *

* * *

devia a Oxum aré.

Ao retornar para casa, Oxum aré recebeu um recado da rainha Olocum , de um país vizinho, pedindo-lhe que curasse seu filho. Oxum aré, então, consultou Ifá, fez as oferendas devidas e o filho de Olocum foi curado. Agradecida, Olocum deu a Oxum aré riquezas, escravos e um pano azul.

Quando voltou para casa, enriquecido, Oxum aré foi saudar o rei, que se adm irou da prosperidade e riqueza de Oxum aré, que lhe explicou a origem de tudo. O rei, vaidoso por natureza, para não se sentir inferior a Olocum , deu a Oxum aré um a preciosa roupa verm elha e m uitos presentes.

Assim , Oxum aré conquistou riqueza, prosperidade e respeito.

Sem elhante atrai sem elhante. Oxum aré, quanto m ais próspero, m ais prosperidade atraía, segundo o relato, fiel a suas obrigações.

Oxum aré era m uito bonito e andava bem vestido, pois suas roupas tinham as cores do arco-íris e suas j óias de ouro e bronze brilhavam . Hom ens e m ulheres queriam se aproxim ar de Oxum aré e com ele se casar. Porém , ele era solitário, introspectivo e preferia circular pelo céu, onde era visto em dias de chuva.

Xangô um dia viu Oxum aré passar radiante. Sabendo que não deixava ninguém se aproxim ar dele, decidiu capturá-lo. Convocou-o para um a audiência em seu palácio e, quando Oxum aré estava na sala do trono, os soldados fecharam portas e j anelas, deixando Oxum aré e Xangô na m esm a sala.

Oxum aré não poderia escapar, pois as saídas haviam sido trancadas por fora.

Nesse m eio tem po, Xangô tentava tom á-lo nos braços. Oxum aré, então, clam ou por Olorum , que o aj udou: Oxum aré transform ou-se em cobra e Xangô o soltou, tanto por noj o quanto por m edo. Oxum aré deslizou até um a fresta entre a porta e o piso e fugiu.

Tem pos depois, transform ados em Orixás, Oxum aré ficou encarregado de levar água do Aiê para o palácio de Xangô no Orum ; contudo, Xangô não pode se aproxim ar de Oxum aré.

Único, singular, Oxum aré brilha solitário. Por saber rastej ar na terra, é capaz de figurar no céu (opostos com plem entares). Xangô, em bora servido por Oxum aré, dele não pode se aproxim ar (para Xangô, neste caso, não ocorre a síntese entre os opostos com plem entares).

Euá buscava um lugar para viver.

Chegando às cabeceiras dos rios, aí fez sua m orada.

Foi surpreendida pelo arco-íris e por ele se apaixonou.

Era Oxum aré.

Euá com ele se casou. Passou a viver com o arco-íris.

* * *

A relação entre a água que evapora e se torna chuva, o encanto do arco-íris, a conj ugação de elem entos afins que se com plem entam . Não à toa, para alguns segm entos religiosos, Euá é cobra-fêm ea, Oxum aré é cobra-m acho, tal a com plem entaridade entre am bos.

Nanã teve dois filhos: Oxum aré e Om olu.

Oxum aré era lindo, Om olu era feio.

Então Nanã cobriu Om olu com palhas para que não fosse visto e ninguém risse dele.

Quanto a Oxum aré, que tinha a beleza do hom em , da m ulher e das cores, Nanã o elevou até o céu e aí o pregou, onde pode ser adm irado em suas cores quando o arco-íris vem com a chuva.

Nota-se que tanto o filho escondido quanto o filho belo figuram em solidão e distante dos dem ais, inclusive da própria m ãe. Oxum aré e Om olu representam duas situações distintas, contudo m ais sem elhantes do que à prim eira vista podem parecer.

*Orikis*

Transcriado do iorubá por Antonio Risério

Oriki de Oxum aré

*Oxumarê, braço que o céu atravessa*

*Faz a chuva cair na terra*

*Extrai corais, extrai pérolas.*

*Com uma palavra prova tudo*

*Brilhante diante do rei.*

*Chefe que veneramos*

*Pai que vem à vila velar a vida*

*E é tanto quanto o céu.*

*Dono do obi13 que nos sacia Chega na savana ciciando feito chuva*

*E tudo vê com seu olho preto.*

Chuva e prosperidade andam j untas - em especial quando se fala de Oxum aré, um a vez que a chuva fecunda o solo, traz um pouco do céu à terra, cuj a união é sim bolizada pelo arco-íris.

**PONTOS CANTADOS**

Seguem abaixo alguns pontos cantados em que Oxum aré (ou Oxum arê) figura ora com o Pai, ora com o qualidade de Oxum , conform e visto acim a.

Destaca-se a presença de Angorô (Inquice correspondente a Oxum aré) e Dandaluna (ou Dandalunda, Inquice correspondente a Iem anj á ou Oxum - neste contexto, certam ente à últim a).

*Maré, maré, maré*

*Maré, maré, maré Oxum maré*

*Ele gira no tempo, gira no sol*

*Com as cores do arco-íris*

*E a claridade do sol*

*Tempo ele é cobra, tempo ele é mulher*

*É Orixá da natureza, ele é Oxum maré*

*Com seu arco-íris ele renova (Bis)*

*Ele é o pai da renovação*

*Fonte de luz ele renova*

*Pai Oxumarê rê rê rê rê, pai Oxumarê pra nos proteger Estamos a saudar*

*Aro boboi aro boboi pra nos proteger*

*Oxumarê é o rei*

*Ô que nos astros mora*

*Venha ver seus filhos*

*Que tanto te adoram*

*Aiê Aia Dadaluna*

*Danda la sedunda*

*Olanda luna se e se (Bis)*

*Cadê aquela cobra que eu mandei buscar?*

*É jarecuçu, é cobra coral*

*Eu vejo um arco-íris*

*Eu vejo um tesouro*

*É uma cobra*

*Toda feita de ouro (Bis)*

*Aroboboi aroboboi*

*É cobra*

*Toda feita de ouro*

*A bandeira de Oxumarê é tão bonita*

*Cobre o céu em formoso*

*Arco-íris*

*É celestial é aroboby*

*Oxumarê é celestial*

*Me lava…*

*Me lava…*

*Me lava nas suas águas, Oxumarê*

*Me lava*

*As águas da cachoeira têm magia, têm poder…*

*Me lava nas suas, ó meu Pai Oxumarê.*

*Olhei pro céu ôô*

*O sol brilhou ôô*

*O arco-íris apareceu*

*Anunciando que Oxumarê chegou*

*Abençoava todos filhos seus*

*Sete cores tem seu arco-íris*

*Sete pedidos você faça*

*E quando alcançar*

*Vai no mar…*

*Agradecer a Oxumarês*

*Oxumarê*

*Tatê, Oxumarê*

*Ele é maré*

*Tatê, Oxumarê.*

*Oxumarê ta kerê*

*Oh ta kerê*

*Oh ta Kerê*

*Quebra cabaça Angorô (Bis)*

*Dandaluna aqui chegou*

*Nas águas serenas da lagoa*

*Uma estrela apareceu*

*E foi como num sonho*

*A estrela desapareceu*

*Em seu lugar eu vi*

*Uma cobra das águas aparecer*

*Formou-se arco-íris*

*Eu gritei para ele me valer*

*Oxumarê venha me socorrer!*

*Dizem que Xangô*

*Mora nas pedreiras*

*Mas não é lá sua morada verdadeira (2X)*

*Xangô mora numa cidade de luz*

*Onde mora Santa Bárbara, Oxumaré e Jesus (2X)*

*Olha eu*

*Olha eu, Mamãe Oxum (2X)*

*Olha eu, Mamãe Oxum*

*Olha eu, Oxumaré (2X)*

**MPB**

Ponto de Nanã

(Roque Ferreira)

*Oxumarê me deu dois barajás*

*Na festa de Nanã Burukê*

*A velha deusa das águas*

*Quer mungunzá*[14]

*Seu ibiri enfeitado com fitas e búzios*

*Um ponto pra assentar*

*Mandou cantar*

*Ê salubá!*

*Ela vem no som da chuva*

*Dançando devagar seu ijexá*

*Senhora da Candelária, abá*

*Pra toda a sua nação iorubá*

Em bora a canção sej a dedicada a Nanã, é interessante notar a presença de Oxum aré a distribuir axé por m eio do presente oferecido ao eu-lírico: os dois baraj ás ou braj ás.

O fato de a canção, gravada por diversos ícones da MPB, se cham ar "*Ponto de Nanã*" é bastante significativo para corroborar a sim biose entre pontos cantados e MPB, em m ão dupla, conform e visto acim a.

Nação

(João Bosco, Paulo Em ílio, Aldir Blanc)

*Dorival Caymmi falou para Oxum:*

*Com Silas tô em boa companhia*

*O Céu abraça a Terra,*

*Deságua o Rio na Bahia*

*Jeje*

*Minha sede é dos rios*

*A minha cor é o arco-íris*

*Minha fome é tanta*

*Planta flor irmã da bandeira*

*A minha sina é verde amarela*

*Feito a bananeira*

*Ouro cobre o espelho esmeralda*

*No berço esplêndido,*

*A floresta em calda,*

*Manjedoura d'alma*

*Labarágua, sete queda em chama,*

*Cobra de ferro, Oxumaré: Oxum-Maré:*

*Homem e mulher na cama*

*Jeje*

*Tuas asas de pomba*

*Presas nas costas*

*Com mel e dendê*

*Aguentam por um fio*

*Sofrem*

*O bafio da fera,*

*O bombardeiro de Caramuru,*

*A sanha de Anhanguera*

*Jeje*

*Tua boca do lixo*

*Escarra o sangue*

*De outra hemoptise*

*No canal do Mangue*

*Uirapuru das cinzas chama:*

*Rebenta a louca, Oxumaré: louça, Oxum-Maré*

*Dança em teu mar de lama.*

Esta riquíssim a canção contém um a série de referências a Oxum aré.

Oxum aré, cuj o sím bolo é um arco-íris, é tam bém representado por um a cobra. É um Orixá que vem do antigo Daom é. Daí o “cobra de ferro”, o

“hom em e m ulher”, o casal com o androginia. Jej e é nom e genérico de um a nação de Candom blé, tam bém de origem daom eana. Oxum aré é Pai da Nação Jej e.

Labarágua: labareda + água, a j unção dos contrários, dos opostos com plem entares, com o hom em e m ulher. Mel adoça; dendê aquece: novam ente dualidade, am biguidade, que se resolvem em androginia sintética.

Terra, m angue, cinzas, lam a: ainda que diluída, aparece a im agem de Nanã, m ãe de Oxum aré, tam bém de origem daom eana, Orixá da lam a, da terra com a qual se fez o corpo hum ano e para a qual o corpo volta.

Orikai

(Adem ir Barbosa Júnior)

*Oxumaré*

*O charme*

*Da chuva*

O charm e, o donaire, a beleza e o encantam ento de Oxum aré revelam -se na e por m eio da chuva, em especial no m om ento em que desponta o arco-íris.

Note no orikai o efeito sonoro “x”, um a aliteração que evoca o som produzido por algum as qualidades de cobras.

*Orações*

(Recolhidas por Lara Lannes)

Oração a Pai Oxum aré

*Arrobobô, Oxumaré!*

*Axé, agô mi babá, agô axé, salve.*

*Adorada cobra de Daomé.*

*Salve as sete cores que te revelam no céu.*

*Salve a água, salve a terra,*

*Cobra de Dan. Protege-me, Senhor,*

*Dos movimentos dos astros,*

*Da rotação e da translação, de tudo*

*O que nasce e que se transforma.*

*Oxumaré, tu que és*

*Orobóros e Deus do Infinito,*

*Faça com que nosso dinheiro se multiplique,*

*Com que nosso suor vire riqueza,*

*Que eu vença e que ninguém se oponha a nós*

*Creio em ti, Babaê!*

*Sei que já estou vencendo!*

Oração a São Bartolom eu

*Glorioso São Bartolomeu, modelo sublime de virtude e puro frasco das graças do Senhor! Proteja este seu servo que humildemente se ajoelha a seus pés e implora que tenha a bondade de pedir por mim junto ao trono do Senhor.*

*São Bartolomeu, use todos os recursos para me proteger dos perigos que diariamente me rodeiam! Lance seu escudo protetor em minha volta e me proteja do meu egoísmo e de minha indiferença a Deus e ao meu vizinho.*

*São Bartolomeu, me inspire em imitá-lo em todas as minhas ações. Derrame em mim suas graças para que eu possa servir e ver a Cristo nos outros e trabalhar para a Vossa maior glória.*

*Graciosamente obtenha de Deus os favores e as graças que eu muito necessito, nas minha misérias e aflições da vida. Eu aqui invoco sua*

*poderosa intercessão, confiante na esperança de que ouvirás minhas orações e que obtenha para mim esta especial graça e favor que eu reclamo de seu poder e bondade fraternal, e com toda a minha alma imploro que me conceda a graça… (mencionar aqui a graça desejada ), e ainda a graça da salvação de minha alma e para que eu viva e morra como filho de Deus, alcançando a doçura do Vosso amor e a eterna felicidade. Amém.*

## *O B Á*

Orixá do rio Níger, irm ã de Iansã, é a terceira e m ais velha das esposas de Xangô. Alguns a cultuam com o um aspecto fem inino de Xangô.

É ainda prim a de Euá, a quem se assem elha em m uitos aspectos. Nas festas da fogueira de Xangô, leva as brasas para seu reino (sím bolo do devotam ento, da lealdade ao m arido).

Guerreira e pouco fem inina, quando repudiada pelo m arido, rondava o palácio com a intenção de a ele retornar.

Características

Anim al: galinha-de-angola.

Bebida: cham panhe.

Cores: verm elha (m arrom raj ado).

Com em oração: 30 de m aio.

Com idas: abará, acaraj é e quiabo picado.

Corpo hum ano e saúde: audição, garganta, orelhas.

Dia da sem ana: quarta-feira.

Elem ento: fogo.

Elem entos incom patíveis: peixe de água doce, sopa.

Ervas: candeia, nega-m ina, folha-de-am endoeira, ipom eia, m angueira, m anj ericão, rosa branca.

Metal: cobre.

Pedras: coral, esm eralda, m arfim , olho-de-leopardo.

Pontos da natureza: rios de águas revoltas.

Saudação: *Obá xirê!* (“Salve a Rainha Guerreira!”) Sím bolos: espada (ofangi) e escudo de cobre.

Sincretism o: Santa Joana dÁrc.

**SINCRETISMO**

SANTA JOANA DÁRC

(30 de m aio)

Padroeira da França, guerreira que viveu no século XIV e foi condenada à fogueira num processo forj ado, com acusações de feitiçaria.

**REG ISTROS**

*Itãs*

Obá era guerreira e, um dia, desafiou Ogum para com bate.

Ogum , conhecendo o potencial de Obá, consultou os babalaôs, que o

* * *

* * *

aconselharam a preparar oferenda de espigas de m ilho e quiabo pilados. Ogum assim procedeu e deixou a oferenda num canto de onde lutariam .

No com bate, Obá estava em vantagem . Ogum a foi levando até onde estava a oferenda. Num m om ento de descuido, Obá pisou na oferenda, um a pasta viscosa e escorregadia, e caiu.

Nesse m om ento, Ogum a possuiu, sendo seu prim eiro hom em .

Tem pos depois, Xangô tom ou Obá de Ogum .

Obá e Oxum disputavam o am or de Xangô o tem po todo.

Um dia, Obá viu Oxum cozinhando, com um lenço à cabeça, e testem unhou que Xangô havia se esbaldado com a com ida. Intrigada, perguntou a Oxum qual era seu segredo. Oxum contou-lhe, então, que havia cortado as orelhas e colocado na sopa que havia servido a

Xangô.

Na prim eira ocasião em que foi cozinhar para o m arido, Obá cortou um a de suas orelhas e colocou na sopa. Quando Xangô foi com er, sentiu noj o e ficou enraivecido. Oxum , então, apareceu sem o lenço e com as orelhas. Obá percebeu que havia sido lograda e ficou enraivecida.

Xangô, que não aguentava m ais as disputas, expulsou as duas de casa e correu atrás delas, lançando-lhes um raio, m as elas corriam e corriam , cada vez m ais.

Am bas se transform aram em rios. E onde se j untam os rios Oxum e Obá, a correnteza é terrível, pois am bas lutam pelo m esm o leito.

Obá, Iansã e Oxum , as três m ulheres de Xangô, viviam em disputas e confusão entre elas.

Um dia, Xangô foi para a guerra e levou Iansã.

O tem po passou e Obá ficou desesperada, indo ter com Orunm ilá, que lhe aconselhou a pegar um rabo de cavalo e colocar no teto da casa com o oferenda.

Obá, então, encom endou a Exu um rabo de cavalo. Induzido por Oxum , Exu cortou o rabo do cavalo branco de Xangô, m as não apenas os pelos e o cavalo sangrou até a m orte.

Quando Xangô voltou, não encontrou o cavalo e viu o iruquerê no teto da casa.

Reconheceu tratar-se de parte de seu cavalo branco, soube pelas outras esposas da oferenda de Obá e a repudiou.

Obá evoca a paixão que cega a ponto de transform ar o suj eito vítim a de seus próprios desej os, de suas próprias ações. Contrapõe-se a Oxum , sem pre vitoriosa no am or. Representa, ainda, o ciúm e, m as tam bém a determ inação e a força do fem inino.

*Orikis*

O oriki abaixo foi transcriado por Antonio Risério a partir do iorubá.

*Obá Obá Obá*

*Orixá do ciúme*

*Terceira mulher de Xangô.*

*O açoite do ciúme*

*Gravado na carne.*

*Fala da fama do marido*

*Move magos na madrugada*

*Come cabrito de manhã.*

*Discutindo com Oxum*

*Não foi a Kossô com Xangô.*

*Obá abraça os braços do marido*

*A parte do seu corpo que a prende*

*Obá sabe o que é bom.*

*Onde Obá se sente em casa? Nos braços do esposo que ama e a quem se devota: Xangô.*

## *I B E J I S*

Form ado por duas entidades distintas, indicam a contradição, os opostos que se com plem entam . Tudo o que se inicia está associado aos Ibej is: nascim ento de um ser hum ano, a nascente de um rio, etc. Geralm ente são associados aos gêm eos Taiwo (“o que sentiu o prim eiro gosto da vida”) e Kainde (“o que dem orou a sair”), às vezes a um casal de gêm eos. Seus pais tam bém variam de lenda para lenda, contudo a m ais conhecida os associa a Xangô e Oxum .

Responsáveis em zelar pelo parto e pela infância, bem com o pela prom oção do am or e da união.

Na Um banda, em vez de se cultuar diretam ente os Ibej is (Orixás), é m ais com um cultuar-se a Linha de Yori.

Doum é a terceira criança, com panheiro de Cosm e e Dam ião, com os quais os Ibej is são sincretizados. O nom e Doum deriva do iorubá *Idowu*, nom e atribuído ao filho que nasce na sequência de gêm eos; relaciona-se tam bém com o term o fongbé *dohoun*, que significa “parecido com ”, “sem elhante ou igual a”.

Características

Anim ais: de estim ação.

Bebidas: água com açúcar, água com m el, água de coco, caldo de cana, refrigerante, suco de frutas.

Chacras: todos, em especial o laríngeo.

Cores: rosa e azul (branco, colorido).

Com em oração: 27 de setem bro.

Com idas: caruru, doces e frutas.

Contas: azuis, brancas, rosa.

Corpo hum ano e saúde: acidentes, alergias, anginas, problem as de nariz, raquitism o.

Dia da sem ana: dom ingo.

Elem ento: fogo.

Elem entos incom patíveis: assovio, coisas de Exu, m orte.

Ervas: alecrim , j asm im , rosa.

Essências: de frutas.

Flores: m argarida, rosa m ariquinha.

Metal: estanho.

Pedra: quartzo rosa.

Planeta: Mercúrio.

Pontos da natureza/de força: cachoeiras, j ardins, m atas, praias e outros.

Saudação: *Oni Ibejada!* (“Salve as crianças!” ou “Ele é dois!) Sím bolo: gêm eos

Sincretism o: São Cosm e e São Dam ião, Santos Crispim e Crispiniano.

**SINCRETISMO**

SÃO COSME E SÃO DAMIÃO

(27 de setem bro)

Segundo a tradição, m édicos gêm eos caridosos que foram decapitados após seus algozes não terem tido sucesso com lapidação e flechadas.

**Registros**

*Itãs*

Os gêm eos, filhos de Xangô e Oxum , adoravam brincar e se divertir. Tinham predileção por tocar seus tam bores m ágicos, presentes de Iem anj á, sua m ãe adotiva.

Por esse tem po, Icu, a Morte, havia colocado arm adilhas por todo o cam inho, arm adilhas que ninguém conseguia desarm ar. E as pessoas m orriam .

Os Ibej is decidiram derrotar a Morte. Foram por um cam inho onde ela havia posto um a arm adilha. Um foi pela trilha; o outro, escondido na m ata. Aquele que seguia pela trilha tocava o tam bor m ágico. A Morte adorou e o avisou da arm adilha, poupando-lhe a vida. E a Morte dançava. Quando se cansou, um gêm eo trocou de lugar com o outro e prosseguiu com a m úsica. E a Morte dançava.

Ao longo do tem po e do cam inho, o tam bor não parava. A Morte foi se cansando, m as não conseguia interrom per a dança. Pediu para que a m úsica parasse. Os Ibej is, então, disseram que parariam a m úsica desde que a Morte retirasse as arm adilhas. Ela concordou.

Assim , os Ibej is venceram Icu.

*TE M P O*

Tam bém conhecido com o Lokoo ou Iroko, Tem po é um Orixá originário de Iwere, na parte leste de Oy ó (Nigéria). Sua im portância é fundam ental na com preensão da vida. Geralm ente é associado a Iansã (e vice-versa), senhora do ventos e das tem pestades.

Segundo célebre provérbio, “O Tem po dá, o Tem po tira, o Tem po passa e a folha vira”. O Tem po tam bém é visto com o o próprio céu, o espaço aberto.

Na Nigéria, este Orixá é cultuado num a árvore do m esm o nom e,

substituída no Brasil pela gam eleira-branca, que apresenta características sem elhantes às da árvore africana. Associado ao Vodun daom eano Loko (dinastia Jej e) e ao inquice Tem po dos bantos, é, na realidade, o Orixá dos bosques nigerianos. Sua cor é o branco. Utiliza-se palha da costa em suas vestes. Sua com ida é, dentre outras, o caruru, o deburu (pipoca) e o feij ão-fradinho.

Geralm ente, diante das casas de Candom blé, há um a grande árvore, com raízes saindo do chão, envolvida por um grande pano branco (alá). Trata-se de Iroco, protegendo cada casa, dando-lhe força e poder.

Na nação Angola, Iroco tam bém é conhecido com o Maianga ou Maiongá.

Orixá pouco cultuado na Um banda.

**SINCRETISMO**

SÃO LOURENÇO

(10 de agosto)

Mártir do ano 258, m orto queim ado num a grelha. Segundo alguns autores, a associação entre Tem po e São Lourenço se dá pela sem elhança entre a grelha e a escada utilizada para se colocar a bandeira de Tem po em terreiros Angola.

**REG ISTROS**

*MPB*

Tem po Rei

(Gilberto Gil)

*Não me iludo*

*Tudo permanecerá do jeito*

*Que tem sido*

*Transcorrendo, transformando*

*Tempo e espaço navegando todos os sentidos*

*Pães de Açúcar, Corcovados*

*Fustigados pela chuva e pelo eterno vento*

*Água mole, pedra dura*

*Tanto bate que não restará nem pensamento*

*Tempo rei, ó Tempo rei, ó*

*Tempo rei Transformai as velhas formas do viver Ensinai-me, ó Pai, o que eu ainda não não sei*

*Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei*

*Pensamento, mesmo fundamento singular*

*Do ser humano, de um momento para o outro*

*Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos*

*Mães zelosas, pais corujas*

*Vejam como as águas de repente ficam sujas*

*Não se iludam, não me iludo*

*Tudo agora mesmo pode estar por um segundo*

*Tempo rei, ó Tempo rei, ó Tempo rei*

*Transformai as velhas formas do viver*

*Ensinai-me, ó Pai, o que eu ainda não sei*

*Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei*

Oração ao Tem po

(Caetano Veloso)

*És um senhor tão bonito*

*Quanto a cara do meu filho*

*Tempo Tempo Tempo Tempo*

*Vou te fazer um pedido*

*Tempo Tempo Tempo Tempo…*

*Compositor de destinos*

*Tambor de todos os ritmos*

*Tempo Tempo Tempo Tempo*

*Entro num acordo contigo*

*Tempo Tempo Tempo Tempo…*

*Por seres tão inventivo*

*E pareceres contínuo*

*Tempo Tempo Tempo Tempo*

*És um dos deuses mais lindos*

*Tempo Tempo Tempo Tempo…*

*Que sejas ainda mais vivo*

*No som do meu estribilho*

*Tempo Tempo Tempo Tempo*

*Ouve bem o que te digo Tempo*

*Tempo Tempo Tempo…*

*Peço-te o prazer legítimo*

*E o movimento preciso*

*Tempo Tempo Tempo Tempo*

*Quando o Tempo for propício*

*Tempo Tempo Tempo Tempo…*

*De modo que o meu espírito*

*Ganhe um brilho definido*

*Tempo Tempo Tempo Tempo*

*E eu espalhe benefícios Tempo*

*Tempo Tempo Tempo…*

*O que usaremos prá isso*

*Fica guardado em sigilo*

*Tempo Tempo Tempo Tempo*

*Apenas contigo e comigo*

*Tempo Tempo Tempo Tempo…*

*E quando eu tiver saído*

*Para fora do teu círculo*

*Tempo Tempo Tempo Tempo*

*Não serei nem terás sido*

*Tempo Tempo Tempo Tempo…*

*Ainda assim acredito*

*Ser possível reunirmo-nos*

*Tempo Tempo Tempo Tempo*

*Num outro nível de vínculo*

*Tempo Tempo Tempo Tempo…*

*Portanto peço-te aquilo*

*E te ofereço elogios*

*Tempo Tempo Tempo Tempo*

*Nas rimas do meu estilo*

*Tempo Tempo Tempo Tempo…*

Sem a com preensão de Tem po nada se faz. Aqui, nas duas canções, é possível associar um a série de elem entos ao Orixá, sobretudo no que tange ao tem po enquanto passagem cronológico-pessoal da existência.

LOGUN-EDÉ

Filho de Oxum e Oxóssi, vive m etade do ano na água (com o m ulher) e a outra m etade no m ato (com o hom em ). Em seu aspecto fem inino, usa saia cor-de-rosa e coroa de m etal, assim com o um espelho. Em seu aspecto m asculino, capacete de m etal, arco e flecha, capangas e espada. Veste sem pre cores claras. Sua origem é Ij exá (Nigéria).

Príncipe dos Orixás, com bina a astúcia dos caçadores com a paciência dos pescadores. Seus pontos de força na natureza com preendem barrancas, beiras de rios e o vapor fino sobre as lagoas que se espraia pela m ata nos dias quentes.

Vivencia plenam ente os dois reinos, o das águas e das m atas.

Por seu traço infantil e herm afrodita, nunca se casou, preferindo a com panhia de Euá - que, assim com o Logun-Edé, vive solitária e nos extrem os de m undos diferentes. Solidário, preocupa-se com os que nada têm , em pático com seus sofrim entos, distribuindo para eles caça e riqueza.

Características

Anim al: cavalo-m arinho.

Bebida: as m esm as de Oxum e Oxóssi.

Cores: azul celeste com am arelo.

Com em oração: 19 de abril.

Com idas: as m esm as de Oxum e Oxóssi.

Contas: contas e m içangas de cristal azul celeste e am arelo.

Corpo hum ano e saúde: órgãos localizados na cabeça e problem as respiratórios.

Elem entos: água e terra.

Elem entos incom patíveis: abacaxi, cabeça de bicho, cores verm elha ou m arrom .

Ervas: as m esm as de Oxum e Oxóssi.

Essências: as m esm as de Oxum e Oxóssi.

Flores: as m esm as de Oxum e Oxóssi.

Metais: latão e ouro.

Pedras: turquesa, topázio.

Pontos da natureza: m argens dos rios nas m atas.

Saudação: “Lossi lossi!” (“Jovem dos rios!”)

Sím bolos: abebê (espelho) e ofá (arco e flecha).

Sincretism o: Santo Expedito.

* * *

**SINCRETISMO**

SANTO EXPEDITO

(19 de abril)

Segundo a tradição, m ártir do século IV ao qual se associam as causas urgentes. Há diversas hipóteses para que tenha sido conhecido *post-mortem* com o

“Expedito”. Talvez o tenham associado a Logun-Edé pela vivacidade, j uventude e energia do Orixá.

**REG ISTROS**

*Itãs*

Logun-Edé é filho de Oxóssi e de Oxum . Por isso carrega o ofá (arco e flecha) do pai e o abebé (espelho) da m ãe. É senhor das ribanceiras do rio, reinando entre as águas de Oxum e as m atas de Oxóssi.

Oxum se apaixonou por Oxóssi, m as ele não se interessou por ela. Soube por um babalaô que o Orixá se interessava apenas por m ulheres da floresta, não pelas das águas. Então Oxum em bebeu seu corpo de m el e rolou pelo chão da floresta. Dessa form a, seduziu Oxóssi.

Um dia, porém , convidou Oxóssi para um banho no rio. Tanto o m el quanto as folhas da m ata se desprenderam do corpo de Oxum e Oxóssi percebeu que fora enganado, deixando para trás o Orixá das águas grávida de Logun-Edé.

Logun-Edé e Oxóssi eram exím ios caçadores. Não sabiam ser um filho

do outro, e Oxóssi por ele se apaixonou.

Logun havia feito um pacto com as Iy a Mi15 e nunca flechava nenhum de seus pássaros. Oxóssi, contudo, um dia feriu um dos pássaros das Iy a Mi, que se vingaram cegando am bos os caçadores.

Então, Logun tirou de sua bolsa a tiracolo o adô, algo que lhe havia sido presenteado pelas Iy a Mi, para sua proteção. Assim , curou a cegueira de Oxóssi.

Cego, Logun conduziu Oxóssi à lagoa onde estava sua m ãe, Oxum .

O antigo am or de Oxum e Oxóssi renasceu, e dele nasceu o rio Inlé e um peixe no qual Logun m ontou, indo até as profundezas onde conheceu Iem anj á, que acabou por adotá-lo e lhe dar riquezas.

Logun vive parte do tem po no rio Inlé, parte do tem po nas m atas.

Logun, abandonado pela m ãe, foi criado por Oiá. Não se dava m uito com o pai, pois este era ríspido com o filho. Porém , apreciava a com panhia de sua m ãe, que vivia com as dem ais Iabás, esposas de Xangô.

A entrada de hom ens no palácio das Iabás era proibida sob pena de m orte,

então, para visitar Oxum , Logun usava as roupas da m ãe e, assim , perm anecia dias em sua com panhia.

No dia de um a grande festa no Orum , Logun se preocupou com que roupa iria

- pois, sendo pescador e caçador, não tinha traj es adequados para essa ocasião.

Lem brando-se das roupas de Oxum , foi à festa vestido com o um a Iabá.

Todos se adm iraram e perguntavam quem seria tão bela Iabá que tanto lem brava Oxum . Não contendo a curiosidade, Ifá levantou o filá de Logun e viu o rosto do filho de Oxum e Oxóssi.

Logun ficou inquieto, pois todos saberiam de sua estratégia para ir à festa. Saiu do palácio às pressas e se escondeu na floresta.

Oxóssi, que não o reconheceu, se encantou e passou a persegui-lo.

Próxim o do rio, exausto, Logun caiu e, então, Oxóssi o possuiu.

Filho de Oxum e Oxóssi, Logun carrega as características dos dois. Contudo, essa androginia confunde, conform e consta do últim o relato, o próprio pai, que enxerga Logun apenas parcialm ente, com o fem inino.

*Orikis*

A tradução do oriki abaixo foi reproduzida por Alberto Ebôm i.

*Um orgulhoso fica infeliz que um outro esteja contente É difícil fazer uma corda com as folhas espinhosas da urtiga Montado de cavalinho sobre as costas de sua mãe Ele é sozinho, ele é muito bonito*

*Até a voz dele é agradável*

*Não se coloca as mãos sobre o seu peito*

*Ele tem um peito que atrai as mãos das pessoas O estrangeiro vai dormir sobre o coqueiro*

*Homem esbelto*

*O careca presta atenção à pedra atirada certeiramente Ele acha duzentas esteiras para dormir na floresta Acordá-lo bem é o suficiente*

*Nós somente o vemos e o abraçamos como se ele fosse uma sombra Somente em Orunmilá nós tocamos, mas ele não responde Ele tem um nome como Soponna*

*É difícil alguém mau chamar-se Soponna*

*Devedor que faz pouco caso*

*Devedor que anda rebolando displicentemente*

*Ele é um louco que quebra a cerca com a cabeça Ele bate com seu papo numa árvore Ijebu*

*Ele quebrou sete papos com o seu papo*

*A segunda mulher diz ao papo para usar um pente (para desinchar o papo) Um louco que diz que o procurem lá fora na encruzilhada Aquele que tem orquite ( inflamação dos testículos) e dorme profundamente Ele é fresco como a folha de odundun*

*Altivo como o carneiro*

*Pessoa amável anteontem*

*Ele carrega um talismã que ele espalha sobre o seu corpo como um preguiçoso Ele carrega um talismã e briga com o filho do feiticeiro dando socos Ele veste boas roupas*

*Com um pedaço de madeira muito pontudo ele fere o olho de um outro Rápido como aquele que passa atrás de um campo sem agir como um ladrão Ele destrói a casa de um outro e com o material cobre a sua Ele tem olhos muito aguçados*

*Ele acha uma pena de coruja e a prende em sua roupa Ele é ciumento e anda rebolando displicentemente Ele recolhe as ervas atrás*

*Ele recolhe as ervas atrás*

*Ele anda rebolando desengonçado para ir ao pátio interior de um outro A chuva bate na folha de cobrir telhados e faz ruído Ele mata o malfeitor na casa de um outro*

*Ele recolhe o corpo na casa e empina o nariz*

*O preguiçoso está satisfeito entre os passantes Ele é belo até nos olhos*

*Homem muito belo*

*Ele coloca um grande pedaço de carne no molho do chefe Ele conhece o caminho*

*Ele conhece o caminho do campo e não vai lá*

*Ele está ao lado do dono dos obi e não os compra para comer O gavião pega o frango com as penas*

*À noite coisa sagrada, de manhã coisa sagrada*

*Ele briga com qualquer um e ri estranhamente*

*Ele tem o hábito de andar como a um bêbado que bebeu Sessenta contas não podem rodear o pescoço de um papudo O papudo come no inchaço de sua garganta*

*Ele quebra o papo do pescoço daquele que o possui Ele dá rapidamente crianças às mulheres estéreis Ele guarda seus talismãs numa pequena cabaça*

*Duas vezes assim coisa sagrada*

*Rápido como alguém que parte*

*A proibição do pássaro branco é o pano branco*

*Ele mexe os braços fantasiosamente*

*Marido de Ahotomi*

*Marido de Fegbejoloro*

*Marido de Onikunoro*

*Marido de Adapatila*

*Bem desperto, ele acorda de manhã já com o arco e flecha no pescoço Como um louco ele se debate para colocar os joelhos no chão, como o carneiro Marido de Ameri que dá medo*

*Leopardo de pele bonita*

*Ele expulsa a infelicidade do corpo de alguém que tem infelicidade*

*Assim ele diz e assim ele faz Orgulhoso que possui um corpo muito belo.*

Em especial o donaire e a androginia aparecem neste oriki dedicado ao Príncipe dos Orixás.

*MPB*

Afoxé para Logun

(Nei Lopes)

*Menino caçador*

*Flecha no mato bravio*

*Menino pescador*

*Pedra no fundo do rio*

*Coroa reluzente*

*Todo ouro sobre azul*

*Menino onipotente*

*Meio Oxóssi, meio Oxum*

*Menino caçador*

*Flecha no mato bravio*

*Menino pescador*

*Pedra no fundo do rio*

*Coroa reluzente*

*Todo ouro sobre azul*

*Menino onipotente*

*Meio Oxóssi, meio Oxum*

*Eh…, quem é que ele é?*

*Ah…, onde é que ele está?*

*Axé, menino, axé!*

*Fara Logun, Fara Logun, Fá*

*Axé, menino, axé!*

*Fara Logun, Fara Logun, Fá*

*Menino, meu amor*

*Minha mãe, meu pai, meu filho*

*Toma teu axoxô*

*Teu onjé de coco e milho*

*Me dá do teu axé*

*Que eu te dou teu mulucum*

*Menino, doce mel*

*Meio Oxóssi, meio Oxum*

Logunedé

(Gilberto Gil)

*É de Logunedé a doçura*

*Filho de Oxum, Logunedé*

*Mimo de Oxum, Logunedé - edé, edé*

*Tanta ternura*

*É de Logunedé a riqueza*

*Filho de Oxum, Logunedé*

*Mimo de Oxum, Logunedé - edé, edé*

*Tanta beleza*

*Logunedé é demais*

*Sabido, puxou aos pais*

*Astúcia de caçador*

*Paciência de pescador*

*Logunedé é demais*

*Logunedé é depois*

*Que Oxóssi encontra a mulher*

*Que a mulher decide ser*

*A mãe de todo prazer*

*Logunedé é depois*

*É pra Logunedé a carícia*

*Filho de Oxum, Logunedé*

*Mimo de Oxum, Logunedé - edé, edé*

*É delícia*

*Logunedé*

*(Luís Berimbau e Ildásio Tavares)*

*Ê ê ê ê ê*

*Fará Logun Fará Logun Fá*

*No fundo da mata escondeu seu tesouro*

*Tesouro tirado do fundo do mar De conchas e búzios e peixes de ouro*

*Tesouro de Oxum para Oxóssi guardar*

*Brincou pelo mato menino guerreiro*

*Na caça e na pesca, reinando Logun*

*Cansou foi pro mar, mergulhou bem ligeiro*

*Tirando de Oxóssi o tesouro de Oxum*

*Ê ê ê ê ê*

*Fará Logun Fará Logun Fá*

O Príncipe dos Orixás é associado ao belo e à integração entre o m asculino e o fem inino, de m odo a equilibrar o cosm o e o ser hum ano.

## *O SSA I M*

Orixá das plantas e das folhas, que estão presentes nas m ais diversas m anifestações do Culto aos Orixás, portanto, fundam ental. Célebre provérbio dos terreiros afirm a *Ko si ewé, ko si Orisà*, o que, em tradução livre do iorubá significa “Sem folhas não há Orixá”. Em algum as casas, é cultuado com o Iabá (Orixá fem inino). Alguns segm entos um bandistas trabalham com Ossaim , enquanto elem ento m asculino, e Ossanha, com o elem ento fem inino.

Juntam ente com Oxóssi, rege as florestas e é senhor dos segredos m edicinais e m ágicos do verde. Representa a sabedoria m ilenar pré-civilizatória, a relação sim biótica do hom em com a natureza, em especial com o verde.

Sej a na Um banda (onde na m aioria das casas seu culto foi am algam ado ao de Oxóssi e dos Caboclos e Caboclas), no Candom blé (onde a figura do Babalossaim e do Mão-de-Ofá representaria um estudo à parte) ou em outra form a de Culto aos Orixás, o trato com as plantas e folhas é de extrem a im portância para a os rituais, a circulação de Axé e a saúde (física, psicológica e espiritual) de todos.

Características

Anim ais: pássaros.

Bebidas: sucos de frutas.

Cores: verde e branco.

Com em oração: 5 de outubro

Com idas: abacate, banana frita, bolos de feij ão e arroz, canj iquinha, m ilho cozido com am endoim torrado, inham e, pam onha, farofa de fubá.

Contas: contas e m içangas verdes e brancas.

Corpo hum ano e saúde: artrite, problem as ósseos, reum atism o.

Dia da sem ana: quinta-feira.

Elem ento: terra.

Elem entos incom patíveis: ventania, j iló.

Ervas: m anacá, quebra-pedra, m am ona, pitanga, j urubeba, coqueiro, café.

Flores: flores do cam po.

Metais: estanho, latão.

Pedras: am azonita, esm eralda, m organita, turm alina verde e rosa.

Pontos da natureza: clareiras das m atas.

Saudação: *Eue ô!* (Salve as folhas!)

Sím bolos: ferro com sete pontas, com um pássaro na ponta central (representação de um a árvore de sete ram os, com um pássaro pousado nela).

Sincretism o: São Benedito.

**SINCRETISMO**

* * *

* * *

SÃO BENEDITO

(05 de outubro)

Negro italiano, nascido no século XVI, seus pais eram descendentes de escravos. Hum ilde, trabalhava na cozinha do m osteiro e era m uito inteligente e sábio, conhecendo a m ente e o coração hum anos. Talvez por isso o tenham associado a Ossaim (sabedoria e sensibilidade curadoras) e pelo trabalho na cozinha (contato com ervas).

**REG ISTROS**

*Itãs*

Ossaim era o senhor absoluto das folhas, filho de Nanã e irm ão de Euá e Obaluaê. Curava e tratava com as ervas, com banhos, chás, pom adas e outros procedim entos.

Xangô achou que todos os Orixás deveriam conhecer os segredos das ervas.

Ossaim preferiu não dividir o segredo e nem as folhas com os dem ais Orixás.

Então Xangô m andou Iansã fazer o vento trazer as folhas de Ossaim para o palácio, a fim de serem divididas entre os Orixás.

Quando o furacão de Iansã funcionou, Ossaim ordenou que as folhas voltassem para a m ata - o que aconteceu. As folhas que ficaram no palácio de Xangô perderam a força vital, o axé. Xangô adm itiu a derrota para Ossaim .

Adm itiu tam bém que as folhas deveriam ficar aos seus cuidados.

Ossaim , porém , deu a cada Orixá um a folha com seus segredos e encantam entos. Ainda assim , os m aiores segredos não revelou a ninguém .

Ossaim nasceu e não recebeu roupa algum a dos pais, andando sem pre nu. Ao crescer, fugiu para a floresta, onde vivia escondido e coberto com folhas. Ali, aprendeu um a série de encantam entos.

Ressentido, j ogou um encantam ento contra o pai, que adoeceu. Foi, então, procurado para saber com o o pai poderia ser curado. Disse que lhe entregassem um a roupa, um a calça e um gorro do pai. Assim foi

feito: o pai ficou curado e Ossaim passou a andar vestido.

Depois preparou um encantam ento contra a m ãe, que passou a ter dores de barriga. Novam ente Ossaim foi procurado e pediu que lhe entregassem um pano com listras brancas, pretas e verm elhas. Atendido o pedido, sua m ãe foi curada.

Um dia teve um filho e, pensando que o filho lhe pudesse fazer o m esm o que havia feito a seus pais, Ossaim o m atou, queim ou seu corpo e guardou o pó preto resultante da queim a. Com esse pó, tem pos depois, curou o rei, passando a viver a seu lado, com ungando de suas riquezas.

Os Orixás não atendiam m ais aos pedidos dos seres hum anos. Então resolveram organizar festas para os Orixás, hom enageando um a cada sem ana.

Um dia, um babalaô anunciou que haveria surpresas.

Na hom enagem a Ossaim , apareceu um hom em desconhecido, com um a perna só e pelo visto, um nobre, que foi m uito bem recebido. O hom em vinha m ontado num antílope.

Os sacerdotes conversaram com ele sobre os problem as, m ostraram -lhe em detalhes com o era a vida no local.

Apesar de ter apenas um a perna, o hom em dançou a noite toda.

Então, o antílope disse que era hora de irem . E foram .

Todos ficaram adm irados de o anim al falar e reconheceram Ossaim , que aprecia m uito passar despercebido e causar surpresas.

Os hom ens esperavam que levasse seus pedidos aos dem ais Orixás.

O m ago-m édico é um a espécie de Quíron africano que, antes de m ais nada (e ao m esm o tem po, conform e os itãs), cura a si m esm o e se dedica à cura dos dem ais, em bora sua própria cura não sej a com pleta e as feridas perm aneçam abertas (com o o m edo de que o filho reproduza nele, Ossaim , o m al que provocou em seus pais). Senhor dos segredos das folhas, a ele os Orixás respeitam por sua sabedoria e seu conhecim ento.

*Orikis*

A tradução do oriki abaixo foi reproduzida por Alberto Ebôm i.

*Aquele que vive nas árvores e que tem um rabo pontudo como estaca.*

*Aquele que tem o fígado transparente como o da mosca.*

*Aquele que é tão forte quanto uma barra de ferro.*

*Aquele que é invocado quando as coisas não estão bem.*

*O esbelto que quando recebe a roupa da doença se move como se fosse cair.*

*O que tem uma só perna e é mais poderoso que os que têm duas.*

*Todas as folhas têm viscosidade que se tornam remédio.*

*Àgbénigi, o deus que usa palha.*

*O grande sino de ferro que soa poderosamente.*

*A quem as pessoas agradecem sem reservas depois que ele humilha as doenças.*

*Àròni que pula no poço com amuletos em seu peito.*

*O homem de uma perna que excita os de duas pernas para correr.*

Toda a sabedoria e todo o conhecim ento de Ossaim lhe dão força. Por vezes, Aroni aparece a serviço de Ossaim , com o seu m entor ou com o o próprio Ossaim .

**MPB**

Canto de Ossanha

(Vinícius de Moraes e Baden Powell)

*“O canto da mais difícil*

*E mais misteriosa das deusas*

*Do candomblé baiano*

*Aquela que sabe tudo*

*Sobre as ervas*

*Sobre a alquimia do amor”*

*Deaaá! Deeerê! Deaaá!*

*O homem que diz “dou”*

*Não dá!*

*Porque quem dá mesmo*

*Não diz!*

*O homem que diz “vou”*

*Não vai!*

*Porque quando foi*

*Já não quis!*

*O homem que diz “sou”*

*Não é!*

*Porque quem é mesmo “é”*

*Não sou!*

*O homem que diz “tou”*

*Não tá*

*Porque ninguém tá*

*Quando quer*

*Coitado do homem que cai*

*No canto de Ossanha*

*Traidor!*

*Coitado do homem que vai*

*Atrás de mandinga de amor…*

*Vai! Vai! Vai! Vai!*

*Não Vou!*

*Vai! Vai! Vai! Vai!*

*Não Vou!*

*Vai! Vai! Vai! Vai!*

*Não Vou!*

*Vai! Vai! Vai! Vai!*

*Não Vou!*

*Que eu não sou ninguém de ir*

*Em conversa de esquecer*

*A tristeza de um amor*

*Que passou*

*Não!*

*Eu só vou se for prá ver*

*Uma estrela aparecer*

*Na manhã de um novo amor…*

*Amigo sinhô*

*Saravá*

*Xangô me mandou lhe dizer*

*Se é canto de Ossanha*

*Não vá!*

*Que muito vai se arrepender*

*Pergunte pro seu Orixá*

*O amor só é bom se doer*

*Pergunte pr'o seu Orixá*

*O amor só é bom se doer…*

*Vai! Vai! Vai! Vai!*

*Amar!*

*Vai! Vai! Vai! Vai!*

*Sofrer!*

*Vai! Vai! Vai! Vai!*

*Chorar!*

*Vai! Vai! Vai! Vai!*

*Dizer!*

*Que eu não sou ninguém de ir*

*Em conversa de esquecer*

*A tristeza de um amor*

*Que passou*

*Não!*

*Eu só vou se for prá ver*

*Uma estrela aparecer*

*Na manhã de um novo amor…*

*Vai! Vai! Vai! Vai!*

*Amar!*

*Vai! Vai! Vai! Vai!*

*Sofrer!*

*Vai! Vai! Vai! Vai!*

*Chorar!*

*Vai! Vai! Vai! Vai!*

*Dizer!…(2x)*

Caracterizado na canção com o deusa, Ossanha, cuj o canto sedutor alcança até o centro da floresta conform e relatos m itológicos, faz as pessoas aí se perderem (talvez sím bolo da perda da consciência nos m istérios insondáveis). Aqui, Ossanha aparece com o canto do am or. Contudo, o verdadeiro am or é o que faz sofrer - não por m asoquism o, m as porque não se consegue viver plenam ente com a ausência da pessoa am ada.

Salve as folhas

(Geronim o Santana)

*Sem folha não tem sonho*

*Sem folha não tem vida*

*Sem folha não tem nada*

*Quem é você e o que faz por aqui*

*Eu guardo a luz das estrelas*

*A alma de cada folha*

*Sou Aroni*

*Kosi euê*

*Kosi Orixá*

*Euê ô*

*Euê ô Orixá*

*Sem folha não tem sonho*

*Sem folha não tem festa*

*Sem folha não tem vida*

*Sem folha não tem nada*

*Eu guardo a luz das estrelas*

*A alma de cada folha*

*Sou Aroni*

O verde da fotossíntese (luz das estrelas) e do poder etéreo (a alm a de cada folha) é guardado por Aroni, do qual tratam os acim a, sem pre relacionado a Ossaim .

### *E U Á*

Divindade do rio Yewa, tam bém conhecida com o Iy a Wa, considerada a dona do m undo e dos horizontes, ligada às águas e, por vezes, associada à fertilidade.

Em algum as lendas aparece com o esposa de Obaluaê/Om olu. Já em outras, é esposa de Oxum aré, relacionada à faixa branca do arco-íris (seria a m etade fem inina desse Orixá).

Protetora das virgens, tem o poder da vidência, sendo senhora do céu estrelado. Por vezes é confundida com Iansã, Oxum e m esm o Iem anj á. Além do arpão, seu sím bolo m ais conhecido, pode tam bém carregar um ofá (arco e flecha) dourado, um a espingarda ou um a serpente de m etal. Tam bém é sim bolizada pelo raio de sol, pela neve e pelas palm eiras em form ato de leque.

Orixá pouco cultuado na Um banda.

Características

Anim al: sabiá.

Bebida: cham panhe.

Cor: carm im .

Com em oração: 13 de dezem bro.

Corpo hum ano e saúde: problem as intestinais e respiratórios.

Dia da sem ana: sábado.

Elem ento: água Elem entos incom patíveis: aranha, galinha, teia de aranha.

Ervas: arrozinho, baronesa (alga), golfão.

Flores: flores brancas e verm elhas.

Metais: cobre, ouro, prata.

Pontos da natureza: linha do horizonte, recebendo entregas em rios e

lagos.

Saudação: *Rirró!* ou *Ri ró!* (“Doçura!”) Sím bolo: arpão.

Sincretism o: Nossa Senhora das Neves, Santa Luzia.

**SINCRETISMO**

SANTA LUZIA

(13 de dezem bro)

A Santa Luzia tam bém se associa Oxum Apará, com boa visão de j ogo. Mártir que teve a garganta cortada, no século XV, por não aceitar ter relações sexuais, certam ente tornou-se padroeira dos olhos em virtude de seu nom e, que vem do latim “lux” (luz).

## *O R U NM I LÁ*

Tanto Orunm ilá quanto Exu têm perm issão para estar próxim os a Olorum quando necessário, daí sua im portância. Senhor dos destinos, Orunm ilá rege o plano onírico, é aquele que sabe tudo o que se passa sob a regência de Olorum , no presente, no passado e no futuro. Tendo acom panhado Odudua na fundação de Ilê Ifé, é conhecido com o *Eleri Ipin* (testem unho de Deus), *Ibikeji Olodumaré* (vice de Deus), *Gbaiyegborun* (o que está na terra e no céu), *Opitan Ifé* (o historiador de Ifé).

Por ordens de Olorum , além de ter participado da criação da terra e do hom em , Orunm ilá auxilia cada um a viver seu cotidiano e a vivenciar seu próprio cam inho, isto é, o destino para seu Ori (cabeça).

Seus porta-vozes são os cham ados babalaôs (pais do segredo), iniciados especificam ente no culto a Ifá. No caso dos búzios, entretanto, os babalaôs são cada vez m ais raros, sendo os m esm os lidos e interpretados por Babalorixás, ialorixás e outros devidam ente preparados (a preparação e as form as de leitura podem variar bastante do Candom blé para a Um banda e de acordo com a orientação espiritual de cada casa e cada ledor/ledora).

Cada ser hum ano é ligado diretam ente a um Odu, que lhe indica seu Orixá individual, bem com o sua identidade m ais profunda.

Coleeira ou noz-de-cola, utilizada em alguns rituais dos Cultos de Nação.

Prato à base de m ilho branco. Espécie de m ingau.

Cada Iy a Mi Oxorongá é um a entidade espiritual que representa a ancestralidade fem inina, daí o porquê de ser conhecida com o m ãe ancestral. As Iy a Mi são senhoras, donas dos pássaros da noite, poderosas, pairando acim a dos conceitos do bem e do m al.

## A S LIN HA S D A U M B A N D A

De m odo geral, cada Linha corresponde a um a faixa vibratória com andada por um Orixá e/ou Guia ou Guardião, agregando elem entos afins.

### *As Se te L inhas*

Diversas tradições espirituais, religiosas e culturais consideram o núm ero 7

sagrado, cabalístico, espiritual. Além disso, 7 são os períodos da vida, as cores do arco-íris, os dias da sem ana, as m aravilhas do m undo (ao m enos as da prim eira listagem ), os principais chacras, etc.

A presença desse núm ero é bastante grande na Um banda, em especial quando se fala das **Sete Linhas** (Linhas m aiores de trabalho na Um banda) e de nom es de Guias e Guardiões, por exem plo.

Interessante notar que, ao longo do tem po, não foram as Linhas de Um banda que m udaram , e sim a com preensão a respeito delas. Cada vez m ais novos elem entos são agregados à Um banda com o, por exem plo, no caso da Linha do Oriente, um a vez que suas portas estão sem pre abertas àqueles que, no Plano Espiritual, desej em trabalhar na Lei da Um banda.

Com o nada é rígido na Espiritualidade, nem sem pre as representações e as correspondências de Guias e Guardiões (na Direita ou na Esquerda) serão necessariam ente as m esm as para cada pessoa ou terreiro.

**1925**

No livro "Ensaios sobre

Umbanda", Leal de Souza

elenca as Sete Linhas

abaixo:

lª

Oxalá

2ª

Ogum

3ª

Oxóssi

4ª

Xangô

5ª

Iansã

6ª

Iemanjá

7ª

Almas

**1941**

1º. Congresso de

Espiritismo de Umbanda Em

“Introdução ao Estudo da

Linha Branca de Umbanda”,

a Cabana de Pai Thomé do

Senhor do Bonfim confirma

o trabalho de Leal de Souza.

1º. grau de

Almas

iniciação

2º. grau de

Xangô

iniciação

3º. grau de

Ogum

iniciação

4º. grau de

Iansã

iniciação

5º. grau de

Oxóssi

iniciação

6º. grau de

Yemanjá

iniciação

7º. grau de

Oxalá

iniciação

**1952**

O Primado de Umbanda

apresenta os Sete Seres

Espirituais responsáveis

pela Luz Espiritual emanada

do próprio Deus (Supremo Espírito), o primeiro elo entre Deus e as outras Hierarquias Espirituais. Em nosso sistema solar, os chamados Orixás Maiores regem as Sete Linhas da Umbanda.

| | |
|---|---|
| 1ª | Orixalá |
| 2ª | Ogum |
| 3ª | Oxóssi |
| 4ª | Xangô |
| 5ª | Yorimá (Iofá, Obaluaê) |
| 6ª | Yori (Ibeji – Erês – Crianças) |
| 7ª | Yemanjá |

**1956**

No Livro “Umbanda de
Todos Nós”, W. W. da Mata
e Silva apresenta as Sete
Linhas de Umbanda,
observando a tríade
Caboclo, Preto-Velho e
Criança, roupagens fluídicas
com as quais apresentam-se
os Espíritos trabalhadores da
Umbanda.

1ª - Luz do
Senhor Deus,
Princípio
Orixalá
Incriado,
Verbo.

2ª - Princípio
Duplo
Gerante,
Yemanjá
Espírito
Feminino,
Fecundação.

| | | |
|---|---|---|
| 3ª - Potência Divina Manifestada, Princípio em ação na humanidade. | Yori | (Crianças) |
| 4ª - Senhor das Almas, Senhor do Fogo Etéreo, Lei Cármica (causa e efeito). | Xangô | |
| 5ª - Fogo da Salvação, Fogo da Glória, Fé. | Ogum | Demandas da |

6ª - Ação
Circular
sobre os
viventes na
Oxóssi
Terra,
Caçador das
Almas.
7ª - Princípio
Real da Lei,
Yorimá
Mestrado nos
(Pretos-
Ensinamentos
Velhos)
da Lei de
Umbanda.

**1964**

No Livro *Okê Caboclo!* –
*Mensagens do Caboclo*
*Mirim*, do fundador da
Tenda Espírita Mirim
Benjamim Figueiredo, os
Orixás se dividem em

Menores e Maiores, sendo

estes últimos os regentes das

Sete Linhas.

1ª - Expressão

Oxalá

da Inteligência

2ª - Expressão

Iemanjá

do Amor

3ª - Expressão

Xangô

da Ciência

Caô

4ª - Expressão

Oxóssi

da Lógica

5ª - Expressão

Xangô

da Justiça

Agodô

6ª - Expressão

Ogum

da Ação

7ª - Expressão

Iofá

da Filosofia

**2003**

Rubens Saraceni Livro “Sete

Linhas de Umbanda – A

Religião dos Mistérios”.

1ª - Essência

Oxalá

Cristalina – Fé

2ª - Essência

Mineral –

Oxum

Amor

3ª - Essência

Vegetal –

Oxóssi

Conhecimento

4ª - Essência

Xangô

Ígnea – Justiça

5ª - Essência

Ogum

Aérea – Lei

6ª - Essência

Telúrica –

Obaluaê

Evolução

7ª - Essência

Aquática –

Yemanjá

Geração/Vida

**2009**

Lurdes de C. Vieira

(coordenação) Livro “Manual

Doutrinário, Ritualístico e

Comportamental Umbandista”

Mistério da

Fé –

Oxalá

qualidade

congregadora

Mistério da

Ogum

Ordenação –

onipotência

Mistério do

Oxóssi

Conhecimento

– onisciência

Mistério da

Xangô

Justiça

Mistério do

Oxum

Amor –

concepção

Mistério do

Obá

Conhecimento

- concentração

Iansã

Mistério da

Lei – direção

Mistério do

Oxumaré

Amor –

renovação

Mistério da

Obaluaê

Evolução

Mistério da

Omolu

Vida –

estabilização

Nanã

Mistério da

Evolução –

racionalização

Oiá

Mistério da

Tempo

Religiosidade

Egunitá –

Mistério da

Egunitá

Justiça –

purificação

Qualidade

vitalizadora

Exu

de Olorum

(Deus, Zâmbi)

Qualidade

Pombogira

estabilizadora

**2010**

Janaina Azevedo Corral

Livro “As Sete Linhas da

Umbanda”

1ª

Linha de Oxalá

2ª

Linha das Águas

Linha dos Ancestrais

3ª

(Yori e Yorimá)

4ª

Linha de Ogum

5ª

Linha de Oxóssi

6ª

Linha de Xangô

7ª

Linha do Oriente

**AS SETE LINHAS NA**

**FORMA EM QUE SÃO**

**MAIS CONHECIDAS**

**E/OU MAIS SE**

**MANIFESTAM NOS**

**TERREIROS DE**

**UMBANDA.**

1ª

Oxalá

2ª

Iemanjá

3ª

Xangô

4ª

Ogum

5ª

Oxóssi

6ª

Yori

7ª

Yorimá

## *O xalá*

Vibração que coordena as dem ais, a *Linha de Oxalá* é a que representa o reflexo de Deus. As Entidades dessa linha costum am falar calm am ente. Seus pontos cantados possuem grande aspecto m ístico. Raram ente assum em chefia de cabeça.

**SETE CHEFES DE**

**LEGIÃO DA VIBRAÇÃO**

**ESPIRITUAL DE OXALÁ**

Caboclo

Representante

Urubatão

da vibração

da Guia

espiritual

Caboclo

Intermediário

Guaracy

para Ogum

Caboclo

Intermediário

Guarani

para Oxóssi

Caboclo

Intermediário

Aimoré

para Xangô

Caboclo

Intermediário

Tupi

para Yorimá

Caboclo

Intermediário

Ubiratan

para Yori

Caboclo

Intermediário

Ubirajara

para Iemanjá

### *Ie manjá*

Tam bém conhecida com o *Linha d´Água* ou *Povo d´Água*. Representa o fem inino, a m aternidade, a energia geradora. As entidades dessa linha apreciam trabalhar com água, inclusive do m ar ou salgada, fixando vibrações, de m aneira serena.

Na Um banda, Oxum , Iansã e Nanã, assim com o as dem ais Iabás

(Orixás fem ininos/Santas) pertencem a essa Linha.

**SETE CHEFES DE**

**LEGIÃO DA VIBRAÇÃO**

**ESPIRITUAL DE**

**IEMANJÁ**

Representante

Cabocla

da vibração

Iara

espiritual

Cabocla

Intermediário

Estrela

para Oxalá

do Mar

Cabocla

Intermediário

Indaiá

para Oxóssi

Cabocla

Intermediário

do Mar

para Ogum

Cabocla

Intermediário

Iansã

para Xangô

Cabocla

Intermediário

Nanã

para Yorimá

Buruquê

Cabocla

Intermediário

Oxum

para Yori

### *Xangô*

Os pontos cantados dessa Linha nos rem etem aos pontos de força do Orixá Xangô: pedreiras, cachoeiras, m ontanhas. Justiça, lei cárm ica (ação e reação), avaliação do estado espiritual são alguns dos aspectos atrelados a Xangô e a essa Linha.

**SETE CHEFES DE**

**LEGIÃO DA VIBRAÇÃO**

**ESPIRITUAL DE XANGÔ**

Representante

Xangô Caô

da vibração

espiritual

Xangô

Intermediário

Pedra

para Oxalá

Branca

Xangô

Intermediário

Agodô

para Oxóssi

Xangô

Intermediário

Sete

para Ogum

Montanhas

Xangô

Intermediário

Sete

para Yori

Cachoeiras

Xangô

Intermediário

Pedra

para Yorimá

Preta

Xangô

Intermediário

Sete

para Iemanjá

Pedreiras

### *O gum*

Ogum protege as batalhas da vida, tom a a frente das dem andas da fé e de tudo o que nos aflige. É a Linha do guerreiro m ístico, espiritual. Os pontos cantados e as preces relacionadas a essa Linha evocam as lutas, as batalhas, a determ inação.

Orixá m ediador dos choques cárm icos, Ogum rege caboclos que andam de um lado para o outro, enérgicos, vivazes, que falam de m aneira vibrante e decidida.

**SETE CHEFES DE**

**LEGIÃO DA VIBRAÇÃO**

**ESPIRITUAL DE OGUM**

Representante

Ogum

da vibração

Dilê

espiritual

Ogum

Intermediário

Matinata

para Oxalá

Ogum

Intermediário

Rompe-

para Oxóssi

Mato

Ogum

Intermediário

Beira-

para Xangô

Mar

Ogum

Intermediário

de Malê

para Yorimá

Ogum

Intermediário

Megê

para Yori

Ogum

Intermediário

Iara

para Iemanjá

### *O xóssi*

Fala, passes, trabalhos e conselhos: tudo é sereno, seguro e forte nas entidades regidas por Oxóssi, o Caçador das Alm as. Seus pontos cantados evocam a natureza e sua espiritualidade, notadam ente a das m atas.

**SETE CHEFES DE**

**LEGIÃO DA VIBRAÇÃO**

**ESPIRITUAL DE OXÓSSI**

Caboclo

Representante

Arranca-

da vibração

Toco

espiritual

Caboclo

Intermediário

Arariboia

para Ogum

Caboclo

Intermediário

Arruda

para Oxalá

Caboclo

Intermediário

Cobra

para Xangô

Coral

Caboclo

Intermediário

Tupinambá

para Yorimá

Cabocla

Intermediário

Jurema

para Yori

Caboclo

Intermediário

Pena

para Iemanjá

Branca

***Yori***

Espíritos evoluídos que se m anifestam com o crianças, serenas ou um pouco vivazes com põem a Linha de Yori. A m aioria gosta de se sentar ao chão, outros de andar de lá para cá. Apreciam bastante os doces. Seus pontos cantados ora são alegres, ora tristes, com constantes evocações ao Papai e à Mam ãe do Céu.

As crianças ensinam ao m ais sisudo dos m édiuns e/ou aos irm ãos da assistência a im portância da alegria, da leveza, do lúdico, do despertar e dos cuidados para com a criança interior. Além disso nos lem bram o respeito às crianças encarnadas, conform e o conselho do próprio Mestre Jesus, quando pede que deixem as crianças chegar até Ele.

Nas giras de alguns tem plos dão consulta. Em outras, interagem , conversam , benzem e cruzam os presentes. Sem pre alegram e purificam o am biente.

Em suas festas, em algum as casas, por influência dos Cultos de Nação, é servido caruru, prim eiro aos espíritos da Linha de Yori, depois às crianças encarnadas presentes, sendo que todos devem com er com as m ãos. Depois o caruru é servido aos adultos, que com em com talheres ou, se preferirem , tam bém com as m ãos.

**SETE CHEFES DE**

**LEGIÃO DA VIBRAÇÃO**

**ESPIRITUAL DE YORI**

Representante

Tupãzinho

da vibração

espiritual

Intermediário

Ori

para Oxalá

Intermediário

Damião

para Oxóssi

Intermediário

Yari

para Ogum

Intermediário

Doum

para Xangô

Intermediário

Cosme

para Yorimá

Intermediário

Yariri

para Iemanjá

### *Yorimá*

Na Linha de Yorim á ou Linha das Alm as, Magos da Luz, por m eio de suas m irongas, trazem luz, am paro, conforto a todos. Apreciam

trabalhar com diversos elem entos, dentre eles fum o e fum aça, fixando bons fluídos e elim inando os m aléficos.

Eficazes auxiliares de outros guias, raram ente assum em a chefia de cabeça.

As atitudes, as palavras, os conselhos dos Pretos-Velhos, pais e vovôs am orosos, bem com o seus pontos cantados, nos convidam à hum ildade, ao perdão, ao auto-perdão e a assum ir novas posturas diante da vida.

**SETE CHEFES DE**

**LEGIÃO DA VIBRAÇÃO**

**ESPIRITUAL DE**

**YORIMÁ**

Representante

Pai

da vibração

Guiné

espiritual

Pai

Intermediário

Tomé

para Oxalá

Pai

Intermediário

Joaquim

para Oxóssi

Pai

Intermediário

Benedito

para Ogum

Vovó

Intermediário

Maria

para Xangô

Conga

Pai

Intermediário

Congo d

para Yori

Áruanda

Pai

Intermediário

Arruda

para Iemanjá

## OU TR A S LIN HA S D A U M B A N D A

### *Baianos*

Os Baianos trabalham sob a irradiação de diversos Orixás e, evidentem ente, nem todos são realm ente baianos ou nordestinos (alguns podem ter sido Babalorixás de origem diversa, identificando-se, portanto com o culto aos Orixás).

Alegres, brincalhões, adoram festas e apreciam desm anchar trabalhos de m agia deletéria, sendo bons conselheiros e orientadores. Gostam m uito de dançar, o que, além de ser um a descontraída m anifestação de alegria é tam bém um a m aneira dirigida de m anipulação de energia. Alguns são genuinam ente quim bandeiros, identificando-se, portanto, com os Exus e as Pom bogiras, trabalhando na Esquerda. Tam bém se

apresentam , m uitas vezes, em giras de Caboclos e Pretos-Velhos.

Irreverentes e batalhadores, representam , ainda, o arquétipo do m igrante nordestino a enfrentar o cotidiano com determ inação. Procuram esclarecer espíritos de vibração deletéria, contudo, quando isso não é possível, costum am

“am arrá-los”, isto é, isolá-los energeticam ente, até o dia em que estej am abertos a conselhos e realm ente queiram ser aj udados.

**ALGUMAS**

**CARACTERÍSTICAS DOS**

**BAIANOS**

Chapéu de

palha ou de

couro, roupa

Apresentação

de couro,

sotaque e

vocabulário

tipicamente

nordestinos.

Dão passes

e

desmancham

trabalhos de

magia

deletéria.

Alguns

| | |
|---|---|
| Atuação | |
| benzem com água e/ou dendê. | |
| Trabalham com fortes orações e rezas. | |
| Bebidas | Água de coco, batida de coco, cachaça. |
| Comidas | Cocada, coco, farofa com carne seca. |
| Cores | Laranja ou aquela definida pela própria entidade. |

Cigarro de

Fumo

palha.

Chiquinho

Cangaceiro,

Gentilero,

Mané

Baiano,

Maria do

Alto do

Morro,

Maria do

Balaio,

Maria

Baiana,

Maria

Bonita,

Nomes

Maria dos

Remédios,

Sete

Ponteiros,

Severino,

Zé do

Berimbau,

Zé do Coco,

Zé Pelintra,

Zé do

Prado, Zé

do Trilho

Verde e

outros.

### *Cangaç o*

Por vezes confundida com a Linha da Bahia, agrega espíritos de antigos cangaceiros ou afins que hoj e usam seus conhecim entos para proteção, lim peza, defesa e outros. Alguns de seus nom es: Maria Bonita, Corisco, Zóio Furado, etc.

### *Boiade iros*

Tam bém conhecidos com o Caboclos Boiadeiros em determ inados segm entos um bandistas. Segundo alguns um bandistas, j á foram Exus e transitaram de faixa vibratória (nos Candom blés onde se m anifestam Boiadeiros, geralm ente fazem funções protetoras das quais os Exus se encarregam na Um banda). Protetores, utilizam -se do laço e do chicote com o arm as espirituais contra as investidas de espíritos de vibrações deletérias. Conduzem os espíritos para seu destino e resgatam aqueles que se perderam da Luz.

Certam ente m uitos desses espíritos, quando encarnados (hom ens e m ulheres), lidaram com o gado, em fazendas, com itivas e outros: vaqueiros, tocadores de viola, laçadores, etc. Trabalham para diversos fins, com velas, pontos riscados e rezas fortes. Sua dança é rápida e ágil. Preferem bebidas fortes, com o cachaça com m el (m eladinha), vinho tinto, m as tam bém bebem cervej a. Seu dia votivo é quinta-feira. Seu prato preferido é carne bovina com feij ão tropeiro; tam bém apreciam abóbora com farofa de torresm o. Em oferendas, usam -se tam bém fum o de rolo e cigarro de palha.

Quanto às vestim entas e identificações, costum am solicitar panos para cobrir a região dos seios das m édiuns, valem -se de chapéus de

couro, laços, bom bachas e até berrantes. Sua saudação e seu brado costum am ser *Jetruá!* , *Xetro Marrumba Xetro!* e/ou *Minaketo Navizala!* : “Salve o que tem braço (pulso) forte!”

Alguns Boiadeiros: Boiadeiro do Chapadão, Boiadeiro Chapéu de Couro, Boiadeiro de Im baúba, Boiadeiro do Ingá, Boiadeiro da Jurem a, Boiadeiro Jurem á, Boiadeiro do Laj edo, Boiadeiro Navizala, Boiadeiro do Rio, Carreiro, João Boiadeiro, João do Laço, Zé do Laço, Zé Mineiro.

### *Marinhe iros*

Os Marinheiros apreciam o álcool, o qual deve ser servido com parcim ônia, com o intuito de regular o m agnetism o desses espíritos, que, dessa m aneira, se equilibram m elhor em e com seus m édiuns. Locom ovem -se para frente e para trás em virtude do m agnetism o aquático.

Alegres, brincalhões, am igáveis, identificam -se com a vida no m ar, à qual estavam ligados quando encarnados (hom ens ou m ulheres) com o m aruj os, capitães, piratas, pescadores e outros. Atuam principalm ente no desm anche de dem andas, em casos de doença e no descarrego de am bientes onde ocorrem trabalhos espirituais. Literalm ente lavam e purificam . Tam bém dão consultas e passes. Toda a energia deletéria é encam inhada para o fundo do m ar.

A origem dessa Linha, sem dúvida, é Iem anj á, contudo os Marinheiros trabalham sob a irradiação de diversos Orixás. Chefiados por Tarim á, costum am andar em grupo. Alguns m arinheiros: Chico do Mar, Maria do Cais, Seu Gererê, Seu Iriande, Seu Marinheiro Japonês, Seu Martim Pescador.

Saudação: “É da Marinha!” ou “É do Mar!”

### *Ciganos*

Os Ciganos form am Linha bastante antiga de trabalhos na Um banda. Por vezes, apresentam -se na Linha do Oriente e com ela se confundem . Atuam em diversas áreas, em especial no tocante à saúde, ao am or e ao conhecim ento, com tratam entos e características diferentes das de outras correntes, falanges e Linhas. Assim com o o povo Cigano, quando encarnado, possui origem antiga e pulverizada em diásporas, caracterizado pelo nom adism o, o Povo Cigano do Astral assenta-se nos m ais diversos terreiros de Um banda. Na Espiritualidade, os Ciganos não estão m ais afeitos a tradições fechadas (Ciganos casando-se apenas entre eles, por exem plo) e patriarcais terrenas (a m ulher sem filhos biológicos praticam ente perdendo seu valor perante o m

arido, a fam ília e a com unidade), podendo atuar com m ais liberdade; daí afinarem -se à Um banda, conhecida pelo sincretism o e por abrir as portas a diversas Linhas espirituais.

Alegres e experientes, trabalham utilizando-se de seus conhecim entos m ágicos, tanto na Direita quanto na Esquerda. Se existem Exus e Pom bogiras Ciganos, há tam bém Ciganos que, por afinidade e/ou por não encontrar outros cam inhos num a casa, trabalham na Linha da Esquerda.

Am parados pela vibração oriental, traj am vestes e adereços característicos, valendo-se de cartas, runas, bolas de cristal, Num erologia e outros expedientes que lhes são fam iliares. Apreciam tam bém trabalhar com cores (cada Cigano tem sua cor de vibração e de velas, em bora possa se valer de diversas cores, em virtude dos vastos conhecim entos que possuem ) e com incensos. Utilizam -se, ainda, de pedras, bebidas, punhais, lenços e outros elem entos para Magia Branca.

Em bora haj a orações, sim patias e feitiços Ciganos espalhados em profusão em livros, revistas, sites na internet e outros, vale lem brar que a Um banda, sej a na Direita ou na Esquerda, j am ais trabalha com qualquer elem ento que venha a ferir o livre-arbítrio de alguém .

Em m uitas casas, Linha do Oriente e Linha Cigana se confundem ; em outras, trabalham separadam ente (há casas em que aparece apenas a Linha Cigana).

Existe, ainda, a leitura de que a Linha Cigana seria um a espécie de divisão/falange da Linha do Oriente.

### *Santa Sara*

Padroeira do Povo Cigano. Reza a tradição, num a das lendas de Santa Sara, que, para fugir das perseguições de Herodes Agripa, alguns discípulos de Jesus foram colocados num a barca sem velas, rem os ou o m ínim o de provisões.

Dentre os discípulos estavam Maria Salom é, m ãe de Tiago Maior e João, e Maria Jacobé, Irm ã ou prim a de Maria, m ãe de Jesus, j untam ente com a serva Sara.

Em 44 ou 45 d. C., a em barcação teria chegado a Cam argue, na França. Maria Jacobé, Maria Salom é e Sara teriam perm anecido na m esm a região, enquanto os dem ais discípulos se dispersaram pela Gália com o evangelizadores.

Segundo outras versões, Sara vivia às m argens do Mediterrâneo e foi acolhida pelas outras m ulheres, tornando-se, posteriorm ente, cristã, serva e acom panhante de Maria Jacobé e Maria Salom é. Outras fontes caracterizam Sara com o abadessa ou freira de um convento líbio, rainha egípcia que teria acolhido os evangelizadores, ou m esm o descendente dos atlantes. Para os Ciganos, a Virgem Sara é cham ada tam bém de Kali (o que significa “negra”; tam bém nom e de um a deusa negra indiana, relacionada à m orte).

Oração popular

*Minha doce Santa Sara Kali, tu, que és a única santa cigana do mundo; tu, que sofreste todas as formas de humilhação e preconceito; tu, que foste amedrontada e jogada ao mar para que morresses de sede e de fome; tu, que sabes o que é o medo, a fome, a mágoa e a dor no coração, não permitas que meus inimigos zombem de mim ou me maltratem. Que tu sejas minha advogada perante Deus, que tu me concedas sorte, saúde, paz e que abençoe a minha vida.*

*Amém.*

### *O rie nte*

Linha bastante genérica, sem pre aberta às Entidades Ancestrais m ais diversas, isto é, a espíritos os m ais variados que com ela se afinem , agrupando-se de acordo com distintas tradições, traços culturais, etc.

Além de m uitas vezes incluir o Povo Cigano, m uitas casas não reconhecem a Linha do Oriente, “distribuindo” os Guias e as Entidades nas Linhas de Pretos-Velhos ou Caboclos.

Em linhas gerais, sua ritualística é diversa: os Guias não trabalham com bebidas alcoólicas (exceto no caso dos Ciganos), usam roupas coloridas e m etais nobres (ouro, prata e bronze). Podem , ainda, não utilizar atabaques, m as instrum entos com o harpa ou cítara. Suas oferendas tam bém são específicas.

**ALGUMAS LEGIÕES DA**

**LINHA DO ORIENTE**

Exemplos de

Legiões

Guias e/ou

desdobramentos

Ramatís

Caboclo Pena

Legião

de Pavão

dos

Caboclo Sultão

Indianos

das Matas

Caboclo Sete

Mares

Cacique Jacó

Caboclo das

Legião

Sete

dos

Encruzilhadas

Árabes,

Caboclo Orixá

Persas,

Malê

Turcos e

Caboclo Akuan

Hebreus

(Abdul)

Caboclo

Tupaíba

Legião

dos

Chineses,

Tibiri, o

Tibetanos,

Japonês

Japoneses

e

Mongóis

Legião

dos

Egípcios

Legião

dos

Maias,

Toltecas,

Astecas,

Incas e

Caraíbas

Falange dos

Portugueses

Falange dos

Legião

Cruzados

dos

Falange dos

Europeus

Templários

Falange dos

Romanos

Falange dos

Santos

Curadores

Falange dos

Médicos

Ocidentais

Legião

Falange dos

dos

Terapeutas

Médicos,

Orientais

Sábios e

Falange dos

Xamãs

Rezadores

Falange dos

Cabalistas e

Alquimistas

Falange dos

Raizeiros

Falange dos

Xamãs

### *Me ntore s de c ura ( L inha de Cura)*

Os m entores de cura trabalham de diversas m aneiras (os m étodos m ais com uns estão descritos abaixo). A fim de que seu trabalho sej a bastante aproveitado, é necessário preparo e dedicação do m édium , além da observação, por parte do paciente, de prescrições específicas (roupas, abstenções tem porárias, repouso e outros).

Vale lem brar que, do ponto de vista holístico, o conceito de cura é am plo e depende de vários fatores (padrão de pensam ento, reform a íntim a, program ação espiritual – a qual, evidentem ente, pode ser revista, de acordo com a vivência cotidiana de cada um – , m erecim ento e outros). Nesse sentido, m uitas vezes, obter a cura significa conseguir paz, equilíbrio e dim inuição das dores para um desencarne sereno.

**MÉTODOS DE TRABALHO**

**MAIS CONHECIDOS**

Estando o

mentor

espiritual

incorporado no

médium,

poderá ou não

valer-se de meios cirúrgicos

Cirurgia elementares espiritual (cortes, punções, raspagens e outros). Envolve a manipulação do corpo físico por meio das mãos do médium. Realizada diretamente no perispírito do paciente, em data e horário

Cirurgia previamente perispiritual

determinados,
pode ou não
contar com a
colaboração
de um médium
presente.
Atuando no
corpo físico e
no duplo
etérico, em
especial para
males de
origem
Cromoterapia
emocional, é
indicada pelos
mentores de
cura e deve ser
aplicada por
médiuns que
conheçam a
técnica.
Atuando no
corpo físico e

no perispírito,
deve ser
aplicada por
Fluidoterapia
médiuns que
conheçam a
técnica.
Indicada pelos
mentores
espirituais.
Indicada pelos
mentores
espirituais, a
Homeopatia
está disponível
em qualquer
Homeopatia
farmácia
especializada
e deve ser
consumida
conforme a
indicação.
Bastante

utilizado para combater males de origem emocional e psíquica, deve ser aplicado por médium sintonizado (iniciado na técnica). Realizada por equipe espiritual, em data e horário previamente estipulados.

Reiki

Visita espiritual

Nas visitas são aplicados passes, feitas orações e

realizados,

ainda, outros

procedimentos.

Acupuntura,

aromaterapia,

chás,

Outros

cristaloterapia,

florais de

Bach, Do-in,

etc.

**INTERAÇÃO COM OS**

**MÉDIUNS**

Sutil e

geralmente

consciente. Em

muitos casos, o

mentor se vale

Incorporação

da fala,

assumindo o

controle motor

quando

necessário.

Muito importante o equilíbrio e o desenvolvimento do médium, a fim de não haver distorção das orientações dos mentores (tratamentos, providências e outros).

Intuição

Assemelha-se a toda e qualquer psicografia, entretanto, os mentores costumam ditar receitas de tratamentos e medicamentos, alguns deles da

Psicografia

própria

Medicina dita

Alopática.

**EQUIPES ESPIRITUAIS**

Auxiliam no

levantamento

do histórico

dos pacientes

e os inspiram

a mudanças

de hábitos e

Apoio

atitudes, a fim

de que os

tratamentos,

remédios e

demais

terapêuticas

sejam

plenamente

aproveitados.

À semelhança

das equipes

cirúrgicas

terrenas,
possuem
cirurgiões,
assistentes,
anestesistas,
etc. Diferem,
contudo, na
Cirúrgicas
aparelhagem e
na tecnologia
disponíveis.
Contribuem
também com
passes e
aplicação de
energias
associados às
intervenções
cirúrgicas.
Equilibram o
mental e o
emocional do
paciente, dos
que o

auxiliam e do
ambiente,
aumentando
as boas
energias.
Essas equipes
Oração
podem ser
formadas por
espíritos que,
quando
encarnados,
foram
religiosos e,
portanto,
estão
acostumados
às preces.
Antes, durante
e depois das
sessões,
encarregam-
se de aplicar
passes em

| | |
|---|---|
| Passes | |
| pacientes e | |
| médiuns, em | |
| especial nas | |
| sessões de | |
| cura e nas | |
| visitas | |
| espirituais. | |
| Nos | |
| tratamentos, | |
| visitas, etc., | |
| protegem os | |
| pacientes da | |
| ação de | |
| espíritos com | Proteção |
| vibrações | |
| deletérias, | |
| geralmente | |
| causadores | |
| das doenças e | |
| desequilíbrios | |
| desses | |
| pacientes. | |

**TIPOS DE MALES**

Doenças
geralmente
incuráveis
(fatais ou não).
Toda forma de
Males
tratamento,
cármicos
visa, portanto,
dar alívio,
conforto e
força ao
paciente.
Causados por
obsessores,
vampirizadores
e outros
Males
espíritos,
espirituais
reverberam no
corpo físico em
forma de

doenças.
Geralmente
provocados
por vícios,
maus hábitos,
má alimentação
e outros fatores
do cotidiano.
Contudo, os
males físicos
Males
estão atrelados
físicos
aos demais,
uma vez que
representam a
concretização/a
última etapa da
manifestação
de outros males
(espirituais,
cármicos e
mentais).
Depressão,

angústia, apatia
e outros. Se em
muitos casos a
ação é de
obsessores,
vampirizadores
e outros
espíritos afins,
a maior parte
origina-se da
atitude mental
Males
dos pacientes
mentais
(crenças
cristalizadas,
medos, culpa,
etc.). Os males
mentais podem
corporificar-se
em forma de
úlcera,
hipertensão,
câncer e uma

extensa lista de

doenças.

## A ESQ U ER D A

Na Um banda, em vez de se cultuar diretam ente o Orixá Exu, é m ais com um o culto aos Exus e às Pom bogiras, trabalhadores da cham ada Esquerda, oposto com plem entar da Direita. Ao longo da História, o conceito de esquerdo/esquerda foi de exclusão e incom preensão. Alguns exem plos: pessoas canhotas vistas sob suspeitas aos olhos de parte do clero e da população da Idade Média; em francês, esquerdo/esquerda é *gauche*, que tam bém significa atrapalhado, destoante; em italiano, esquerdo/esquerda é *sinistro/sinistra*, o que nos lem bra algo obscuro.

Incom preendidos e tem idos, Exus e Pom bogiras são vítim as da ingratidão e da intolerância, não apenas de religiões que não dialogam e discrim inam a Um banda e o Candom blé, m as, infelizm ente, tam bém no interior dessas próprias religiões: há m ais-velhos do Candom blé que ainda cham am Exus de “escravos”

ou “diabos”, enquanto alguns um bandistas afirm am “não quererem nada com Exu”.

Em linhas gerais, nas sociedades hum anas costum a-se, por exem plo, valorizar o m édico e não valorizar o lixeiro. Contudo, am bos os profissionais são extrem am ente im portantes para a m anutenção da saúde de cada indivíduo e da coletividade. Em term os espirituais, a Esquerda faz o trabalho m ais pesado de desm anches de dem andas, de policiam ento e proteção de tem plos (portanto, toda casa de oração tem os seus Exus), de lim peza energética, enfim . No anonim ato, sob nom es genéricos e referentes à linha de atuação, aos Orixás para os quais trabalham , Exus e Pom bogiras são m édicos, conselheiros, psicólogos, protetores, exercendo m últiplas funções que podem ser resum idas em um a palavra: Guardiões.

Se, em pinturas m ediúnicas, Exus e Pom bogiras apresentam -se com im agens e fisionom ias “norm ais”, por que as estatuetas que os representam parecem , aos olhos do senso com um , associá-los ainda m ais ao Diabo cristão? Por três razões básicas:

a. Os sím bolos de Exu pertencem a um a cultura diversa do universo cristão. Nela, por exem plo, a sexualidade não se associa ao pecado e, portanto, sím bolos fálicos são m ais evidentes, ligados tanto ao prazer quanto à fertilidade, enquanto o tridente representa os cam inhos, e

não algo infernal. O m esm o pode-se dizer, por exem plo, do dragão presente nas im agens de São Miguel e São Jorge: enquanto, no Ocidente cristão, o dragão representa o m al, em várias culturas do

Oriente é sím bolo de fogo e força espirituais.

b. A área de atuação de Exus e Pom bogiras solicita elem entos tais quais os utilizados por eles (capas, bastões, etc.) ou que os sim bolizam (caveiras, fogo, etc.), vibrações crom áticas específicas tam bém (verm elho e preto) e outros.

c. Do ponto de vista histórico e cultural, quando as com unidades que cultuavam Orixás perceberam , além da segregação, o tem or daqueles que os discrim inavam , assum iram conscientem ente a relação entre Exu e o Diabo cristão e passaram a representá-lo desta form a com o estratégia para afastar de seus locais de encontro e liturgia todo aquele que pudesse prej udicar suas m anifestações religiosas. Nesse sentido, m uitos dos nom es e pontos cantados de Exu, do ponto de vista espiritual (energias e funções) e cultural-histórico são "infernais".

De m odo bem sim ples, Exus e Pom bogiras podem ser definidos com o agentes da Luz nas trevas (do erro, da ignorância, da culpa, da m aldade, etc.).

Exus

Quando encarnados, geralm ente tiveram vida difícil, com o boêm ios, prostitutas e/ou dançarinas de cabaré (caso de m uitas Pom bogiras), em experiências de violência, agressão, ódio, vingança. Conform e dito acim a, são agentes da Luz atuando nas trevas. Praticando a caridade, executam a Lei de form a ordenada, sob a regência dos chefes e em nom e dos Orixás. Devem ser tratados com respeito e carinho, à m aneira com o se tratam am igos, e não com tem or.

Guardiões não apenas durante as giras e as consultas/atendim entos que dão nas giras de Esquerda, são os senhores do plano negativo ("negativo" não possui nenhum a conotação m oral ou de desvalor), responsabilizam -se pelos espíritos caídos, sendo, ainda, cobradores dos carm as. Com batem o m al e estabilizam o astral na escuridão. Cortam dem anda, desfazem trabalhos de m agia negra, auxiliam em descarregos e desobsessões, encam inham espíritos com vibrações deletérias para a Luz ou para am bientes específicos do Astral Inferior, a fim de ser reabilitarem e seguirem a senda da evolução.

Sua roupa geralm ente é preta e verm elha, podendo usar capas,

bengalas, chapéus e instrum entos com o punhais. Com o soldados e policiais do Astral, utilizam uniform es apropriados para batalhas, diligências e outros. Suas em anações, quando necessário, são pesadas e intim idam . Em outras circunstâncias, apresentam -se de m aneira elegante. Em outras palavras, sua roupagem fluídica depende de vários fatores, com o evolução, função, m issão, am biente etc. Podem , ainda, assum ir aspecto anim alesco, grotesco, possuindo

grande capacidade de alterar sua aparência.

Os Exus são alegres e brincalhões e, ao m esm o tem po, dão e exigem respeito.

Honram sua palavra, buscam constantem ente sua evolução. Guardiões, expõem -

se a choques energéticos. Espíritos caridosos, trabalham principalm ente em causas ligadas aos assuntos m ais terrenos. Se aparentam dureza, franqueza e pouca em otividade, em outros m om entos, conform e as circunstâncias, m ostram -

se am orosos e com passivos, afastando-se, porém , daqueles que visam a atrasar sua evolução. Suas gostosas gargalhadas não são apenas m anifestações de alegria, m as tam bém potentes m antras desagregadores de energias deletérias, em itidos com o intuito de equilibrar especialm ente pessoas e am bientes.

É m uito im portante o consulente conhecer a casa que se frequenta, para que não se confunda Exu e Pom bogira com quium bas. Pela Lei de Ação e Reação, pedidos e com prom etim entos feitos visando ao m al e desrespeitando o livre-arbítrio serão cobrados. Quanto às casas, a fim de evitar consulentes desavisados, algum as optam por fazer giras de Esquerda fechadas, enquanto outras as fazem abertas, m as quase sem pre com pequena preleção a respeito da Esquerda.

Saudação: *Laroiê Exu* (ou *Pombogira*), *Exu* (ou *Pombogira*) *ê Mojubá!*

**OS EXUS E ALGUNS PONTOS**

**DE VIBRAÇÃO**

Geralmente

trabalham para

Obaluaê. Alguns

operam em
trabalhos,
obrigações,
descarregos,
Cemitério
mas não dão
consultas.
Trabalham,
quando em
consulta,
descarregando o
consulente,
sendo sérios e
discretos.
Além de se
apresentarem
em trabalhos,
obrigações e
descarregos,
gostam de dar
consultas. Nem
Encruzilhada
tão sérios
quanto os Exus

de Cemitério,

nem tão

brincalhões

quanto os Exus

de Estrada.

Trabalham para

diversos Orixás.

Movimentam-se

bastante, dão

consultas, são

brincalhões e

apreciam uma

Estrada

boa gargalhada

(o que não

significa

bagunça; sua

descontração

não rima com

esculhambação).

### *Exu Mirim*

Os Exus Mirins com põem a Linha da Esquerda, apresentando-se com o crianças ou adolescentes. São extrovertidos, brincalhões e trabalham com funções análogas às de Exus e Pom bogiras. Utilizam -se dos elem entos com uns à Linha da Esquerda (cores, fum o, álcool etc.).

Segundo alguns segm entos um bandistas, nunca encarnaram ,

enquanto outros sustentam que, à m aneira de Exus e Pom bogiras, tiveram difícil vivência encarnatória e hoj e se utilizam de seus conhecim entos para prom over a segurança, a proteção, o bem -estar.

### *P ombogira*

O term o Pom bogira é um a corruptela de Bom boj ira, que, em terreiros bantos, significa Exu, vocábulo que, por sua vez, deriva do quicongo “m pam bu-a-nzila”

(em quim bundo, “pam buanj ila”), com o significado de “encruzilhada”.

Trabalham com o desej o, especialm ente com o sexual, freando os exageros e deturpações sexuais dos seres hum anos (encarnados ou desencarnados), direcionando-lhes a energia para aspectos construtivos. Algum as delas, em vida, estiveram ligadas a várias form as de desequilíbrio sexuais: pela Lei de Ação e Reação, praticando a caridade, evoluem e auxiliam outros seres à evolução.

Alegres, divertidas, sim páticas, conhecem a alm a hum ana e suas intenções.

Sensuais e equilibradas, descarregam pessoas e am bientes de energias viciadas.

Gostam de dançar. Infelizm ente, são bastante confundidas com quium bas e consideradas responsáveis por am arrações de casais, separações e outros, quando, na verdade, seu trabalho é o de equilibrar as energias do desej o.

Exem plo: quando alguém é viciado em sexo (desequilíbrio), podem encam inhar circunstâncias para que a pessoa tenha verdadeira overdose de sexo, de m odo a esgotá-la e poder trabalhá-la para o reequilíbrio. Assim com o os Exus de caráter m asculino, as Pom bogiras são agentes cárm icos da Lei.

Geralm ente o senso com um associa as Pom bogiras a prostitutas. Se m uitas delas estão resgatando débitos relacionados à sexualidade, isso ocorre, contudo, não apenas por prom iscuidade e pelas consequências energéticas decorrentes, m as, tam bém , pela abstinência sexual ideológica e religiosam ente im posta; caso de m uitas m ulheres que professaram votos celibatários, m as foram grandes agressoras de crianças, pessoas am arguradas praguej ando contra m ulheres com vida sexual ativa, etc.

Suas cores geralm ente são verm elho e preto. Alguns nom es: Maria Molam bo, Sete-Saias, Maria Padilha, Pom bogira do Cruzeiro, Pom bogira Rosa Caveira etc.

### *L inha dos Exus*

Abaixo, um a lista sintética a respeito da organização da Linha dos Exus, contudo, com o em outras Linhas e Falanges, existem variações. Exu Marabô, por exem plo, geralm ente se apresenta trabalhando sob as ordens de Oxóssi, m as às vezes tam bém trabalha sob as de Xangô.

**OS SETE EXUS CHEFES DE**

**FALANGE VIBRAÇÃO**

**ESPIRITUAL DE OXALÁ**

Comando

Exu Sete

negativo da

Encruzilhadas

linha

Exu Sete

Intermediário

Chaves

para Ogum

Exu Sete

Intermediário

Capas

para Oxóssi

Exu Sete

Intermediário

Poeiras

para Xangô

Exu Sete

Intermediário

Cruzes

para Yorimá

Exu Sete

Intermediário

Ventanias

para Yori

Exu Sete

Intermediário

Pembas

para Iemanjá

**OS SETE EXUS CHEFES**

**DE FALANGE**

**VIBRAÇÃO ESPIRITUAL**

**DE IEMANJÁ**

Comando

Pombogira

negativo da

Rainha

linha

Exu Sete

Intermediário

Nanguê

para Ogum

Pombogira

Intermediário

Maria

para Oxóssi

Molambo

Exu Sete

Intermediário

Carangola

para Xangô

Exu Maria

Intermediário

Padilha

para Yorimá

Exu Má-

Intermediário

canjira

para Yori

Intermediário

Exu Maré

para Oxalá

**OS SETE EXUS CHEFES**

**DE FALANGE**

**VIBRAÇÃO ESPIRITUAL**

**DE YORI**

Comando

Exu Tiriri

negativo da

linha

Exu

Intermediário

Toquinho

para Ogum

Intermediário

Exu Mirim

para Oxóssi

Intermediário

Exu Lalu

para Xangô

Intermediário

Exu Ganga

para Yorimá

Exu

Intermediário

Veludinho

para Oxalá

Exu

Intermediário

Manguinho

para Iemanjá

**OS SETE EXUS CHEFES**

**DE FALANGE**

**VIBRAÇÃO ESPIRITUAL**

**DE XANGÔ**

Comando

Exu Gira-

negativo da

mundo

linha

Exu Meia-

Intermediário

Noite

para Ogum

Exu

Intermediário

Mangueira

para Oxóssi

Exu

Intermediário

Pedreira

para Oxalá

Exu

Intermediário

Ventania

para Yorimá

Exu

Intermediário

Corcunda

para Yori

Exu

Intermediário

Calunga

para Iemanjá

**OS SETE EXUS CHEFES**

**DE FALANGE**

**VIBRAÇÃO ESPIRITUAL**

**DE OGUM**

Exu

Comando

Tranca-

negativo da

rua

linha

Exu

Intermediário

Tira-

para Oxalá

teimas

Exu

Intermediário

Veludo

para Oxóssi

Exu

Intermediário

Tranca-

para Xangô

gira

Exu

Intermediário

Porteira

para Yorimá

Exu

Intermediário

Limpa-

para Yori

trilhos

Exu

Intermediário

Arranca-

para Iemanjá

toco

**OS SETE EXUS CHEFES**

**DE FALANGE**

**VIBRAÇÃO ESPIRITUAL**

**DE OXÓSSI**

Comando

Exu

negativo da

Marabô

linha

Exu

Intermediário

Pemba

para Ogum

Exu da

Intermediário

Campina

para Oxalá

Exu

Intermediário

Capa

para Xangô

Preta

Exu das

Intermediário

Matas

para Yorimá

Exu

Intermediário

Lonan

para Yori

Exu

Intermediário

Bauru

para Iemanjá

**OS SETE EXUS CHEFES**

**DE FALANGE**

**VIBRAÇÃO ESPIRITUAL**

**DE YORIMÁ**

Comando

Exu

negativo da

Caveira

linha

Exu do

Intermediário

Lodo

para Ogum

Exu

Intermediário

Brasa

para Oxóssi

Exu

Intermediário

Come-

para Xangô

fogo

Exu

Intermediário

Pinga-

para Oxalá

fogo

Exu

Intermediário

Bará

para Yori

Exu

Intermediário

Alebá

para Iemanjá

A Um banda possui diversas linhas, todas de sum a im portância, contudo seu tripé (base) é form ado pelos Caboclos, pelos Pretos-Velhos e pelas Crianças.

### *Caboc lo*

Tam bém conhecidos com o Caboclos de Pena, form am verdadeiras aldeias e tribos no Astral, representados sim bolicam ente pela cidade da Jurem a, pelo Hum aitá e outros. Existem falanges e especialidades diversas, com o as de caçadores, feiticeiros, j usticeiros, agricultores, rezadores, parteiras e outras, sem pre a serviço da Luz, na Linha de Oxóssi e na vibração de diversos Orixás. A cor característica dos Caboclos é o verde leitoso, enquanto a das Caboclas é o verde transparente. Seu principal ponto de força são as m atas.

Nessa roupagem e pelas m últiplas experiências que possuem (encarnações com o cientistas, m édicos, pesquisadores e outros), geralm ente são escolhidos por Oxalá para serem os Guias-chefe dos m édiuns, representando o Orixá de cabeça do m édium de Um banda (em alguns casos, os Pretos-Velhos é que assum em tal função). Na m aioria dos casos, portanto, os Caboclos vêm na irradiação do Orixá m asculino da coroa do m édium , enquanto as Caboclas, na irradiação do Orixá fem inino da coroa m ediúnica. Todavia, os Caboclos tam bém podem vir na irradiação do próprio Orixá de quando estava encarnado, ou na do Povo do Oriente.

Atuam em diversas áreas e em várias tradições espirituais e/ou religiosas, com o no cham ado Espiritism o Kardecista ou de Mesa Branca.

Sim ples e determ inados, infundem luz e energia em todos. Representam o conhecim ento e a sabedoria que vêm da terra, da natureza, com um ente desprezado pela civilização, a qual, paradoxalm ente, parece redescobri-los.

Tam bém nos lem bram a im portância do elem ento indígena em nossa cultura, a m iscigenação de nosso povo e que a Um banda sem pre está de portas abertas para todo aquele, encarnado ou desencarnado, que a procurar.

Os brados dos Caboclos possuem grande força vibratória, além de representarem verdadeiras senhas de identificação entre eles, que ainda se cum prim entam e se abraçam enquanto em item esses sons. Brados e assobios são verdadeiros m antras que aj udam na lim peza e no equilíbrio de am bientes, pessoas, etc. O m esm o vale para o

estalar de dedos, um a vez que as m ãos possuem m uitíssim os term inais nervosos: os estalos de dedos se dão sobre o cham ado “Monte de Vênus” (porção m ais gordinha da m ão), descarregando energias deletérias e potencializando as energias positivas, de m odo a prom over o reequilíbrio.

Trabalham para

várias

finalidades,

mas

especialmente

para emprego e

prosperidade,

pelo fato de

Iansã ter forte

ligação com

Xangô.

Caboclos

Bastante

de Iansã

conhecidos

pelo passe de

dispersão

(descarrego).

Rápidos e de

grande

movimentação

(deslocamento),
são diretos no
falar, por vezes
causando
surpresa no
interlocutor.
Rodam
bastante,
incorporam
com suavidade,
contudo mais
rápido do que
os Caboclos de
Oxum. São
Caboclos
mais
de
conhecidos por
Iemanjá
desmanchar
trabalhos,
aplicar passes,
fazer limpeza
espiritual,

encaminhando
para o mar as
energias
deletérias.
De
incorporação
contida,
dançam pouco.
Por meio dos
passes,
encaminham
Caboclos
espíritos com
de Nanã
baixa vibração.
Aconselham
bastante,
explanando
sobre carma e
resignação.
Esses Caboclos
são raros.
Raro é vê-los
trabalhando

incorporados e,
quando isso
acontece, seus
médiuns têm
Obaluaê como
Orixá de
cabeça. São
velhos pajés.
Movimentam-se
Caboclos
pouco. Sua
de
incorporação
Obaluaê
parece bastante
com a de um
Preto-Velho
(alguns desses
Caboclos
utilizam
cajados para
caminhar).
Atuam em
campos

diversos da
magia.
Com
incorporação
rápida e mais
afeita ao chão,
não costumam
rodar. Suas
consultas são
diretas.
Conhecidos
Caboclos
pelos trabalhos
de Ogum
no campo
profissional,
seus passes
geralmente são
destinados a
doar força
física e
aumentar o
ânimo do
consulente.

Mais
conhecidos por
dirigir os
demais
Caboclos,
deslocam-se
pouco,
mantendo-se
Caboclos
fixado em
de Oxalá
determinado
ponto do
terreiro. Mais
conhecidos
pelos passes de
energização,
raramente dão
consulta.
Rápidos,
locomovem-se
bastante e
dançam muito.
Geralmente

Caboclos
chefes de
de
Linha, atuam
Oxossi
em diversas
áreas, em
especial com
banhos e
defumadores.
A incorporação
se dá
principalmente
pelo chacra
cardíaco.
Gostam de
rodar e são
comumente
suaves.
Concentram-se
tanto nos passes
de dispersão
quanto nos de
energização,

com ênfase no
Caboclos
alívio
de Oxum
emocional do
consulente (são
conhecidos por
lidar com
depressão,
desânimos e
outros
desequilíbrios
psíquicos).
Suas consultas
geralmente
levam o
consulente a
refletir
bastante.
Com
incorporações
rápidas e
contidas,
costumam

arriar seus

médiuns no

chão. Diretos

na fala aos

consulentes,

Caboclos

atuam bastante

de Xangô

com passes de

dispersão.

Principais

áreas de

atuação:

emprego e

realização

profissional,

causas judiciais

e imóveis.

Form a de apresentação de seres espirituais: Quando se trata de espíritos que encarnaram , geralm ente se utilizam da roupagem fluídica de um a de suas encarnações. A esse respeito, vej a-se o caso do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que, em sua prim eira com unicação pública, foi visto com o um sacerdote por um dos m édiuns, de fato tam bém um a de suas encarnações.

O senso com um afirm a que Caboclos e Pretos-Velhos não incorporam em centros espíritas. Na verdade, “baixam ” e com roupagens fluídicas diversas. Vale lem brar que a Um banda nasceu “oficialm ente” a partir da rej eição de Caboclos e Pretos-Velhos em m esas m ediúnicas

espíritas. De qualquer form a, com a am pliação do diálogo ecum ênico e inter-religioso e, portanto, da fraternidade entre encarnados, têm ocorrido m ais m anifestações m ediúnicas de Caboclos e Pretos-Velhos em casas espíritas.

A respeito da roupagem fluídica é interessante exem plificar com textos de Feraudy e Pires. No prim eiro caso, o autor trata da pluralidade de roupagens fluídicas e de um fenôm eno im ediato de substituição de um a por outra. No segundo caso, de m aneira rom anceada, apresenta-se a roupagem de um Caboclo.

Roger Feraudy registra:

*"(…) mostrando que não existe a menor diferença entre o trabalho mediúnico de Umbanda e Kardecismo, o autor participou, anos atrás, de um trabalho que veio a confirmar essa assertiva.*

*Seus vizinhos na cidade do Rio de Janeiro trabalhavam em um centro de Umbanda, Tenda Mirim, ela como médium e seu marido como cambono. Em determinado dia, sua filha única, então com quatro anos de idade, teve uma febre altíssima. Depois de chamarem um médico, que não soube diagnosticar a origem dessa febre, e como ela aumentava progressivamente, o marido pediu à mulher*

*que recebesse o seu guia espiritual, Caboclo Mata Virgem, chamando-me para auxiliar nesse trabalho. O Caboclo Mata Virgem apresentou-se e mandou que o marido do seu aparelho tomasse nota de cinco ervas para fazer um chá que, segundo a entidade, resolveria o problema.*

*O vizinho, então, ponderou:*

*- Acredito que o senhor seja o seu Mata Virgem e que o chá irá curar a minha filha; porém, na Terra existem leis a que tenho que prestar contas. Sei que isso não acontecerá, mas se minha filha não ficar boa com seu chá ou mesmo morrer, o que direi às autoridades: que foi seu Mata Virgem quem mandou a menina tomar o chá?!?*

*O Caboclo atirou o charuto que fumava no chão, adotou uma posição ereta e, calmo, disse em linguagem escorreita:*

*- Dê o chá que estou mandando – e elevando a voz –, doutor Bezerra de Menezes!"*

Por sua vez, em "A m issionária", rom ance m ediúnico intuído por Roger Pires, o narrador observa:

*"(…) Nesse exato momento, enxergou as três figuras ao lado da cama. Eram Jeremias e Melissa, postados próximos à cabeceira da doente, tendo estendidos, sobre ela, os braços. De suas mãos fluía uma radiosidade que se espalhava por todo o corpo de Priscilla. A terceira figura era um 'índio' imponente, de uma estatura incomum, o rosto largo, a pele bronzeada, os olhos grandes e negros.*

*Tinha na cabeça um cocar majestoso, cujas penas se estendiam até os tornozelos.*

*A energia que dele emanava enchia o quarto. Fascinada com o quadro, no geral, Jéssica viu o 'índio' deslocar-se do lado dos outros e colocar-se aos pés da cama, o olhar manso, mas firme e fixo na doente."*

### *P re tos- Ve lhos*

Exem plos de hum ildade, tolerância, perdão e com paixão, os Pretos-Velhos e Pretas-Velhas com preendem , sobretudo, os espíritos que, na roupagem de escravos, evoluíram por m eio da dor, do sofrim ento e do trabalho forçado. São grandes Magos da Luz, sábios, portadores de conhecim entos de alta Espiritualidade.

Enquanto encarnados, cuidaram de seus irm ãos, sustentando-lhes a fé nos Orixás, sincretizada com o Catolicism o, seus santos e rituais, a sabedoria m ilenar, a m edicina popular e outros. Conhecidos com o pais/m ães, vovôs/vovós e m esm o tios/tias, representam a sabedoria construída não apenas pelo tem po, m as pela própria experiência. Guias e protetores na Um banda, são espíritos desencarnados de m uita luz.

Seus nom es geralm ente são de santos católicos (com o quando encarnados, conform e a ordem /orientação geral dos senhores e da própria Igrej a), acrescidos do topônim o da fazenda onde nasceram ou de onde vieram , ou da região africana de origem . Alguns exem plos: Pai Antônio, Pai Benedito, Pai Benguela, Pai Caetano, Pai Cam binda (ou Cam bina), Pai Cipriano, Pai Congo, Pai Fabrício das Alm as, Pai Firm ino dÁngola, Pai Francisco, Pai Guiné, Pai Jacó, Pai Jerônim o, Pai João, Pai Joaquim , Pai Jobá, Pai Jobim , Pai José dÁngola, Pai Julião, Pai Roberto, Pai Serafim , Pai Serapião, Vovó Benedita, Vovó Cam binda (ou Cam bina), Vovó Catarina, Vovó Manuela, Vovó Maria Conga, Vovó Maria do Rosário, Vovó Rosa da Bahia.

Pretos-Velhos são verdadeiros psicólogos, tendo ótim a escuta para todo e qualquer tipo de problem a, sem pre com um a palavra am iga

para os consulentes, além dos passes, descarregos e outros.

**ALGUMAS**

**CARACTERÍSTICAS**

**DOS PRETOS-VELHOS**

Café preto,

vinho

moscatel,

vinho tinto,

cachaça com

Bebidas

mel (por

vezes com

ervas, sal,

alho ou

outros

elementos)

Básico ou

Chacra

sacro

Muitos

pedem contas

Contas

de rosário,

favas, cruzes

e figas

Preto e

Cores

branco

Bolinho de

tapioca,

Cozinha

mingau das

almas, tutu

de feijão

preto

Dia da

Segunda-

semana

feira

Cachimbo ou

Fumo

cigarro de

palha

Os Pretos-

Velhos vêm

na linha de

Linha e

Obaluaê, mas

irradiação

a irradiação

de cada

Orixá varia.

Planeta

Saturno

Preta e

branca,

carijó

(xadrez preto

e branco),

lenços na

Roupas

cabeça, batas

e saias

(Pretas-

Velhas),

chapéu de

palha e

outros.

Adorei as

Saudação

almas!

***Crianç as***

Conhecidos com o Crianças, Ibej is, Ibej ada, Dois-Dois, Erês, Cosm inhos e outros tantos nom es, representam na Um banda a alegria m ais genuína, a da criança (e, consequentem ente, da criança interior de cada um ). Espíritos que optam por essa roupagem geralm ente desencarnaram com pouca idade terrena.

São bastante respeitados por outros Guias, com o Caboclos e Pretos-Velhos, possuindo funções específicas. No Candom blé, por exem plo, quando o Orixá não fala, Erê funciona com o seu porta-voz. Além disso, protege o m édium de m uitos perigos. Os nom es dos Erês no Candom blé geralm ente correspondem ao regente da coroa m ediúnica. Exem plos: Pipocão e Form igão (Obaluaê), Folhinha Verde (Oxóssi) e Rosinha (Oxum ). Já na Um banda, em bora possa haver referências ao Orixá dono da coroa do m édium , os nom es com um ente reproduzem nom es brasileiros, tais com o Rosinha, Cosm inho, Pedrinho, Mariazinha e outros. Quanto aos quitutes, na Um banda, as Crianças, no geral, pedem doces, balas, refrigerantes, frutas. Por influência do Candom blé, algum as casas tam bém servem caruru.

Com o no caso das crianças encarnadas, esses irm ãozinhos do Alto precisam am orosam ente de lim ite e disciplina. As brincadeiras são anim adas, m as isso não deve significar bagunça ou im pedir com unicações. Há os que pulam , preferem brinquedos, choram , ficam m ais quietinhos, enfim : são form as quase despercebidas de descarregar e equilibrar o m édium , a casa, a assistência.

Preferem consultas a desm anches de dem andas e desobsessões, são bastante sinceros sobre os desequilíbrios dos consulentes, bons conselheiros e curadores.

Utilizam -se de quaisquer elem entos e m anipulam energias elem entais sob a regência dos Orixás.

O calendário especial de com em oração das Crianças é extenso e variado: inicia-se em 27 de setem bro (São Cosm e e São Dam ião) e vai até 25 de outubro (São Crispim e São Crispiniano), contudo, a m aioria das festas ocorre próxim o ao 27 de setem bro.

### *Ele me ntais*

São seres conhecidos nas m ais diversas culturas, com características e roupagens m ais ou m enos sem elhantes. Ligam -se aos quatro elem entos (terra, água, ar, fogo), daí sua im portância ser reconhecida na Um banda, que se serve dos referidos elem entos, tanto em seus aspectos físicos, quanto em sua contrapartida etérica.

**ELEMENTO TERRA**

Trabalhando
nas florestas,
diretamente
nas árvores,
ligamse ao
campo
Dríades
vibratório do
Orixá Oxóssi.
Possuem
cabelos
compridos e
luminosos.
Trabalham no
Gnomos
duplo etérico
das árvores.
Manipulam a
clorofilia das
plantas
(matizes e
fragrâncias),
de modo a

Fadas

formar pétalas

e brotos.

Associam-se à

vida das

células da

relva e de

outras plantas.

Cuidam da

fecundidade da

terra, das

Duendes

pedras e dos

metais

preciosos e

semipreciosos.

**ELEMENTO ÁGUA**

Atuam nas

proximidades

de oceanos,

Sereias

rios e lagos,

com energia e

forma

graciosas.

Atuam nas

cachoeiras,

auxiliando

bastante nos

trabalhos de

Ondinas

purificação

realizados pela

Umbanda

nesses pontos

de força.

**ELEMENTO AR**

Apresentam asas,

como as fadas,

movimentando-se

Silfos

com grande

rapidez. Atuam

sob a regência de

Oxalá.

**ELEMENTO FOGO**

Atuando na

energia ígnea

solar e no

fogo de

modo geral,

apresentam-

se como

Salamandras

correntes de

energia, sem

se

afigurarem

propriamente

como

humanos.

Os elem entais são seres gerados artificialm ente por pensam entos e sentim entos. São form as-pensam ento benéficas ou m aléficas, vivificadas por quem as cria, consciente ou inconscientem ente.

A form a-pensam ento é um a criação da m ente que possui vibração benéfica ou deletéria, conform e a natureza e as circunstâncias, denotando, assim , a força do pensam ento e do sentim ento dos encarnados. Por sim ilaridade e frequência vibratórias, as form as-pensam ento atraem energias, Entidades e outros afins, que delas se alim entam .

## OR G A N IZA Ç Ã O E LITU R G IA

### *Hie rarquia*

A hierarquia na Um banda não é tão escalonada com o, por exem plo, no Candom blé. Sob a responsabilidade dos Dirigentes Espirituais (Babás e Pai-pequeno e/ou Mãe-pequena), estão os m édiuns de incorporação, os Ogãs e cam bones. Alguns filhos têm funções bem específicas (com o os seguranças de canto e porta, os quais, hierarquicam ente, estão abaixo do Pai-pequeno e/ou da Mãe-

pequena), sem que haj a gradações hierárquicas entre eles, m as sim coordenação de responsabilidade.

O(a) Babá é o(a) Dirigente Eespiritual. O term o se refere tanto ao Pai quanto à Mãe da casa, em bora, originalm ente, no Candom blé, Babalorixá (tam bém em pregado em algum as casas de Um banda) se referisse aos hom ens, enquanto Ialorixá, às m ulheres.

Popularm ente tam bém se usa o vocábulo “Babalaô”, ainda que, em sua origem e no contexto dos cultos de Nação, Babalaô sej a especificam ente o sacerdote de Ifá.

Assim com o há casas de Candom blé cuj a direção espiritual é confiada a um Ogã, há tem plos de Um banda onde o Dirigente Espiritual não é um m édium de incorporação. Em am bos os casos, o Dirigente é secundado por um m édium rodante.

A direção espiritual da casa é confiada a alguém pela própria Espiritualidade, não bastando os curso de form ação em Teologia de Um banda, ou m esm o a graduação nessa área. Por determ inação da Espiritualidade, um filho de fé pode ser designado a participar de um processo de iniciação para o sacerdócio (geralm ente m ais breve do que no Candom blé), com preparação específica (recolhim ento, obrigações e outros), ou então o guia de frente (no caso de um filho que pertença ou não à Um banda, m as tenha m ediunidade ostensiva e com prom isso espiritual com a Um banda nesta encarnação) assum e a preparação desse filho para a abertura de um a casa, podendo ou não indicá-lo para um processo de preparação com outro(a) Babá.

Na direção espiritual da casa, conta-se ainda com o Pai-pequeno e/ou com a Mãe-pequena, auxiliares diretos do(a) Babá e, em sua ausência, substitutos.

O Ogã na Um banda relaciona-se à curim ba, dedicando-se ao toque e ao canto.

Muitas das atribuições dos Ogãs nos Cultos de Nação são atribuídas na Um banda aos cam bones.

Muitos Ogãs, desde crianças, dem onstram incrível habilidade para o toque,

aperfeiçoando o dom no dia a dia do terreiro. Contudo, tam bém existem cursos especializados para todos aqueles, hom ens e m ulheres, que desej em aprender a tocar e cantar pontos de Um banda, podendo ou não atuar num terreiro.

O Ogã é um m édium de sustentação, de firm eza durante os rituais, atento ao andam ento da gira, a fim de, por m eio do toque e do canto, m anter a vibração necessária e desej ada. Em algum as casas, o Ogã tam bém é m édium de incorporação, dedicando-se a am bas as atividades (em especial nas casas em que existam poucos m édiuns), ou à curim ba, incorporando apenas em determ inadas ocasiões.

Cam bone é o m édium de firm eza encarregado de, dentre várias funções, auxiliar os m édiuns e a Espiritualidade incorporada, bem com o fazer anotações, cuidar de detalhes da organização do terreiro, dar explicações e assistência aos consulentes. Pode ou não incorporar. Alguns cam bones são m édiuns de desenvolvim ento que auxiliam nos cuidados da gira. Geralm ente há um cam bone-chefe em cada terreiro.

Em linhas gerais, é o m édium que incorpora Orixás, Guias e Guardiões, os quais se acoplam à estrutura espiritual do aparelho ou cavalo, de m odo a se servirem de seu corpo físico para os trabalhos espirituais. Os m édiuns rodantes, quanto à incorporação, podem ser inconscientes, conscientes ou sem iconscientes.

O desenvolvim ento m ediúnico desses m édiuns (com o de todos os outros) deve ser bastante disciplinado, orientado e supervisionado pelos Guias-chefes, bem com o pelos Dirigentes Espirituais.

Há casas de Um banda em que há, conform e os dons m ediúnicos e suas responsabilidades, os cham ados Ogãs de frente (com responsabilidades de segurança de gira, dentre outras funções), Ogã de corte (não necessariam ente para sacrifício ritual, m as tam bém para preparo de com idas de Santo) e outros.

### *O te rre iro*

Nom e genérico de um tem plo ou de um a tenda de Um banda, tam bém conhecido com o congá.

### *P ontos v ibrac ionais*

Pontos-chave do tem plo, contribuindo para sua segurança e para sua vibração.

Note-se que nem sem pre um ponto cham ado de casa é realm ente um a construção desse quilate, porém um pequeno ou grande espaço estabelecido conform e a estrutura física do terreiro.

### *Asse ntame nto*

Elem entos da natureza (ex.: pedra) e obj etos (ex.: m oedas) que abrigam a força dinâm ica de um a divindade. São consagrados e aloj ados em continentes (ex.: louça) e locais específicos.

### *Firme za*

Cada firm eza é um a form a de segurança nos rituais de Um banda, conform e suas Leis. Acender um a vela, por exem plo, representa, significa e aciona m uito m ais energias do que possa parecer. Com um a firm eza, estreita-se a relação com os Orixás, Guias, Entidades, Guardiões e outros, além de proporcionar a eles cam po de atuação m ais específico.

A firm eza não deve ser um a atitude m ecânica, m as plena de fé, am or, devoção e consciência do que se está fazendo.

### *Tronque ira*

Trata-se de local de firm eza, logo à entrada do terreiro, para o Exu guardião da casa, m ais conhecido com o Exu da Porteira, pois seu nom e verdadeiro só é conhecido pela alta hierarquia do terreiro.

### *Asse ntame nto de O gum de Ronda*

O assentam ento de Ogum de Ronda é feito com o intuito de m anter fora do terreiro energias deletérias, influências espirituais negativas. Em algum as casas tam bém é cham ado de tronqueira; em outras, com ela se confunde.

### *Casa dos Exus*

Local dos assentam entos dos Exus dos m édiuns, bem com o de entregas, oferendas.

### *Casa de O baluaê*

Local do assentam ento de Obaluaê.

### *Cruze iro das Almas*

Local para reverenciar e oferendar os Pretos-Velhos e acender velas para as alm as. Há casas onde tam bém se saúda Obaluaê, acendendo-lhe velas, no Cruzeiro das Alm as.

### *Q uartinha de O xalá*

Localizada acim a da porta, ao lado do local onde se acendem velas

para os anj os da guarda. Ponto de atração das energias de Oxalá, irradiadas para todos que aí passarem .

### *Casa do Caboc lo*

Local onde se hom enageia o Caboclo fundador da casa, bem com o onde se acendem velas para os Caboclos.

### *Cozinha*

Local para o preparo de pratos ritualísticos e m esm o para cuidados gerais da casa. Alguns terreiros não dispõem de cozinha, sendo utilizada a da casa do Dirigente Espiritual ou de algum m édium .

Em linhas gerais, o uso ritualístico da cozinha pressupõe o m esm o respeito, o m esm o cuidado de outras cerim ônias de Um banda, com o as giras, as entregas e outros: roupas apropriadas, padrão de pensam ento específico e centram ento necessário etc. Além disso, os m édiuns devem ser cruzados para a cozinha e/ou estarem autorizados a nela trabalhar.

### *Ce ntro do te rre iro*

Um a das principais colunas energéticas do terreiro é seu centro (chão).

### *Ariaxé*

Ao centro do terreiro, no alto. Trata-se de outra das colunas energéticas do terreiro.

### *Congá*

O altar em si, onde ficam im agens dos Orixás, seus otás (pedras especialm ente preparadas e consagradas), suas oferendas, obj etos litúrgicos e outros.

Em algum as regiões, congá é tam bém sinônim o de terreiro.

### *Casa dos O rixás*

Local onde se m antêm os assentam entos dos Orixás dos m édiuns, bem com o, por vezes, lhe são entregues oferendas.

### *P ara- raio*

Local (sob o congá) para descarga de energias negativas que ocorram

durante as sessões. O para-raio é com posto de diversos elem entos protegidos e encim ados por um a barra de aço que perpassa um a tábua com ponto riscado de descarga.

Num a casa em que, por exem plo, se usam bastões para lim peza de aura, os m esm os são descarregados no para-raio.

### *Atabaque e c oro*

Em espaço previam ente destinado ficam os atabaques, bem com o o coro, o que se denom ina de curim ba (toque e canto). Em bora todos os envolvidos na gira (m édiuns da casa e assistência) sej am convidados a cantar os pontos, o papel do coro é fundam ental para que se m antenha a vibração desej ada.

### *Assistê nc ia*

A assistência é com posta por pessoas que, regular ou esporadicam ente, frequentam as giras. Podem ou não ser um bandistas. Algum as dessas pessoas costum am contribuir com doações para a m anutenção do terreiro, festas, atividades assistenciais, etc.

Para o bom andam ento dos trabalhos, é m uito im portante que as pessoas da assistência m antenham o silêncio e o padrão de pensam ento elevado, a despeito dos problem as pelos quais estej am passando. O m esm o vale para a participação nas preces e nos pontos cantados (voz e palm as).

Com a assistência presente, vêm ao terreiro espíritos que tenham autorização para tanto: desencarnados, doentes em fase term inal, pessoas em desdobram ento no m om ento do sono e outros. Todos são am orosam ente atendidos e tratados pela Espiritualidade. Os espíritos que desej am apenas perturbar são barrados na entrada da casa e, conform e o caso, encam inhados para tratam ento.

Geralm ente a assistência fica de frente para o altar. Entre ele e a assistência, fica o corpo m ediúnico da casa.

Quem faz tratam ento num a casa de Um banda não precisa necessariam ente tornar-se um bandista: as portas estão sem pre abertas a todos que desej em frequentar as giras, os tratam entos espirituais, as festas. A Um banda não faz proselitism o. A decisão de se tornar um bandista e filiar-se a determ inada casa é pessoal e atende, tam bém , à identificação ou não dos Orixás com a casa em questão.

## LITU R G IA

### *G iras*

As giras são os trabalhos ritualísticos m ais conhecidos de Um banda. Variações à parte, costum am ter m ais ou m enos a m esm a estrutura: Firm eza para Exu;

Abertura;

Defum ação;

Preces e saudações;

Atendim entos e/ou consultas e trabalhos propriam ente ditos; Encerram ento.

Geralm ente, todos esses m om entos são acom panhados de pontos cantados (com ou sem o uso de palm as e atabaques, dependendo da orientação de cada terreiro).

Conhecidas tam bém com o sessões de caridade, as giras são pautadas pela alegria e pela conj ugação entre respeito e inform alidade, afinal, tanto a Espiritualidade quanto m édiuns e consulentes literalm ente se sentem em casa. Na m aioria das giras, dentre as várias preces, costum a-se fazer a Prece de Cáritas, bem com o cantar o Hino da Um banda.

### *D e f umaç õe s*

Um a das m ais conhecidas form as de lim peza energética feitas na Um banda, a defum ação ocorre não apenas no início dos trabalhos (especialm ente das giras), m as em outros locais e circunstâncias onde se fizer necessária.

As m aneiras de se defum ar um terreiro ou outro local variam (em casa ou local de trabalho, por exem plo, fazendo ou não um percurso em X em cada côm odo). Contudo, no caso de residência ou com érc io, prevalece o hábito de se defum ar dos fundos para a porta de entrada (lim peza) e da porta de entrada para os fundos (energização).

### *Sac udime ntos*

Ritual de lim peza espiritual com o intuito de expulsar energias negativas de pessoa ou am biente. Para tanto, em pregam -se folhas fortes que são batidas na pessoa ou no am biente (“surra”), pólvora queim ada no local em que se realiza o ritual e, em algum as casas,

com idas e aves em contato com a pessoa ou o am biente, os quais serão posteriorm ente oferecidos aos Eguns (as aves soltas, vivas). O ritual é com pletado com banho, no caso de pessoa, e com a defum ação do corpo ou do local do sacudim ento.

### *Sac rame ntos*

Enquanto religião constituída, em sua ritualística, a Um banda possui sacram entos, os quais, no tocante ao desenvolvim ento m ediúnico e outras particularidades (definidos por alguns tam bém com o sacram entos), variam de casa para casa. Com o núcleo com um , os sacram entos de Um banda são o Batism o e o Casam ento. Outro ritual próprio, conhecido em outras religiões com o sacram ental, é a Encom endação (velório, cem itério e outros).

O Batism o na Um banda existe tal qual é conhecido em diversas religiões e tam bém com o "Batism o de recepção", isto é, quando alguém , advindo de outra religião, desej a ser batizado na Um banda (o Batism o de recepção se dá um a vez que esse sacram ento é considerado indelével e válido com o elem ento de conexão com a Espiritualidade, independentem ente da origem religiosa do batizando).

A água está presente nos rituais iniciáticos das m ais diversas culturas. Na Um banda, o Batism o significa a lavagem espiritual e a recepção do irm ão de fé pela com unidade. Essa lavagem se repetirá, com m últiplas finalidades e m eios, nos banhos ritualísticos.

Conform e visto acim a, a Um banda reconhece o Batism o realizado em outras religiões. Nesses casos, realiza-se um Batism o de recepção, representando a entrada na religião, sem necessariam ente em itir o docum ento cham ado popularm ente de batistério.

Em alguns tem plos um bandistas, prim eiro se batiza a criança na Igrej a Católica antes de se realizar o Batism o Um bandista. Tal prática se dá, sobretudo, pela tradição de resistência, em períodos em que a discrim inação contra as religiões de m atriz africana era m ais ostensiva, bem com o um a form a de respeito à origem religiosa católica dos pais de m uitas das crianças um bandistas.

Enquanto religião constituída, a Um banda oferece a bênção m atrim onial, geralm ente feita pelo Guia-chefe do terreiro ou outra Entidade com a qual trabalhe o Dirigente Espiritual da casa.

Mesm o em terreiros onde não se registram bênçãos para casais hom ossexuais, acolhem -se essas relações e, em nom e do am or e dos

direitos civis, exigem respeito para com os irm ãos com essa orientação sexual. Entretanto, há casas onde o m atrim ônio é oferecido com o sacram ento tanto para casais hom ossexuais quanto heterossexuais.

A Encom endação ou Encom enda é o ritual fúnebre. Cham ada de sacram ental por diversas religiões, a encom enda pode ser feita em velórios, cem itérios, residências, etc., conform e a tradição, a necessidade e outros fatores. Muitos segm entos um bandistas evitam encom endar corpos nos tem plos, principalm ente quando se trata do desencarne de Dirigente Espiritual, considerando que se trataria da m orte do próprio terreiro, enquanto outros o fazem nos próprios tem plos com desenvoltura e profundo significado espiritual.

Por sua vez, “tirar a m ão de vum be” significa realizar rituais para desligam ento da energia de Dirigente Espiritual desencarnado(a) sobre filhos e terreiros.

### *O brigaç õe s*

Cada vez m ais se consideram as obrigações não apenas com o um com prom isso, m as, literalm ente, com o um a m aneira de dizer obrigado(a).

Em linhas gerais, as obrigações se constituem em oferendas feitas para, dentre outros, agradecer, fazer pedidos, reconciliar-se, isto é, reequilibrar a própria energia com as energias dos Orixás. Os elem entos oferendados, em sintonia com as energias de cada Orixá, serão utilizados por eles com o com bustíveis ou repositores energéticos para ações m ágicas (da m esm a form a que o álcool, o alim ento e o fum o utilizados quando o m édium está incorporado). Daí a im portância de cada elem ento ser escolhido com am or, qualidade, devoção e pensam ento adequado.

Existem obrigações m enores e m aiores, variando de terreiro para terreiro, periódicas ou solicitadas de acordo com as circunstâncias, conform e o tem po de desenvolvim ento m ediúnico e a responsabilidade de cada um com seus Orixás, com sua coroa, com o no caso da saída (quando o m édium deixa o recolhim ento e, após período de preparação, apresenta solenem ente seu Orixá, ou é, por exem plo, apresentado com o sacerdote ou Ogã) e outros. Em bora cada casa siga um núcleo com um de obrigações fixadas e de elem entos para cada um a delas, dependendo de seu destinatário, há um a variação grande de cores, obj etos, características. Portanto, para se evitar o uso de elem entos incom patíveis para os Orixás, há que se

dialogar com a Espiritualidade e com os Dirigentes Espirituais, a fim de que tudo sej a corretam ente em pregado ou, conform e as circunstâncias, algo sej a substituído.

Para diversos rituais da Um banda, inclusive as giras, pede-se, além de um a alim entação leve, a abstenção de álcool e que se m antenha o "corpo lim po"

(expressão utilizada em m uitos terreiros e que representa abstenção de relações sexuais). No caso da abstenção de álcool, o obj etivo é m anter a consciência desperta e não perm itir abrir brechas para espíritos e energias com vibrações deletérias. No tocante à abstenção sexual, a expressão "corpo lim po" não significa que o sexo sej a algo suj o ou pecam inoso: em toda e qualquer relação, m esm o a m ais saudável, existe um a troca energética; o obj etivo da abstenção, portanto, é que o m édium m antenha concentrada a própria energia e não se deixe envolver, ao m enos m om entaneam ente, pela energia de outra pessoa, em troca íntim a.

O período dessas abstenções varia de casa para casa, m as geralm ente é de um dia (pode ser da m eia-noite do dia do trabalho até a próxim a m eia-noite, ou do m eio-dia do dia anterior ao trabalho até o m eio-dia do dia seguinte ao trabalho, etc.). Há períodos m aiores de abstenções cham ados de preceitos ou resguardos.

Em casos de banhos e determ inados trabalhos, além de época de preceitos e resguardos, tam bém há dieta alim entar específica, além de cores de vestuário que devem ser evitadas (salvo exceções com o as de uniform es de trabalho, por

exem plo).

### *Toque s*

Os atabaques m ais conhecidos são, por influência dos Cultos de Nação, o Rum (m aior e som m ais grave), o Rum pi (que responde ao Rum ) e o Lê (que acom panha o Rum pi). Contudo, na m aioria das casas de Um banda, há um tipo padrão de atabaque, e não essas variações.

São m uito im portantes, constituindo um dos fundam entos do Culto aos Orixás.

Form atos, confecção, m ateriais e m odos de tocar variam de acordo com as diversas Nações de Candom blé. Entretanto, tanto no Candom blé quanto na Um banda, a hierarquia possui características m ais ou

m enos sem elhantes, sendo o Alabê o chefe dos Ogãs, isto é, m úsicos responsáveis pelo toque e pelo canto (curim ba).

Cercados de cuidados especiais e respeito, na Um banda os atabaques podem tam bém ser tocados por m ulheres, o que é bastante raro nos Cultos de Nação.

Mesm o que na Um banda alguns Ogãs tam bém incorporem , quando estão tocando são m édiuns de firm eza, grandes responsáveis pela vibração da gira.

**SÍNTESE DOS TOQUES**

**MAIS COMUNS PARA**

**ALGUNS ORIXÁS**

Orixás

Toques

bate-folha,

Oxalá

cabula, ijexá

barravento,

cabula, congo

Ogum

de ouro, ijexá,

muxicongo

barravento,

cabula, congo

Xangô

de ouro, ijexá,

muxicongo

barravento,

cabula, congo

Oxóssi

de ouro, ijexá,

muxicongo

barravento,

cabula, congo

Omolu

de ouro, ijexá,

muxicongo

Logun-

barravento,

Edé

ijexá

barravento,

Ossaim

cabula, congo,

samba angola

cabula, congo,

Oxumaré

ijexá

cabula, congo,

Oxum

ijexá

agerrê,

barravento,

Iansã

cabula, congo

de ouro, ijexá

barravento,

Tempo

cabula, congo

de ouro, ijexá

Iemanjá

cabula, ijexá

cabula, congo,

Nanã

ijexá

### *P ontos c antados*

Com diversas funções, os pontos cantados im pregnam o am biente de determ inadas energias enquanto o libera de outras, representam im agens e traduzem sentim entos ligados a cada vibração, variando de Orixá para Orixá, Linha para Linha, circunstância para circunstância etc. Aliados ao toque e às palm as, o ponto cantado é um fundam ento bastante im portante na Um banda e em seus rituais.

Em linhas gerais, dividem -se em pontos de raiz (trazidos pela Espiritualidade) e terrenos (elaborados por encarnados e apresentados à Espiritualidade, que os ratifica).

Há pontos cantados que m igraram para a Música Popular Brasileira (MPB) e canções de MPB que são utilizadas com o pontos cantados em m uitos tem plos.

**FINALIDADE DOS PONTOS**

**CANTADOS**

Pontos de
abertura e
Cantados no
de
início e no final
fechamento
das sessões.
de trabalhos
Cantados em
saudação aos
dirigentes de
outras casas
Pontos de
presentes em uma
boas-vindas
sessão,
convidando-os
para, caso
desejem, ficarem
junto ao corpo
mediúnico.
Pontos de
Cantados para
chegada e

incorporações e

de

desincorporações.

despedida

Cantados em

homenagem aos

Pontos de

Orixás e aos

consagração

Guias

do congá

responsáveis pela

direção da casa.

Cantados para

Pontos de

atrair mais uma

cruzamento

de vibração ao

de linhas

mesmo tempo, a

e/ou

fim trabalharem

falanges

conjuntamente.

Cantados quando
Pontos de
o terreiro está
cruzamento
sendo cruzado
de terreiro
para o início da
sessão.
Pontos de
Cantados durante
defumação
a defumação.
Cantados quando,
em incorporação,
Pontos
Guias e
contra
Guardiões
demandas
acharem
necessário.
Cantados quando
Pontos de
descarrego

são feitos

descarregos.

Cantados para

Pontos de

encaminhar um

doutrinação

espírito sofredor.

Cantados para

Pontos de

fortalecer

firmeza

trabalho sendo

feito.

Cantados durante

os passes ou

Pontos de

quando algum

fluidificação

elemento está

sendo energizado.

Cantados para

Pontos de

homenagear

homenagem

Orixás, Guias e

Guardiões.

Cantados antes do

trabalho (e antes

Pontos de

dos pontos de

segurança

firmeza) para

ou proteção

proteger a

corrente contra

más influências

Cantados para

atrair a vibração

Pontos de

de determinado

vibração

Orixá, Guia ou

Guardião.

Ponto das Sete Linhas

(Versão cantada na Tenda de Um banda Caboclo Pena Branca e Mãe Nossa Senhora Aparecida, em Piracicaba, SP)

*Auê, Pai Oxalá*

*Salve a Umbanda, salve todos os Orixás*

*Salve Xangô, ele é rei lá das pedreiras*

*Salve Oxum, rainha das cachoeiras*

*Iemanjá, guerreira Mãe Iansã,*

*Salve Atotô, saravá vovó Nanã*

*Pai Oxalá…*

*Salve Ogum, guerreiro de minha fé*

*Cacique Pena Branca, salve a folha da guiné*

*Oni Ibejada, Preto-Velho quimbandeiro*

*Saravá todos os Exus e as Pombogiras do terreiro*

## *P ontos risc ados*

Muito m ais do que m eio de identificação de Orixás, Guias e Guardiões, os pontos riscados constituem fundam ento de Um banda, sendo instrum entos de trabalhos, riscados com pem ba (giz), bordados em tecidos etc. Funcionam com o chaves, m eios de com unicação entre os planos, proteção, tendo, ainda, diversas outras funções, tanto no plano dos encarnados quanto no da Espiritualidade.

O ponto riscado de um determ inado Caboclo Pena Branca, por exem plo, em bora tenha elem entos com uns, poderá diferir do de outro Caboclo Pena Branca. Portanto, pontos riscados que aparecem nos m ais diversos m ateriais de estudos de Um banda servem de base para a com preensão do tem a, m as não devem ser copiados. De qualquer m aneira, em bora tam bém possam variar, existem elem entos com uns para os diversos Orixás (e, consequentem ente, para as Linhas que regem ), conform e a tabela abaixo:

Iansã

Raio, taça.

Brinquedos em

geral, bonecos,

Ibejis

carrinhos,

pirulitos etc.

Âncora,

Iemanjá

estrelas, ondas

etc.

Nanã

Chave, ibiri.

Cruzeiro das

Obaluaê

almas.

Bandeira usada

pelos

cavaleiros,

Ogum

espada,

instrumentos de

combate, lança.

Representações

Oxalá

da luz.

Oxóssi

Arco e flecha.

Coração, lua

Oxum

etc.

Xangô

Machado.

O tridente é um elem ento com um nos pontos riscados de Exus e Pom bogiras.

Quando tratam os de Orixás, sím bolos não são apenas sím bolos. Por exem plo, o sím bolo de um Orixá num ponto riscado abre dim ensões para o trabalho espiritual. O m esm o se dá com as ferram entas de

Orixás: quando Xangô dança num barracão e utiliza seu m achado, estão sendo cortadas energias deletérias e dissem inado o Axé do Orixá.

### *Erv as*

Fundam entais nos rituais de Um banda para banhos, defum ações, chás e outros, as ervas devem ser utilizadas com orientação da Espiritualidade e do Dirigente Espiritual.

Não apenas os nom es das ervas variam de região para região, de casa para casa, m as tam bém as m aneiras de selecioná-las, substituí-las, m anipulá-las e prepará-las. Daí a necessidade de orientação e direcionam ento para seu uso ritualístico.

### *Banhos*

A água, enquanto elem ento de terapêutica espiritual, é em pregada em diversas tradições espirituais e/ou religiosas. Na Um banda, em poucas palavras, pode-se dizer que a indicação de banhos, as suas form as de preparo, sua ritualística, os cuidados, a coleta ou a com pra de folhas, dentre tantos outros aspectos, devem ser orientados pela Espiritualidade e/ou pela Direção Espiritual de um a casa. As variações são m uitas, contudo, procuram atender a form as específicas de trabalhos, bem com o aos fundam entos da Um banda.

Abaixo, um quadro sintético dos tipos m ais com uns de banhos em pregados na Um banda.

Servem para

livrar a pessoa

de energias

deletérias, de

modo a

reequilibrá-la.

Banhos de

Pode ser de

descarga/descarrego

ervas ou de sal
grosso,
podendo, ainda,
serem
acrescidos
outros
elementos.
Para esse
banho, são
recomendadas
ervas de acordo
com cada
necessidade.
Após o banho,
Banho de descarga
as ervas devem
com ervas
ser recolhidas e
despachadas na
natureza ou em
água corrente.
Depois dele,
aconselha-se um
banho de

energização.

Banho de limpeza energética, do pescoço para baixo, depois do qual devem ser feitos banhos de energização, a fim de se equilibrarem as

Banho de sal grosso

energias (visto que, além de retirar as energias negativas, também se descarregam as positivas).

Alguns o substituem pelo próprio banho

de mar.

Ativam as
energias dos
Orixás e Guias,
afinando-as com
as daquele que
toma os banhos.

Melhoram,

Banhos de
portanto, a
energização
sintonia com a
Espiritualidade,
ativam e
revitalizam
funções
psíquicas,
melhoram a
incorporação,
etc.

Banho mais
comum, da
cabeça aos pés,
ou só de cabeça,

orientado por
Entidades ou
pelo Guiachefe
Amaci
do Dirigente
Espiritual.
Existem também
amacis
periódicos para
o corpo
mediúnico, que
ritualisticamente
o toma.
Possui a mesma
função dos
banhos de mar,
porém em água
doce. O choque
provocado pela
Banho natural de
queda d´água
cachoeira
limpa e
energiza.

Melhor ainda

quando feito em

cachoeiras

próximas das

matas e sob o

sol.

Promovendo

limpeza de

Banho natural de

grande força, é

chuva

associado ao

Orixá Nanã.

Muito bom para

descarregos e

Banho natural de

energização, em

mar

especial sob a

vibração de

Iemanjá.

Há outras qualidades de banho, com o os de pipoca (de Obaluaê).

### *Be bidas*

Orixás, Guias e Guardiões têm bebidas próprias, algum as delas alcoólicas.

O álcool serve de verdadeiro com bustível para a m agia, além de lim par e descarregar, sej a organism os ou pontos de pem ba ou pólvora, por exem plo.

Ingerido sem a influência do anim ism o, perm anece em quantidade reduzida no organism o do m édium e m esm o do consulente.

Por diversas circunstâncias, tais com o disciplina, para m édiuns m enores de idade e/ou que não consum am álcool ou lhes tenham intolerância, seus Orixás, Guias e Guardiões não consum irão álcool.

Em algum as casas, o álcool é utilizado apenas em oferendas ou deixado próxim o ao m édium incorporado.

### *Fumo*

A função prim eira do fum o é defum ar (por isso, exceções à parte, a m aioria dos Guias e Guardiões não tragam : enchem a boca de fum aça, expelindo-a no ar, sobre o consulente, um a foto etc.). Por essa razão, se o terreiro for defum ado e for m antido aceso algum defum ador durante os trabalhos, há Guias e Guardiões que nem se utilizam do fum o. O m esm o vale quando o m édium não é fum ante ou não aprecia cigarros, charutos e outros.

Cada Orixá, Linha, Guia ou Guardião que se utiliza do fum o tem características próprias, entretanto, o cigarro parece ser um elem ento com um para todos, em bora m uitas casas não os tenha m ais perm itido, em virtude das substâncias viciantes, aceitando apenas charutos, charutinhos, cachim bos e palheiros (cigarros de palha), conform e cada Entidade ou Linha.

O fum o desagrega energias deletérias e é fonte de energias positivas, atuando em pessoas, am bientes e outros.

A Um banda não foi prej udicada pela Lei Anti-fum o do Estado de São Paulo, um a vez que tem plos religiosos foram excluídos da proibição de fum o em locais fechados no Estado de São Paulo (Lei 577/08, Artigo 6º, Item I e Parágrafo Único, aprovada em 07 de abril de 2009).

### *U nif orme*

**DIREITA**

A roupa branca representa Oxalá, a pureza. Geralm ente as casas adotam uniform es, para que seus m em bros não se vistam cada qual de um a form a diferente: calças e cam isas brancas para hom ens e

saias, calças e cam isas brancas para m ulheres.

Algum as casas apresentam outros elem entos que definem a hierarquia da casa, em especial Babá, Pai-pequeno ou Mãe-pequena, Seguranças de canto e porta: torso, tecido diferenciado etc.

Existem tam bém casas que optam por hom enagear diretam ente seu Orixá patrono por m eio do uniform e. Dessa form a, num tem plo cuj o Orixá chefe é Ogum têm -se m édiuns com calça branca e cam isa verm elha.

Os pés podem estar descalços por hum ildade, contato com o solo ou com folhas. Ou calçados, geralm ente por proteção energética ou em razão de padrão de vestim enta da casa.

**ESQ UERDA**

Para os Exus, calça e cam isa. Para as Pom bogiras, saia e cam isa. As cores utilizadas são preto e verm elho, ou apenas preto. A m aioria das casas, assim com o no caso da roupa da Direita, utiliza-se de uniform e, a fim de não haver exageros, personalism os, inadequações para o am biente etc.

### *G uias*

Tam bém conhecidas com o fios de contas, colares de santo ou cordões de santo, as guias são preparadas pelo Dirigente Espiritual, ou por auxiliares e cruzadas. Há um a grande variabilidade de m ateriais utilizados para as guias, bem com o em sua com posição (núm eros, cores etc.) conform e a casa, os Orixás e Guias a que são consagradas. Um a das guias m ais com uns é a de proteção, na cor do Orixá de cabeça, ou branca, de Oxalá, podendo ser usada por dentro da roupa ou por fora, conform e orientação específica de cada casa. Tam bém há guias de Esquerda.

Ao longo de seu desenvolvim ento na Um banda, um m édium terá diversas guias, as quais devem ser bem cuidadas, lim pas e lavadas periodicam ente conform e orientação da Espiritualidade e do Dirigente Espiritual. Quando um a guia se quebra, deve-se tentar recuperar o m aior núm ero possível de contas para que sej a rem ontada e novam ente consagrada ou cruzada.

As guias tam bém identificam os Orixás (em especial o Eledá) dos m édiuns.

São utilizadas nas giras, em diversos trabalhos, com em orações e

outros.

O braj á, outra guia com um na Um banda, é um colar de longos fios m ontados de dois em dois, em pares opostos, para serem usados a tiracolo e cruzando o peito e as costas. Sim boliza a inter-relação do direito com o esquerdo, do m asculino com o fem inino, do passado e do presente.

Dirigentes espirituais costum am usar um a espécie de braj á, com as cores de seu Orixá de Cabeça, de búzios ou com as cores de seu Guia de Cabeça (Caboclo ou Preto-Velho).

### *Ve las*

O fogo e a vela estão presentes em rituais de diversas tradições espirituais e/ou religiosas. O m esm o acontece com a Um banda, para a qual a vela acesa constitui-se num ponto de convergência da atenção dos m édiuns, consulentes e outros. A vela reforça a energia, a conexão, o desej o, além de fom entar a energia da vida (ígnea). Aj uda a dissipar energias deletérias e, portanto, abre espaço para que as energias positivas se instaurem e/ou perm aneçam no am biente.

O m aterial "ideal" de um a vela é a cera de abelha, pois traz em si os quatro elem entos: o fogo (cham a), a terra e a água (a própria cera) e o ar (aquecido).

Há diversos form atos, m ateriais, tam anhos, decorações adicionais e outros. Além disso, por exem plo, na ritualística de cada terreiro, é possível encontrar orientações para que as velas sej am acesas com fósforos ou com isqueiros.

Variações à parte, o uso de velas é bastante im portante nos fundam entos e nas práticas um bandistas.

**VELAS**

Cores mais comuns na

Umbanda (A cor branca

substitui as demais)

**Orixás,**

**Cores das**

**Guias,**

**velas**

**Guardiões**

Oxalá

Branca

Iemanjá

Azul claro

Oxum

Azul Royal

Iansã

Amarela

Vermelha

Obá

ou magenta

Xangô

Marrom

Ogum

Vermelha

Oxóssi

Verde

Verde e

Ossaim

branca

Amarela ou

Obaluaê

preta e

branca

Pretos-

Preta e

Velhos

branca

Rosa e/ou

Crianças

azul

Caboclos

Verde

Boiadeiros

Amarela

Marinheiros

Azul claro

Baianos

Amarela

Azul claro

ou rosa

para Santa

Ciganos

Sara; para

Ciganos,

pode haver

variações.

Preta e

Exus

vermelha

Preta e

Pombogiras

vermelha

### *Saudaç õe s*

*RELIGIÕES*

Em ordem alfabética, algum as saudações e/ou pedidos de bênção. Grafias e m esm o significados possuem variações. Os usos variam ainda conform e as Nações e do Candom blé para a Um banda. Nesse sentido, há um a célebre saudação que unifica e representa a diversidade: *A benção pra quem é de benção, kolofé pra quem é de kolofé, mucuiú pra quem é de mucuiú e motumbá pra quem é de motumbá!*

Saudação

genérica entre

o povo-de-

santo,

evocando a

Axé

força que

assegura o

dinamismo da

vida, isto é, o

Axé.

Saudação

genérica,

Bênção

utilizada nas

diversas

Nações.

Saudação mais

comum na

Nação Jeje.

Kolofé

Como

complemento,

tem-se *Kolofé*

*lorum*.

Saudação mais

comum na

Nação Ketu.

Do iorubá *mo*

*túmba*, com o

Motumbá

sentido de “eu

o saúdo

humildemente”.

Como

complemento,

temse

*Motumbá Axé*.

Variante de

Mocoiú.

Saudação mais

comum na

Nação Angola.

Do quicongo

Mucuiú

*mu-kuyu* com o

sentido de

espírito. A

saudação ritual

completa-se

com *Mucuiú*

*nu Zâmbi*.

Saudação

genérica,

Salve

utilizada nas

diversas

Nações.

Saudação mais

comum da

Umbanda,

como sinônimo

de “salve!”.

Saravá

Trata-se do

resultado da

*bantuização*

do português

“salvar”,

“saudar”..

**TERREIRO**

Abaixo, algum as saudações com uns no terreiro e seus significados:
Bater cabeça

Com o corpo estirado, ou de j oelhos, conform e a situação e o ritual de cada casa, toca-se o chão com a testa. Sinal de respeito e devoção aos Orixás em geral, aos do congá e dos Dirigentes Espirituais da casa. Tam bém se trata de form a de absorção de energias benfeitoras. Há outra m aneira m ais elaborada, usada principalm ente por Dirigentes Espirituais e m édiuns de coroa feita.

Por influência dos Cultos de Nações, algum as casas se utilizam do Dobalê e do Iká.

Dobale ou Dobalê

Saudação daquele que tem o prim eiro Orixá m asculino (Aborô), que consiste em prosternar-se no chão, ao com prido, diante do Orixá, de um sacerdote e

outros.

Iká

Saudação daquele que tem o prim eiro Orixá fem inino (Iabá), que consiste em deitar-se de bruços, diante do Orixá, de um sacerdote e

outros, com a cabeça tocando o solo enquanto o corpo m ove-se para os lados, sobre os braços estendidos.

Há regiões e casas onde os gestos de Dobalê e Iká têm os nom es invertidos.

Em outras, o term o Dobalê é em pregado para am bos os gestos.

Bater paô

Na Um banda, geralm ente batem -se três palm as em sinal de respeito (diante da Tronqueira, após se bater cabeça diante do altar etc.).

Bater as pontas dos dedos no chão

Sinal de respeito e reverência, com plem entado de diversas m aneiras, com o:

- saudação a Exu – bate-se com os dedos da m ão esquerda e depois se cruzam os dedos das m ãos com as palm as voltadas para o solo;

- saudação aos Pretos-Velhos – bate-se com os dedos da m ão direita, fazendo-se um a cruz e depois traçando o sinal da cruz no peito;

- saudação aos Orixás e Guias – bate-se com os dedos da m ão direita, toca-se a fronte (saudação ao Eledá – 1º. Orixá), o lado direito da cabeça (2º. Orixá) e a nuca (Ancestrais). Batendo-se a m ão três vezes ao chão e tocando-se os três pontos da cabeça descritos, tem -se um a saudação a Obaluaê.

Beij ar a m ão do(da) Dirigente Espiritual

Pedido de bênção.

Cum prim ento om bro a om bro

Sinal de am izade, fraternidade e igualdade. Cum prim ento m uito bonito, portanto, quando feito por um Guia, m as tam bém com Dirigentes Espirituais, por exem plo. Feito direito, esquerdo, direito.

Além disso, bater palm as é form a de saudar, acom panhar pontos cantados e outros. Bater palm as auxilia a estar num a m esm a vibração energética, com alegria, entusiasm o, devoção e am or.

**ALG UMAS POSTURAS**

Isolam ento ou repouso vibratório

Com as m ãos cruzadas à frente do corpo, serve para isolar o m édium de energias deletérias de diversas origens. Algum as casas utilizam essa posição durante a defum ação, até que toda a corrente m ediúnica tenha sido defum ada.

Vênia

Com a perna direita dobrada, em genuflexão, os antebraços form am dois ângulos retos, com as palm as das m ãos voltadas para cim a, enquanto a cabeça perm anece inclinada ou sem i-inclinada para frente. Representa hum ildade, devoção, respeito ao Chefe Espiritual e/ou à Entidade incorporada. Saudação tam bém utilizada, de m odo especial, para Oxalá.

Corrente vibratória

Em círculo, ou sem icírculo, os m édiuns dão-se as m ãos, com a direita espalm ada para baixo (dar, oferecer) sobre a esquerda do(a) com panheiro(a), espalm ada para cim a (receber, acolher). Essa corrente vibratória é utilizada em diversas tradições religiosas e/ou espirituais, bem com o em grupos de apoio, de teatro, etc.

Estar de j oelhos

Traduz respeito, hum ildade, equilíbrio/reequilíbrio energético entre o que está no alto e o que está em baixo (em especial, a energia telúrica).

## *O raç õe s*

Algum as das orações utilizadas em diversos tem plos um bandistas.

Pai Nosso

Oração m ais conhecida do Cristianism o, ensinada pelo próprio Jesus, segundo os Evangelhos.

*Pai Nosso, que estais no céu. Santificado seja o Vosso nome. Venha a nós o Vosso reino. Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.*

*Amém.*

Ave Maria

Oração da tradição católica, am plam ente divulgada e difundida na Um banda, dirigida sej a a Maria (Mãe de Jesus), sej a às Iabás (especialm ente a Oxum ).

*Ave Maria, cheia de graça. O Senhor é convosco. Bendita sois vós, entre as mulheres. Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.*

Salve Rainha

Oração católica, dedicada a Nossa Senhora, tam bém rezada por m uitos um bandistas, por vezes aconselhada, por exem plo, por Pretos-Velhos.

*Salve, Rainha, mãe de misericórdia; vida, doçura, esperança nossa, salve! A vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volveie, depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre. Ó, clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria.*

*Rogai por nós, ó Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo.*

Glória ao Pai

Oração católica referente à Santíssim a Trindade, utilizada por diversos um bandistas.

*Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Como era no princípio, agora e sempre. Amém.*

Santo Anj o

Oração popular católica, tam bém rezada por m uitos um bandistas.

*Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador; se a Ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, guarda, governa e ilumina. Amém.*

Credo

Oração católica bastante com um em tem plos um bandistas, não necessariam ente interpretada à luz dos dogm as do Catolicism o, com o quando se afirm a a fé na Igrej a Católica (conform e indicam Guias e a própria etim ologia, leia-se “católica” com o “universal”, isto é, a grande fam ília hum ana), na Com unhão dos Santos, na ressurreição

da carne, dentre outros tópicos da fé católica.

Conhecida tam bém popularm ente com o “Creio em Deus Pai”, da m esm a form a com o orações de tantas m anifestações e segm entos religiosos, cria um a egrégora protetora e facilita a concentração ao ser recitada.

*Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos Céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e mortos. Creio no Espírito Santo. Na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna.*

*Amém.*

Prece de Cáritas

Prece bastante utilizada nas giras e em outros rituais de Um banda. Foi psicografada no Natal de 1873, em Bordeaux (França), pela m édium Mm e. W.

Krell, com a qual trabalhava o espírito da suave Cáritas.

*Deus, Nosso Pai, que sois todo poder e bondade, dai a força àquele que passa pela provação; dai a luz àquele que procura a verdade; ponde no coração do homem a compaixão e a caridade!*

*Deus, dai ao viajante a estrela-guia; ao aflito a consolação; ao doente o repouso.*

*Pai, dai ao culpado o arrependimento; ao espírito a verdade; à criança o guia e ao órfão o pai!*

*Senhor, que a Vossa bondade se estenda sobre tudo o que criastes.*

*Piedade, Senhor, para aquele que Vos não conhece, esperança para aquele que sofre. Que a Vossa bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda a parte a paz, a esperança, a fé.*

*Deus! Um raio, uma faísca do Vosso amor pode abrasar a Terra; deixai-nos*

*beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas*

*secarão, todas as dores se acalmarão.*

*E um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grito de reconhecimento e de amor.*

*Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos com os braços abertos, oh poder!, oh bondade!, oh beleza!, oh perfeição!, e queremos de alguma sorte merecer a Vossa divina misericórdia.*

*Deus, dai-nos a força para ajudar o progresso, a fim de subirmos até Vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas o espelho onde se refletirá a Vossa Divina e Santa Imagem.*

*Assim seja.*

Pai Nosso Um bandista

*Pai Nosso que estás nos céus, nas matas, nos mares e em todos os mundos habitados.*

*Santificado seja o Teu nome, pelos Teus filhos, pela natureza, pelas águas, pela luz e pelo ar que respiramos.*

*Que o Teu reino, reino do bem, do amor e da fraternidade, nos una a todos e a tudo que criaste, em torno da sagrada cruz, aos pés do divino salvador e redentor.*

*Que a Tua vontade nos conduza sempre para o culto do amor e da caridade.*

*Dá-nos hoje e sempre a vontade firme para sermos virtuosos e úteis aos nossos semelhantes.*

*Dá-nos hoje o pão do corpo, o fruto das matas e a água das fontes para o nosso sustento material e espiritual.*

*Perdoa, se merecermos, as nossas faltas e dá o sublime sentimento do perdão para os que nos ofendam.*

*Não nos deixes sucumbir ante a luta, dissabores, ingratidões, tentações dos maus espíritos e ilusões pecaminosas da matéria.*

*Envia, Pai, um raio de Tua divina complacência, luz e misericórdia para os Teus filhos pecadores que aqui habitam, pelo bem da humanidade.*

*Que assim seja, em nome de Olorum, Oxalá e de todos os mensageiros da*

*luz divina.*

Credo Um bandista

*Creio em Deus, onipotente e supremo; creio nos Orixás e nos Espíritos Divinos que nos trouxeram para a vida por vontade de Deus. Creio nas falanges espirituais, orientando os homens à vida terrena; creio na reencarnação das almas e na Justiça divina, segundo a lei do retorno; creio na comunicação dos Guias Espirituais, encaminhando-nos para a caridade e a prática do bem; creio na invocação, na prece e na oferenda como atos de fé, e creio na Umbanda como religião redentora, capaz de nos levar pelo caminho da evolução até o nosso Pai Oxalá.*

Salm o 23 na Um banda

*Oxalá é meu Pastor, nada me faltará.*

*Deitar-me faz nos verdes campos de Oxóssi.*

*Guia-me, Pai Ogum, mansamente nas águas tranquilas de Mãe Nanã Buruquê.*

*Refrigera minha alma meu Pai Obaluaê.*

*Guia-me, Mãe Iansã, pelas veredas da Justiça de Xangô.*

*Ainda que andasse pelo vale das sombras e da morte de meu Pai Omolu, eu não temeria mal algum, porque Zambi está sempre comigo.*

*A tua vara e o teu cajado, são meus guias na direita e na esquerda.*

*Me consola, Mamãe Oxum. Prepara uma mesa cheia de vida perante mim, minha Mãe Iemanjá.*

*Exu e Pombogira, vos oferendo na presença de meus inimigos.*

*Unge a minha coroa com o óleo consagrado a Olorum, e o meu cálice, que é meu coração, transborda. E certamente que a bondade e a misericórdia de Oxalá estarão comigo por todos os dias.*

*E eu habitarei a casa dos Orixás, que é Aruanda, por longos dias!*

*Que assim seja!*

*SARAVÁ!*

Oração ao Criador

*Senhor Deus, criador do Céu e da Terra,*

*Poderoso é Vosso nome! Grande é vossa misericórdia!*

*Em nome de Vosso filho, Jesus Cristo, recorremos a Vós, neste momento, para pedir bênçãos para nossa vida, se for do nosso merecimento.*

*Que Vossa Divina Luz incida sobre nós.*

*Com Vossas poderosas mãos, retirai todo o mal, todos os problemas e todos os perigos que estejam ao nosso redor.*

*Que as forças negativas que nos abatem e nos entristecem se desfaçam no sopro de Vossa bênção.*

*Que o Vosso poder destrua todas as barreiras que impedem o nosso progresso.*

*E do Céu, Vossas virtudes penetrem em nosso ser, dando-nos paz, amor, tranquilidade, harmonia e equilíbrio.*

*Abri, Senhor, os nossos caminhos.*

*Que nossos passos sejam dirigidos por Vós, para que não tropecemos na caminhada da Vida.*

*Que nosso viver, nosso lar e nosso trabalho sejam por Vós abençoados.*

*Entregamo-nos em Vossas mãos poderosas, na certeza de que tudo iremos alcançar.*

*Agradecemos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*

*Amém.*

## A U M B A N D A E OU TR A S R ELIG IÕES: D IÃ LOG OS

### *Candomblé*

Candom blé é um nom e genérico que agrupa o Culto aos Orixás Jej e-Nagô, bem com o outras form as que dele derivam ou com eles se interpenetram , as quais se espraiam em diversas Nações.

Trata-se de um a religião constituída, com teologia e rituais próprios, que cultua um poder suprem o, cuj o alcance espiritual m ais visível é por m eio dos Orixás.

Sua base é form ada por diversas tradições religiosas africanas, destacando-se as da região do Golfo da Guiné, desenvolvendo-se no Brasil a partir da Bahia.

O Candom blé não faz proselitism o e valoriza a ancestralidade, tanto por razões históricas (antepassados africanos) quanto espirituais (filiação aos Orixás, cuj as características se fazem conhecer por seus m itos e por antepassados históricos ou sem i-históricos divinizados).

Em bora ainda discrim inado pelo senso com um e atacado por diversas denom inações religiosas que o associam à cham ada "baixa m agia", o Candom blé tem sua influência cada vez m ais reconhecida em diversos setores da vida social brasileira, na m úsica (percussão, toques, base m usical, etc.), na culinária (pratos da cozinha de Santo que m igraram para restaurantes e para as m esas das fam ílias brasileiras) e na m edicina popular (fitoterapia e outros).

O Candom blé não existia em áfrica tal qual o conhecem os, um a vez que, naquele continente, o Culto aos Orixás era segm entado por regiões (cada região e, portanto, fam ílias/clãs cultuavam determ inado Orixá ou apenas alguns). No Brasil, os Orixás tiveram seus cultos reunidos em terreiros, com variações e interpenetrações teológicas e litúrgicas das diversas Nações.

Em bora haj a farta bibliografia a respeito do Candom blé e m uitas de suas festas sej am públicas e abertas a não-iniciados, trata-se de um a religião iniciática, com ensino-aprendizagem pautado pela oralidade, com conteúdo exotérico (de dom ínio público) e esotérico (segredos os m ais diversos transm itidos apenas aos iniciados).

Conform e sintetiza Vivaldo da Costa Lim a,

*"a filiação nos grupos de Candomblé é, a rigor, voluntária, mas nem por isso deixa de obedecer aos padrões mais ou menos institucionalizados das formas de apelo que determinam a decisão das pessoas de ingressarem formalmente num terreiro, através dos ritos de iniciação. Essas formas de chamamento religioso se enquadram no universo mental das classes e estratos de classes de que provém a maioria dos adeptos do Candomblé, e são, geralmente, interpretações de sinais que emergem dos sistemas simbólicos culturalmente postulados. Sendo um sistema religioso – portanto uma forma de relação expressiva e unilateral com o mundo sobrenatural – o Candomblé, como qualquer outra religião iniciática, provê a circunstância em que o crente poderá, satisfazendo suas emoções e suas outras necessidades existenciais, situar-se plenamente num grupo socialmente*

*reconhecido e aceito, que lhe garantirá status e segurança – que esta parece ser uma das funções principais dos grupos de Candomblé: dar a seus participantes um sentido para a vida e um sentimento de segurança e proteção contra 'os sofrimentos de um mundo incerto' ".*

**FORMAÇÃO**

O Culto aos Orixás pelos africanos no Brasil tem um a longa história de resistência e sincretism o. Im pedidos de cultuar os Orixás, valiam - se de im agens e referências católicas para m anter viva a sua fé. Por sua vez, a com binação de cultos que deu origem ao Candom blé deveu-se ao fato de serem agregados num a m esm a propriedade (e, portanto, na m esm a senzala) escravos provenientes de diversas nações, com línguas e costum es diferentes - certam ente um a estratégia dos senhores brancos para evitar revoltas, além de um a tentativa de fom entar rivalidades entre os próprios africanos. Vale lem brar que, em África,o Culto aos Orixás era segm entado por regiões: cada região cultuava determ inado Orixá (ou apenas alguns).

Em 1830, algum as m ulheres originárias de Ketu, na Nigéria, filiadas à irm andade de Nossa Senhora da Boa Morte, reuniram -se para estabelecer um a form a de culto que preservasse as tradições africanas em solo brasileiro. Reza a tradição (e docum entos históricos) que a reunião aconteceu na antiga Ladeira do Bercô (hoj e, rua Visconde de Itaparica), nas proxim idades da Igrej a da Barroquinha, em Salvador (BA). Nesse grupo, e com o auxílio do africano Baba-Asiká, destacou-se Íy ànàssó Kalá ou Oká (Iy a Nassô). Seu òrúnkó no Orixá (nom e iniciático) era Íy àm agbó-Olódùm arè.

Para conseguirem seu intento, essas m ulheres buscaram fundir aspectos diversos de m itologias e liturgias. Um a vez distantes da África, a Ìy á ìlú àiy é èm í (literalm ente "Mãe Pátria Terra da Vida"), teriam de adaptar-se ao contexto local, não cultuando necessariam ente apenas Orixás locais (característicos de tribos, cidades e fam ílias específicos) em espaços am plos, com o a floresta –

cenário de m uitas iniciações –, m as o fazendo num espaço previam ente estabelecido: a casa de Culto. Nessa "reprodução em m iniatura da África", os Orixás seriam cultuados em conj unto. E nascia o Candom blé.

Ao m esm o tem po em que designava as reuniões feitas por escravos com o intuito de louvar os Orixás, a palavra Candom blé tam bém era em pregada para toda e qualquer reunião ou festa organizada pelos negros no Brasil. Por essa razão, antigos Babás e Iy ás evitavam cham

ar o Culto aos Orixás de Candom blé.

Em linhas gerais, Candom blé seria um a corruptela de “candonbé” (atabaque tocado pelos negros de Angola) ou viria de “candonbidé” (louvar ou pedir por alguém ou por algo).

Cada grupo tem características próprias (teológicas, linguísticas e de culto –

m uito em bora, não raro, as características se interpenetrem ) e ficou conhecido com o Nação:

Nação Ketu;

Nação Angola;

Nação Jej e;

Nação Nagô;

Nação Congo;

Nação Muxicongo;

Nação Efon.

Constituída por grupos que falavam iorubá, dentre eles os de Oy ó, Abeokutá, Ij exá, Ebá e Benim , a Nação Ketu tam bém é conhecida com o Alaketu.

Os iorubás, guerreando com os j ej es, em África, perderam e foram escravizados, vindo então para o Brasil. Maltratados, foram cham ados pelos fons de “ànagô” (dentre várias acepções, “piolhentos, suj os”). O term o, com o tem po, m odificou-se para “nàgó” e foi incorporado pelos próprios iorubás com o m arca de origem e de form a de culto. Em sentido estrito, não há um a nação política cham ada nagô.

Em linhas gerais, os Candom blés dos Estados da Bahia e do Rio de Janeiro ficaram conhecidos com o de Nação Ketu, com raízes iorubanas. Entretanto, existem variações dentro de cada Nação. No caso do Ketu, por exem plo, destacam -se a Nação Efan e a Nação Ij exá. Efan é um a cidade da região de Ij exá, nas proxim idades de Oxogbô e do rio Oxum , na Nigéria. A Nação Ij exá é conhecida pela posição de destaque que nela possui o Orixá Oxum , sua rainha.

No caso do Candom blé Jej e, por exem plo, um a variação é o Jej e Mahin, sendo Mahin um a tribo que havia nas proxim idades da

cidade de Ketu. Quanto às Nações Angola e Congo, seus Candom blés se desenvolveram a partir dos cultos de escravos provenientes dessas regiões africanas.

De fato, a variação e o cruzam ento de elem entos de Nações não são estanques, com o dem onstram o Candom blé Nagô-Vodum (o qual sintetiza costum es iorubás e j ej e) e o Alaketu (de Nação iorubá, tam bém da região de Ketu, tendo com o ancestrais da casa Otam pé, Oj aró e Odé Akobí).

**PRIMEIROS TERREIROS**

A prim eira organização de Culto aos Orixás foi a da Barroquinha (Salvador, BA), em 1830, sem ente do Ilê Axé Iy a Nassô Oká, um a vez que foi capitaneado pela própria Iy a Nassô, filha de um a escrava liberta que retornou à África.

Posteriorm ente foi transferido para o Engenho Velho, onde ficou conhecido com o Casa Branca ou Engenho Velho. Ainda no século XIX, dele originou-se o

Candom blé do Gantois e, m ais adiante, o Ilê Axé Opô Afonj á.

Entre 1797 e 1818, Nan Agotim é, rainha-m ãe de Abom é, teria trazido o Culto dos Voduns j ej e para a Bahia, levando-os a seguir para São Luís, MA. Traços da presença daom eana teriam perm anecido no Bogum , antigo terreiro j ej e de Salvador, o qual ostenta, ainda, o vocábulo “m alê” (bastante curioso, um a vez que o term o refere-se ao negro do Islã). Antes m esm o do Bogum há registros de um terreiro j ej e, em 1829, no bairro hoj e conhecido com o Acupe de Brotas.

Tum bensi é considerada a casa de Angola m ais antiga da Bahia, fundada por Roberto Barros Reis (dij ina: Tata Kim banda Kinunga) por volta de 1850, escravo angolano de propriedade da fam ília Barros Reis, que lhe em prestou o nom e pelo qual era conhecido. Após seu falecim ento, a casa (inzo) passou à liderança de Maria Genoveva do Bonfim , m ais conhecida com o Maria Neném (dij ina: Mam étu Tuenda UnZam bi) gaúcha, filha de Kavungo, considerada a m ais im portante sacerdotisa do Candom blé Angola. Ela assum iu a chefia da casa por volta dos anos 1909, vindo a falecer em 1945.

Já o Tum ba Junçara foi fundado, em 1919 em Acupe, na Rua Cam po Grande, Santo Am aro da Purificação, BA, por dois irm ãos de esteira: Manoel Rodrigues do Nascim ento (dij ina: Kam bam be) e Manoel Ciriaco de Jesus (dij ina: Ludy am ungongo), am bos iniciados em 13

de j unho de 1910 por Mam 'etu Tuenda UnZam bi, Mam 'etu Riá N'Kisi do Tum bensi. Kam bam be e Ludy am ungongo tiveram Sinhá Badá com o Mãe-pequena e Tio Joaquim com o Pai-pequeno. O Tum ba Junçara foi transferido para Pitanga, tam bém em Santo Am aro da Purificação, e posteriorm ente para o Beiru. A seguir foi novam ente transferido para a Ladeira do Pepino, 70, e finalm ente para Ladeira da Vila Am érica, 2, Travessa 30, Avenida Vasco da Gam a (que hoj e se cham a Vila Colom bina), 30, em Vasco da Gam a, Salvador (BA). E assim a raiz foi-se espalhando.

O histórico das prim eiras casas de Candom blé e outras form as de culto m arginalizadas pelo poder constituído (Estado, classes econom icam ente dom inantes, Igrej a, etc.), com o a Um banda no século XX, assem elha-se pela resistência à repressão institucionalizada e ao preconceito.

**NAÇÕES**

Quando se refere ao *Candomblé*, o vocábulo *Nação*, com o bem observa Nei Lopes, refere-se às "unidades de culto, caracterizadas pelo conj unto de rituais peculiares aos indivíduos de cada um a das divisões étnicas que com punham , real ou idealm ente, a m assa dos africanos vindos para as Am éricas".

As três nações m ais conhecidas no Brasil:

**NAÇÃO KETU**

A Nação Ketu, com suas características de culto aos Orixás e aos antepassados, talvez sej a a m ais conhecida do grande público. Muito contribuíram para diversas m anifestações culturais, com o a Literatura (Jorge Am ado e João Ubaldo Ribeiro, dentre outros) e a Música (Vinicius de Moraes, Baden Powell, Chico Buarque etc.).

Segundo Nei Lopes, Ketu refere-se a "antigo reino da África ocidental cuj o território foi cortado em dois pela fronteira Nigéria-Benin, estabelecida pelo colonialism o europeu. Não obstante, a região de Mèko, no lado nigeriano, ainda é vista com o parte dele e o alákétu, governante tradicional, ainda a visita em sua cerim ônia de posse. O povo Ketu é um subgrupo dos Iorubás, e seu Ancestral, segundo a tradição, é o segundo filho de Oduduwa. O Reino de Ketu era um dos seis reinos que constituíam a confederação cham ada pelos Hauçás de Bansa bokoï, em contraposição aos seus Hausa bokoï. A tradição relata que esses reinos foram fundados por seis irm ãos, num a lenda análoga à da criação dos Estados hauçás.".

**NAÇÃO ANG OLA**

Baseado na herança das religiões bantu, o cham ado rito angola engloba essencialm ente o cerim onial congo e cabinda. Além dos Inquices, costum am ser cultuados tam bém Orixás, Voduns, Vunj es (espíritos infantis) e Caboclos. Tocam -

se atabaques com as m ãos, sendo os ritm os predom inantes cabula, congo e barravento ou m uzenza. As cantigas possuem term os ou trechos em português.

O Candom blé Angola dissem inou-se em quase todo o Brasil, em virtude da afluência e da inserção dos bantos no país. Bastante receptivo a influências do Catolicism o e das religiões am eríndias, no final do século passado, em alguns estados, passou a receber nom es característicos - tais com o Cabula (Espírito Santo), Macum ba (Rio de Janeiro) e Candom blé de Caboclo (Bahia). Tam bém a influência j ej e-nagô fez-se presente nesses cultos.

**NAÇÃO JEJE**

A Nação Jej e caracteriza-se pelo culto aos Voduns do Reino do antigo Daom é (m itologia fon) trazidos para o Brasil pelos escravos de várias regiões da África Ocidental e África Central. Os diversos grupos étnicos daom eanos (com o fon, ewe, fanti, ashanti, m ina), em solo brasileiro, eram cham ados *djedje* (do iorubá *ajeji*, significando "estrangeiro", "estranho").

Os prim eiros tem plos da Nação Jej e foram organizados na Bahia e no Maranhão, estendendo-se, posteriorm ente, para outros estados brasileiros.

Conform e a origem , a Nação Jej e divide-se em diversos segm entos: Jej e-

Mahi, Jej e Daom é, Jej e Savalu, Jej e Modubi, Jej e Mina (Tam bor-de-m ina) e Jej e-Fanti-Axanti.

No Jej e Mahi, por exem plo, são cultuados Voduns relacionados aos Orixás, com origem de culto na África, e da região Mahi. Por outro lado, Eguns e Voduns com vida terrena, com o os reis do Daom é, não são cultuados. Cultuam -se os antepassados por m eio do Vodum Ay izan, na região do Mahi, m ulher de Legba e ligada à terra, à m orte e aos ancestrais. Os Voduns Jej e-Mahi são, portanto, antepassados m íticos. Representa essa Nação o Vodum Gbesen (Besséms ).

No Brasil, a africana Ludovina Pessoa, de Mahi, segundo a tradição, foi escolhida pelos Voduns para fundar três terreiros: o Zòogodo Bogum Malé Hundò (Terreiro do Bogum ), para Heviossô; o Zòogodo Bogum Malé Sej a Undè (Kwe Sej a Undê), para Dã; o terceiro, não se sabe onde, para Aj unsun Sakpata.

No Jej e Modubi cultuam -se os Akututos (Eguns), reinando aí o Vodum Azonsu.

Outras nações m enos conhecidas no Brasil, contudo tão im portantes quanto as dem ais: Efon (Efã), Ij exá, Congo, Muxicongo, Nagô. Com elas, se interpentram as anteriores (além de interpenetrarem entre as três) num a riqueza teológica, litúrgica e cultural.

### *Candomblé de Caboc lo*

Modalidade de Candom blé na qual tam bém se trabalha com Caboclos.

Durante algum tem po (e ainda hoj e em algum as casas), a participação dos Caboclos é velada, de m odo a preservar a “pureza” ritual do Candom blé. Em determ inadas casas, além dos cham ados Caboclos de Pena, tam bém trabalham os popularm ente cham ados Caboclos Boiadeiros, ou sim plesm ente Boiadeiros.

### *Mac umba*

Nom e genérico e geralm ente pej orativo que se refere às religiões afro-brasileiras. Macum ba foi tam bém um a m anifestação religiosa, no Rio de Janeiro, que em m uito se aproxim ava da cabula. O chefe do culto tam bém era conhecido com o em banda, um banda ou quim banda, tendo com o aj udantes cam bonos ou cam bones. As iniciadas eram conhecidas ora com o filhas-de-santo (influência j ej e-nagô), ora com o m édiuns (influência do espiritism o).

Orixás, Inquices, caboclos e santos católicos eram alinhados em falanges ou linhas, com o a da Costa, de Um banda, de Quim banda, de Mina, de Cam binda, do Congo, do Mar, de Caboclo, Cruzada e outros.

De origem banta, porém com étim o controvertido, m acum ba poderia advir do quim bundo *macumba*, plural de *dikumba*, significando “cadeado” ou

“fechadura”, em referência aos rituais de fecham ento de corpo. Ou ainda viria do quicongo *macumba*, plural de *kumba*, com o sentido de

“prodígios”, “fatos m iraculosos” - em referência à cum ba, feiticeiro. Com outras raízes etim ológicas, no Brasil, o vocábulo tam bém designou um tipo de reco-reco e um j ogo de azar.

Para dissociar-se do sentido pej orativo, o vocábulo m acum ba tem sido utilizado nas artes em geral com valor positivo. O m arco m ais recente é o disco

“Tecnom acum ba”, da cantora m aranhense Rita Benneditto.

### *Cabula*

Culto religioso afro-brasileiro do século XIX, no Espírito Santo, com rituais ao ar livre e evocações aos espíritos dos antepassados e utilização de vocabulário de origem banta. A reunião, nas florestas ou em casa determ inada, era conhecida com o m esa, destacando-se a de Santa Bárbara e a de Santa Maria. O chefe da m esa era cham ado de em banda, tendo com o aj udantes os cam bones. Os adeptos eram conhecidos com o cam anás; suas reuniões form avam engiras.

### *Catimbó*

Fundindo elem entos da paj elança (influência indígena) e de cultos bantos (influência afro), o Catim bó é conhecido pela terapêutica notadam ente m arcada por passes, defum ações e banhos lustrais (de purificação). O catim bó é conduzido por m estres, sendo um dos m ais conhecidos o Sr. Zé Pelintra.

### *Tambor de Mina*

Culto afro-brasileiro, de origem Jej e, característico principalm ente no Estado do Maranhão. O vocábulo “m ina” refere-se à origem dos escravos, aprisionados no forte de São Jorge da Mina, de propriedade dos portugueses, na África Ocidental, antes de serem trazidos para o Brasil com o escravos.

Na Casa das Minas, em São Luís, MA, os Voduns são cultuados conform e as fam ílias a que pertençam . Dessa form a, a fam ília de Davice é constituída por Voduns cham ados nobres (reis e rainhas) do Daom é. A fam ília de Savaluno é com posta de Voduns da região norte do Daom é. Já a fam ília de Dam birá com porta os Voduns da terra, das doenças e da peste. A fam ília de Quevioso e Aladanu, considerada de origem nagô, abarca os Voduns dos raios, dos trovões, do ar e da água.

No tam bor-de-m ina há tam bém a m anifestação dos encantados de

diversas origens: caboclos da m ata, fidalgos/nobres portugueses e franceses e turcos/m ouros.

### *Babaç uê*

Tam bém conhecido com o Batuque de Santa Bárbara ou Batuque de Mina, trata-se de culto afro-am eríndio com um no Norte e no Nordeste do Brasil, notadam ente no Pará.

No Babaçuê, cultuam -se Orixás e Voduns. Já no Batuque de Santa Bárbara, Iansã é protetora das m ulheres e Xangô, dos hom ens. O Batuque de Mina, por sua vez, cultua Orixás.

O Babaçuê lem bra o Candom blé de Caboclo e o Catim bó. Mescla crenças africanas e am eríndias, com forte influência da Nação Jej e. Seus cânticos são conhecidos com o Doutrina.

### *Vale do Amanhe c e r*

Religião sincrética que tem seu m arco, no plano terreno, no ano de 1959, com os desdobram entos de sua fundadora carnal, Tia Neiva, e aprendizados no Tibete, com o Mestre Hum ahã.

A prim eira com unidade do Vale do Am anhecer funcionou na Serra do Ouro, nas proxim idades da cidade de Alexânia (GO). Depois de se m udar para Taguatinga, em 1969, aloj ou-se na zona rural de Planaltina, em região hoj e conhecida com o Vale do Am anhecer.

Pretos-Velhos e Caboclos trabalham nas Linhas dos Orixás em atendim entos ao público nos diversos tem plos espalhados pelo país.

### *Catolic ismo*

A força da influência do Catolicism o na Um banda pode ser, em linhas gerais, literal ou sim bólica/sincrética.

Em virtude do sincretism o, a m aioria dos tem plos um bandistas apresenta im agens católicas em seus altares. Contudo, há tem plos que se utilizam de im agens com representações ditas africanas dos Orixás, enquanto outros não usam im agem algum a, m as apenas quartinhas com pedras correspondentes (otás), por exem plo.

Interessante notar que, m esm o nos tem plos que se valem de im agens católicas (a m aioria), a im agem de Obaluaê costum a figurar ao lado das im agens de santos católicos aos quais esse Orixá é sincretizado (notadam ente São Lázaro e São Roque). O m esm o vale

para outros Orixás e os santos católicos correspondentes.

Nas palavras do célebre teólogo Leonardo Boff, em seu texto *O encanto dos Orixás*,

*"Quando atinge grau elevado de complexidade, toda cultura encontra sua expressão artística, literária e espiritual. Mas ao criar uma religião a partir de uma experiência profunda do Mistério do mundo, ela alcança sua maturidade e aponta para valores universais. É o que representa a Umbanda, religião nascida em Niterói, no Rio de Janeiro, em 1908, bebendo das matrizes da mais genuína brasilidade - feita de europeus, de africanos e de indígenas. Num contexto de desamparo social, com milhares de pessoas desenraizadas, vindas da selva e dos grotões do Brasil profundo, desempregadas, doentes pela insalubridade notória do Rio nos inícios do século 20, irrompeu uma fortíssima experiência espiritual. O*

*interiorano Zélio Moraes atesta a comunicação da Divindade sob a figura do Caboclo das Sete Encruzilhadas da tradição indígena e do Preto-Velho dos escravos. Essa revelação tem como destinatários primordiais os humildes e destituídos de todo apoio material e espiritual. Ela quer reforçar neles a percepção da profunda igualdade entre todos, homens e mulheres; se propõe a potenciar a caridade e o amor fraterno, mitigar as injustiças, consolar os aflitos e reintegrar o ser humano na natureza sob a égide do Evangelho e da figura sagrada do Divino Mestre Jesus.*

*O nome Umbanda é carregado de significação. É composto de OM (o som originário do universo nas tradições orientais) e de BANDHA (movimento incessante da força divina). Sincretiza de forma criativa elementos das várias tradições religiosas de nosso país criando um sistema coerente. Privilegia as tradições do Candomblé da Bahia por serem as mais populares e próximas aos seres humanos sem suas necessidades. Mas não as considera como entidades, apenas como forças ou espíritos puros que, através dos Guias espirituais, se acercam das pessoas para ajudá-las. Os Orixás, a Mata Virgem, o Rompe Mato, o*

*Sete Flechas, a Cachoeira, a Jurema e os Caboclos representam facetas arquetípicas da Divindade. Elas não multiplicam Deus num falso panteísmo - mas concretizam, sob os mais diversos nomes, o único e mesmo Deus. Este se sacramentaliza nos elementos da natureza como nas montanhas, nas cachoeiras, nas matas, no mar, no fogo e nas tempestades. Ao confrontar-se com estas realidades, o fiel entra em comunhão com Deus.*

*A Umbanda é uma religião profundamente ecológica. Devolve ao ser humano o sentido da reverência face às energias cósmicas. Renuncia aos sacrifícios de animais para restringir-se somente às flores e à luz,*

*realidades sutis e espirituais.*

*Há um diplomata brasileiro, Flávio Perri, que serviu em embaixadas importantes como Paris, Roma, Genebra e Nova York que se deixou encantar pela religião da Umbanda. Com recursos das ciências comparadas das religiões e dos vários métodos hermenêuticos, elaborou perspicazes reflexões que levam exatamente este título, O Encanto dos Orixás, desvendando-nos a riqueza espiritual da Umbanda. Permeia seu trabalho com poemas próprios de fina percepção espiritual. Ele se inscreve no gênero dos poetas-pensadores e místicos como Álvaro de Campos (Fernando Pessoa), Murilo Mendes, T. S. Elliot e o sufi Rumi.*

*Mesmo sob o encanto, seu estilo é contido, sem qualquer exaltação, pois é esse rigor que a natureza do espiritual exige.*

*Além disso, ajuda a desmontar preconceitos que cercam a Umbanda, por causa de suas origens nos pobres da cultura popular espontaneamente sincréticos. Que eles tenham produzido significativa espiritualidade e criado uma religião cujos meios de expressão são puros e singelos revela quão profunda e rica é a cultura desses humilhados e ofendidos, nossos irmãos e irmãs. Como se dizia nos primórdios do Cristianismo que, em sua origem, também era uma religião de escravos e de marginalizados, 'os pobres são nossos mestres, os humildes, nossos doutores'.*

*Talvez algum leitor(a) estranhe que um teólogo como eu diga tudo isso que escrevi. Apenas respondo: um teólogo que não consegue ver Deus para além dos limites de sua religião ou igreja não é um bom teólogo. É antes um erudito de doutrinas. Perde a ocasião de se encontrar com Deus que se comunica por outros caminhos e que fala por diferentes mensageiros, seus verdadeiros anjos. Deus desborda de nossas cabeças e dogmas."*

### *Espiritismo*

O Espiritism o foi codificado por Allan Kardec (pseudônim o de Hy ppolite Léon Denizard Rivail), no século XIX, e ganhou o m undo, especialm ente por m eio de publicações (livros, j ornais e revistas). No Brasil, é popularm ente cham ado de Kardecism o, até m esm o para diferenciá-lo de outras religiões, term o oficialm ente não em pregado pelos espíritas - segundo os quais seria equivocado, um a vez que a doutrina é dos espíritos, e não de Kardec.

Nas palavras do célebre m édium espírita Chico Xavier, em entrevista em 1976:

*"Eu sempre compreendi a Umbanda como uma comunidade de corações profundamente veiculados à caridade com a benção de Jesus Cristo e nesta*

*base eu sempre devotei ao movimento umbandista no Brasil o máximo de respeito e a maior admiração.*

*(…)*

A m eu ver, o m ovim ento de Um banda no Brasil está igualm ente ligado ao Espírito de am or do Cristianism o. Sem conhecim ento de alicerces um bandísticos para form ar um a opinião específica, eu prefiro acreditar que todos os um bandistas são tam bém grandes cristãos construindo a grandeza da solidariedade cristã no Brasil para a felicidade do m undo.

*(…)*

*Acredito que o mediunismo no movimento de Umbanda é tão respeitável quanto a mediunidade das instituições kardecistas, com uma única diferença que eu faria se tivesse um estudo mais completo de Umbanda; é que seria extremamente importante se a mediunidade recebesse a doutrinação do espírita do evangelho com as explicações de Allan Kardec fosse onde até mesmo noutras faixas religiosas que não fosse a Umbanda. Porque a mediunidade esclarecida pela responsabilidade decorrente dos princípios cristãos é sempre um caminho de interpretação com Jesus de qualquer fenômeno mediúnico."*

### *U niv e rsalismo c rístic o*

Movim ento de universalização da Espiritualidade, focado em valores com uns a todos os seres hum anos. No Brasil, tem -se destacado o cham ado Universalism o Crístico, liderado pelo m édium e escritor Roger Bottini Paranhos.

A respeito da Um banda, ditou o espírito Herm es a Paranhos:

*"-Meu jovem, eu creio que você está fazendo um julgamento sobre algo que desconhece. O poder dos trabalhos de Umbanda vem dos rituais que despertam as forças espirituais dos orixás. Não raro vejo espíritas como você em casas de Umbanda pedindo socorro aos Pretos-Velhos porque na Umbanda se trabalha com energias mais densas e difíceis de dissipar. Não acho justo que você desmereça os trabalhos que realizamos com tanto amor pelos nossos semelhantes.*

*Rafael aguardou em silêncio e voltou a falar:*

*-Antes de tudo, eu gostaria de lembrar a todos que não estou aqui na condição de espírita. Essa foi a minha religião de formação, mas não estou aqui para defendê-*

*la; pelo contrário, ainda nessa noite exporemos aqui os pontos em que ela também deve ser chamada a uma reflexão, da mesma forma como devemos fazer com todas as religiões, inclusive os orientais como o Budismo, o Hinduísmo, o Islamismo, que devem também ser avaliadas conforme o crivo da razão no que concerne aos rituais.*

*Quanto aos ritos de Umbanda, posso afirmar que eles não deixarão de ser utilizados e muito menos serão recriminados. Estou aqui para preparar a visão espiritual do futuro, ou seja, para atender as novas gerações. E elas terão algo claro em mente: a certeza de que podemos realizar curas ou promover doenças, atrair espíritos de luz ou obsessores terríveis, encontrar felicidade ou depressão, tudo apenas com o poder de nossa mente, independentemente dos rituais."*

### *Re glas*

O culto aos Orixás, Inquices, Voduns e outros espalhou-se e criou form atos próprios em países onde o elem ento africano se fixou, notadam ente, pela escravidão. Além do Brasil, o exem plo m ais visível (m as não único) é o de Cuba, onde os cultos de origem afro são conhecidos genericam ente com o santería -

vocábulo im preciso e "subversivo", com o o brasileiro "m acum ba". Por sua vez, a palavra "regla" é popularm ente utilizada com o sentido de culto ou religião.

Dessa form a, em Cuba, encontram -se:

Cultos de

Orixás

iorubanos,

comandada

por um obá,

Regla de Ocha

com cânticos

(origem

ao som de

iorubana/lucumí)

tambores

batá.

Compreende,

à parte, a

Regla de Ifá.

A Regla de

Mayombe é

dividida em

duas

vertentes:

mayombe

Regla de

judío,

Mayombe, Regla

voltado para

de Palo Monte

o mal, e

ou Regla de Palo

mayombe

(origem

cristiano16

banta/conga)

Compreende

subdivisões,

como

Brillumba ou

Vryumba,

Kimbisa e

outras.

Ao lado dessas duas reglas principais, destaca-se tam bém , em especial na província de Matanzas, a Regla Arara ou Arara Daom ey.

Em especial, a partir do século XX, diversos países passaram a ter terreiros de Candom blé e Um banda - cuj as raízes, direta ou indiretam ente, estão em casas brasileiras.

Note-se que os term os “j udío” e “cristiano” possuem aqui valoração de

“negativo” e “positivo”, o que precisa ser com preendido no contexto em que os term os foram atribuídos a cada m ay om be. Certam ente tal distinção, preconceituosa contra os j udeus, é hoj e revista. Grosso m odo, o m esm o ocorre com o vocábulo português “pagão” - o qual, em sua origem , não tem a acepção negativa de “não-cristão”, m as “aquele que vem do cam po” (nesse contexto, a Wicca se denom ina orgulhosam ente religião pagã).

### *Culto aos O rixás*

Cham ada genericam ente de culto aos Orixás, trata-se de tendência e prática que visa a se aproxim ar ainda m ais das raízes africanas no que tange ao form ato e à organização do culto em si, à liturgia, ao uso de línguas dos antepassados, dentre outros elem entos.

### *Culto a If á*

O culto a Ifá, cuj o patrono é Orunm ilá (e o sím bolo, o cam aleão), tem crescido no Brasil, havendo diversas casas a ele dedicadas. O sacerdote de Ifá é o Babalaô (“pai do segredo”; não confundir com o babalaô de Um banda, sinônim o de dirigente espiritual ou babá). O Alabá ( *alabá* é tam bém o sacerdote-chefe da sociedade secreta Egungum , bem com o título de honra de algum as autoridades do Candom blé) é o chefe dos Oluôs (o oluô é um grau entre os sacerdotes de Ifá). O iniciante é cham ado de Kekereaô-Ifá, tornando-se Om o-Ifá (filho de Ifá) após o cham ado pacto.

O sistem a divinatório de Ifá, aliás, não se restringe apenas aos búzios, m as abarca outras técnicas - dentre elas os iquines (16 caroços de dendê) e o opelê (corrente fina, aberta em duas, contendo cada parte 04 caroços de dendê).

### *Culto aos Egunguns*

Trata-se do culto aos ancestrais, os quais têm o m erecim ento de apresentar-se invocados em form a corporal. Apenas os espíritos devidam ente preparados podem ser invocados e m aterializados.

Nos terreiros devotados aos Egunguns, a invocação dos ancestrais converte-se na essência do culto, e não a invocação dos Orixás, com o nos terreiros de Candom blé. O culto aos ancestrais é tam bém o culto ao respeito hierárquico, aos

"m ais velhos". Os Egunguns abençoam , aconselham , m as não são tocados e perm anecem isolados dos encarnados, controlados pelos sacerdotes (oj és).

Apresentam -se com vestim entas coloridas, ricas e com sím bolos que perm item ao observador identificar sua hierarquia.

Os Egunguns m ais antigos são conhecidos com o Agbás, e m anifestam -se envolvidos por m uitas tiras coloridas ( *abalás*), espelhos e por um tipo de avental ( *bantê*). Os m ais j ovens são os Aparakás, sem vestim enta e form a definidas.

Nesse culto, m anifestam -se apenas os ancestrais m asculinos, sendo tam bém cuidados apenas por hom ens (em bora haj a m ulheres com funções específicas no culto). Por outro lado, Oy á Igbalé, tam bém conhecida com o Iansã Balé, é considerada e respeitada com o rainha e m ãe dos Egunguns - cultuada, portanto, em assentam ento próprio e especial.

O foco do culto aos Egunguns em solo brasileiro seria a Ilha de Itaparica, a partir dos terreiros de Vera Cruz (cuj a fundação data de cerca de 1820); da fazenda Mocam do, em local conhecido com o Tuntun; e da Encarnação. Todos esses terreiros são ancestrais do Ilê Agboulá, no Alto da Vela Vista. Já no continente, em Salvador, destacou-se o terreiro do Corta-Braço, na estrada das Boiadas, hoj e o bairro da Liberdade.

Em contrapartida, as m ulheres organizaram -se em sociedades com o Geledé, Geledés ou Gueledés. Segundo Nei Lopes, Gueledés são

*“máscaras outrora usadas no candomblé do Engenho Velho, por ocasião da Festa dos Gueledés, em 8 de dezembro. O nome deriva do iorubá Gèlèdé, sociedade secreta feminina que promove cerimônias e rituais semelhantes ao da sociedade Egungum, mas não ligados a ritos funerários, como os daquela. Por extensão, passou a designar as cerimônias e as máscaras antropomorfas esculpidas em madeira. No Brasil, a sociedade funcionou nos mesmos moldes iorubanos e sua última sacerdotisa foi Omoniké, de nome cristão Maria Júlia Figueiredo. Com sua morte, encerram-se as festas anuais, bem como a procissão que se realizava no bairro da Boa Viagem”.*

A própria Irm andade de Nossa Senhora da Boa Morte, fundam ental para a organização do Candom blé tal qual o conhecem os hoj e, reflete a força do fem inino no culto aos Orixás.

## A U M B A N D A E O M EIO A M B IEN TE

Por ser um a reunião ecológica em que o corpo, a m ente e o espírito se conectam com o m eio am biente, a Um banda está atenta às questões do m eio am biente. Por esse m otivo, cada vez m ais os um bandistas têm consciência de com o utilizar m ateriais que não agridam a natureza. Exem plo disso são os pentes feitos com m ateriais não-poluentes entregues em oferendas a Iem anj á, no m ar, onde tam bém a alfazem a é vertida (no m ar, em barquinhos, etc.) de m odo a não se deixar ali os vidros.

Abaixo estão duas propostas/ações que alguns terreiros têm adotado, em especial em Santa Catarina.

### *Compostage m orgânic a*

Processo biológico de reaproveitam ento de m ateriais que vem sendo adotado em diversos terreiros. Nas palavras do dirigente espiritual, professor de Geografia, escritor e divulgador do processo Giovani Martins,

*“(…) com relação às oferendas, após o tempo mínimo de permanência no altar ou em outros locais sagrados dos terreiros, são tratadas em sistema de geração de adubos denominado compostagem orgânica. A compostagem é um processo biológico em que os microorganismos transformam a matéria orgânica, como folhas, papel e restos de comida num material semelhante ao solo, a que se chama composto, e que pode ser utilizado como adubo. Os adubos produzidos a partir desse sistema são utilizados nos herbários que ficam localizados nos próprios terreiros, em que são plantadas todas as ervas destinadas ao culto aos Orixás e demais*

*atividades ritualísticas. No sistema de compostagem são aproveitadas as frutas, as comidas de santo e outras oferendas que possibilitem o tratamento e reutilização (as carnes vermelhas e/ou brancas não entram no sistema de compostagem). Com a compostagem, dá-se uma finalidade sustentável para as oferendas e, ao mesmo tempo em que melhora a estrutura e aduba o solo, gera redução de herbicidas e pesticidas devido à presença de fungicidas naturais e microorganismos, aumentando a retenção de água no solo."*

### *Siste ma de inc ine raç ão*

Processo de tratam ento de lixo que vem sendo adotado em diversos terreiros.

Nas palavras do dirigente espiritual, professor de Geografia, escritor e divulgador do sistem a Giovani Martins,

*"(…) os resíduos e despachos provenientes dos ebós, que até então eram jogados em locais públicos, passam agora pela incineração para depois serem devidamente enterrados em áreas de plantio e reflorestamento. A incineração de resíduos, principalmente do lixo, é uma prática muito antiga, ainda hoje comum nas zonas rurais. Apesar da queima em céu aberto colaborar para a poluição atmosférica com os gases de combustão, a queima ainda é uma alternativa viável para a eliminação dos resíduos. Com a incineração existe uma redução de aproximadamente 80% no volume do material. Os incineradores hoje utilizados nos terreiros em sua maioria são domésticos, ou seja, construídos de forma artesanal com tijolo e cimento. Nos ebós não são utilizados plásticos, metais e outros materiais que acarretariam problemas ambientais mesmo incinerados. A combustão de plásticos clorados (PVC), por exemplo, resulta no ácido clorídrico altamente poluente, devendo de fato ser evitado."*

Com o há entregas em que se usam , por exem plo, m oedas e outros obj etos, estes não podem passar por esse processo, tendo outro encam inham ento.

## A U M B A N D A E A ESP IR ITU A LID A D E N O TER C EIR O M ILÊN IO

### *Holismo*

Por ser um a religião ecológica, a Um banda visa ao equilíbrio do trinôm io corpo, m ente e espírito - a saúde física, o padrão de pensam ento e o desenvolvim ento espiritual de cada indivíduo.

### *Ec ume nismo e D iálogo Inte r- re ligioso*

Além de ter suas portas abertas a todo e qualquer espírito (encarnado ou desencarnado) que desej e vivenciar a Espiritualidade de acordo com suas diretrizes, a Um banda m antém fortes laços dialógicos com as m ais diversas tradições religiosas e/ou espirituais, algum as das quais a influenciaram bastante em vários aspectos, dentre eles, a ritualística. A Um banda não é proselitista.

### *Valorizaç ão da v iv ê nc ia/e xpe riê nc ia pe ssoal*

Em bora tenha um a teologia própria e, em virtude do forte sincretism o, por vezes ainda vivencie pontos doutrinários de outras tradições religiosas e/ou espiritualistas, a Um banda valoriza a experiência pessoal (concepções, opiniões, form as de vivenciar a espiritualidade, etc.), respeitando o livre pensam ento e irm anando a todos em seus rituais e nas m ais diversas atividades caritativas, de m odo a respeitar as diferenças, sem tratá-las ostensivam ente com o divergências.

### *Fé e c otidiano: a c onc re tude da f é*

Fortem ente m arcada pela ecologia, a Um banda convida a todos a vivenciar sua fé no cotidiano – cuidando do próprio corpo, do m eio am biente, vivenciando relações saudáveis, etc. Exem plo: cultuar o Orixá Oxum é, ao m esm o tem po, um convite para se viver am orosam ente o cotidiano, de form a com passiva, e utilizar os recursos hídricos de m aneira consciente (escovar os dentes com a torneira fechada, não j ogar lixo nas águas, etc.). A gira literalm ente prossegue no cotidiano.

### *Fé e Ciê nc ia: uma parc e ria inte lige nte*

Allan Kardec, Dalai Lam a e outros líderes fazem coro: se a Ciência desbancar algum ponto de fé, sem dúvida, a opção é ficar com a Ciência. A Um banda possui fundam entos próprios, de trabalhos religiosos, energéticos, m ágicos; contudo, não devem confundir-se com superstição e obscurantism o. Por outro lado, sua alta Espiritualidade, m uitas vezes ensinada de m aneira analógica/sim bólica, é cotidianam ente explicada pela Ciência, na linguagem lógica/ racional. A m edicina dos Pretos-Velhos, por exem plo, é com plem entar à do m édico com form ação universitária e vice-versa: am bas dialogam , não se excluem .

### *Simplic idade*

A construção de tem plos, a realização de festas e outros devem visar a gratidão, entrelaçam ento de ideais, conforto e bem -estar; e não a ostentação pseudo-religiosa e a vaidade dos m édiuns e dos Dirigentes

Espirituais. Mestre Jesus, na vibração de Oxalá, sim bolicam ente nasceu num a gruta e, posto num a m anj edoura, fez do am biente um local de grande celebração, envolvendo pastores e reis m agos.

### *L e itura e c ompre e nsão do simbólic o*

Para vivenciar a espiritualidade um bandista de m aneira plena, é preciso distinguir a letra e o espírito - no tocante, por exem plo, aos m itos e às lendas dos Orixás, aos pontos cantados e riscados, etc. Quando se desconsidera esse aspecto, existe a tendência de se desvalorizar o diálogo ecum ênico e inter-religioso, assim com o a vivência pessoal da fé. O sim bólico é um grande instrum ento para a reform a íntim a, o auto-aperfeiçoam ento, a evolução.

### *Coope rativ ismo*

Num a com unidade, cada individualidade faz a diferença. Por essa razão, o cooperativism o não é vivenciado apenas em trabalhos que envolvam atividade física, m as tam bém , por exem plo, na m anutenção de padrão vibratório adequado ao am biente e aos cuidados com a língua e a palavra, de m odo a não prej udicar ninguém .

### *L ide ranç a: autoridade não rima c om autoritarismo*

Num terreiro, todos são líderes, cada qual em sua área de atuação - do irm ão m ais novo na casa ao Dirigente Espiritual. Essa liderança deve ser exercida am orosam ente, a exem plo do Mestre Jesus - o qual, sim bolicam ente, lavou os pés dos Apóstolos.

### *O e xe rc íc io do liv re - arbítrio*

A Um banda não ensina a entrega do poder pessoal, da consciência e do livre-arbítrio nas m ãos dos Orixás, dos Guias e Guardiões ou dos Dirigentes Espirituais.

A cam inhada espiritual-evolutiva é única, pessoal e intransferível.

## VOC A B U LÁ R IO C OM P LEM EN TA R

**Abará**

Bolinho que tem a m esm a m assa do acaraj é (feita com feij ão fradinho), contudo é assado, não frito. À m assa de feij ão acrescenta-se cam arão seco, azeite de dendê, cebola ralada e pó de cam arão.

Para prepará-lo, a m assa é envolvida em pedaços de folha de

bananeira e cozida em vapor, em banho-m aria. O vocábulo *abará* vem do iorubá17 *àbalá*, cuj o significado original é “bolo de arroz”.

**Abô**

Tam bém conhecido com o “Abô dos Axés”, trata-se do banho preparado com ervas m aceradas nas águas das quartinhas dos Orixás, ao qual acrescenta-se o sangue de anim ais sacrificados. É, portanto, com um em casas de Um banda que se utilizam do corte ritualístico e/ou nas ditas “casas cruzadas” (que tocam Um banda e Candom blé).

Em algum as casas, o vocábulo “abo” é utilizado com o sinônim o de “am aci”, em bora, em origem e concepção, sej am banhos diferentes.

**Acaçá**

Bolinho feito com m ilho branco (e, às vezes, verm elho), de sabor agridoce e servido em folha de bananeira. O vocábulo deriva do fongbé18 *akansan* (pasta de farinha de m andioca) e se relaciona ao haussá *akaza* (crem e).

*iorubá*: substantivo de dois gêneros, podendo nom ear indivíduo dos *iorubás* (do povo *iorubá*), a língua nigero-congolesa do grupo *Kwa*, falada por esse povo (no Brasil tam bém cham ada de “língua do santo”) e, ainda, o próprio povo africano do sudoeste da República Federal da Nigéria, com grupos espalhados tam bém pela República do Benim e pelo norte da República do Togo. Foi trazido em grandes levas para o Brasil, onde recebeu a denom inação de *nagô*. Esse povo exerceu na Bahia forte dom ínio social e religioso sobre outros grupos tam bém escravizados, exceto sobre os grupos islam izados.

A palavra pode, ainda, funcionar com o adj etivo de dois gêneros, caracterizando indivíduos ou obj etos próprios desse povo e sua cultura.

*fongbé* = variação de fon, língua nigero-congolesa que faz parte do grupo gbe, falada m aj oritariam ente no Benim .

**Acarajé**

Bolinho preparado a partir da m assa de feij ão fradinho ralado. Geralm ente é servido com vatapá e m olho à base de cam arão seco após ser frito no azeite de dendê. É com ida ritualística de Iansã. Deriva do iorubá *àkàrà* (pão) + *onje* (alim ento), ou ainda de *àkará* (o bolinho) + *je* (com er).

**Adefantó**

Form a com um (algum as vezes, pej orativa) com o são conhecidos os hom ossexuais m asculinos nos terreiros.

**Adjá**

Sineta de m etal, com cabo e duas ou m ais cam pânulas, usada para diversos fins, dentre eles, cham ar Orixás, Guias e Guardiões. O vocábulo vem do iorubá *ààjà*, que designa um a espécie de chocalho ritualístico.

**Afundar**

Term o popular para a desincorporação dos Exus, em oposição a subir, utilizado para Orixás e Guias.

Vale destacar que, em bora hierárquica e evolutivam ente os Exus se encontrem abaixo dos Orixás e sej am frequentem ente associados ao Diabo cristão, essas entidades não são consideradas m alignas nas tradições afro-brasileiras. A associação em geral é feita porque os Exus habitariam as profundezas da terra.

No entanto, segundo a cultura, a m itologia e a teologia iorubás, em m uitos itãs, quando algum Ancestral m ítico se torna Orixá, o chão se abre e o Ancestral aí m ergulha. Daí a im portância e força do chão nos terreiros.

**Agô**

*Agô* é palavra de origem iorubana que significa tanto pedido de perdão com o pedido de licença. Corresponde m ais ou m enos ao nosso “desculpe” (pedido de perdão: “Desculpe-m e por algo”; pedido de licença: “Desculpe, posso lhe falar um pouquinho?”).

**Aguidavi**

Baquetas com que se tocam os atabaques, por influência do Candom blé Ketu.

Provavelm ente, o term o deriva de *agida* ou *ogidan*, nom e pelo qual era conhecido um tipo de tam bor no antigo Daom é19, ao qual se acrescentou a partícula “vi”, com o sentido de “filho” ou “criança”. Dessa form a, a baqueta, enquanto com plem ento de toque, seria com o “filha” do tam bor.

**Alguidar**

Vasilha de barro utilizada para vários fins em terreiros de Um banda, notadam ente para oferendas para determ inados Orixás, aparador para Pretos-Velhos e abafador de velas (dois vasilham es).

**Alabê**

Por influência dos Cultos de Nação, algum as casas de Um banda cham am de *alabê* o responsável pelos Ogãs, pela *curimba*. O vocábulo, inicialm ente indicou, especialm ente na Mina m aranhense, o tocador de *agbê*, significando "o dono da cabaça".

**Aluá**

Bebida refrescante à base de m ilho torrado, farinha de arroz ou casca de abacaxi. Para ferm entar, acrescenta-se água e açúcar m ascavo ao m ilho de pipoca torrado e m oído. Depois de sete dias ferm entando, são acrescidos gengibre e açúcar a gosto.

**Amalá**

Com ida ritualística de Xangô, cuj a base é o quiabo. Por extensão, em algum as regiões, designa toda e qualquer com ida de Santo, o que reforça a popularidade do Orixá Xangô, o qual, ainda, chega a ser sinônim o de determ inado Culto de m atriz africana em Pernam buco e Alagoas.

*Daomé*: referente ao antigo Reino do Daom é, atual Benim , país situado na costa oeste do continente africano, de onde vieram m uitos dos negros trazidos com o escravos ao Brasil.

O vocábulo designaria pirão ou papa de farinha de arroz, m andioca ou inham e, presentes no caruru (prato à base de quiabo) de Xangô, passando, por extensão, a designar o próprio caruru, o *amalá ilá* ( *ilá* significa "quiabo"). Do iorubá, *àmala* (pirão de inham e).

**Aruanda**

Plano espiritual, onde se encontram Orixás e Guias. Etim ologicam ente, o term o parece derivar do topônim o angolense "Luanda".

**Aunló**

O vocábulo deriva do iorubá *ayún* (ida, partida) + *lo* (partir, deixar). Dizer que um Orixá, por exem plo, vai "aunló" significa que vai

desincorporar e, para isso, serão cantados pontos específicos. Já dizer que alguém foi “aunló” significa que a pessoa desencarnou.

**Azeite de dendê**

Tam bém conhecido com o “azeite de cheiro” ou “epô pupa” (por vezes, apenas

“epô”), é ingrediente com um na ritualística e na cozinha de Santo, extraído do fruto do dendezeiro.

**Azeite doce**

Óleo de oliva. Ingrediente utilizado na ritualística e na cozinha de Santo.

Tam bém é conhecido com o “epô”.

**Baixar**

Incorporar, descer.

**Barco**

Turm a de um m esm o recolhim ento, obrigação, iniciação.

**Bori**

Cerim ônia do Candom blé tam bém presente em algum as casas de Um banda.

Bori é o ritual de alim entar a cabeça, o Ori, para a iniciação religiosa, para equilíbrio, tom ada de decisões, harm onização com os Orixás, etc.

Em tradução livre do iorubá, borí pode ser entendido com o “cultuar a cabeça de alguém ”.

**Calunga grande**

Mar.

**Calunga pequena**

Cem itério.

**Cavalo**

Médium .

**Chacras**

Por serem ecológicas, as religiões de m atriz africana visam à saúde física, ao padrão de pensam ento e ao desenvolvim ento espiritual de cada indivíduo.

O corpo hum ano traz em si os quatro elem entos básicos da natureza, aos quais se ligam os Orixás. É o envoltório, a casa do espírito; sente dor e prazer. É, ainda, o m eio (m édium ) pelo qual a Espiritualidade literalm ente se corporifica, sej a por m eio da cham ada incorporação ou da intuição, psicografia, etc. Portanto, deve ser tratado com equilíbrio, respeito e alegria.

Assim com o na tradição hebraico-cristã, segundo a qual Deus e os seres hum anos viviam j untos no Éden, a tradição iorubá relata que havia livre acesso aos seres hum anos entre o *Aiê* (em tradução livre, o plano terreno) e o *Orum* (em

tradução livre, o plano espiritual). Com a interrupção desse acesso, foi necessário estabelecer um a nova ponte, por m eio do Culto aos Orixás (em África) - o que se am algam ou e resultou, no Brasil, no Candom blé e, em linha histórica diacrônica (para a Espiritualidade, o *timing* é sincrônico e em espiral), nas dem ais religiões de m atriz africana.

Em term os gerais, *chacras* (rodas) são centros de energia físicoespirituais (espalhados por diversos pontos dos corpos físico e espiritual), que revestem o corpo físico. Os chacras m ais conhecidos são 7. Além destes, os que estão nas m ãos e pés são tam bém m uito im portantes para o exercício da m ediunidade.

Em bora haj a variações de conceitos na relação entre chacras e Orixás, de m odo geral, tem -se a seguinte correspondência:

**1º. Chacra**

Nom e em sânscrito: *Muladhara* (Base e *fundamento*; suporte).

Nom es m ais conhecidos em português: Base ou Básico; Raiz; Sacro.

Regentes: Exu, Obaluaê, Pretos-Velhos

Localizado na base da coluna, na cintura pélvica, quando ativo tem a cor verm elho-fogo. Seu elem ento correspondente no m undo físico é a terra. Seu som correspondente ( *bija*), segundo segm entos religiosos

tradicionais indianos, é LAM. O centro físico do chacra Base corresponde às glândulas supra-renais, as quais produzem adrenalina e são responsáveis por prover a circulação, equilibrar a tem peratura do corpo, de m odo a prepará-lo para a reação im ediata. Trata-se do centro psicológico para a evolução da identidade, da sobrevivência, da autonom ia, da auto-estim a, da realização e do conhecim ento. Além disso, acum ula im pressões, m em órias, conflitos e atitudes geradas pelos esforços para conseguir individualidade. Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, anem ia, leucem ia, deficiência de ferro, problem as de circulação, pressão baixa, pouca tonicidade m uscular, fadiga, insuficiência renal e excesso de peso.

**2º. Chacra**

Nom e em sânscrito: *Swadhistana* (Morada do prazer).

Nom es m ais conhecidos em português: Gênito-urinário; Esplênico.

Regente: Oxóssi.

Localizado na região de m esm o nom e, quando ativo tem a cor laranj a. Seu elem ento correspondente no m undo físico é a água. Seu som é VAM. O centro físico desse chacra corresponde às glândulas sexuais (ovários, próstata e testículos), responsáveis pelo desenvolvim ento das características sexuais m asculinas e fem ininas e pela regulagem do ciclo fem inino. Trata-se do centro psicológico para a evolução do desej o pessoal e da força em otiva, da vontade de

ter, am ar, pertencer, vivenciar a estabilidade (m aterial e em ocional) e da necessidade de afeto e segurança. Além disso, acum ula padrões negativos decorrentes dos esforços para estabelecer um sistem a de apoio para viver e am ar. Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, TPM, artrite e disfunções ligadas aos órgãos reprodutivos, tais quais m iom a e pólipos.

**3º. Chacra**

Nom e em sânscrito: Manipura (Cidade das j óias).

Nom es m ais conhecidos em português: Plexo Solar; Um bilical.

Regentes: Ogum ,Oxum .

Localizado na região do diafragm a, pouco acim a do estôm ago, quando ativo tem a cor am arela. Seu elem ento correspondente no m undo físico é o fogo. Seu som é RAM. O centro físico do plexo solar

corresponde ao pâncreas, responsável pela transform ação e digestão dos alim entos. O pâncreas produz o horm ônio insulina, o qual equilibra o açúcar no sangue e transform a o hidrato de carbono.

Além disso, as enzim as isoladas pelo pâncreas são fundam entais para a assim ilação de gorduras e proteínas. O plexo solar é o centro psicológico para a evolução da m ente pessoal e da vontade de saber, aprender, com unicar e participar. Acum ula padrões negativos decorrentes dos esforços para desenvolver a inteligência, a expressão de idéias, pensam entos e sonhos. Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, desordens no trato digestivo, diabetes, alergias, sinusite, insônia.

**4º. Chacra**

Nom e em sânscrito: *Anahata* (O invicto; o inviolado).

Nom e m ais conhecido em português: Cardíaco.

Regentes: Xangô, Iansã.

Localizado na porção superior do peito, quando ativo apresenta a cor verde.

Seu elem ento correspondente no m undo físico é o ar, enquanto seu som é YAM.

O centro físico do chacra Cardíaco é o tim o, responsável pela regulação do crescim ento, pelo sistem a linfático e por estim ular e fortalecer o sistem a im unológico. Trata-se do centro psicológico para a evolução do idealism o, da capacidade de am ar e doar, da visão real do m undo, do auto-conceito, além de constituir um ponto de transferência das energias dos chacras inferiores e superiores. Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, palpitação, arritm ia cardíaca, rubor, ataque de pânico, pressão alta, intoxicação, problem as no nível de colesterol e acidose.

O Cardíaco é o chacra das em oções, que não devem ser reprim idas, precisam ser buriladas para que não se tornem destrutivas, nem para o "eu", nem para o

próxim o. O chacra Cardíaco, o quarto dos sete ditos principais, seria o fiel da balança (outra correlação para ser regido por *Xangô*) entre os outros chacras, interligando-os, de m odo a dem onstrar que o equilíbrio está na correlação entre o inferior e o superior, sem qualquer j uízo depreciativo do que está abaixo em relação ao que está

acim a.

**5º. Chacra**

Nom e em sânscrito: *Vishudda* (O purificador).

Nom es m ais conhecidos em português: Laríngeo; Cervical.

Regentes: Xangô, Iansã.

Localizado no centro da garganta, próxim o ao pom o-de-adão, quando ativo tem a cor azul-claro. Seu elem ento correspondente no m undo físico é o éter, enquanto seu som é HAM. Por sua vez, o centro físico do chacra Laríngeo corresponde à tireóide, im portante para o crescim ento do esqueleto e dos órgãos internos, além de regular o m etabolism o, o iodo e o cálcio no sangue e nos tecidos (em outras palavras, a tireóide desem penha papel fundam ental no crescim ento físico e m ental). O chacra Laríngeo é o centro psicológico da evolução da criatividade, da autodisciplina, da iniciativa, da responsabilidade, da ação transpessoal. Além disso, apresenta a força vibratória responsável pela form ação da m atéria, de m odo a interligar pensam ento e form a, m ente e m atéria. Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, resfriados, herpes, dores m usculares ou de cabeça, congestão linfática, endurecim ento do m axilar, problem as dentários, além de aum entar a suscetibilidade a infecções virais ou bacterianas.

**6º. Chacra**

Nom e em sânscrito: *Ajna* (Centro do com ando).

Nom e m ais conhecido em português: Frontal.

Regentes: Iem anj á, Nanã, Iansã.

Localizado no m eio da testa, quando ativo apresenta a cor azul escuro (índigo).

Não tem um elem ento correspondente no m undo físico. Seu som é OM. Seu centro físico corresponde à pituitária/hipófise, responsável pela função das dem ais glândulas. O chacra Frontal é o centro psicológico para a evolução do desej o de liderança, integração ao grupo, poder e controle. Liga o corpo inconsciente e o físico (m ental). Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, vícios de drogas, álcool, com pulsões, problem as nos olhos (cegueira, catarata etc.) e surdez.

**7º. Chacra**

Nom e em sânscrito: *Sarashara* (Lótus das m il pétalas).

Nom es m ais conhecidos em português: Coronário; Sublim e.

Regente: Oxalá.

Localizado no topo da cabeça, quando ativo tem a cor violeta, com m atizes brancas. Não possui som correspondente no m undo físico, j á que possui a m esm a condição do Universo, de Deus. Seu centro físico corresponde à glândula pineal, que atua no organism o todo (quando falha, dá-se a puberdade tardia). O chacra Coronário é o centro psicológico para a evolução da capacidade intuitiva, da experiência espiritual e do sentido de unificação; do divino. Por ser um a ponte entre o inconsciente coletivo e o inconsciente individual, possibilita o acesso ao registro coletivo ( *akásico*) e a libertação da necessidade de controle. Quando em desequilíbrio, produz, dentre outros, desordens no sistem a nervoso, insônia, neurite, enxaqueca, histeria, disfunções sensoriais, possessão, obsessão e neuroses.

**Congá Vivo**

Consiste na m ontagem de um altar (congá) em que atores interpretam os Orixás tais quais são representados e/ou sincretizados na Um banda.

O Congá Vivo surgiu por iniciativa de Pai Ronaldo Linares, no início da década de 1970, com o um a m inipeça contando o nascim ento da Um banda. A partir daí, passou a ser apresentado em diversas ocasiões.

**Corpos**

Conceitos com que se trabalha na m edicina holística, os quais se popularizaram com conhecim entos vindos do Oriente, da Teosofia e de outras fontes. A esse respeito, observem -se, em especial, os trabalhos dos Mentores de Cura.

Corpo físico (Som a) – Estrutura de carne, m úsculos, nervos, ossos, vasos e pele, a partir da qual se estabelece um a sequência de estruturas sutis que perm item ao espírito m anifestar-se no invólucro físico.

Corpo duplo Etérico – Fonte geradora de energias, é responsável pelos cham ados autom atism os vitais. Constitui-se na sede dos chacras.

Corpo Astral (Modelo Organizador Biológico – Serve de m olde para a constituição do corpo físico) – Sede das em ções, recebe e executa program ações estabelecidas em m em órias anteriores, a fim de que o encarnado possa evoluir de acordo com o reaj uste de propósitos e ações.

Corpo Mental Inferior – Com preende os atributos dos cinco sentidos e da

intelectualidade.

Corpo Mental Superior – Rege a vontade e a im aginação.

Corpo Búdico – Banco de dados da consciência, responsável pelo arm azenam ento das experiências do espírito. Nele se traçam as diretrizes do proj eto de vida a ser em preendido pelo espírito quando encarnado.

Corpo Átm ico (Mônada ou Centelha Divina) – Princípio e m otor da vida.

**Outra forma de entender os diversos corpos:**

Etérico - contém a energia dos órgãos, expandindo-se ou retraindo-se conform e o seu funcionam ento. Filtro sutil das em ções e dos pensam entos em harm onia, quando saturado, exporta as desarm onias para o corpo físico, que funciona com o filtro m ais denso. O corpo etérico constitui-se de linhas de força responsáveis por m odelar e firm ar a m atéria física dos tecidos do corpo.

Em ocional – de estrutura m ais fluida que a do corpo etérico, associa-se aos sentim entos e apresenta contornos sem elhantes aos do corpo físico. Nele arquivam -se as sensações, em ções, sentim entos relacionados a esta encarnação, desde o m om ento da concepção. Por outro lado, não arquiva processos de ideias e/ou pensam entos, função do m ental. Constitui-se de nuvens coloridas em contínuo m ovim ento.

Mental – contém a estrutura das ideias e, por essa razão, associa-se a pensam entos e processos m entais. Funciona com o um a verdadeira biblioteca, um a vez que arquiva toda sorte de pensam entos, padrões individuais, fam iliares, sociais, assim com o a habilidade do raciocínio lógico. Em equilíbrio, apresenta-se translúcido, com o em anações douradas sem elhantes a bolhas.

Extra-sensorial – abarca as percepções oriundas de form as não-m

ateriais, com o a intuição, a visão de outros planos, a sensibilidade ao m eio am biente ou a outros seres, a proj eção da consciência (a outros lugares ou épocas) e a leitura do cam po eletrom agnético planetário ou astral. É form ado por nuvens m ulticoloridas.

Etérico Superior – neste cam po de energia desenvolve-se o corpo físico.

Apresenta, portanto, as form as padronizadas e definidas para a reencarnação.

Form ado de linhas transparentes sobre um fundo azul escuro (espaço sólido), nele o som cria a m atéria.

Em ocional Superior – nível responsável pelo êxtase espiritual, este plano de identificação com o divino é form ado por pontas de luz. Contém os arquivos das em oções de toda a existência do ser, assim com o a clara percepção do porquê da vida presente do encarnado.

Mental/causal – arm azena as im pressões de vidas anteriores e contém os corpos áuricos relacionados à encarnação atual do indivíduo, de m odo a protegê-

los e m antê-los unidos. Nível m ais forte e elástico do cam po áurico, contém , ainda, a corrente principal de força que se desloca ao longo da espinha, que liga o encarnado à energia prim ordial.

**Curiar**

Beber. Palavra interessante que vem do quim bundo, *ku-dia*, que corresponde a *kulya*, em um bundo.

**Datas comemorativas**

Trata-se das principais festas, que se destacam entre trabalhos, obrigações e outros. O calendário varia bastante: por região, por influência dos Cultos de Nação e pelo cronogram a específico de cada casa. Contudo, geralm ente é guiado pelo calendário católico.

**PRINCIPAIS DATAS**

**COMEMORATIVAS**

(Homenagens e festas)

20 de março

Oxóssi

São Sebastião

21 de abril

Ogum

São Jorge

13 de maio

Pretos

Abolição da

Velhos

Escravatura

13 de junho

Ogum

Santo Antônio

13 de junho

Exu

Santo Antônio

Santa

Sara e

24 de maio

Povo

Santa Sara

Cigano

26 de julho

Nanã

São Joaquim e

Sant’Ana

30 de

Xangô

setembro

São Jerônimo

15 de agosto

Obaluaê

São Roque

27 de

setembro

Ibejada

São Cosme e

São Damião

30 de

Xangô

setembro

São Jerônimo

12 de outubro

Nossa

Oxum

Senhora

Aparecida

25 de outubro

São Crispim e

Ibejada

São

Crispiniano

15 de

Dia da

novembro

Umbanda

Dia da

Umbanda

04 de

Iansã

dezembro

Santa Bárbara

08 de

dezembro

Iemanjá

Nossa

Senhora da

Imaculada

Conceição

17 de

Obaluaê

dezembro

São Lázaro

25 de

Oxalá

dezembro

Natal

**Decá**

No Candom blé, e tam bém em alguns terreiros de Um banda, “receber o decá”

significa ser investido na função de Pai ou Mãe-de-Santo. Nessa cerim ônia, o(a) novo(a) sacerdote(a) recebe um a cuia contendo navalha, faca e tesoura, sím bolos do poder de raspar filhos-de-santo. Na Um banda, m uitas vezes,

“receber o decá” significa tornar-se sacerdote, sem necessariam ente os elem entos associados ao corte ritualístico.

O term o “decá” teria origem num a cerim ônia sem elhante realizada no Benim e conhecida com o *dô non dê ka me*, sendo as palavras *dê* e *ka* traduzidas respectivam ente por “fruto, noz de dendezeiro” e “cabaça” ou “cuia”.

**Demanda**

Confusões, desentendim entos, dificuldades, m al estar, etc. provocados pela ação de outrem . A dem anda pode ocorrer contra alguém , um a instituição, um a casa religiosa. O equilíbrio energético (pensam ento, palavras, atos) e trabalhos específicos de defesa e proteção auxiliam a evitar os efeitos indesej áveis de dem andas.

**Desenfeitiçar**

Anular a ação de um feitiço. Pela Lei de Ação e Reação, um trabalho de quebra de dem anda ou feitiço, na Um banda, j am ais enviará de volta a seu autor a energia deletéria proj etada contra outrem . Ou ela se desagrega, ou retorna a seu autor conform e a afinidade, o carm a ou determ inação de aprendizado espiritual perm itido pela própria Espiritualidade.

**Desobsessão**

Processo no qual a Espiritualidade e os m édiuns buscam desaloj ar Entidades espirituais que vibram em energia deletéria que aj am sobre pessoas, anim ais, am bientes, etc. Além de aj udar os obsedados, a desobsessão busca tam bém auxiliar os obsessores, doutrinando-os e encam inhando-os para tratam ento espiritual ou, quando renitentes, para locais específicos no plano espiritual onde possam m editar sobre seus atos a fim de que, quando estiverem prontos, recebam o devido auxílio. O exorcism o, por outro lado, é o ritual por m eio do qual algum as religiões expulsam o que consideram o "dem ônio" do corpo de pessoas, anim ais, am bientes, reencam inhando-o para o inferno, onde, segundo a doutrina dessas religiões, viveriam em eterno afastam ento de Deus.

**Dias**

Segunda-

Exu, Obaluaê,

feira

Pretos-Velhos.

Terça-

Ogum.

feira

Quarta-

Xangô e Iansã

feira

Oxóssi,

Quinta-

Ossaim,

feira

Logun-Edé e

Caboclos.

Oxalá

(influência

dos Cultos de

Sexta-

Nação),

feira

Pretos-Velhos

e Almas

(influência do

Catolicismo).

Iabás, Santa

Sábado

Sara e Povo

Cigano.

Oxalá

(influência do

Domingo

Catolicismo)

e Ibejada.

**Diabo**

Por influência do Catolicism o, m uitas vezes o Diabo, com o anj o caído e fonte do m al, conform e interpretação literal do texto bíblico, é crença com um em alguns segm entos um bandistas. Por outro lado, tam bém é forte, por influência do Espiritism o (Kardecism o), a leitura sim bólica do Diabo com o representação e síntese de espíritos que ainda vibram predom inantem ente de form a negativa, buscando causar o m al a outros, m as que, ao longo do tem po e das experiências, tam bém evoluirão.

O Diabo é, m uitas vezes, associado preconceituosam ente a Exu, até m esm o por alguns um bandistas, em especial os que ainda tem em desenvolver e trabalhar a Esquerda.

**Ebó**

Oferenda, entrega, em especial à Esquerda. Vem do iorubá *ebo*, que significa sacrifício.

O term o, por vezes, é utilizado de form a pej orativa em relação às religiões de m atriz africana.

**Ectoplasma**

Fluido fornecido pelos m édiuns para a Espiritualidade agir em diversos sentidos. Talvez o m ais conhecido e popular sej a a m aterialização, contudo há outros tantos procedim entos realizados com a aj uda do ectoplasm a. Segundo Ram atís, o ectoplasm a é o "fluido anim alizado produzido no duplo etérico e decorrente do m etabolism o biológico do equipo físico".

**Egunitá**

Qualidade de Iansã. Para alguns segm entos um bandistas, Orixá independente, associado ao fogo.

**Encruzilhada**

Cruzam ento de ruas ou estradas, um dos principais pontos de força da Esquerda, onde são realizadas entregas e cerim ônias litúrgicas. Há encruzilhadas m asculinas (em form a de +) e fem ininas (em form a de T). As segundas são específicas para Pom bogiras.

**Energias masculina e feminina**

Por um a questão de equilíbrio energético que não tem nada a ver com hom ossexualidade ou bissexualidade, há casas em que m édium m asculino não incorpora Orixá/Guia/Guardião com energia fem inina. Segundo orientações espirituais, a m ulher suporta com precisão a energia dita fem inina de Orixás, Guias e Guardiões. Já o hom em tem um choque energético m uito grande, que pode abalar sua em otividade. Contudo, tal abordagem em nada invalida a seriedade de casas onde m édiuns m asculinos incorporam Iabás ou Guias e Guardiões com energia fem inina.

Ao contrário do que com um ente se pensa, a hom ossexualidade é um

a orientação sexual do m édium , não estando atrelada ao Orixá. Quem tem um Orixá dito “m etá m etá” (energia m asculina e fem inina), por exem plo, não será necessariam ente hom ossexual ou bissexual.

Por sua vez, a forte presença de hom ossexuais, tanto m asculinos quanto fem ininos, na Um banda, no Candom blé (e, claro, em outras religiões) deve-se à acolhida, à com preensão e ao fato de não serem segregados, discrim inados ou apontados, o que, além de falta de caridade, denota infração a diversos direitos civis.

**Enredo**

Relação energética e/ou m itológica entre Orixás. Exem plo: *Xangô Airá* tem enredo com Oxalá; *Iansã Igbale* tem enredo com Obaluaê etc.

**Entidade**

Guia e Guardião. O term o tam bém pode se referir a Orixá.

**Equede**

Em casas de Um banda com forte influência dos Cultos de Nação ou ditas cruzadas, m uitas vezes encontram -se “Equedes”, correspondentes fem ininas aos Ogãs do Candom blé, responsáveis por cuidar das vestes dos Orixás, por enxugar o rosto de iaôs em festas públicas etc. O vocábulo vem do iorubá “èkej i”, com o sentido de “acom panhante”.

**Espírito**

Substância não-corpórea individual e inteligente que, encarnada num corpo

físico, recebe o nom e de alm a.

**Falange**

Em linhas gerais, um a falange é a subdivisão de um a linha. No cotidiano, porém , o vocábulo tam bém pode ser em pregado com o sinônim o de Linha.

**Federação**

A Um banda não possui um a estrutura com o as de religiões que apresentam um a autoridade central. Cada tem plo é autônom o e, m esm o quando não registrado ou federado, não é m enos legítim o em

suas práticas espirituais, desde que sej am voltadas para o bem e a evolução.

Por outro lado, são m uitas as federações e outras agrem iações de Um banda, m uitas delas com preendendo casas de Candom blé e/ou de outras religiões de m atriz africana. Geralm ente as federações se unem em torno de um órgão que as congregue, m as m esm o essa agrem iação não é única, por exem plo, num m esm o Estado da federação.

**Filho(a)-de-Fé**

Um bandista.

**Filho(a)-de-Santo**

Um bandista que j á passou por alguns processos de desenvolvim ento, incluindo obrigação m aior para seu Orixá de Cabeça.

**Folclorização**

Assim com o as dem ais religiões de m atriz africana, a Um banda passa pelo processo de folclorização, que nada m ais é do que a intolerância m ascarada ou explícita. Conceitos, rituais, valores, expressões linguísticas são constantem ente evocados pelo senso com um e pela m ídia com o supostam ente um bandistas.

Nesse contexto, pessoas que, por exem plo, j am ais estiveram num a casa de Um banda, apresentam -se com o especialistas. Estudiosos das Ciências Hum anas m uitas vezes tam bém descrevem a Um banda de m odo folclorizado.

Infelizm ente, contribuem para esse olhar estereotipado volantes, propagandas e outros de supostos “dirigentes espirituais” que prestam “atendim entos religiosos”

que ferem o livre-arbítrio, a ética e o bom senso.

**Fundamento**

Força m ágico-espiritual-ritualística e o próprio conhecim ento a respeito dela, que fundam entam a tradição, a prática, a liturgia e outros tantos elem entos das religiões de m atriz africana.

Inicialm ente, fundam ento significava o recipiente ou o local onde se

colocavam os elem entos e obj etos do Orixá.

O vocábulo tam bém é em pregado com o sinônim o de “enredo”. Exem plo: *Oxum Apará* tem fundam ento com Iansã.

**G uia**

Espírito condutor, inspirador, responsável pela orientação espiritual, tais com o Caboclo, Preto-Velho e outros. Por vezes, no cotidiano dos terreiros, os Orixás tam bém são cham ados de Guias, bem com o os Guardiões (Exus), um a vez que, por extensão, todos eles são responsáveis por orientações, apoios, inspirações na cam inhada espiritual.

**Homem das encruzilhadas**

Exu (Guardião).

**Horas**

Com variação de concepções entre segm entos e casas um bandistas, os horários para determ inados rituais, trabalhos, oferendas, são divididos em horas abertas e horas fechadas.

**Horas abertas**

Seis horas da m anhã, m eio-dia, seis horas da tarde e m eia-noite.

**Horas fechadas**

Todas as que não são horas abertas.

**Hora grande**

Meia-noite.

**Iaô**

Por influência do Candom blé Ketu, nom e dado em algum as casas de Um banda ao m édium iniciante. O vocábulo deriva do iorubá “iy àwó”, com o sentido de “recém -casada” ou “esposa m ais j ovem ”, o que reforça a ideia de que, independente de gênero, o desenvolvim ento e/ou a iniciação espiritual dem anda receptividade (aspecto da energia do fem inino).

**Imagens**

Principalm ente em virtude do sincretism o, são utilizadas im agens católicas nos tem plos de Um banda. Contudo, há tem plos que se

utilizam de im agens com representações ditas africanas dos Orixás, enquanto outros não usam im agem algum a, m as apenas quartinhas com pedras correspondentes (otás), por exem plo.

Interessante notar que m esm o nos tem plos que se valem de im agens católicas (a m aioria), a im agem de Obaluaê costum a figurar ao lado das im agens de santos católicos aos quais esse Orixá é sincretizado, notadam ente São Lázaro e São Roque.

Tam bém é com um se encontrarem bustos de Allan Kardec, codificador do Espiritism o, e de Dr. Bezerra de Menezes, m édico espírita brasileiro que, no plano espiritual, trabalha na Linha da Cura.

**Incorporar**

Form a popular com que se refere ao fenôm eno m ediúnico em que um ser do plano espiritual (superior ou inferior) coordena os m ovim entos do corpo do m édium (postura, gestos, palavras, etc.). Para tanto, em linhas gerais, o espírito do m édium se afasta (m as não se desprende totalm ente, ou haveria óbito) para que o ser espiritual possa plasm ar-se e com andar os m ovim entos.

Conform e o estado de acom panham ento do m édium em relação ao fenôm eno, a incorporação pode ser consciente, inconsciente ou sem iconsciente, havendo, portanto, m édiuns que se m antêm conscientes, inconscientes ou sem iconscientes durante a incorporação. O desenvolvim ento m ediúnico deve ser orientado e seguro para que não haj a dúvidas ou m istificações.

**Inquices**

Os Inquices são divindades dos cultos de origem banta. Correspondem aos Orixás iorubanos e da Nação Ketu. Dessa form a, por paralelism o, os Inquices, em conversas do povo-de-santo, aparecem com o sinônim os de Orixás.

Tam bém entre o povo-de-santo, quando se usa o term o Inquice, geralm ente se refere aos Inquices m asculinos, ao passo que Inquice Am ê refere-se aos Inquices fem ininos.

O vocábulo Inquice vem do quim bundo *Nksi* (plural: Mikisi), significando

“Energia Divina’”. Mais conhecidos no Brasil:

ALUVAIÁ, BOMBO NJILA OU PAMBU NJILA

Interm ediário entre os seres hum anos e o outros Inquices. Na sua m anifestação fem inina, é cham ado Vangira ou Panj ira. Paralelism o com o Exu nagô. De seu nom e originou-se o vocábulo “Pom bogira”.

NKOSI, ROXI MUKUMBE OU ROXIMUCUMBI

Inquice da guerra e senhor das estradas de terra. Paralelism o com o Orixá Ogum . Mukum be, Biolê, Buré são qualidades de Roxim ucum bi.

NGUNZU

Inquice dos caçadores de anim ais, pastores, criadores de gado e dos que vivem

em brenhados nas profundezas das m atas, dom inando as partes onde o sol não penetra.

KABILA

O caçador e pastor. Aquele que cuida dos rebanhos da floresta. Paralelism o com o Orixá Oxóssi.

MUTALAMBÔ, LAMBARANGUANGE OU KIBUCO MUTOLOMBO

Caçador, vive em florestas e m ontanhas. Inquice da fartura, da com ida abundante. Paralelism o com o Orixá Oxóssi.

MUTAKALAMBÔ

Senhor das partes m ais profundas e densas das florestas, onde o Sol não alcança o solo por não penetrar pela copa das árvores. Paralelism o com o Orixá Oxóssi.

GONGOBIRA OU GONGOBILA

Jovem caçador e pescador. Paralelism o com o Orixá Logun-Edé.

KATENDÊ

Senhor das Jinsaba (folhas). Conhece os segredos das ervas m edicinais.

Paralelism o com o Orixá Ossaim .

NZAZI, ZAZE OU LOANGO

Inquice do raio e da j ustiça. Paralelism o com o Orixá Xangô.

KAVIUNGO OU KAVUNGO, KAFUNGÊ, KAFUNJÊ OU KINGONGO

Inquice da varíola, das doenças de pele, da saúde e da m orte. Paralelism o com o Orixá Obaluaê.

NSUMBU

Senhor da terra, tam bém cham ado de Ntoto pelo povo de Congo.

HONGOLO OU ANGORÔ (MASCULINO) OU ANGOROMÉA

(FEMININO)

Auxilia na com unicação entre os seres hum anos e as divindades, sendo representado por um a cobra. Paralelism o com o Orixá Oxum aré.

KINDEMBU OU TEMPO

Rei de Angola. Senhor do tem po e estações. É representado, nas casas Angola e Congo, por um m astro com um a bandeira branca. Paralelism o com o Orixá

Iroco. Tem po é patrono da Nação Angola.

KAIANGU OU KAIONGO

Tem o dom ínio sobre o fogo. Paralelism o com o Orixá Iansã.

Nom es/qualidades: Matam ba, Bam burussenda, Nunvurucem avula Guerreira, tem dom ínio sobre os m ortos (Nvum be).

KSIMBI OU SAMBA

A grande m ãe. Inquice de lagos e rios. Paralelism o com o Orixá Oxum .

NDANDA LUNDA OU DANDALUNDA

Senhora da fertilidade, da Lua, confunde-se, por vezes, com Hongolo e Kisim bi. Paralelism o com os Orixás Iem anj á ou Oxum .

KAITUMBA, MIKAIA OU KOKUETO

Inquice do Oceano, do m ar (Calunga Grande). Paralelism o com o

Orixá Iem anj á.

NZUMBARANDÁ, NZUMBA, ZUMBARANDÁ, GANZUMBA OU

RODIALONGA

A m ais velha dos Inquices fem ininos, relacionada à m orte. Paralelism o com o Orixá Nanã.

NVUNJI

A m ais j ovem dos Inquices, senhora da j ustiça. Representa a felicidade da j uventude e tom a conta dos filhos recolhidos. Paralelism o com os Ibej is nagô.

LEMBA DILÊ, LEMBARENGANGA, JAKATAMBA, NKASUTÉ LEMBÁ

OU GANGAIOBANDA

Ligado à criação do m undo. Paralelism o com o Orixá Oxalá.

**Intolerância religiosa**

Com o as dem ais religiões de m atriz africana, a Um banda sofre com a intolerância religiosa. Um a das m aneiras m ais eficazes de diálogo é a prom oção de atividades culturais que evidenciem a cultura (toques, cores, culinária, etc.) características da Um banda, sej a no Teatro, na Dança, na Literatura, na participação de eventos com o o Mês da Consciência Negra, atos ecum ênicos e inter-religiosos e as celebrações de Treze de Maio, além , é claro, das festas públicas de cada casa, sendo as m ais populares as de Cosm e, Dam ião e Doum .

Por ser um a religião sincrética, a Um banda valoriza o ecum enism o e o diálogo inter-religioso. Por isso é cada vez m ais com um encontrarm os, por exem plo,

tem plos um bandistas participando de m issas prom ovidas pelas Pastorais Afros, e irm ãos dessas Pastorais em cortej os e festas prom ovidos por tendas de Um banda.

**Irmão(irmã)-de-Santo**

Mem bros de um a m esm a fam ília de Santo, sob responsabilidade de um (a) m esm o(a) dirigente espiritual.

**Irradiação**

Forte influência energética de Orixá, Guia, Guardião e de espíritos em geral, m as não em estado de incorporação, por vezes precedendo-a ou sucedendo-a.

**Jira**

Em bora a etim ologia evoque o vocábulo quim bundo *nijra* (cam inho) e am bas as form as, “gira” e “j ira”, sej am dicionarizadas, o uso m ais corrente é a grafia

“gira”, inclusive pela sem elhança e aproxim ação com o verbo “girar”.

**Jurema**

Nom e de Cabocla. Planta da fam ília das legum inosas, utilizada no preparo de bebida indutora do transe em cultos afro-brasileiros. Religião tam bém conhecida com o *Jurema Sagrada*, *Jurema Nordestina* e *Catimbó*.

**Legbara**

Form a com o tam bém são conhecidas e cham adas as Pom bogiras.

**Lei de Pemba**

Conj unto de pontos riscados com pem ba, os quais identificam características específicas de Orixás, Guias e Guardiões.

**Livre-arbítrio**

Princípio am plam ente respeitado na Um banda, sej a nas escolhas pessoais de cada um , sej a nas intenções de preces, trabalhos, oferendas e outros, isto é, respeita-se o próprio livre-arbítrio e o dos dem ais.

**Macaia**

Mata. Floresta. Folhas. Tabaco. Do quim bundo *makaya*, plural de *ekaya* (folha ou folha de fum o).

**Madrinha**

Dirigente Espiritual fem inina. O vocábulo tam bém é em pregado em sua

acepção m ais conhecida, com o no caso de Batism o.

**Magia**

Em prego das forças naturais ou ocultas, para o bem ou para o m al.

**Maioral**

Form a com um com que se refere ao Exu m ais poderoso (para alguns, Satanás ou Diabo).

**Maleme**

Pedido de perdão, m isericórdia. Do quicongo *ma-lembe* (voto de saúde, paz, etc.), relacionado ao quim bundo *ma-lembe* (suave).

**Mandinga**

O vocábulo é tanto em pregado para ação m ágica positiva ("Os Pretos-Velhos usam m andingas."), quanto negativa ("Fulano usou m andinga para derrubar Sicrano na em presa."). Qualidade de j ogo de capoeira. Do quicongo *ndinga* (praga).

**Marafo**

Aguardente. Do quim bundo *malufo* (vinho).

**Marmotagem**

Em linhas gerais, trata-se de atitudes extravagantes que fogem aos fundam entos das religiões de m atriz africana. A m arm otagem não deve ser confundida com a diversidade de elaboração e expressão de fundam entos religiosos.

Exem plos de m arm otagem : sim ulação de incorporação; Pom bogira fazendo com pras em shopping center; Baianos e Boiadeiros bebendo em barracas de praia durante festa de Iem anj á; Caboclo ensinando filho-de-santo a usar m áquina fotográfica durante um a gira; Preto-Velho passando núm ero de celular de m édium para consulente, etc.

**Médium**

Todo ser hum ano é m édium , ou sej a, instrum ento de conexão com a Espiritualidade, captando energias afins. Existem diversas qualidades de m édiuns, posto que m uitos são os dons m ediúnicos.

**Médium de firmeza**

Médium que não incorpora (ou pode incorporar, m as tam bém

trabalhar não

incorporado em determ inadas ocasiões com o m édium de firm eza), que tem diversas tarefas, com o os cam bones e Ogãs.

**Médium de transporte**

Médium preparado para receber espíritos obsessores, que, com o choque energético, podem se com unicar, ser doutrinados e/ou encam inhados.

**Mediunidade**

Contato com o m undo espiritual por diversas m aneiras e m étodos, conform e os dons de cada um e as afinidades energéticas e vibratórias.

**Metá metá/metametá**

São assim denom inados os Orixás de natureza dupla, que carregam a energia m asculina e fem inina, certam ente tam bém pela sem elhança com o vocábulo português “m etade”. Contudo, em iorubá, “m éta-m éta” significa “três ao m esm o tem po”. No caso de Logun-Edé, por exem plo, seria m etá m etá porque traz em si a sua natureza, a do pai (Oxóssi) e a da m ãe (Oxum ).

**Mironga**

Mistério, segredo, feitiço. Do quim bundo “m ilonga”, plural de “m ulonga”

(“m istério”).

**Mistificação**

Ver **Marmotagem.** Há form as de m istificação m enos elaboradas, com o falsos ensinam entos e inform ações para engrandecer o ego de m édiuns e Dirigentes Espirituais, encenação de incorporações, atitudes sem fundam entos espirituais etc.

**Monokó**

Form a com um (algum as vezes, pej orativa) com o são conhecidos os hom ossexuais fem ininos nos terreiros.

**Muzenza**

Term o do Candom blé Angola correspondente ao “iaô” do Candom blé Ketu.

Term o pouco utilizado na Um banda.

**Obi**

Coleeira ou noz-de-cola, utilizada em alguns rituais por influência dos Cultos de Nação.

**Ori**

Cabeça, elem ento m uito im portante no culto aos Orixás (“Senhores da Cabeça”), que pede cuidados e responsabilidades em todas as religiões de m atriz africana, o que não seria diferente na Um banda.

A cabeça hum ana, na tradição iorubá, receptáculo do conhecim ento e do espírito, é tão im portante que, naquela cultura (e tam bém segundo os Cultos de Nação), cada Orixá tem seu Ori, sendo alim entado, com o no caso do Bori, a fim de m anter-se equilibrado.

Trata-se, ainda, da consciência presente em toda a natureza e seus elem entos, guiada pelo Orixá (força específica). Sede do chacra coronário.

**Ori**

Banha/sebo de carneiro ou m anteiga de carité. Por vezes, esta substitui aquele(a).

**Origem**

Identidade de Orixá, Guia ou Guardião.

**Orobô**

Tipo de noz utilizada em alguns rituais por influência dos Cultos de Nação.

**Padê**

Oferenda a Exu, variando de água e farofa a carne, pim enta, bebidas e outros elem entos, conform e o contexto. O “padê”, em algum as casas de Um banda, é oferecido antes da abertura da gira (geralm ente água e farofa), quando se firm a a tronqueira (velas, cigarros e bebidas), por exem plo, ou pouco depois, não para afastar (despachar) Exu, com o pensa o senso com um , m as para ativar seu trabalho de

proteção.

Já no Candom blé, “ipadê” é o ritual que antecede todos os dem ais, no qual o Orixá Exu é firm ado com o guardião do Axé, a fim de proteger a casa e as pessoas. Para tanto, são utilizadas com idas típicas de Exu, com o o padê (farofa especialm ente preparada), vela e água. Após cantos e danças, a quartinha com água, a vela e o padê são levados para fora do barracão. Os dem ais rituais têm prosseguim ento. Em iorubá, “pàdé” significa reunião. A distinção entre “ipadê” e

“padê” não é consenso em todas as casas de Candom blé.

**Padrinho**

Dirigente Espiritual m asculino. O vocábulo tam bém é em pregado em sua acepção m ais conhecida, com o no caso de Batism o.

**Peji**

Altar ou pequeno santuário de cada Orixá, geralm ente localizado dentro da casa de cada Orixá. O vocábulo tam bém significa a própria casa de cada Orixá, ou sim plesm ente o altar do tem po.

**Pemba**

Espécie de giz com que se desenham pontos riscados, são feitos cruzam entos e outros procedim entos. Para diversos fins, é utilizada tam bém a pem ba em pó. Do quicongo *mpemba* (giz), com correspondente quim bundo *pemba* (cal).

**Perispírito**

Elem ento de ligação entre o corpo e o espírito. O conceito foi difundido pela Doutrina Espírita e acolhido por diversos segm entos espiritualistas e religiosos.

**Pólvora**

A principal função da pólvora é desagregar energias deletérias, que se apresentam de diversas form as. Por isso é em pregada em descarrego, estouros e outros rituais de lim peza, defesa e proteção.

**Pontos da natureza**

Pontos de forças naturais, tais com o pedreiras, m atas, cachoeiras etc.

**Pontos de força**

Locais que funcionam com o verdadeiros portais para a Espiritualidade. Cada centro de força corresponde a determ inado Orixá, Guia ou Guardião, por afinidades de elem entos. Além dos pontos da natureza, há outros com o cem itérios e estradas, por exem plo.

**Porteira**

Tronqueira. Entrada de um terreiro. Tam bém se cham a “porteira” ou “porta”

o espaço entre a assistência e o espaço dedicado aos m édiuns de um a casa.

**Prova de fogo**

Prática hoj e em desuso de que algum as casas se valiam para provar que o m édium realm ente estava incorporado: deveria colocar a m ão em recipiente com azeite de dendê fervendo, ou beber cachaça com fogo, por exem plo, sem se m achucar.

**Psicografia**

Escrita ditada ou intuída pelo plano espiritual. Muitas vezes a m ecânica da m ão, com o na incorporação, fica à disposição do espírito responsável pelo texto,

e m esm o a caligrafia difere da do m édium .

**Psicometria**

Faculdade segundo a qual um m édium , em contato com determ inado obj eto, é capaz de relatar o histórico desse obj eto e de seus donos.

**Q uartilhão**

Espécie de vaso utilizado para assentam entos e outros fundam entos. Os cham ados quartilhões fêm ea têm duas asas, enquanto os quartilhões m achos, nenhum a.

**Q uartinha**

Vaso de louça onde se coloca água para diversas finalidades ritualísticas, de firm eza e fundam ento. As cham adas quartinhas fêm eas têm duas asas, enquanto as quartinhas m acho, nenhum a.

**Q uiumba**

Espírito obsessor, zom beteiro, com baixa vibração energética, que busca provocar confusão, arruaça, vingança etc., necessitando de encam inham ento e/ou doutrinação. Do quicongo *kiniumba* (espírito).

**Q uiumbanda**

Prática m aléfica, associada a quium bas. No cotidiano, o term o é utilizado com o sinônim o de Quim banda/Esquerda, gerando confusão.

**Reencarnação**

Retorno do espírito ao m undo m aterial, em nova existência, por m eio do nascim ento num corpo físico, para novos aprendizados e m issões.

**Religião**

Conj unto de crenças religiosas e procedim entos com vistas a prom over a (re)ligação individual e coletiva com o Divino.

**Rezar**

Além de sinônim o de “orar” ou “dizer preces”, rezar tam bém significa

“benzer”.

**Roncó**

Quarto de recolhim ento para iniciação e outros rituais. O term o resulta do aportuguesam ento do vocábulo “hounko”, que entre os Fons do antigo Daom é

significa “quarto de reclusão”. Tam bém conhecido com o “cam arinha”.

**Roupagem fluídica**

Form a de apresentação de seres espirituais. Quando se trata de espíritos que encarnaram , geralm ente se utilizam de roupagem fluídica de um a de suas encarnações. A esse respeito, vej a-se o caso do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que, em sua prim eira com unicação pública, foi visto com o um sacerdote por um dos m édiuns, de fato tam bém um a de suas encarnações.

O senso com um afirm a que Caboclos e Pretos-Velhos não incorporam em centros espíritas. Na verdade, “baixam ” com roupagens fluídicas diversas. Vale lem brar que a Um banda nasceu “oficialm ente” a partir da rej eição de Caboclos e Pretos-Velhos em m esas m ediúnicas espíritas. De qualquer form a, com a am pliação do diálogo ecum ênico e inter-religioso e, portanto, da fraternidade entre encarnados, têm ocorrido m ais m anifestações m ediúnicas de Caboclos e Pretos-Velhos em casas espíritas.

**Segurança**

Médium coroado destinado a trabalhar com o segurança de canto, porta, frente e outros.

**Seita**

Vocábulo que geralm ente se refere de form a pej orativa a grupos de pessoas com práticas espirituais que destoem das consideradas ortodoxas.

Muitas vezes, no cotidiano dos terreiros, a Um banda é cham ada de seita, contudo sem a acepção negativa, m as com o sinônim o de religião.

**Senhora da Luz Velada**

Form a com o a Um banda é cham ada na Um banda Esotérica. A esse respeito, há um a célebre oração:

*Oração da Senhora da Luz Velada*

*Oh Senhora da Luz Velada!*

*UMBANDA DE TODOS NÓS!*

*Que acolhes em teu seio as lágrimas e os gemidos dos desesperados e aflitos de todos os planos.*

*Oh, tu que revelas em tua própria luz a dor nascente das causas e efeitos!*

*Em súplica vibramos nossos pensamentos através de tua grande lei e pedimos a teus*

*Orixás, Guias e Protetores, Irmãos que não mais resgatam na penumbra da forma, interceder por nós aos pés da cruz do meigo Oxalá, imploramos ainda, por intermédio deles, aos Sete Espíritos de Deus, derramarem sobre as dores, o conforto de suas vibrações originais.*

*E dê-nos sempre esta luz-força que pedimos e sentimos.*

*Quando na simplicidade de nossos congás, um humilde Pai Preto nos fala de Zâmbi, Estrela Guia, amor e perdão.*

*Recebe portanto, oh Senhora da Banda, a soma das nossas ações que pesam na balança de nossos renascimentos desde as noites da eternidade.*

**Sessão**

Gira.

**Subir**

Desincorporar.

**Surra de Santo**

A cham ada popularm ente "surra de Santo" ou "couro" é um choque energético causado pela incom patibilidade entre a energia do Orixá, Guia ou Guardião e seu m édium , o que pode ocasionar m al estar e, por exem plo, queda de m édium j á experiente e coroado (com determ inadas obrigações feitas) no m om ento da desincorporação. Por vezes, ocorre o afastam ento tem porário (principalm ente na incorporação) por parte de Orixás, Guias e Guardiões em virtude da incom patibilidade vibratória ocasionada por determ inadas posturas do m édium . A isso se dá o nom e popular de "dar as costas".

**Tapete**

Prática hoj e em desuso de que algum as casas se valiam para provar que o m édium realm ente estava incorporado: colocavam -se cacos de vidro no chão, à m aneira de um tapete, onde o m édium andava ou rolava o corpo sem se m achucar.

**Trindade**

Em linhas gerais, a Trindade representa nascim ento, vida (e/ou m orte) e renascim ento, estando presente nas m ais diversas culturas. A Trindade Católica é a m ais com um na Um banda (Pai, Filho, Espírito Santo), em bora algum as casas se valham de Olorum , Oxalá e Ifá. Por sua vez, a *Umbanda Almas e Angola* concebe a Trindade Divina dessa m aneira: Zâm bi (Deus, criador do universo), Orixás (divindades) e Guias ou Entidades Espirituais (espíritos de luz).

**Trabalho**

Ação m ágica com obj etivo definido, tanto para o bem quanto para o m al. A Um banda realiza trabalhos apenas para o bem individual e com um , portanto sem pre respeitando o livre-arbítrio: harm onia, saúde, abertura de cam inhos, equilíbrio energético etc.

**Tupã**

De m odo genérico, Deus, na concepção tupi. Vocábulo utilizado por m uitos Caboclos com a m esm a acepção de Zâm bi ou Olorum .

**Umbral**

Região do astral onde se agrupam espíritos com vibrações deletérias, por vezes, na prática do m al. Outros, pouco a pouco, com eçam a m editar sobre seus atos a fim de que, quando estiverem prontos, recebam o devido auxílio.

**Voduns**

Voduns são as divindades do povo Fon (do antigo Daom é). O nom e refere-se tanto aos ancestrais m íticos, quanto aos ancestrais históricos. No cotidiano dos terreiros, por paralelism o, o vocábulo é em pregado tam bém com o sinônim o de Orixá (é bastante evidente a sem elhança de características entre os m ais conhecidos Orixás, Inquices e Voduns). “Vodum ” é a form a aportuguesada de

“vôdoun”.

(Voduns do alto),

Ji-

chefiados por Sô

vodun

(Heviossô).

(Voduns da terra),

Ayi-

chefiados por

vodun

Sakpatá.

Voduns próprios

Tô-

de determinada

vodun

localidade.

Diversos.

Voduns cultuados

por certos clãs

Henu-

que se

vodun

consideram seus

descendentes.

Diversos.

Mawu (gênero fem inino) é o Ser Suprem o dos povos Ewe e Fon, que criou a terra, os seres vivos e os Voduns. Mawu associa-se a Lissá (gênero m asculino), tam bém responsável pela criação, e os Voduns são filhos e descendentes de am bos. A divindade dupla Mawu-Lissá é cham ada de Dadá Segbô (Grande Pai Espírito Vital).

Mais conhecidos no Brasil:

LOKO

É o Vodum prim ogênito, representado pela árvore sagrada *Ficus idolatrica* ou *Ficus doliaria* (gam eleira branca).

Paralelism o com o Orixá Iroco.

GU

Vodum dos m etais, da guerra, do fogo e da tecnologia.

Paralelism o com o Orixá Ogum .

HEVIOSSÔ

Vodum dos raios e relâm pagos.

Paralelism o com o Orixá Xangô.

SAKPATÁ

Vodum da varíola.

Paralelism o com o Orixá Obaluaê.

DÃ

Vodum da riqueza, representado pela serpente e pelo arco-íris.

Paralelism o com o Orixá Oxum aré.

AGUÉ

Vodum da caça e protetor das florestas.

Paralelism o com o Orixá Oxóssi ou com o Orixá Ossaim .

AGBÊ

Vodum dono dos m ares.

AYIZAN

Vodum fem inino dona da crosta terrestre e dos m ercados.

AGASSU

Vodum que representa a linhagem real do Reino do Daom é.

AGUÊ

Vodum que representa a terra firm e.

LEGBA

Caçula de Mawu e Lissá, representa as entradas e saídas e a sexualidade.

Paralelism o com o Orixá Exu.

FÁ

Vodum da adivinhação e do destino.

Paralelism o com o Orixá Orunm ilá.

**Vodunce**

O m esm o que iaô (Ketu) e m uzenza (Angola). Term o pouco utilizado na Um banda.

**Xoxô**

Azeite de dendê.

## A N EXOS

### *Como nasc e m os de use s*

O panteão das tradições antigas resultou na interação dos dois princípios cósm icos universais: o m asculino, representado pelo Pai Céu, e o fem inino, personificado pela Mãe Terra. O casam ento sagrado desses pólos gerou form as energéticas secundárias, polarizadas pela influência das forças telúricas, cósm icas, planetárias e dos fenôm enos da Natureza. Quando m odeladas pela egrégora m ental de um conj unto racial, tribal ou grupal, essas energias se m anifestam com o arquétipos divinos, im buídos de características e atributos específicos, e com apresentações e nom es que variam conform e o lugar de origem .

A existência e a sobrevivência dos arquétipos de determ inado panteão dependem da intensidade com que são cultuados e da duração desse culto. Sem essa conexão e nutrição recíproca, as m atrizes etéreas se enfraquecem e acabam desaparecendo com o passar do tem po.

Apesar de as divindades dependerem da egrégora hum ana, elas não são m ero fruto de nossa im aginação: são expressões reais de poderosos cam pos energéticos e vórtices de energia cósm ica. Elas existem em um a realidade diferente do m undo tridim ensional, cham ada pelos xam ãs de nagual ou

“realidade incom um ” (ou extrafísica), e têm o poder de existir e agir independentem ente da vontade hum ana.

Esses centros de energia cósm ica, sutis e inteligentes, denom inados divindades (sej am elas deuses, vibrações originais, devas20 ou Orixás), supervisionam o livre-arbítrio coletivo e auxiliam nas decisões tom adas pelos indivíduos, dentro dos lim ites, valores e regras do am

biente ao qual pertencem . Isso significa que elas não interferem no livre-arbítrio, nem agem contra os interesses do agrupam ento hum ano que as “criou” e que continua “alim entando-as” por m eio de invocações, oferendas, cultos e rituais. Existe um a necessidade de intercâm bio energético perm anente entre a origem e o resultado da criação, entre o criador e a criatura.

no vedism o (período inicial da religião indiana), espírito benigno pertencente ao grupo dos devas, um a das subdivisões do panteão hindu, m enos im portante que os deuses.

Um a divindade deixará de existir apenas quando não tiver m ais nenhum ser hum ano que invoque sua presença ou acredite em sua existência. Quando isso ocorrer, o cam po energético por ela representado não se extingue no espaço,

m as se desloca ou volta à sua origem , podendo servir com o substrato para a criação de um novo arquétipo, em lugar ou tem po diferente.

Os deuses e as deusas não são arquétipos estáticos, eles evoluem e se m odificam de acordo com o progresso cultural e tecnológico e a traj etória espiritual hum ana. As m udanças na percepção e interpretação de suas m anifestações e a com preensão expandida de seus atributos e funções levam à readaptação dos m itos e a sua adequação às novas necessidades m entais, psicológicas e sociais da com unidade a que pertencem . São as proj eções e as form as m entais hum anas que determ inam a “m etam orfose” das divindades, que acom panham , de m aneira sim biótica, o desenvolvim ento de seu povo e o surgim ento de novos valores e hábitos com portam entais, m orais e sociais.

Com preende-se, assim , o porquê das diferenças nos m itos de um m esm o deus ou deusa e os variados nom es a eles atribuídos.

Mirella Faur

**Sobre a expressão “Religiões de Matriz Africana”**

Em bora o m ais com um sej a referir-se hoj e ao Candom blé, à Um banda e a outras religiões sim ilares com o “Religiões Tradicionais de Terreiro”, ainda é bastante em pregada a expressão “Religiões de Matriz Africana”, em bora esta m atriz não sej a a única a constituir tais religiões.

Nesse sentido, é bastante esclarecedor o questionam ento do professor Ildásio Tavares transcrito abaixo, no qual procura denom inar as

religiões de terreiro com o *jeje-nagôs-brasileiras*, o que, pelo últim o term o, a m eu ver, incluiria tam bém a Um banda e a Nação Angola:

## *O S N O MES Q U E N ÃO N O MEIAM*

“Fala-se com m uita segurança, em páfia (e até inj úria) em religião negra, religião africana, religião afro-brasileira, ou culto, m ais pej orativam ente. Essa term inologia é facciosa, discrim inatória, preconceituosa, redutiva e falsa.

Auerbach dizia que os m aus term os, em ciência, são m ais danosos que as nuvens à navegação. Negro é um term o que tom a por parâm etro um a cor de pele que nem sequer é negra. Que seria religião negra? Aquela praticada por negros, apenas, ou aquela criada por negros e praticada por brancos, negros m ulatos ou alguém com algum dos 514 tipos de cor achados no Brasil por Herskovits?

“Religião negra” é um term o evidentem ente racista, quer usado pelos brancos para discrim inar e inferiorizar o negro, quer usado pelo negro para se autodiscrim inar defensivam ente com um a reserva de dom ínio rácico e cultural.

‘Africano’ é absurdam ente generalizante, na m edida em que subsum e um a extraordinária pluralidade e diversidade cultural em um rótulo sim plista e unívoco. Nelson Mandela é frequentem ente m encionado com o um líder africano. Jam ais alguém cham aria Adolf Hitler de um líder europeu ou de um líder branco, apesar de ele ser um defensor da superioridade dos arianos, que não são necessariam ente brancos, um a vez que a m aioria dos j udeus é de brancos, assim com o os poloneses; e Hitler os tinha com o inferiores, perniciosos e queria elim iná-los da face da Terra. Este rótulo redutivo lem bra-m e o episódio de nosso grotesco e absurdo presidente Jânio Quadros cham ando o intelectual sergipano Raim undo de Souza Dantas para ser em baixador do Brasil na África por ele ser de pele escura. Quando o perplexo Raim undo replicou: “Excelência, a África é um continente! Com o posso ser em baixador do Brasil em um continente?” O

burlesco presidente respondeu: “Não im porta, o senhor vai ser em baixador do Brasil na África.” E foi. Sediado em Gana. Este é o típico exem plo de absurdo brasileiro, de seu surrealism o de hospício que m uitos adotam com o postura científica, para em pulhar os tolos, os ingênuos e os incautos, arm adilha perpetrada por canalhas para capturar os obtusos, diria Rudy ard Kipling ao deixar o colonialism o para definir o Super Hom em .

O rótulo “afro-brasileiro” tam bém é falacioso. Aprendi no curso prim ário que o povo brasileiro está com posto basicam ente de três etnias: a dos índios, verm elha; a dos europeus, branca, e a dos africanos, preta. Por definição, portanto, brasileiro é a com binação de índio, africano e europeu; branco, verm elho e preto, em proporções variáveis, é claro. Já se disse, j ocosam ente, que as árvores genealógicas no Brasil (em sua m aioria ginecológicas, m atrilineares) ou dão no m ato ou na cozinha, ou dão em índio ou em negro, para satirizar a falsa, a ansiada brancura de nosso povo, que nem a im portação de italianos e alem ães conseguiu satisfazer - m uito pelo contrário, eles é que escureceram , ao m enos culturalm ente, assim com o os am arelos, haj a vista a presença de Babalorixás na Liberdade, São Paulo, no Paraná e em Santa

Catarina, para não falar de Escolas de Sam ba de olhos oblíquos.

Ora, se brasileiro j á quer dizer parte africano, afro-brasileiro é redundante.

Resolvendo a equação, tem os: B = A + I + E, ou sej a,brasileiro é igual a africano

+ índio + europeu. Logo AB (afro-brasileiro) será igual a A + AIB (Africano +

Índio + Brasileiro). Tem africano dem ais nessa equação. Elim inando o term o igual, discrim inarem os o afro-brasileiro. A única solução é especificar a origem cultural (ou etnográfica, se quiserem ) da religião. Para m im seria adequado dizer religiões brasileiras de origem africana, índia ou j udaico-europeias, todas nossas.

Mas com o seria longo dem ais e detesto siglas, prefiro falar religiões *jeje-nagôs-brasileira*. É m ais adequado. Pode não ser preciso. Mas a precisão é um desiderato dos relógios suíços, dos m ísseis, dos navios que não afundam e dos filósofos positivistas. Não tenho sim patia por nenhum dos quatro.”

### *Q ualidade s*

Tipos de determ inado Orixá. São diversas qualidades, com variações (fundam entos, Nações, casas, etc.). Há, inclusive, variação m uito grande do Candom blé para a Um banda e na m aneira de se trabalhar as qualidades, inclusive na form a de nom eá-las.

Enquanto, por exem plo, Iansã Topé cam inha com Exu, Iansã Igbale cam inha com Obaluaê. Xangô Airá, por sua vez, cam inha com Oxalá.

A fim de não deixar o assunto passar ileso e a título de exem plo, estão abaixo qualidades de Oxum no Candom blé, algum as delas bastante presentes nos tem plos um bandistas.

**ALGUMAS**

**QUALIDADES DO**

**ORIXÁ OXUM**

Qualidade que

pode ter filhos,

mas não

incorpora neles.

Assentada

Oxum

separadamente

Jimun

de outros

Orixás, ligada a

Ia Mi

Oxorongá.

Oxum

Caminha com

Ajagira

Exu.

Qualidade

Oxum

guerreira,

Pandá
manca de uma
perna.
Também
Oxum
qualidade
Karê
guerreira de
Oxum.
Guerreira,
caminha com
Iansã e Ogum.
Apresenta
quizila com
Oxum
Iemanjá Ogunté,
Apará
o que
representa o
encontro das
águas (rio e
mar).
Qualidade de
Oxum

Abotô

Oxum que gosta

de leque.

Ligada aos

Ibejis, gosta de

crianças. Tanto

seus

assentamentos

quanto suas

obrigações

podem ser

acompanhadas

de brinquedos.

Oxum

Embora seu

Abalô

assentamento

não contenha

areia, gosta

desse elemento,

recebendo

oferendas na

areia do rio ou

da praia.

Propicia filhos

e favorece bons

partos.

Oxum

Qualidade

Toquén

calma de Oxum.

Caminha com

Oxalá e se veste

de branco. Suas

comidas não

Oxum

são temperadas

Ianlá

com dendê, mas

com azeite

doce.

Esposa de Odé,

Ieiê

mãe de Logun-

Okê

Edé.

Qualidade

Ieiê

velha de Oxum,

Ogá

brigona,

resmungona.

Oxum

Jovem, vaidosa,

Merim

rainha.

Caminha com

Nanã. Seu ponto

da

natureza/ponto

de força é o

Oxum

fundo do lago.

Oloxá

Cultuada em

separado das

outras

qualidades de

Oxum.

Ieiê

Ligada ao Orixá

Olokó

Ossaim.

Caminha com

Ieiê

Obaluaê, sendo

Sissi

também ligada a

Xangô.

Ligada a

Ieiê

Iemanjá, pode

Odô

ser cultuada em

águas salgadas.

No caso de Oxum , com variações, costum am aparecer 16 qualidades. Por essa razão (e a título de curiosidade), apresenta-se a lista acim a, m ais com pleta, sistem atizada por Carlos Alexandre de Cam illis, o Cacau, Ogã e escritor.

### *O c orte*

“Corte” é com o é conhecido o sacrifício ritual.

Na Um banda, em cuj a fundam entação não existe o corte, em bora diversas casas dele se utilizem , por influência dos Cultos de Nação, os elem entos anim ais, quando utilizados (há casas que não os utilizam nem m esm o nas cham adas entregas aos Orixás), crus ou preparados na cozinha, provêm diretam ente dos açougues. No prim eiro caso, utilizam -se, por exem plo, língua de vaca, sebo de carneiro (por vezes confundido com e/ou substituído por m anteiga de carité), m iúdos, etc. No segundo, nas palavras de Rubens Saraceni,

*“(…) Mas só se dá o que se come em casa e no dia a dia. Portanto, não há nada de errado, porque a razão de ter de colocar um prato com alguma comida*

*‘caseira’ se justifica na cura de doenças intratáveis pela medicina tradicional, causadas por eguns e por algumas forças negativas da natureza.(…) Observem que mesmo os Exus da Umbanda só pedem em suas oferendas partes de aves e de animais adquiridos do comércio regular, porque já foram resfriados e tiveram decantadas suas energias vitais (vivas), só lhes restando proteínas, lipídios, etc., que são matéria.”*

Os anim ais criados em terreiros de Candom blé para o corte são m uito m ais bem cuidados e respeitados do que aqueles criados enj aulados, com alim entação inadequada para engordar, etc. O anim al, para o corte, não pode sofrer. Algum as partes são utilizadas para rituais; as dem ais são consum idas com o alim ento pela com unidade e pelo entorno.

Há casas de Candom blé que não cortam , cortam pouco ou se utilizam , com o na Um banda, de elem entos anim ais com prados no com érc io (algum as casas de Ketu com esse procedim ento são cham adas de Ketu frio em contraposição às de Ketu quente, ou sej a, as que cortam ). Todas as casas sérias precisam ser respeitadas, pois seus fundam entos são estabelecidos com a Espiritualidade, adaptados ou não. Fundam ento é fundam ento, diferente de m odism os. Por outro lado, há casas que cortam dem ais, que se vangloriam do núm ero de anim ais cortados. Contudo, não é a quantidade que faz um a ceia sagrada e com unal saborosa, m as a qualidade do alim ento, o preparo com am or, etc.

Nesse contexto, despontou o cham ado Candom blé Vegetariano, m odalidade com fundam entos adaptados para o vegetarianism o, capitaneada por Iy a Senzaruban (Ile Iy a Tunde). Difere do cham ado Ketu frio (onde se utilizam elem entos anim ais, m as sem o corte). Em bora diversas casas, ao longo de sua história, tenham extinguido o corte de seus fundam entos, a casa de Iy a Senzaruban e as de seus filhos ganharam notoriedade, inclusive pelo núm ero de críticas feitas pela parcela do Povo de Santo que se posiciona totalm ente contrária à abolição do corte no Candom blé.

Com relação ao corte, diálogo, respeito e com preensão são fundam entais para que todos se sintam irm anados, cada qual com sua individualidade e seus fundam entos. Diferenças não precisam ser necessariam ente divergências.

Além do sangue propriam ente dito (ej é, m enga, axorô), im portante no Candom blé para a m ovim entação do Axé, há outros elem entos tam bém conhecidos com o sangue (verm elho, branco e preto), associados aos reinos anim al, vegetal e m ineral. Todos são im

portantíssim os condensadores energéticos, o que não significa que todos sej am usados no dia a dia dos terreiros.

É im portante perceber que estão em toda parte, nos cham ados três reinos, m ovim entando o Axé.

SANGUE VERMELHO

Sangue

Reino

propriamente

animal

dito.

Epô (óleo de

dendê),

determinados

vegetais,

Reino

legumes e

vegetal

grãos, osun (pó

vermelho), mel

(sangue das

flores), etc.

Cobre, bronze,

Reino

otás (pedras),

mineral

etc.

SANGUE BRANCO

Sêmen, saliva,

hálito, plasma

Reino

(em especial do

animal

ibi, tipo de

caracol), etc.

Seiva, sumo,

yierosun (pó

claro),

Reino

determinados

vegetal

vegetais,

legumes e

grãos, etc.

Sais, giz, prata,

Reino

chumbo, otás,

mineral

etc.

SANGUE

PRETO

Reino

Cinzas de

animal

animais.

Sumo escuro

de

determinadas

plantas, waji

(pó azul),

Reino

carvão

vegetal

vegetal,

determinados

vegetais,

legumes,

grãos, frutos,

raízes, etc.

Carvão,

Reino

ferro, otás,

mineral

areia, barro,

terra, etc.

Para legitim ar a não-utilização do corte na Um banda, Miriam de Oxalá se vale dos estudos e de citação de Fernandez Portugal. Para a autora,

*"(…) vale a pena citar de Fernandez Portugal, renomado escritor africanista, em seu livro Rezas-Folhas-Chás e Rituais dos Orixás, publicado pela Ediouro, o item*

*'Ossaiyn, O Senhor das Folhas': 'Segundo a tradição yorubá, sem ejé e sem folhas não há culto ao Orixá, mas pode-se iniciar um Orixá apenas utilizando-se folhas, pois existem folhas que substituem o Ejé.' O grifo é nosso e tais conceitos são, para nós umbandistas, bem conhecidos."*

Observe-se, noutro contexto, com o ecoam tanto as palavras de Portugal quanto as de Miriam de Oxalá. Para Orlando J. Santos,

*"Para se fazer um EBÓ ('tudo que a boca come'), é preciso ter esgotado todas as possibilidades de resolver o caso a partir das ervas: akasá, obi, orobô etc.*

*Sabemos que obi, orobô e certas folhas, quando oferecidos aos Orixás dentro do ritual, valem por um frango, cabrito, carneiro. Portanto, em muitos casos, substitui*

*o EJÉ (sangue animal)."*

No Candom blé, por sua vez, e ao contrário do que sustenta o senso com um , o qual associa a religião à "baixa m agia", prefere-se a criação própria, m ais integrada e ecológica. A respeito do aproveitam ento do elem ento anim al em rituais e no cotidiano do Ilê, Iy a Om indarewa afirm a:

*"Uma parte é oferecida ao Orixá, fica aos seus pés até o dia seguinte e depois é dividido entre as pessoas da comunidade. Essa carne é cozida e preparada num ritual muito absoluto, e é totalmente aproveitada. O restante é para alimentar o povo da festa, gente da casa e os vizinhos. Tem um sentido, nada é feito à toa. É*

*oferecida ao animal uma folha; se ele não comer, não será sacrificado, pois não foi aceito pelo Orixá."*

Mãe Stella de Oxóssi, quando perguntada se o século XXI corresponderia ao fim do uso de anim ais em rituais do Candom blé, responde:

*“Mas neste século XXI o que mais tem é churrascaria! Mata-se o boi, a galinha e o carneiro para comermos. Só porque usamos animais em nossos rituais, ficam falando que deve acabar. O animal mais bem aproveitado é aquele que é morto nos rituais de Candomblé, porque se aproveita tudo: a carne, que alimenta muita gente, o couro…”*

Em síntese, o corte no Candom blé está associado à ceia com unal: com e o Orixá e com em fiéis e convidados do m esm o prato. A base desse fundam ento é a utilização do sangue (ej é, m enga, axorô) para a m ovim entação do Axé, o que, aliás, não ocorre apenas em situações de ceia com unal, m as tam bém em ebós, quando apenas os Orixás ou Entidades com em .

Nas palavras de Iy a Om indarewa,

*“Está na cabeça da gente que não se pode fazer o sacrifício, pegar energia de uma coisa viva e passar para outra. Admite-se comer um bom bife, uma galinha ou porco para alimentar o corpo. Mas não se admite captar a energia dos animais, das folhas, da Natureza toda para fortalecer sua cabeça. Isso não faz sentido; vamos andar descalços porque não se pode usar o couro? Não vamos comer folhas, milho, carne porque são da Natureza? E como o ser humano vai viver? A vida não é uma luta? Pega-se uma coisa pela outra e depois não retorna tudo para a terra? Isso tudo é uma grande bobagem. O sacrifício significa dar ao Orixá uma certa energia que ele devolve em troca. Tudo depende das ocasiões; não é durante toda a vida que vamos matar bichos, mas em grandes momentos, como nas Feituras, quando é necessário.”*

### *U mbanda e Candomblé : re ligiõe s irmãs*

É fato que as Religiões de Matriz Africana são alvo de preconceito, discrim inação e intolerância, em vários níveis, por grande parte da sociedade.

Contudo, o que m ais fere e enfraquece é a desunião entre irm ãos.

Enquanto um bandistas pensarem e declararem “Eu não gosto do Candom blé!”

ou “Se o pessoal do Candom blé for, eu não vou…”; enquanto candom blecistas acreditarem e afirm arem “A Um banda é fraquinha…” ou “Essas um bandinhas que estão por aí…”, dificilm ente cam inharem os j untos sob o m anto branco de Oxalá.

Dias desses ouvi alguém dizendo a um irm ão de outra casa: “Em bora não sej a a form a de sincretism o com o o Orixá é tratado em nossa

casa, gostaria de parabenizar etc…". Ora, com o posso ir ao encontro de um irm ão iniciando m eu gesto com um "em bora" ou um "apesar de"? Onde está o respeito à diversidade?

Essa inconsciência m e lem brou a fala de um am igo reverendo anglicano, que com entava o quanto é triste ver irm ãos católicos rom anos presentes em ordenações de reverendas anglicanas negando-se a participar da m esa da com unhão.

Aceitar e respeitar a diversidade não significa perder a identidade.

Um bandistas e candom blecistas, se vivenciarm os o respeito entre nós, o am or e o diálogo cidadão e legal (em todos os sentidos) certam ente se propagarão em outras esferas.

Juntos, som os m ais fortes.

Axé!

Adem ir Barbosa Júnior

(Derm es)

***P or que te me r a U mbanda?***

Um a das bases do preconceito (talvez a m ais visível) é a ignorância. Literal e etim ologicam ente, ignorar significa "não saber". O que não conhecem os nos provoca m edo. Nos cam pos da Espiritualidade e da Religião não deveria haver espaço para o m edo, m as, sim , para o respeito e o diálogo, sej a interna ou externam ente. No âm bito interno, cada vez m ais se repensam responsabilidades e atitudes, a fim de se vivenciar a fraternidade, e não o autoritarism o e o

"bully ing espiritual". No âm bito externo, o diálogo inter-religioso se pauta tanto pela com preensão e pela caridade quanto pela consciência dos direitos individuais e civis.

Recebi de Mãe Nara de Oxum Ypondá um link m uito interessante (http://rerum tem plaria-antium banda.blogspot.com ). Se o reproduzo, é para suscitar o diálogo, e não para provocar polêm ica ou arrivism o, o que seria contraditório com tudo o que Espiritualidade e Religião representam para m im .

Trata-se de um a associação para o que se cham a de "sagrado exterm ínio de Um bandas", algo extrem am ente agressivo e pautado pela ignorância (não-saber) em relação aos Orixás, à Um banda, ao

Candom blé, à África, dentre outros. Ler esse m anifesto fundam entalista num dia em que, em m eio ao trabalho, pude ler parte de um texto tão am oroso de um Dirigente Espiritual de Um banda do Sul do país, m e fez pensar em por que tem er a Um banda, se até os espíritos m ais em pedernidos (encarnados ou não) são aí recebidos com o coração aberto, ainda que com o senso de vigilância da Espiritualidade e dos m édiuns bastante apurado.

Resposta: ignorância (não-saber).

Mais do que nunca, vam os deixar a gira girar!

Adem ir Barbosa Júnior

(Derm es)

### *Sinc re tismo*

Em célebre entrevista concedida ao j ornal “A Tarde”, em 24 de j unho de 2001, o zelador de Santo Agenor Miranda trata de diversos tem as que apareceram em entrevistas anteriores. Duas perguntas tratam de sincretism o e devoção a santos católicos. As m esm as declarações a respeito do sincretism o no Candom blé poderiam , certam ente, ser aplicadas ao sincretism o na Um banda.

***P – Na Bahia do Senhor do Bonfim, o sincretismo religioso está muito presente.***

***Qual a sua opinião sobre o sincretismo, considerando que o senhor é um zelador***

***de Santo, filho de pais católicos?***

*R – “Não há crime nenhum no sincretismo, porque, se não fosse o sincretismo, não haveria Candomblé hoje. Essa é que é a verdade. As Mães-de-Santo e os Pais-de-Santo não querem o sincretismo. Mas tem que haver. Se não fosse o sincretismo, como é que o Candomblé iria sobreviver até hoje? Teria morrido. Agora, eles não gostam quando eu falo isso. Mas eu falo o que sinto. Não falo pelos outros, falo por mim”.*

***P – O senhor é devoto de Santo Antônio e de São Francisco de Assis e vai sempre***

***à cidade de Assis, na Itália, venerar São Francisco. Como é que o senhor lida com***

***isso dentro do Candomblé? Existe preconceito?***

*R – "Se há preconceitos, é com eles. Eu sou eu. Nunca tive conflito. E, agora, tem mais uma coisa: eu sou do Santo, católico e espírita. Assim como na família: nem todos são iguais, mas convivem bem. Não é isso? É uma questão de fé".*

Não apenas o sincretism o, m as tam bém a convivência (nem sem pre pacífica, é verdade) entre religiões em solo e corações brasileiros, a partir da entrevista de Agenor Miranda, evocam , ainda, os seguintes versos de Zeca Pagodinho ("Ogum "):

*Sim, vou à igreja festejar meu protetor*

*E agradecer por eu ser mais um vencedor*

*Nas lutas nas batalhas*

*Sim, vou ao terreiro pra bater o meu tambor*

*Bato cabeça, firmo ponto sim senhor*

*Eu canto pra Ogum*

A espiritiualidade do povo brasileiro é bastante dialógica, sincrética e dinâm ica.

**Cargo e função**

Todos som os especiais, porém , por vezes, m uitos de nós nos acham os m ais especiais que os outros. Lutam os para serm os os m elhores, ou, ainda, m elhores do que os outros, m as a tarefa evolutiva necessita que sej am os hoj e m elhores do que fom os ontem . Num a casa religiosa, existem funções, e não cargos. Mas, se usarm os a palavra "cargo", com um às religiões de m atriz africana em geral, em bora pouco com um na Um banda, devem os nos lem brar de que "cargo" é aquilo que se carrega, m as não com o peso, e sim com o presente, responsabilidade, talento a ser desenvolvido, m ultiplicado e com partilhado.

Adem ir Barbosa Júnior

(Derm es)

***N atal na U mbanda***

Natal: o despertar do Cristo interior

Para Roger Bottini Paranhos

O Natal é um a data sim bólica, fixada, que celebra o nascim ento de Jesus, sua encarnação. Grosso m odo, há os que o veem com o o Unigênito, o Salvador, enquanto outros o concebem com o um espírito evoluído, o qual, assim com o nós, palm ilhou as trilhas da evolução até chegar à m estria interior. Para os um bandistas, o Divino Mestre conduz a Linha de Oxalá e, por vezes, confunde-se com esse Orixá.

Independentem ente de religião ou tradição espiritual, o grande convite do Mestre, a cada celebração natalina, é para realm ente deixarm os nascer em nós o Cristo interior, criança tão cheia de luz, capaz de transform ar um a m anj edoura em ponto de força espiritual. O alim ento dessa criança? O am or.

Buscando um a vida plena (e não perfeita, j á que a perfeição não é desse m undo), o am or é a m edida. Perdoar a quem nos ofende, por exem plo, na m edida e no tem po de cada um e, é am ar a si m esm o, não apenas ao outro.

Afinal, guardar rancor ou m ágoa de alguém , nada m ais é do que dar poder para que outros governem nossas vidas. Desapego (e não indiferença) libera, torna a vida m ais leve. Se alguém não entende um gesto de am or e carinho, desapegue-se, deixe o outro ir, transform e a si m esm o, pelo desapego, em vez de tentar transform ar o outro, forçando-o a entender você. O Cristo interior vai se fortalecer, sua m anj edoura interna certam ente vai ficar m ais confortável para ele.

*(…) ninguém é o centro do universo/assim é maior o prazer* (Guilherm e Arantes). Am ar o Cristo-m enino interior não é m im á-lo, m as deixar que se desenvolva e sej a, além de crístico, crítico. Crítico significa consciente, e não j ulgador, im placável, chato, redutor (alguém que tente separar o m undo, por m eio do dedo-fálico-em -riste, em dois: aquele que está "certo", isto é, que se pauta por "m eus" valores, e o errado, o que se conduz pelos valores "dos outros"). Rigidez é coisa de cadáver: o m enino Jesus está aí, flexível e brincalhão.

Ele sabe brincar de viver, com o sugere o título da canção de Guilherm e Arantes.

E, quando adulto, dirá: "Deixe que os m ortos enterrem seus m ortos". Desapego sem pre.

O Natal, portanto, é um m om ento m uito especial para auto-aperfeiçoam ento, por m eio da alegria, partilha, com unhão, retrospectiva (agradecer pelo que foi bom e perdoar/perdoar-se/pedir

perdão pelo que não foi). No verdadeiro Natal não há espaço para o sentim entalism o barato de quem explora e oprim e o irm ão nos outros dias (em nível social, afetivo etc.) e um a vez ao ano derram a lágrim as e olha o próxim o com o se “realm ente” fosse seu irm ão.

Podem os celebrar o Natal todos os dias, em qualquer lugar, em qualquer época da História, em qualquer planeta, qualquer cultura, um a vez que pode haver Natal sem Jesus, m as não pode haver Natal sem Cristo.

O Cristo que habita em m im saúda o Cristo que habita em você!

Que o Menino Jesus nos ensine a brincar de viver!

Desej o um Feliz Natal aos que m e am am e m e desam am : todos são excelentes m estres em m inha cam inhada evolutiva! Beij os para todos e m uito Axé!

Adem ir Barbosa Júnior

(Derm es)

***Me ditaç õe s da G ale ra U mbandista***

Médium não é X-Men, não tem poderes, e sim dons, que precisam ser desenvolvidos, trabalhados e colocados à disposição da com unidade.

Orixá não é personagem de card, com super-poderes que vão detonar os inim igos, ou sej a, aqueles que nos fazem m al ou discordam de nós. Orixás são divindades, procedem da Fonte Divina, agem em nom e dessa Fonte para o equilíbrio.

Guia no pescoço não é correntinha, bij uteria ou piercing. É proteção, tem função litúrgica, é sím bolo de ligação com os Orixás, Guias, Guardiões.

Roupa de Santo não é *fashion week* de Orixá, é uniform e de trabalho, de serviço, form a de se apresentar aos Orixás, aos Guias, aos Guardiões para serviço de autoconhecim ento, equilíbrio e caridade para com o próxim o.

Ponto cantado não é sam ba, não é funk, não é pagode, nem form a de seduzir alguém do tem plo ou da assistência: é firm eza do Orixá, para a casa e o próprio m édium .

Dançar para o Santo não é fazer bailão, coreografia de program a de

auditório ou dança de salão: é m anifestar a alegria e com ungar do Axé de cada Orixá, de cada Linha.

Sej am realm ente filhos de Orixá, irm ãos de todos e, ao m esm o tem po, aprendizes e m estres, pois todos tem os experiências para trocar e crescer j untos, na fé e na fraternidade.

Adem ir Barbosa Júnior

(Derm es)

## B IB LIOG R A F IA

**Livros**


AFLALO, Fred. *Candomblé: uma visão do mundo*. São Paulo: Mandarim , 1996.

BARBOSA JÚNIOR, Adem ir. *A Bandeira de Oxalá – pelos caminhos da Umbanda.* São Paulo: Nova Senda, 2013.

_____. *Baralho Cigano*. Material fotocopiado e ainda inédito com o livro, utilizado em cursos e palestras.

_____. *Curso essencial de Umbanda.* São Paulo: Universo dos Livros, 2011.

_____. *O essencial do Candomblé*. São Paulo: Universo dos Livros, 2011.

_____. *Guia prático de plantas medicinais.* São Paulo: Universo dos Livros, 2005.

_____. *Iemanjá*. São Bernardo do Cam po: Anúbis, 2014.

_____. *Manual Prático de Tarô.* São Paulo: Nova Senda, 2014.

_____. *Mitologia dos Orixás: lições e aprendizados*. São Bernardo do Cam po: Anúbis, 2014.

_____. *Nanã*. São Bernardo do Cam po: Anúbis, 2014.

_____. *Obaluaê.* São Bernardo do Cam po: Anúbis, 2014.

_____. *Oxumaré.* São Bernardo do Cam po: Anúbis, 2014.

_____. *Para conhecer a Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros,

2013.

_____. *Para conhecer o Candomblé*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

_____. *Reiki:* a Energia do Am or. São Paulo: Nova Senda, 2014.

_____. *Transforme sua vida com a Numerologia*. São Paulo: Universo dos Livros, 2006.

_____. *Umbanda – um caminho para a Espiritualidade*. São Bernardo do Cam po: Anúbis, 2014.

_____. *Xangô*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

_____. *Xirê:* orikais – canto de am or aos Orixás . Piracicaba: Editora Sotaque Lim ão Doce, 2010.

BARCELLOS, Mario Cesar. *Os Orixás e a personalidade humana*, Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

BORDA, Inivio da Silva *et al.* (org.). *Apostila de Umbanda.* São Vicente:

Cantinho dos *Orixás*, s/d.

*CABOCLOOGUM* DA LUZ (Espírito). *Ilê Axé Umbanda*. São Bernardo do Cam po: Anúbis, 2011 (psicografado por Evandro Mendonça).

CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de Cultos Afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

CAMARGO, Adriano. *Rituais com ervas: banhos, defumações e benzimentos.*

Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013.

CAMPOS JR., João de . *As religiões afro-brasileiras:* diálogo possível com o cristianism o. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1998.

CARYBÉ. *Iconografia dos deuses africanos no Candomblé da Bahia.* São Paulo: Editora Raízes, 1980 (com textos de Jorge Am ado, Pierre Verger e Valdeloir Rego).

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (orgs.). *Dicionário de símbolos.*

Rio de Janeiro, José Oly m pio, 2008 (tradução: Vera da Costa e Silva

*et al.* ).

CIPRIANO DO CRUZEIRO DAS ALMAS (Espírito). *O Preto-Velho Mago:* conduzindo um a j ornada evolutiva. São Paulo: Madras, 2014 (psicografado por André Cozta).

CONGO, Pai Thom é do (Espírito). *Relatos umbandistas*. São Paulo: Madras, 2013 (anotado por André Cozta).

CORRAL, Janaína Azevedo. *As Sete Linhas da Umbanda.* São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

_____. *Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda* (volum es 1, 2 e 3). São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

FAUR, Mirella. *Mistérios nórdicos:* deuses, runas, m agias, rituais. São Paulo: Pensam ento, 2007.

FERAUDY, Roger (obra m ediúnica orientada por Babaj iananda/Pai Tom é).

*Umbanda, essa desconhecida.* Lim eira: Editora do Conhecim ento, 2006.

D´ *IANSÃ*, Eulina. *Reza forte.* Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

GASPAR, Enedia Duarte. *Tarô dos Orixás – Senhores do Destino*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

LEONEL (Espírito) e Mônica de Castro ( *médium*). *Jurema das Matas.* São Paulo: Vida & Consciência, 2011.

LIMAS, Luís Filipe de. *Oxum:* a m ãe da água doce. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

LINARES, Ronaldo (org.). *Iniciação à Umbanda*. São Paulo: Madras, 2008.

_____. *Jogo de Búzios*. São Paulo: Madras, 2007.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da Diáspora Africana.* São Paulo: Selo Negro, 2004.

LOURENÇO, Eduardo Augusto. *Pineal, a glândula da vida espiritual – as novas descobertas científicas.* Lim eira: Editora do Conhecim ento, 2010.

MAGGIE, Yvonne. *Guerra de Orixá:* um estudo de ritual e conflito. Rio

de

Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MALOSSINI, Andrea. *Dizionario dei Santi Patroni.* Milano: Garzanti, 1995.

MARTÍ, Agenor. *Meus oráculos divinos:* revelações de um a sibila afrocubana.

Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994 (tradução de Rosem ary Moraes).

MARTINS, Cléo. *Euá.* Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

_____. *Nanã.* Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

MARTINS, Giovani. *Umbanda de Almas e Angola.* São Paulo: Ícone, 2011.

_____. *Umbanda e Meio Ambiente.* São Paulo: Ícone, 2014.

MARSICANO, Alberto e VIEIRA, Lurdes de Cam pos. *A Linha do Oriente na Umbanda.* São Paulo: Madras, 2009.

MOURA, Carlos Eugênio M. de (org). *Candomblé:* religião do corpo e da alm a. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

_____. *Culto aos Orixás, Voduns e Ancestrais nas Religiões Afro-brasileiras*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilm a Lino. *Para entender o negro no Brasil de hoje:* história, realidades, problem as e cam inhos. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Inform ação, 2004.

NAPOLEÃO, Eduardo. *Yorùbá – para entender a linguagem dos Orixás.* Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

NASCIMENTO, Elídio Mendes do. *Os poderes infinitos da Umbanda.* São Paulo: Rum o, 1993.

NEGRÃO, Lísias. *Entre a cruz e a encruzilhada*. São Paulo: Edusp, 1996.

OMULUBÁ. *Maria Molambo na sombra e na luz.* São Paulo: Cristális, 2002.

ORPHANAKE, J. Edson. *Os Pretos-Velhos*. São Paulo: Pindoram a, 1994.

OXALÁ, Míriam de. *Umbanda:* crença, saber e prática. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

PARANHOS, Roger Bottini (ditado pelo espírito Herm es). *Universalismo crístico.* Lim eira: Editora do Conhecim ento, 2007.

PIACENTE, Joice ( *médium*). *Dama da Noite*. São Paulo: Madras, 2013.

_____. *Sou Exu!:* Eu sou a Luz. São Paulo: Madras, 2013.

PINTO, Altair. *Dicionário de Umbanda.* Rio de Janeiro: Livraria Editora Eco, 1971.

PIRES, Edir. *A Missionária*. Capivari: Editora EME, 2006.

PORTUGAL FILHO, Fernandez. *Magias e oferendas afro-brasileiras*. São Paulo: Madras, 2004.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Com panhia das Letras, 2001.

RAMATÍS (Espírito) e PEIXOTO, Norberto ( *médium*). *Chama crística.*

Lim eira: Editora do Conhecim ento, 2004.

_____. *Diário mediúnico.* Lim eira: Editora do Conhecim ento, 2009.

_____. *Evolução no Planeta Azul.* Lim eira: Editora do Conhecim ento,

2005.

_____. *Mediunidade e sacerdócio*. Lim eira: Editora do Conhecim ento, 2010.

_____. *A Missão da Umbanda.* Lim eira: Editora do Conhecim ento, 2006.

_____. *Umbanda de A a Z.* Lim eira: Editora do Conhecim ento, 2011

(org.: Sidnei Carvalho).

_____. *Umbanda* pé no chão. Lim eira: Editora do Conhecim ento,

2005.

_____. *Vozes de Aruanda.* Lim eira: Editora do Conhecim ento, 2005.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro:* a form ação e o sentido do Brasil. São Paulo: Com panhia das Letras, 1995.

RISÉRIO, Antonio. *Oriki Orixá*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

RUDANA, Siby la. *Os mistérios de Sara:* o retorno da Deusa pelas m ãos dos Ciganos. São Paulo: Cristális, 2004.

SAMS, Jam ie. *As cartas do caminho sagrado.* Rio de Janeiro: Rocco, 2003

(tradução de Fabio Fernandes).

SALES, Nívio Ram os. *Búzios*: a fala dos Orixás . Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

SANTANA, Ernesto (org.). *Orações umbandistas de todos os tempos.* Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SANTOS, Orlando J. *Orumilá e Exu*. Curitiba, Editora Independente, 1991.

SARACENI, Rubens. *Rituais umbandistas: oferendas, firmezas e assentamentos.*

São Paulo: Madras, 2007.

SELJAN, Zora A. O. *Iemanjá:* m ãe dos Orixás. São Paulo: Editora Afro-brasileira, 1973.

SGARBOSSA, Mario e GIOVANNINI, Luigi. *Um santo para cada dia*. São Paulo: Paulus, 2011 (tradução: Onofre José Ribeiro).

SILVA, Carm en Oliveira da. *Memorial Mãe Menininha do Gantois.* Salvador: Ed. Om ar G., 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda:* cam inhos da devoção brasileira. São Paulo: Ática, 1994.

SOUZA, Leal de. *O Espiritismo, A Magia e As Sete Linhas de Umbanda.* 2 ed., Lim eira: Editora do Conhecim ento, 2008.

_____. *Umbanda Sagrada.* São Paulo: Madras, 2006.

SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil Africano.* São Paulo: Ática, 2008.

SOUZA, Ortiz Belo de. *Umbanda na Umbanda*. São Paulo: Editora Portais de Libertação, 2012.

TAQUES, Ivoni Aguiar (Taques de *Xangô*). *Ilê-Ifé:* de onde viem os. Porto Alegre: Artha, 2008.

TAVARES, Ildásio. *Xangô*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

VVAA. *Educação ambiental e a prática das religiões de matriz africana.*

Piracicaba, 2011.

VVAA. *Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais*.

Brasília: SECAD, 2006.

VVAA. *Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e comunidades tradicionais de matriz africana 2013 – 2015.* Brasília: Secretaria de Políticas de Prom oção da Igualdade Racial, 2013.

VERGER, Pierre. *Orixás – deuses iorubas na África e no Novo Mundo*.

Salvador: Corrupio, 2002 (tradução de Maria Aparecida da Nóbrega).

WADDELL, Helen (tradução). *Beasts and Saints.* London: Constable and Com pany Ltd., 1942.

**Jornais e revistas**

*A sabedoria dos Orixás – volume I*, s/d.

*Folha de São Paulo*, 15 de j ulho de 2011, p. E8.

*Jornal de Piracicaba*, 23 de j aneiro de 2011, p. 03.

*Revista Espiritual de Umbanda* – núm ero 02, s/d.

*Revista Espiritual de Umbanda* – Especial 03, s/d.

*Revista Espiritual de Umbanda* – núm ero 11, s/d.

**Sites na Internet**

http://alaketu.com .br

http://aldeiadepedrapreta.blogspot.com

http://answers.y ahoo.com

http://apeuum banda.blogspot.com

http://aum banda.webnode.com /pontos-de-oxum are/

http://babaninodeode.blogspot.com

http://www.casadeoxum are.com .br

http://catolicaliberal.com .br

http://centropaij oaodeangola.net

http://colegiodeum banda.com .br

http://com unidadeponteparaaliberdade.blogspot.com .br

http://espaconovohorizonte.blogspot.com .br/p/aum banda-um banda-

esoterica.htm l

http://eutratovocecura.blogspot.com .br

http://fogoprateado-m atilda.blogspot.com .br

http://um bandadej esus.blogspot.com .br

http://fotolog.terra.com .br/axeolokitiefon

http://genuinaum banda.com .br

http://j untosnocandom ble.blogspot.com

http://letras.com .br

http://luzdivinaespiritual.blogspot.com .br

http://m undoaruanda.com

http://ocandom ble.wordpress.com

http://ogum exubaraxoroque.no.com unidades.net

http://okeaparam entos.no.com unidades.net

http://opurgatorio.com

http://orixasol.blogspot.com

http://oy atopeogum j a.blogspot.com

http://povodearuanda.blogspot.com

http://povodearuanda.com .br

http://pt.fantasia.wikia.com

http://pt.wikipedia.org

http://religioesafroentrevistas.wordpress.com

http://tem plodeum bandaogum .no.com unidades.net

http://tuex.forum eiros.com

http://xango.sites.uol.com .br

http://www1.folha.uol.com .br

http://www.brasilescola.com

http://www.dicio.com .br

http://www.guardioesdaluz.com .br

http://www.igrej adesaoj orge.com .br

http://www.ileode.com .br

http://www.kakongo.kit.net

http://www.m aem artadeoba.com .br

http://www.oldreligion.com .br

http://www.pescanordeste.com .br

http://www.priberam .pt

http://www.religiosidadepopular.uaivip.com .br

http://www.terreirodavobenedita.com

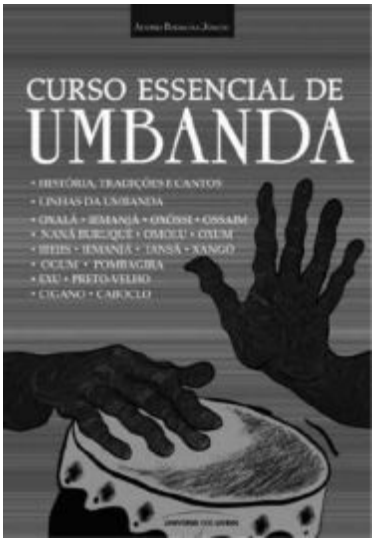
http://www.tuccaboclobeiram ar.com .br

**O A U TOR**

Adem ir Barbosa Júnior (Derm es) é autor de diversos livros e revistas especializadas, idealizador e um dos coordenadores do *Fórum Municipal das Religiões Afro-brasileiras de Piracicaba*. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, onde tam bém se graduou em Letras. Mestre em Reiki, tarólogo e num erólogo. Um bandista, filho do *Templo de Umbanda Caboclo Pena Branca e Mãe Nossa Senhora Aparecida*, em Piracicaba, SP. Terapeuta holístico, ex-sem inarista salesiano, com vivência em casas espíritas, participa am orosam ente do diálogo ecum ênico e inter-religioso e m antém um a coluna sobre Espiritualidade no site Mundo Aruanda. Coordenador Cultural do "Proj eto Tam bores no Engenho", desenvolvido pela *Federação de Umbanda e Candomblé* Mãe Senhora Aparecida e pelo *Templo de Umbanda Caboclo Pena Branca e Mãe Nossa Senhora Aparecida*, acredita que a postura m ais

interessante na vida é a de aprendiz. É m em bro da 1ª. gestão do *Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de Piracicaba*, tendo participado da com issão responsável por sua im plem entação. Produziu os curtas-m etragens *Águas da Oxum* (Adj á Produções/fora de catálogo); *Mãe dos Nove Céus* (Bom Olhado Produções), *Mãe dos Peixes, Rainha do Mar* (Bom Olhado Produções) e *Xangô* (Bom Olhado Produções). Coordena o curso virtual "Mídia e Religiosidade Afro-brasileira" (EAD Cobra Verde – Florianópolis – SC). Em 2012, recebeu o Troféu Abolição (Instituto Educacional Ginga – Lim eira, SP).

Em 2013, o Diplom a Cultura de Paz – Categoria Diálogo Inter-religioso (Fundação Graça Muniz – Salvador, BA). É presidente da Associação Brasileira de Escritores Afrorreligiosos – Abeafro.




Leia tam bém :

CURSO ESSENCIAL DE UMBANDA

História, tradições e cantos;

Linhas da Um banda;

Oxalá – Iem anj á – Oxóssi – Ossaim – Nanã Buruquê – Om olu –

Oxum – Ibej is – Iem anj á – Iansã – Xangô – Ogum – Exu –

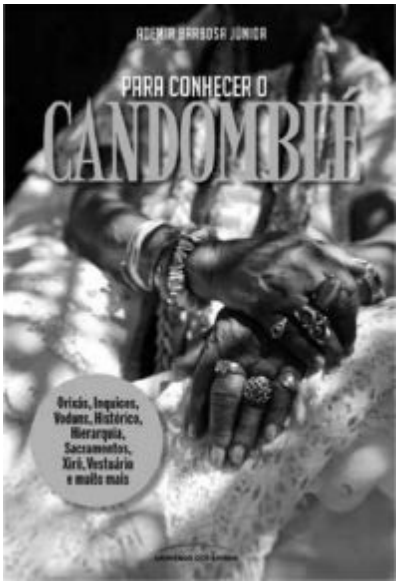
Pom bogira – Preto Velho – Cigano – Caboclo.

A Um banda é um a religião form ada dentro da cultura religiosa brasileira, que une diversos elem entos, inclusive de outras religiões com o o catolicism o e o espiritism o. Mesm o assim , é um m istério para quem não a conhece e seus seguidores ainda são vítim as de preconceito.

Mas afinal, o que é a Um banda? Esta agradável leitura ensina que a doutrina um bandista pode ser facilm ente aprendida e vivenciada. Aqui você encontrará as explicações para todas as entidades e elem entos: Orixás, Ogum , Exu, Iem anj á, Pom bagira, Preto-Velho e m uito m ais. Além de ensinar a história da Um banda, suas tradições e personagens; este livro trata tam bém de questões controversas, com o

o uso de bebidas e a realização ou não de sacrifício de anim ais nos cultos.

O livro m ostra que a Um banda é m uito m ais do que um a religião: é um a m iscigenação da cultura e da fé do povo brasileiro.



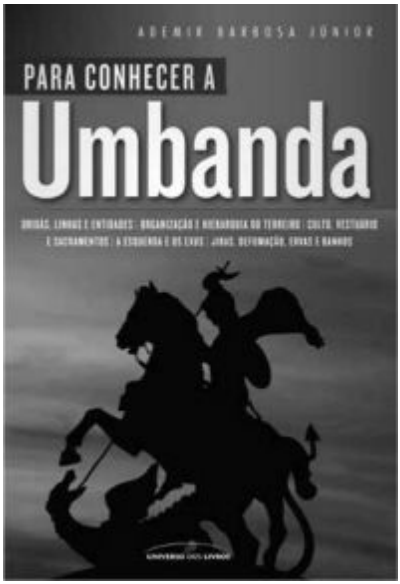

Leia tam bém :

PARA CONHECER O CANDOMBLÉ

O candom blé é um a religião com teologias e rituais próprios, sem pre valorizando os aspectos ligados à ancestralidade. Sua prática tem sido cada vez m ais reconhecida e influencia diversos setores da cultura brasileira, com o a m úsica, a culinária e a m edicina popular.

Para conhecer o Candom blé apresenta um panoram a geral sobre os orixás, seus m itos, as principais cerim ônias e elem entos do culto, entre outras curiosidades sobre o assunto.

Sendo você um praticante do candom blé ou não, este guia irá m ostrar de form a bastante didática e esclarecedora suas origens e quais são os seus principais valores e práticas.




Leia tam bém :

PARA CONHECER A UMBANDA

A Um banda é um espaço de convivência de fontes religiosas tão diversas que só poderia m esm o ter nascido no Brasil: associa práticas do cristianism o, africanism o, indianism o, kardecism o e de outras fontes, num conj unto m uito singular de crenças e rituais.

Em bora a m aioria das pessoas com ente a respeito desse culto, poucas conhecem as suas origens, o que de fato ocorre nos rituais, o que são as suas entidades espirituais e o que estas representam .

Sendo você um praticante da Um banda ou não, este guia irá m ostrar de form a bastante didática e esclarecedora com o surgiu esse culto e quais são os seus principais valores e práticas.

# Document Outline


- Página de Título
- Direitos Autorais Página
- Sumário
- Agradecimentos
- Introdução
- UMBANDA
- SIGNIFICADO
- FORMAÇÃO
- HISTÓRICO
- MATRIZES
- MOMENTOS
  - Congressos
  - Primado de Umbanda
  - Santuário Nacional de Umbanda
  - Vale dos Orixás
  - Faculdade de Teologia de Umbanda
  - Guerreiros do Axé
  - Dia Nacional da Umbanda
  - Outros marcos legais
  - Movimento Político Umbandista
  - Associação Brasileira de Escritores Afrorreligiosos
  - Hino da Umbanda
  - Bandeira da Umbanda
- SEGMENTOS UMBANDISTAS
- ASPECTOS DA TEOLOGIA DE UMBANDA
  - Monoteísmo
  - Crença nos Orixás
  - Crença nos Anjos
  - Crença em Jesus Cristo
  - Crença na ação dos espíritos
  - Crença nos Guias e Guardiões
  - Crença na reencarnação
  - Crença na Lei de Ação e Reação
  - Crença na mediunidade
  - Sincretismo
  - Registros
- ORIXÁS NA UMBANDA
- CARACTERÍSTICAS DO ESTUDO DOS ORIXÁS
  - OXALÁ
  - OGUM

    - OXÓSSI
    - XANGÔ
    - OXUM
    - IANSÃ
    - NANÃ
    - IEMANJÁ
    - OBALUAÊ
- OUTROS ORIXÁS CULTUADOS NA UMBANDA
    - Exu
    - OXUMARÉ
    - OBÁ
    - IBEJIS
    - TEMPO
    - OSSAIM
    - EUÁ
    - ORUNMILÁ
- AS LINHAS DA UMBANDA
    - As Sete Linhas
    - Oxalá
    - Iemanjá
    - Xangô
    - Ogum
    - Oxóssi
    - Yori
    - Yorimá
- OUTRAS LINHAS DA UMBANDA
    - Baianos
    - Cangaço
    - Boiadeiros
    - Marinheiros
    - Ciganos
    - Santa Sara
    - Oriente
    - Mentores de cura (Linha de Cura)
- A ESQUERDA
    - Exu Mirim
    - Pombogira
    - Linha dos Exus
- GUIAS DA UMBANDA – O TRIPÉ
    - Caboclo
    - Pretos-Velhos
    - Crianças
    - Elementais
- ORGANIZAÇÃO E LITURGIA

- Hierarquia
- O terreiro
- Pontos vibracionais
- Assentamento
- Firmeza
- Tronqueira
- Assentamento de Ogum de Ronda
- Casa dos Exus
- Casa de Obaluaê
- Cruzeiro das Almas
- Quartinha de Oxalá
- Casa do Caboclo
- Cozinha
- Centro do terreiro
- Ariaxé
- Congá
- Casa dos Orixás
- Para-raio
- Atabaque e coro
- Assistência

• LITURGIA
- Giras
- Defumações
- Sacudimentos
- Sacramentos
- Obrigações
- Toques
- Pontos cantados
- Pontos riscados
- Ervas
- Banhos
- Bebidas
- Fumo
- Uniforme
- Guias
- Velas
- Saudações
- Orações

• A UMBANDA E OUTRAS RELIGIÕES: DIÃLOGOS
- Candomblé
- Candomblé de Caboclo
- Macumba
- Cabula
- Catimbó

    - Tambor de Mina
    - Babaçuê
    - Vale do Amanhecer
    - Catolicismo
    - Espiritismo
    - Universalismo crístico
    - Reglas
    - Culto aos Orixás
    - Culto a Ifá
    - Culto aos Egunguns
- A UMBANDA E O MEIO AMBIENTE
    - Compostagem orgânica
    - Sistema de incineração
- A UMBANDA E A ESPIRITUALIDADE NO TERCEIRO MILÊNIO
    - Holismo
    - Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso
    - Valorização da vivência/experiência pessoal
    - Fé e cotidiano: a concretude da fé
    - Fé e Ciência: uma parceria inteligente
    - Simplicidade
    - Leitura e compreensão do simbólico
    - Cooperativismo
    - Liderança: autoridade não rima com autoritarismo
    - O exercício do livre-arbítrio
- VOCABULÁRIO COMPLEMENTAR
- ANEXOS
    - Como nascem os deuses
    - OS NOMES QUE NÃO NOMEIAM
    - Qualidades
    - O corte
    - Umbanda e Candomblé: religiões irmãs
    - Por que temer a Umbanda?
    - Sincretismo
    - Natal na Umbanda
    - Meditações da Galera Umbandista
- BIBLIOGRAFIA
- O AUTOR